

## CIRCULAÇÃO MONETÁRIA NA ESTREMADURA PORTUGUESA ATÉ AOS INÍCIOS DO SÉC. III

José da Silva Ruivo

### NOTA INTRODUTÓRIA

*Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do século III* é o título da dissertação de Mestrado em Arqueologia por nós apresentada em 1995 à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Não obstante as pequenas alterações e correcções entretanto introduzidas, é esse trabalho que agora se edita nas páginas da revista Nummus, sob os auspícios da Sociedade Portuguesa de Numismática, a quem manifestamos a nossa profunda gratidão pela oportunidade concedida.

Como é do conhecimento geral, a publicação, há cerca de vinte anos, das moedas das escavações luso-francesas de Conímbriga constituiu um marco pioneiro no contexto da numismática romana da Península Ibérica, nomeadamente no que aos estudos de circulação monetária diz respeito. Infelizmente, este impulso inicial não encontrou continuidade do lado português, excepção feita ao trabalho publicado em 1987 pelo Prof. Doutor Rui Centeno sobre o Noroeste Peninsular.

Considerando, no entanto, o crescente número de achados de moedas e os progressos realizados nas duas últimas décadas ao nível da ciência numismática, pareceu-nos existirem condições objectivas para apostarmos num projecto desta natureza. Estamos cientes de que *Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do século III* é um trabalho com numerosas limitações, a começar pelo volume relativamente modesto de material recolhido e a terminar por aquelas que sabemos existirem na nossa própria pessoa.

Assim sendo, o trabalho que ora apresentamos não pode deixar de ser o balanço provisório de um projecto que gostaríamos de retomar no futuro - caso a oportunidade se proporcione - embora com metas mais ambiciosas a atingir, concretamente o alargamento do seu âmbito geográfico e cronológico.

Durante cerca de dois anos contactámos com dezenas de pessoas ligadas aos meios da Arqueologia ou do coleccionismo, pelo que impõe-se agradecer a todos aqueles cujo

contributo foi indispensável para a concretização do projecto e cujos nomes mencionamos em seguida, deixando desde já as nossas mais sinceras desculpas se, por lapso, alguém for omitido: Profs. Doutores José de Encarnação e Pedro Gomes Barbosa, Drs. Américo Ferreira, Ana Margarida Serra Ferreira, Flávio Imperial, Guilherme Cardoso, Helena Goulão, Isabel Costeira, Isabel de Luna, Joaquim Padrão, João Carlos Lopes, João Pedro Bernardes, João Saavedra Machado, José Beleza Moreira, José Cardim Ribeiro, José Eduardo Reis Coutinho, José Luís Madeira (autor dos mapas e figuras), José Manuel Varandas, Luciano Coelho Cristino, Luís Fernandes, Manuela Leitão, Maria da Conceição Lopes, Paulo Oliveira, Salete da Ponte e Vítor Pedrosa; Sra. D. Leocádia Garcês Natividade e Sr. Raúl Espírito Santo. Pofundamente gratos estamos também às seguintes instituições: Câmara Municipal de Leiria, Casa-Museu Vieira Natividade, IPPAR, Museu Nacional de Arqueologia, Museu da Cidade de Lisboa, Museu Regional de Sintra, Museu Municipal de Torres Vedras, Museu Municipal Hipólito Cabaço, Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso, Museu Municipal de Torres Novas, Seminário Diocesano de Leiria, Sociedade Portuguesa de Numismática e Região de Turismo de Leiria.

Uma palavra de grande apreço vai igualmente para o Sr. Prof. Doutor Jorge de Alarcão e para o Sr. Dr. António Marques de Faria, pelo interesse manifestado por ambos na discussão de questões de âmbito numismático ou histórico, bem como pelas úteis sugestões e indicações bibliográficas que nos forneceram.

Mas o nosso maior reconhecimento tem que ir forçosamente para o Sr. Prof. Doutor Rui Centeno que aceitou gentilmente a orientar esta dissertação. Ao longo destes dois anos de convivência temos a elogiar-lhe a disponibilidade com que sempre nos recebeu e dispensou os seus avisados conselhos, a cedência da bibliografia de mais difícil acesso, as constantes palavras de estímulo e a cordialidade com que, em todos os momentos, nos distinguiu.

Importância decisiva para o sucesso deste projecto desempenhou também a Bolsa de Mestrado que nos foi atribuída no âmbito do programa Praxis XXI, graças à qual pudemos dedicar um ano inteiro à investigação livres de preocupações de natureza material.

Por fim, desejamos agradecer aos nossos amigos, mas sobretudo à nossa família - à Carmen, ao Manuel Afonso e à Maria Leonor -, todo o apoio e compreensão demonstrados ao longo dos últimos dois anos, ela que foi a mais sacrificada pelas nossas frequentes ausências e indisponibilidades.

A todos, o nosso mais sincero obrigado.

## ABREVIATURAS

AAPHist	Anais da Academia Portuguesa de História, Lisboa.
AB	Arquivo de Beja, Beja.
ActNum	Acta Numismática, Barcelona.
AEspA	Archivo Español de Arqueología, Madrid.
AIIN	Annali del Istituto Italiano di Numismatica, Roma.
AJA	American Journal of Archaeology, Nova Iorque.
AJN	American Journal of Numismatics, Nova Iorque.
ALARCÃO, <i>Domínio</i>	ALARCÃO, J., <i>O domínio romano em Portugal</i> , Mem Martins, 1988.
ALARCÃO, <i>Roman Portugal</i>	ALARCÃO, J., <i>Roman Portugal: Gazetteer</i> , vol. II, fasc. 2- <i>Coimbra &amp; Lisboa</i> , Warminster, 1988.
ANRW	Aufstieg und Niedergang der römischen Welt, Berlim.
ANSMN	American Numismatic Society Museum Notes, Nova Iorque.
AP	O Arqueólogo Português, Lisboa.
BAR	British Archaeological Reports, Oxford.
BCCMT	Boletim Cultural [e Informativo] da Câmara Municipal de Tomar, Tomar.
BCEG	Boletim do Centro de Estudos Geográficos, Coimbra.
BCGCV	Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense. Vila do Conde.
BCVFXira	Boletim Cultural de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira.
<i>Belo</i>	BOST, J.-P., CHAVES, F., DEPEYROT, G., HIERNARD, J. e RICHARD, J.-C., <i>Belo. IV-Les monnaies</i> , Madrid, 1987.
BRAACAP	Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, Lisboa.
BSAA	Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología, Valhadollid.
BSFN	Bulletin de la Société Française de Numismatique, Paris.
CENTENO, <i>Circulação</i>	CENTENO, R. M. S., <i>Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192</i> , anexos Nummus, nº 1, Porto, 1987.
CGCBM Ptol.	POOLE, R. S., <i>A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum. The Ptolemies, Kings of Egypt</i> , Bolonha, 1963 (reimp. anastática da 1ª ed. de 1882).
CIL II	HÜBNER, E., <i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i> , Berlim 1869, 1892 (suplemento).
<i>Clunia</i>	GURT ESPARRAGUERA, J. M., <i>Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia</i> , EAE-145, Madrid, 1985.

- CNA Congreso Nacional de Arqueología, Espanha.
- CNH VILLARONGA, L., *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, 1994.
- CRAWFORD, *Coinage and money* CRAWFORD, M. H., *Coinage and money under the Roman Republic. Italy and the Mediterranean economy*. Londres, 1985.
- DATTARI DATTARI, G., *Moneti Imperiali Greche. Catalogo della collezione G. Dattari compilato dal proprietario*, vol. I-II, Cairo, 1901.
- ECB Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco.
- EOr Estudos Orientais, Lisboa.
- ETF (hist) Espacio, Tiempo y Forma, s. II-Historia Antigua, Madrid.
- FHA SCHULTEN, A., BOSCH GIMPERA, P. e PERICOT, L., *Fontes Hispaniae Antiquae*, 5 vols., Barcelona, 1922-1937.
- FN Filatelia-Numismática, Lisboa.
- Fouilles de Conimbriga* HIERNARD, J., BOST, J.-P. e PEREIRA, I., *Fouilles de Conimbriga. III-Les monnaies*, Paris, 1974.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA-BELLIDO, M. P., *Las monedas de Castulo con escritura indígena. Historia numismática de una ciudad minera*, Barcelona, 1982.
- GMusJ The J. Paul Getty Museum Journal, Malibu.
- GN Gaceta Numismática, Barcelona.
- HIPÓLITO, *Tesouros* HIPÓLITO, M. C., *Dos tesouros de moedas romanas em Portugal*, Conimbriga, II-III, 1960-1961, pp. 1-166.
- InfArq Informação Arqueológica, Lisboa.
- JNG Jahrbuch für Numismatik und Geldgeschichte, Munique.
- JRS The Journal of Roman Studies, Londres.
- JS Journal des Savants, Paris.
- LEAL, *Portugal* LEAL, A. S. A. B. P., *Portugal Antigo e Moderno*, vols. 3, 5, 9, Lisboa, 1874, 1875, 1880.
- MCV Mélanges de la Casa de Velázquez, Madrid.
- MEFRA Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité, Roma.
- MHA Memorias de Historia Antigua, Oviedo.
- MILNE MILNE, J.G., *Catalogue of Alexandrian Coins*, Londres, 1971 (reed.).
- MM Madrider Mitteilungen, Madrid.
- NAC Numismatica e Antichità Classiche: Quaderni Ticinese, Lugano.
- NAug Nova Augusta, Torres Novas.
- NC The Numismatic Chronicle, Londres.
- NCirc Numismatic Circular, Londres.
- NH Numario Hispanico, Madrid.
- NNM American Numismatic Society Numismatic Notes and Monographs, Nova Iorque.
- PBSR Papers of the British School at Rome, Roma.

- RADDATZ, *Schatzfunde* RADDATZ, K., *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel vom Ende des dritten bis zur Mitte des ersten Jahrhunderts vor Chr. Geb. Untersuchungen zur hispanischen Toreutik*, Madrider Forschungen- Band 5, Berlím, 1969.
- RE Paulys Real-Enciclopädie der classischen Altertumswissenschaft, Estugarda.
- RIC *The Roman Imperial Coinage*, Londres
- RIN Rivista Italiana di Numismatica e Scienze Affini, Pavia.
- RN Revue Numismatique, Paris.
- RPC BURNETT, A., AMANDRY, M. e RIPOLLÉS, P. P., *Roman Provincial Coinage. Vol. 1 —From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*, Londres-Paris, 1992.
- RRC CRAWFORD, M. H., *Roman Republican Coinage*, Cambridge, 1974, 2 vols.
- RRCH CRAWFORD, M. H., *Roman Republican Coin Hoards*, Londres, 1969.
- RRCHAD BLÁZQUEZ, C., *Tesorillos de moneda republicana en la Península Ibérica. Addenda a Roman Republican Coin Hoards*, ActNum, 17-18, 1987-1988, pp. 105-142.
- RUIVO, *Estremadura* RUIVO, J. S., *A circulação da moeda hispânica na Estremadura portuguesa. Uma primeira abordagem*, «I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua». Madrid, 7-10 Novembro 1994.
- SNB *Symposium Numismático de Barcelona*, Barcelona.
- SNG Cop. *Sylloge Nummorum Graecorum. The royal collection of coins and medals. Danish National Museum. VI- Phrygia to Cilicia*, Nova Jersey, 1982.
- SNG Ita. *Sylloge Nummorum Graecorum. Italia. Milano. Civiche Raccolte Numismatiche. Vol. XIII-Aegyptus. 3-Commodus-Galerius Caesar*, Milão, 1992.
- SNR Schweizerische Numismatische Rundschau/Revue Suisse de Numismatique, Berna.
- TP Trabajos de Prehistoria, Madrid.
- VILLARONGA, *Tresors monetaris* VILLARONGA, L., *Tresors monetaris de la Península Ibèrica anteriors a August: repertori i anàlisi*, Barcelona, 1993.
- VIVES VIVES Y ESCUDERO, A., *La moneda hispánica*, Madrid, 1926.

## Outras abreviaturas:

AE	bronze ou cobre/moeda de bronze ou cobre
Anv.	Anverso
AR	prata/moeda de prata
As	asse
AV	ouro/moeda de ouro
c.	cerca
Cat.	Catálogo
D	denário
Dp	dupôndio
ex.	exemplar/es
Hs	sestércio
MNA	Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
n.	nota
n.s.	nova série
n°	número
Qd	quadrante
Qn	quinário
Rev.	Reverso
S	semisse
s.	série
s/p	sem indicação de peso
Var.	variante
V	vitoriato

## INTRODUÇÃO

### *1. Enquadramento geográfico e cronológico*

Quando se pretende levar a cabo um trabalho sobre circulação monetária, duas tarefas se deparam previamente ao investigador: o estabelecimento de limites cronológicos e a definição do espaço geográfico sobre o qual se vai centrar a pesquisa.

Em resposta à última daquelas interrogações, decidimos escolher uma área a que convencionámos chamar Estremadura (cfr. Mapa 1). Reagirão os mais críticos, censurando-nos por não termos adoptado uma divisão administrativa da época romana. No entanto, a nossa escolha é justificada, em primeiro lugar, pela indefinição em que ainda hoje se encontram mergulhados aqueles limites territoriais<sup>1</sup>. Em segundo lugar, se o estudo da circulação monetária na área de uma *ciuitas* assume um carácter demasiado restritivo atendendo à exiguidade do material disponível, ao passarmos para uma unidade organizativa maior, como um *conuentus*, a área a estudar torna-se demasiado extensa e o material avoluma-se sem cessar, tornando muito difícil o cumprimento dos prazos que a lei con-signa para os trabalhos de investigação desta natureza.

Assim, optou-se por um espaço geográfico actual, a Estremadura, embora por razões históricas e metodológicas os limites que geralmente são propostos para esta região não tenham sido integralmente respeitados.

Do ponto de vista histórico «Estremadura» é um termo que, na época da Reconquista, se aplicou à região a Sul do Mondego, onde «estremavam» os territórios submetidos a Mouros e a Cristãos e que se foi alargando progressivamente com o avanço destes últimos<sup>2</sup>. A generalidade dos autores identifica esta província com a faixa ocidental do território português que se estende dos campos do Mondego à Arrábida<sup>3</sup>, correspondendo

---

<sup>1</sup> Essa dificuldade está bem patente no estudo de ALARCÃO, J., *Identificação das cidades da Lusitânia*, in «Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires» (Talence, 1988), Paris, 1990, pp. 21-34.

<sup>2</sup> GIRÃO, A. A., *Geografia de Portugal*, Porto, 1951 (2ª ed.), pp. 403-404.

<sup>3</sup> Nesse sentido apontam, por exemplo, RIBEIRO, O., *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*, Lisboa, 1991 (6ª ed.), pp. 152-156 e 188-189, mapa VI e MEDEIROS, C. A., *Introdução geográfica*, in SARAIVA, J. H. (dir.), *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1983, p. 10 (mapa).

a uma zona de interpenetração das influências geográficas meridionais e setentrionais e dos climas e espécies vegetais atlânticos e mediterrânicos. Segundo Orlando Ribeiro, o principal traço de originalidade da Estremadura reside nos seus maciços calcários, nomeadamente o chamado Maciço Calcário Estremenho<sup>4</sup>.

Para proceder à individualização do território que nos propomos estudar, utilizá-mos como critérios preferenciais de demarcação os limites naturais, com destaque para os cursos de água, considerando o facto de estes se assumirem como obstáculos às relações humanas desde tempos remotos<sup>5</sup>. No caso vertente tomaremos a Península de Lisboa como referência na delimitação a Sul<sup>6</sup>; a nascente a linha divisória acompanha a margem direita do Tejo até à confluência com o Zêzere — incluindo assim a parte oeste do Ribatejo<sup>7</sup> —, para acompanhar depois este curso de água até às proximidades de Pedrógão Grande, junto aos últimos contrafortes da Cordilheira Central. Entronca aí com o limite Norte, definido pela linha que separa os distritos administrativos de Coimbra e de Leiria. Esta balizagem é puramente artificial, pois seria mais coerente utilizar o Mondego como marco, mas impõe-se por razões estritamente metodológicas que passamos a apresentar: encravada entre o Mondego e o nosso limite Norte, encontra-se Conimbriga, a cidade romana melhor conhecida do nosso território. As escavações aí realizadas desde os anos trinta forneceram um total de 8192 moedas<sup>8</sup>, das quais 474 se enquadram no período que nos propomos estudar. Esta cifra é largamente superior aos 404 exemplares recenseados para a Estremadura (*Achados Ocasioneis e Escavações*) pelo que acabaria fatalmente por condicionar a nossa análise. Por outro lado, grande parte deste material foi já estudado e

<sup>4</sup> Sobre o Maciço Calcário Estremenho: MARTINS, A. F., *Maciço Calcário Estremenho. Contribuição para um estudo de geografia física*, Coimbra, 1949.

<sup>5</sup> O papel dos rios como limites territoriais é questionado por RIBEIRO, O., *Introdução ao Estudo da Geografia Regional*, Lisboa, 1987, pp. 71-72, e, embora o autor argumente que este não é um critério válido em termos de geografia regional, reconhece a sua importância enquanto critério de divisão político-administrativa.

<sup>6</sup> Optámos por esta forma mais linear e pragmática de delimitação do espaço, não obstante as objecções referidas na nota anterior e a real possibilidade de tanto o *ager Olisiponensis* como o *Scallabitanus* se estenderem para a margem Sul do Tejo (ALARCÃO, *Domínio*, p. 25 e 31, fig. 1 e RIBEIRO, J. C., *Felicitas Iulia Olisipo—algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea*, Al-Madan, II s., 3, 1994, pp. 79-82).

<sup>7</sup> Historicamente, o Ribatejo é uma região incluída na Estremadura. Neste sentido veja-se BARBOSA, P. G., *Povoamento e Estrutura Agrícola na Estremadura Central (Séc. XII a 1325)*, Lisboa, 1992, pp. 14-18, que dá a esta franja do Ribatejo a designação de Estremadura Tagana. De resto, são várias as analogias entre a zona ocidental do Ribatejo e as zonas baixas da Estremadura, cfr. RAU, V. e ZBYSZEWSKI, G., *Estremadura et Ribatejo (Livret-guide de l'excursion D)*, XVI Congresso Internacional de Geografia, Lisboa, 1949, p. 11.

<sup>8</sup> *Fouilles de Conimbriga*, pp. 180-188; HIERNARD, J., *Conimbriga. Monedas y excavaciones antiguas (1930-1944 y 1959-1962) y franco-portuguesas (1964-1968)*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 139-151. Neste conjunto de 8192 moedas estão incluídos 484 numismas provenientes de 7 tesouros.

muitos dos resultados então obtidos permanecem válidos, pelo que julgamos ser mais importante para o nosso trabalho a sua utilização em análises comparativas. Este motivo justifica, em nosso entender, a exclusão desta franja territorial. A poente o limite é, naturalmente, o Oceano.

Neste território, que com a conquista romana foi primeiramente integrado na *Hispania Ulterior* para, após a reorganização administrativa de Augustus, passar a fazer parte da recém-criada Lusitânia<sup>9</sup>, vinha-se já verificando um significativo desenvolvimento desde o Bronze Final<sup>10</sup>, prosseguido durante a Idade do Ferro. Durante este período vários núcleos populacionais conheceram uma acentuada prosperidade, designadamente na área do Vale do Tejo, fruto, por um lado, da renovação populacional decorrente da migração de populações meridionais como os *Turduli* e, por outro, de uma intensificação das influências culturais orientalizantes, consequência de contactos directos ou à distância com o mundo fenício-púnico<sup>11</sup>. Infelizmente a escassez de trabalhos arqueológicos limita os nossos conhecimentos a alguns achados mais ou menos ocasionais, poucos em informações sobre as fases de ocupação e a cultura material das populações.

A fazer fé nas fontes clássicas, no início da conquista romana os povoados mais importantes do Vale do Tejo seriam Olisipo e Moron. Estrabão, ao relatar as campanhas de D. Iunius Brutus, proconsul da Ulterior a partir de 138 a.C., diz a dado passo que este general fortificou Olisipo e utilizou Moron como base das operações na guerra contra os Lusitanos (*Geografia*, 3, 3, 1). Se a identificação de Olisipo com Lisboa nunca ofereceu quaisquer dúvidas, já o mesmo não se pode dizer em relação a Moron, cuja localização continua a suscitar imensos problemas<sup>12</sup>. Não obstante, a hipótese que se nos afigura mais sedutora é a que estabelece Moron em Chões de Alpompe (S. Vicente do Paul, Santarém)<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> A divisão provincial foi alterada por duas vezes durante o governo de Augustus. A primeira alteração teve lugar pouco depois de 27 a.C., para ser redefinida entre os anos 13-7 a.C. A este respeito veja-se ALFÖLDI, G., *Fasti Hispanienses*, pp. 223-225 e ALARCÃO, *Domínio*, pp. 31-33.

<sup>10</sup> COFFYN, A., *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, 1985, p. 228 e KALB, Ph., *O «Bronze Atlântico» em Portugal*, «Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», vol. I, Guimarães, 1980, pp. 117-118, realçam o protagonismo da região centro-portuguesa nos contactos comerciais entre a entidade atlântico-continental e a entidade mediterrânica durante esta fase.

<sup>11</sup> CARDOSO, J. L., *A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo*, EOR, I, 1990, pp. 119-134; AMARO, C., *Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa*, EOR, IV, 1993, pp. 183-192; ARRUDA, A. M., *A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular*, EOR, IV, 1993, pp. 193-214; FABIÃO, C., *O passado proto-histórico e romano*, in MATTOSO, J. (dir.), *História de Portugal. Vol. I-Antes de Portugal*, Lisboa, 1992, pp. 141-149, 160-162 e 178-180.

<sup>12</sup> Veja-se a revisão deste problema em KALB, Ph. e HÖCK, M., *Moron*, Conimbriga, XXVII, 1988, pp. 189-201.

<sup>13</sup> BARRÃO OLEIRO, J. M. e GIRÃO, A. A., *Geografia e campos fortificados romanos*, BCEG, 6-7, 1953, pp. 73-80; *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanol*, Coimbra, 1958, p. 18; ALARCÃO, *A conquista do território*, p. 348; DIOGO, A. M. D., *Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém)*, EOR, IV, 1993, pp. 215-227.

Ainda em relação a D. Iunius Brutus, importa dizer que a cidade de Brutobriga, cuja fundação lhe é atribuída e que por vezes se tem tentado situar nas proximidades de Santarém<sup>14</sup>, viu o seu assentamento fixado em Cerro Botija (Villanueva de la Serena, Badajoz) graças a recentes achados numismáticos<sup>15</sup>.

Decerto existiram muitos outros aglomerados importantes disseminados pela actual região estremenha, como Scallabis, Collippo, Eburobritium, Sellium e Ierabriga (cfr. Mapa 2), embora o seu desenvolvimento se tenha processado, com toda a certeza, em momentos diferentes. Em relação a todos eles possuímos hoje evidências directas ou indirectas de ocupação pré-romana. Enquanto nos casos de Scallabis e de Sellium, os horizontes da II Idade do Ferro encontram confirmação nos materiais arqueológicos<sup>16</sup>, para Collippo, Ierabriga e Eburobritium os sufixos *-briga* e *-ipo* são indícios de fundação pré-romana, provavelmente de origem céltica e túrdula<sup>17</sup>.

Com o avanço da romanização, algumas destas povoações beneficiaram de um assinalável surto de desenvolvimento económico e político-administrativo. Scallabis alcançou o estatuto colonial nos finais da República, vindo a tornar-se posteriormente numa das sedes conventuais da Lusitânia<sup>18</sup>; Olisipo foi promovida a *municipium ciuium romanorum* (Plinius, *NH*, IV, 117); Eburobritium, Collippo e Sellium seriam simples *oppida stipendiaria*, elevados posteriormente à categoria de *municipia*<sup>19</sup>. Quanto a Ierabriga, não teria passado de um simples *uicus*<sup>20</sup>.

<sup>14</sup> ALARCÃO, *A conquista do território*, p. 348; TOVAR, A., *Iberische Landeskunde*, Band 1, Baden-Baden, 1974, p. 117; MARÍN DÍAZ, M. A., *Emigración, colonización y municipalización en la Hispania Republicana*, Granada, 1988, pp. 134-135.

<sup>15</sup> CNH, p. 401 e 509, mapa 5. Esta nova hipótese parece vir ao encontro de um trecho de Estêvão de Bizâncio (*Εθνικα*, 187) que a localiza entre o Bétis e os Turdetanos.

<sup>16</sup> Sobre a ocupação pré-romana de Santarém: ARRUDA, A. M. e CATARINO, H., *Cerâmicas da Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém*, *Clio*, 4, 1982, pp. 35-39; ARRUDA, A. M., *Alcáçova de Santarém. Relatório de trabalhos arqueológicos de 1984*, *Clio/Arqueologia*, 1, 1983-1984, pp. 217-223; Idem, *Alcáçova de Santarém*, *InfArq*, 8, 1986, pp. 75-77. Sobre a ocupação pré-romana de Sellium: PONTE, S., *Estação arqueológica na Rua Carlos Campeão: relatório preliminar de 1982/83*, in *Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade)*, Tomar, 1985, p. 93.

<sup>17</sup> A propósito do sufixo *-briga* vejamos os trabalhos de UNTERMANN, J., *Sprachräume und Sprachbewegungen in vorrömischen Hispanien*, Wiesbaden, 1961, p. 13 e ALBERTOS FIRMAT, M. L., *Los topónimos en -briga en Hispania*, *Velcia*, 7, 1990, pp. 131-146. Relativamente ao sufixo *-ipo*, cfr. UNTERMANN, J., *Lenguas y unidades políticas del Suroeste hispánico en época prerromana*, in «De Tartessos a Cervantes», Colónia, 1985, p. 4; SILVA, A. C. F., *A segunda Idade do Ferro*, in SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. O. (dir.), *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1990, p. 328; ALARCÃO, *Dominio*, p. 66.

<sup>18</sup> MANTAS, V. G., *As fundações coloniais no território português*, «Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga», Coimbra, 1993, pp. 481-489.

<sup>19</sup> ALARCÃO, *Identificação das cidades da Lusitânia*, pp. 25-26.

<sup>20</sup> ALARCÃO, *Dominio*, p. 78.

Outro objectivo que é igualmente necessário definir *a priori* é o dos marcos cronológicos. Para o presente trabalho decidimos adoptar o período que medeia entre o início da conquista romana da Península<sup>21</sup> e 215 da nossa era, data da reforma monetária de Caracalla que cria uma nova moeda, o *antoninianus*<sup>22</sup>. Apesar de a cunhagem do *antoninianus* se passar a realizar com regularidade só a partir de 238<sup>23</sup> e de o antigo regime monetário se manter na Hispânia até ao reinado de Valerianus<sup>24</sup>, a nova moeda criada em 215 irá marcar de forma profunda toda a história monetária do século III, pelo que a adopção deste marco cronológico nos parece perfeitamente legítima.

## 2. Metodologia de trabalho

Com o objectivo de sistematizar o nosso trabalho, estruturámo-lo em duas partes fundamentais: na primeira, apresentamos o inventário dos achados monetários (Catálogo); na segunda, realizamos o estudo da circulação monetária.

Por uma questão de método, seguimos no nosso inventário a já clássica proposta que classifica os achados monetários em três categorias fundamentais: tesouros, moedas de escavações e achados ocasionais<sup>25</sup>.

Por tesouro entende-se aqui um conjunto de moedas ou outros objectos de valor que, por circunstâncias várias, foi ocultado em bloco. Em função dessas circunstâncias, os tesouros podem ser divididos em quatro classes: tesouros perdidos fortuitamente, tesouros de urgência, tesouros de aforo e tesouros abandonados voluntariamente.

Outro grupo é constituído pelas moedas recolhidas no decurso de trabalhos arqueológicos, em termos numéricos de longe o menos importante, contrastando com o material

---

<sup>21</sup> Apesar de as primeiras emissões monetárias da Península datarem dos séculos V-IV a.C., só a partir da 2ª guerra púnica e conseqüente início da conquista do espaço ibérico pelos Romanos é que a cunhagem da moeda se vai progressivamente generalizando. Sobre este assunto, veja-se VILLARONGA, L., *Numismática antigua de Hispania*, Barcelona, 1979, pp. 95-139.

<sup>22</sup> CALLU, J. P., *La politique monétaire des empereurs romains de 238 à 311*, Paris, 1969, pp. 197; CRAWFORD, M. H., *Finance, coinage and money from the Severans to Constantine*, ANRW, II (2), 1975, pp. 565-566; PETIT, P., *Histoire générale de l'Empire romain, vol. 2. La crise de l'Empire (des derniers Antonins à Diocletien)*, Paris, 1978, pp. 77-78; CHRISTOL, M. e NONY, D., *Rome et son Empire. Des origines aux invasions barbares*, Paris, 1990, pp. 163 e 213-214.

<sup>23</sup> CALLU, *La politique monétaire des empereurs romains*, p.197.

<sup>24</sup> BOST, J.-P., CAMPO, M., COLLS, D., GUERRERO, V. e MAYET, F., *L'épave Cabrera III (Majorque). Échanges commerciaux et circuits monétaires au milieu du IIIe siècle après Jésus-Christ*, Paris, 1992, p. 107, com outras indicações bibliográficas.

<sup>25</sup> Veja-se a obra de GRIERSON, Ph., *Monnaies et monnayage. Introduction à la Numismatique*, Paris, 1976, pp. 163-181, onde o autor dedica um capítulo inteiro à classificação dos achados monetários.

oriundo de tesouros e achados ocasionais<sup>26</sup>. Na categoria dos achados ocasionais foram incluídos todos os numismas achados acidentalmente durante prospecções, trabalhos agrícolas, obras, etc., bem como os que se encontram depositados em colecções particulares e fundos de museus cuja proveniência local ou regional nos parece inquestionável.

A preparação do catálogo revelou-se morosa e complicada. Parte das peças que incluímos no inventário só foram conhecidas através de referências bibliográficas que primaram com frequência pela deficiente descrição dos numismas, o que levantou várias dificuldades à sua classificação.

Outras vezes, apesar de examinarmos pessoalmente as moedas, era o próprio grau de limpeza e conservação das mesmas a ditar a sua lei. Procurámos, sempre que possível, contornar o problema; quando se tornava impossível reportar um exemplar a um catálogo (RIC, RPC, etc.), procurámos atribuí-lo ao imperador, magistrado ou outra qualquer autoridade responsável pela cunhagem e, em última instância, à dinastia ou ao século em que foi emitido.

O catálogo está organizado por distritos e dentro de cada distrito os achados são ordenados por concelhos, de Norte para Sul. Em cada entrada indicamos o local do achado, a freguesia e o concelho<sup>27</sup>, seguidos de um breve comentário às circunstâncias do achado ou qualquer outra informação julgada pertinente; vem depois uma classificação sucinta de cada numisma e por fim a bibliografia referente ao achado. Regra geral, na descrição de cada moeda foram tidos em consideração os elementos que reputamos essenciais para um estudo de circulação monetária: denominação, autoridade emissora, local de emissão, cronologia, o número que lhe é atribuído na bibliografia específica, peso<sup>28</sup>, diâmetro e a orientação dos eixos<sup>29</sup>. Qualquer característica especial ostentada pela moeda (orifício, contramarca, fraccionamento, etc.) vai indicada a seguir à descrição, entre parênteses rectos.

Problema delicado, foi também o das cronologias a adoptar. Com alguma frequência as propostas de datação divergem de autor para autor, sobretudo no caso das emissões hispânicas anteriores a Augustus. Para este período a obra geralmente seguida foi o novíssimo catálogo de L. Villaronga<sup>30</sup>, apesar de a ordenação e a datação de muitos espé-

---

<sup>26</sup> Este facto explica-se obviamente pela quase-ausência de escavação em sítios romanos na região estremenha.

<sup>27</sup> Quando se desconhece o local exacto do achado, este é reportado à localidade mais próxima, freguesia, concelho ou região onde o achado teve, em princípio, lugar.

<sup>28</sup> Devido aos condicionalismos a que este trabalho esteve sujeito, nem sempre foi possível obter o peso das moedas examinadas. Outras vezes não foi possível recorrer a balanças de precisão.

<sup>29</sup> Seria mais correcto fazer acompanhar cada moeda de uma descrição de anverso e reverso, bem como da reconstrução das legendas, mas isso duplicaria ou triplicaria o número de páginas deste trabalho.

<sup>30</sup> VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, 1994.

cimes nos levantarem sérias dúvidas<sup>31</sup>. Para suprir as nossas interrogações, lançámos mão de trabalhos realizados por outros investigadores sobre alguns centros emissores, como foi o caso de Beuipo<sup>32</sup>, Murtili<sup>33</sup> e Castulo<sup>34</sup>.

Para as emissões hispânicas posteriores a Augustus a obra de referência foi o excelente livro de A. Burnett, M. Amandry e P. P. Ripollés<sup>35</sup>, cujas cronologias seguimos sempre, salvo quando face à ausência de propostas de datação absolutas ou relativas, demos preferência às sugestões de outros autores, como acabou por verificar-se para Colonia Patricia<sup>36</sup> e Colonia Romula<sup>37</sup>.

Quanto às emissões oficiais, seguimos para a República a obra de M. H. Crawford<sup>38</sup> e para o Império, as datações utilizadas são as sugeridas nos volumes de *The Roman Imperial Coinage*, excepto para os Antoninos, onde as periodizações de RIC foram afinadas pelas de A. S. Robertson<sup>39</sup>.

Na IIª Parte trataremos do estudo da circulação monetária. Para o efeito estabelecemos uma divisão em dois capítulos, o primeiro dos quais contemplará o estudo dos tesouros, ficando para o segundo a análise do numerário avulso.

A terminar apresentaremos as conclusões, a bibliografia, e o material gráfico. (gráficos, mapas e estampas) que serviu de suporte à elaboração deste trabalho.

---

<sup>31</sup> O recurso, a nosso ver exagerado, à metrologia leva a que muitas das datações propostas nos pareçam demasiado altas. Nesse sentido aponta igualmente A. M. Faria num trabalho com críticas muito pertinentes (Recensão a L. Villaronga, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Vipsasca, 3, 1994, pp. 121-124).

<sup>32</sup> FARIA, A. M., *A numária de \*Cantnipo*, Conimbriga, XXVIII, 1989, pp. 71-99, estudo ulteriormente reformulado pelo autor em *Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal*, Vipsasca, 1, 1992, pp. 39-48.

<sup>33</sup> FARIA, A. M., *Moedas hispano-romanas cunhadas em território actualmente português*, «I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua», Madrid, 7-10 Novembro 1994 (no prelo).

<sup>34</sup> GARCIA-BELLIDO, M. P., *Las monedas de Castulo con leyenda indígena. Historia numismática de una ciudad minera*, Barcelona, 1982.



I PARTE

CATÁLOGO DOS ACHADOS



## 1. TESOUROS

*DISTRITO DE LEIRIA**1. Fonte do Alvorge, Alvorge, Ansião*

Tesouro encontrado há anos, próximo da Fonte do Alvorge, em circunstâncias desconhecidas, talvez associado a uma pátera de prata (?). Dele apenas se conhecem actualmente 17 exemplares, que podem não corresponder à totalidade. Foi oferecido ao Rev. Pe. José Eduardo dos Reis Coutinho por D. Ana de Jesus.

1. L. SAVF, Roma, 152 a.C., RRC 204/1.
  2. NATTA, Roma, 149 a.C., RRC 208/1.
  3. C. RENI, Roma, 138 a.C., RRC 231/1.
  4. M. BAEBI Q. F TAMPIL, Roma, 137 a.C., RRC 236/1.
  5. P. CALP, Roma, 133 a.C., RRC 247/1.
  6. Anónimo (Cabeça de elefante), Roma, 128 a.C., RRC 262/1.
  7. Q. FABII LABEO, Roma, 124 a.C., RRC 273/1.
  8. M. FAN C.F, Roma, 123 a.C., RRC 275/1.
  - 9-10. M. FOVRI L.F PHILI, Roma, 119 a.C., RRC 281/1.
  11. CN. DOMI, Q. CVRTI, M. SILA, Roma, 116-115 a.C., RRC 285/1-2.
  - 12-13. M. CIPI M.F, Roma, 115-114 a.C., RRC 289/1.
  14. MN. AEMILIO LEP, Roma, 114-113 a.C., RRC 291/1.
  15. C. FVNDAN Q, Roma, 101 a.C., RRC 326/1.
  16. LENT. MAR. F, Roma, 100 a.C., RRC 329/1.
  17. P. SERVILLI M.F RVLLI, Roma, 100 a.C., RRC 328/1.
- COUTINHO, J. E. R., *Entesouramentos de denários republicanos em Alvorge e Ansião*, Conimbriga, XXV, 1996, (a publicar).

*2. Vila Nova, Alvorge, Ansião.*

Tesouro recolhido na década de 70, na encosta entre Vila Nova e Monte Figueiró e oferecido pelo Sr. Manuel Simões (que o recebera de um familiar já falecido) ao Rev. Pe. José Eduardo dos Reis Coutinho. Presentemente é composto por 23 denários republicanos e por 2 denários ibéricos de *bolskan*, ignorando--se quantas unidades o integravam primitivamente.

- 1-2. *bolskan*, séc. II a.C., CNH 6.
3. CN. DOMIT, Roma, 128 a.C., RRC 261/1.
4. AP. CL, T. MAL ou MANL, Q. VR, Roma, 111-110 a.C., RRC 299/1.

5. M. LVCILI RVF, Roma, 101 a.C., RRC 324/1.
  6. A. ALBINVS S.F, Roma, 96 a.C. (?), RRC 335/1-3.
  - 7-8. D. SILANVS L. F, Roma, 91 a.C., RRC 337/1-3.
  9. L. PISO L.F L.N FRVGI, Roma, 90 a.C., RRC 340/1.
  - 10-11. Q. TITI, Roma, 90 a.C., RRC 341/1-2.
  12. C. VIBIVS C. F PANSIA, Roma, 90 a.C., RRC 342/1-6.
  - 13-14. L. TITVRI LF SABINVS, Roma, 89 a.C., RRC 344/1-3.
  15. L. RVBRI DOSSENI, Roma, 87 a.C., RRC 348/1-3.
  16. C. NORBANVS, Roma, 83 a.C., RRC 357/1.
  17. P. CREPVSIVS, Roma, 82 a.C., RRC 361/1.
  18. Q. ANTO BALB PR, Roma, 83-82 a.C., RRC 364/1.
  - 19-20. C. ANNIVS T.F T.N PRO COS, Norte de Itália e Hispânia, 82-81 a.C., RRC 366/1-4.
  21. L. PROCILI F, Roma, 80 a.C., RRC 379/1-2.
  22. L. PAPI, Roma, 79 a.C., RRC 384/1.
  23. M. VOLTEI M.F, Roma, 78 a.C., RRC 385/1-3.
  24. P. SATHIENVS, Roma, 77 a.C., RRC 388/1.
  25. C. POSTVMI AT ou TA, Roma, 74 a.C., RRC 394/1.
- COUTINHO, *Entesouramentos de denários republicanos em Alvorge e Ansião* (a publicar).

### 3. *Ansião, Ansião, Ansião*

Tesouro composto por mais de meia centena de AR, encontrado em 1979 junto da Câmara Municipal de Ansião, durante a abertura de valas. A maior parte das moedas pertencia à série C.L. Caesares, cunhada sob Augustus.

1. D. CAESAR, África, 47-46 a.C., RRC 458/1.
  2. D. T. CARISIVS III VIR, Roma, 46 a.C., RRC 464/1-5.
  3. D. M. ANTON ou M. ANTONI, Gália Transalpina e Cisalpina, 43 a.C., RRC 488/1-2 ou 489/1-2.
  4. D. Augustus, Hispânia (uncertain mint 2, Colonia Patricia?), c. Julho 18-17/16 a.C., RIC I<sup>2</sup> 126.
  5. Qn, P. Carisius (sob Augustus), Emerita, c. 25-23 a.C., RIC I<sup>2</sup> 1a-b.
  - 6-9. D, Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C (?), RIC I<sup>2</sup> 207, 208. ou 210-212.
  10. D. Tiberius, Lugdunum, 14-37, RIC I<sup>2</sup> 28-30.
- Inédito (informação do Rev. Pe. José Eduardo Reis Coutinho).

#### 4. *Pelmá, Pelmá, Alvaiázere*

Segundo informação de Pinho Leal, «em 1751 ao abrirem-se os alicerces de uma casa numa das aldeias da Serra de Alvaiázere, acharam-se oitenta e tantas moedas de ouro, de prata e de cobre romanas, dos Imperadores Vitellio, Vespasiano, Tito, Nerva, e Trajano. Também se encontraram adereços de ouro usados pelas damas romanas».

LEAL, *Portugal*, vol. VI, Lisboa, 1875, p. 550; DIAS, E. R., *Noticias archeologicas do «Portugal Antigo e Moderno» de Pinho Leal com algumas notas e indicações*, BRAACAP, t. IX, 4ª série, nº 6, 1902, p. 40; HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 72, nº 100; *Fouilles de Conimbriga*, pp. 222-223, nº 9; CENTENO, *Um tesouro de aurei do Norte de Portugal*, *Nummus*, 2ª s., I, 1978, p. 56, nº 8; BOST, J.-P., CAMPO, M. e GURT, J.M., *Hallazgos de aurei y solidi en la Peninsula Iberica: introducción a la circulación en época imperial*, *Numisma*, 180-185, 1983, p. 139 e 164, nº 127; CENTENO, *Circulação*, p. 266, n. 11; ALARCÃO, *O território de Sellium*, pp. 17-18; idem, *Roman Portugal*, II, 2, p. 102, 3/ 213.

#### 5. *S. Tibério, Santiago de Litém, Pombal*

Leite de Vasconcellos faz referência a um tesouro de denários descoberto em S. Tibério, do qual lhe foram oferecidos dois exemplares para o Museu Etnológico por Eduardo Mendes Cabral, chefe de secretaria da edilidade pombalense. Presentemente, apenas foi possível identificar o denário de C. Fonteius (MNA, Tab. 57/25).

1. C. FONT, Roma, 114-113 a.C., RRC 290/1, 3,48 g, 19-18 mm, 12.

2. L. SCIP ASIAG, Roma, 106 a.C., 311/1a-e [serrado].

VASCONCELLOS, J. L., *Observações numismáticas*, AP, XXV, 1922, pp. 190-191; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 102, 3/\*\*\*\*.

#### 6. *Região de Leiria*

Referindo-se à colecção arqueológica de José Barreiros Calado (Juncal, Porto de Mós), Leite de Vasconcellos diz ter visto dez denários ibéricos achados em Leiria. Por Leiria deverá entender-se a região de Leiria. Mais tarde, Mário Saa (Grandes Vias da Lusitânia, III, p. 47) afirma ter visto na posse de Américo Cortez Pinto, natural de Leiria, moedas ibéricas oriundas do Andam ou Andão, ofertadas por Rafael Calado, filho de José Barreiros. Serão as mesmas que viu Leite de Vasconcellos?

VASCONCELLOS, J. L., *Coisas velhas. Notícias do Juncal (Estremadura)*, AP, XXX, 1938, p. 207; FARIA, A. M., *Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia. Alguns comentários ao recente livro do Doutor Rui Centeno*, *Arqueologia*, 20, 1989, p. 93.

#### 7. *S. Sebastião do Freixo, Golpilheira, Batalha*

Em 17 de Novembro de 1898 o jornal *Novidades* menciona o aparecimento «numas ruínas, em uma quinta proximo de S. Sebastião» de «varias moedas romanas, tendo

de um lado um carro puxado por quatro cavallos e diversos dizeres, e do outro um camello, estando ajoelhado a seus pés um vulto de homem e tendo por baixo REX ARETIN». Em 1890, Leite de Vasconcellos comenta criticamente esta notícia. A descrição corresponde a RRC 422/1b: M. SCAVR, P. HVPSAEVS AED. CVR, Roma, 58 a.C. Desconhece-se o número de moedas encontradas.

1. M. SCAVR, P. HVPSAEVS AED. CVR, Roma, 58 a.C., RRC 422/1b.  
VASCONCELLOS, J. L., *Noticias várias*, AP, V. 1900, p. 167.

#### 8. Casal Couveiro, Reguengo do Fetal, Batalha

Segundo M. Castro Hipólito, em Fevereiro de 1941. «No sítio do Casal Couveiro, na propriedade de Manuel Duarte, da freg. do Reguengo do Fetal, Emília de Oliveira Tomé encontrou uma panela de barro contendo à volta de 5 000 moedas em prata [...]. Parte destas moedas foram também encontradas por Francisco Vieira da Costa da mesma freguesia. São na sua maioria de Augusto». Este tesouro foi rapidamente disperso, pelo que a notícia de Mateu Llopis relativa ao aparecimento, em Alcobça, de «varios denarios de Augusto, con las efigies de los Césares. Cayo e Lucio (...) en 1946», deve ser relacionada com o achado do Casal Couveiro. Deste conjunto foi possível observar e classificar 59 exemplares:

1. Augustus, Lugdunum, 15-13 a.C., RIC I<sup>2</sup> 171a.
2. Augustus, Lugdunum, 8 a.C., RIC I<sup>2</sup> 199.
- 3-31. Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I<sup>2</sup> 207.
- 32-34. Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I<sup>2</sup> 210.
- 35-45. Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I<sup>2</sup> 211.
46. Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I<sup>2</sup> 212.
- 47-52. Tiberius, Lugdunum, 15-16, RIC I<sup>2</sup> 4.
- 53-59. Tiberius, Lugdunum, 14-37, RIC I<sup>2</sup> 26.

As moedas provêm das seguintes colecções: Seminário de Leiria (Augustus: RIC 207 - 6 ex., RIC 211 - 2 ex.; Tiberius: RIC 4 - 1 ex., RIC 26 - 1 ex.); St. José Travaços dos Santos, Leiria (Augustus: RIC 121a - 1 ex., RIC 207 - 2 ex.; Tiberius: RIC 4 - 1 ex., RIC 26 - 1 ex.); Família de Virgílio de Sousa, Leiria (Augustus: RIC 199 - 1 ex., RIC 207 - 2 ex., RIC 210 - 1 ex., RIC 211 - 4 ex.; Tiberius: RIC 4 - 2 ex., RIC 26 - 1 ex.); Pe. José Oliveira, Reguengo do Fetal, Batalha (Augustus: RIC 207 - 2 ex., RIC 212 - 1 ex.; Tiberius: RIC 4 - 1 ex., RIC 26 - 1 ex., que é referido por Hipólito, 1962, p. 150, n.º 3, mas que já não se encontra na colecção); Dr. Joaquim Padrão, Batalha (Augustus: RIC 207 - 5 ex., RIC 210 - 2 ex., RIC 211 - 1 ex.; Tiberius: RIC 4 - 1 ex., RIC 26 - 3 ex.); Casa Paroquial da Batalha (Augustus: RIC 207 - 12 ex., RIC 211 - 4 ex.).

HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 72, n.º 101 e p. 150 (classifica 4 *denarii*); O Mensageiro, 5/4/1941, p. 2; MATEU Y LLOPIS, F., *Hallazgos monetarios*, Ampurias, IX-X, 1947-1948, pp. 78-79, n.º 274; *Fouilles de Conimbriga*, p. 222, n.º 1; CENTENO, R. M. S., O

*tesouro de denarii do Alto do Corgo*, Conimbriga, XV, 1977, p. 97, nº 12; CENTENO, *Circulação*, p. 211, n. 16, p. 217, n. 48; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 111, 5/3; RUIVO, J. S., *Sobre um tesouro de moedas romanas do concelho da Batalha*, O Mensageiro, 17/2/1994.

### 9. Quinta de S. Paio, Calvaria, Porto de Mós

Segundo notícia do jornal O Leiriense, de 4 de Agosto de 1855, foi encontrada nesse ano na Quinta de S. Paio «grande soma de dinheiro romano (...) todo em prata, e cunhado em tempos muitos anteriores ao imperio. (...) Entre outros muitos [nomes] lêem-se os seguintes: C. Servilius, M. Metellus, L. Metellus, L. Aemilius, C. Gracchus, Cassius, L. Piso, Q. Sergius, C. Licinius, L. F. Macer, Q. Anio Barbatus, L. Flaminius, Valerius Flaccus, C. Marius, C. Sci. Asiag, etc. (...) Estas moedas (...) são de valores diferentes, as mais pequenas pezarão tanto como os nossos tostões, as maiores não excedem as de 240 réis». Como se pode observar, a identificação das moedas não é segura, alguns dos nomes mencionados não constam das legendas monetárias da República, outros são comuns a vários moedeiros.

Anteriormente a este achado, já teriam sido encontradas moedas neste lugar, conforme se deduz de uma anotação do Pe. Louro à 2ª ed. de O Couzeiro, ao referir que «em 1855 apareceu a maior quantidade». Será que parte deste tesouro já tinha sido encontrada? Ainda segundo o mesmo autor, «As mais notáveis que vimos (mais de mil nos passaram pela mão), eram as que traziam os nomes seguintes: M. Atilius Regulus, Quintus Fabius Maximus, Sex. Caesar, Julius Caesar, Octavianus Caesar Augustus, Tib. Caesar, M. Cicero, T. Gracchus, Tib. Sempronius, M. Metellus, C. Marius, L. Sulla, Quintus Sertorius, Pompeius Magnus, M. Coepio, Scipio Asiagenes, Scipio Africanus, Scipio Aemilianus, M. Aemilius Paulus, Aurelianus, e além d'estas as de outros innumeráveis que tem nome illustre na historia». Como muito bem alvitra M. Castro Hipólito, é altamente improvável que se trate de um tesouro ocultado no reinado de Aureliano (270-275). O mais certo é tratar-se de um depósito de finais da República ou inícios da época imperial, ao qual foram acrescentadas peças de outra origem, eventualmente encontradas avulso. O Pe. Louro poderá mesmo ter tomado como Aureliano um qualquer membro da gens Aurelia (1). Também Mário Saa refere o achamento de sepulturas e moedas romanas e ibéricas, algumas de prata, no Andam ou ribeiro do Andão (2), designação que se reporta à quinta de S. Paio, local que já no século XII era conhecido sob a designação de quinta do Andom (3). Com base nas informações recolhidas procurámos identificar alguns dos numismas que compunham este achado, não obstante as nossas opções poderem ser, por vezes, discutíveis.

1. M. ATILI SARAN, Roma, 148 a.C., RRC 214/1.
2. C. SERVEILI M. F, Roma, 136 a.C., 239/1.
3. SEX. IVLI CAESAR, Roma, 129 a.C., RRC 258/1.
4. M. METELLVS Q. F, Roma, 127 a.C., RRC 263/1 ou 82-80 a.C., RRC 369/1.
5. Q. FABI LABEO, Roma, 124 a.C., RRC 273/1.

6. M. TVLLI, Roma, 120 a.C., RRC 280/1.
7. M. SERGI SILVS Q., Roma, 116-115 a.C., RRC 286/1.
8. L. FLAMINI CILO, Roma, 109-108 a.C., RRC 302/1 ou L. FLAMINI CHILO IIIVIR, Roma, 43 a.C., RRC 485/1-2.
9. L. VALERI FLACCI, Roma, 108-107 a.C., RRC 306/1 ou C. VAL. L.F FLAC, Roma, 140 a.C., RRC 228/1-2 ou VAL. FLA IMPERAT, Massália, 82 a.C., RRC 365/1.
10. L. SCIP. ASIAG, Roma, 106 a.C., RRC 311/1.
11. PISO, CAEPIO Q, Roma, 100 a.C., RRC 330/1.
12. C. MALL, A. ALBINVS S. F. L. METEL, Roma, 96 a.C. (?), RRC 335/1-2.
13. L. PISO L. F L. N FRVGI, Roma, 90 a.C., RRC 340/1.
14. C. LICINIVS L. F MACER, Roma, 84 a.C., RRC 354/1.
15. L. SVLLA IMPE, L. MANLI PROQ, atelier itinerante, 82 a.C., RRC 367/1, 3 ou 5.
16. C. MARI C. F CAPIT, Roma, 81 a.C., RRC 378/1.
17. PAVLLVS LEPIDVS, Roma, 62 a.C., RRC 415/1 ou PAVLLVS LEPIDVS, LIBO, Roma, 62 a.C., RRC 417/1.
18. L. AEMILIVS BVCA IIIVIR, Roma, 44 a.C., RRC 480/1.
19. M. ANT. IMP. AVG. IIIVIR R.P.C com M. BARBAT. Q. P. atelier itinerante, 41 a.C., RRC 517/2-3.
20. TI. SEMPRONIVS GRACCVS IIIVIR Q. DESIG, Roma, (?) 40 a.C. ou após, RRC 525/2-4.
21. Octavianus (?)
22. Tiberius (?)

(1) HIPÓLITO, *Tesouros*, pp. 73-74, nº 102; BALIL, A., *Varia hellenistico-romana*, AEspA, XXXVIII, 1965, p. 1012, n. 41; *Fouilles de Conimbriga*, p. 199, nº 19; (2) SAA, *Grandes Vias da Lusitânia*, t. III, 1960, p. 47; (3) *O Couzeiro ou memórias do Bispado de Leiria*, Leiria, 1898 (2ª ed.), p. 290.

#### 10. Olho de Água, conc. de Óbidos

Uma memória anónima sobre Óbidos, redigida na 2ª metade do século XIX, dá-nos conta do aparecimento de «grande número de moedas de prata, que eram perto de cem, que se acharam no ano de 1845 perto do Olho de Água, junto a uma casa que ali há. Todas elas eram dos Romanos, estavam colocadas junto à parede da dita casa, em forma que não deixam dúvida que ali foram enterradas encartuchadas. Todas elas estavam perfeitamente conservadas, tinham os bustos dos imperadores, as armas romanas com letreiro em roda, tudo muito bem feito. Algumas tinham esta legenda: Júlio César Imperador dos Romanos; e no inverso, o busto com estas letras por baixo: J. C. Algumas datavam dez anos antes de Jesus Cristo, outras muito mais e outras menos. (...) Todo este dinheiro foi vendido aos ourives, onde o vi».

Trata-se, por certo, de um tesouro de época imperial em cuja composição entrariam eventualmente denários republicanos.

*Memórias históricas e diferentes apontamentos acerca das antiguidades de Óbidos...*, Leitura, apresentação e notas de João Trindade, Óbidos, 1985, pp. 195-196.

### 11. N. Senhora do Carmo, Vau, Óbidos

“Há anos, na costa, junto à igreja de Nossa Senhora do Carmo, se acharam três ou quatro moedas de prata bem conservadas. Tinham esta legenda: «Antonio pro Consul». Esta descrição poderá corresponder eventualmente ao denário RRC 484/1 de C. ANTONIVS M.F PROCOS. É pouco provável que todos os exemplares fossem idênticos.

1. C. ANTONIVS M.F PROCOS, atelier itinerante, 43 a.C., RRC 484/1.

*Memórias históricas e diferentes apontamentos acerca das antiguidades de Óbidos*, p. 199.

### 12. Columbeira, Roliça, Bombarral

Em 1958, quando se procedia a trabalhos de escavação de um terreno nas proximidades da Columbeira, foi encontrado um depósito de cerca de 980 denários dentro de um vaso de barro. Deste tesouro, publica M. C. Hipólito 128 D, 43 adquiridos pelo Dr. Joaquim de Albuquerque do Bombarral e 85 D da colecção do Tenente-Coronel João Lopes da Fonseca Guedes. Refira-se que estes 85 D representam 122 unidades uma vez que, deste lote, Hipólito só publica 1 exemplar de cada tipo (não é indicado o nº de exemplares repetido em cada emissão). Assim, os 128 denários apresentados na nossa listagem equivalem, efectivamente, a 165 exemplares.

1. Anónimo (?), Roma, RRC ?
2. Anónimo, Roma, 157-156 a.C., RRC 197/1a-b.
3. C. SCR, Roma, 154 a.C., RRC 201/1.
4. P. SVLA, Roma, 151 a.C., RRC 205/1.
5. SAFRA, Roma, 150 a.C., RRC 206/1.
6. FLAVS, Roma, 150 a.C., RRC 207/1.
7. Q. MARC LIBO, Roma, 148 a.C., RRC 215/1.
8. L. SEMPR PITIO, Roma, 148 a.C., RRC 216/1.
9. C. TER LVC, Roma, 147 a.C., RRC 217/1.
10. L. CVP, Roma, 147 a.C., RRC 218/1.
11. C. ANTESTI, Roma, 146 a.C., RRC 219/1e.
12. AN RVF, Roma, 144 a.C., RRC 221/1.
13. L. IVLI, Roma, 142 a.C., RRC 224/1.
14. C. TITINI (?), Roma, 141 a.C., RRC 226.
- 15-16. C. VAL C. F FLAC, Roma, 140 a.C., RRC 228/1, 228/3.

122. C. LENTVL, Roma, 88 a.C., RRC 345/1.  
 123. C. CENSORIN, Roma, 88 a.C., RRC 346/2a-c.  
 124. L. C. MEMIES L. F GAL. Roma. 87 a.C., RRC 349/1.  
 125. GAR, OGVL. VER, Roma. 86 a.C., RRC 350A/2.  
 126-127. L. IVLI BVRSIO, Roma, 85 a.C., RRC 352/1a,c.  
 128. P. CREPVSII, Roma. 82 a.C., RRC 361/1a-c.

HIPÓLITO, *Tesouros*, pp. 75-77 e 152-156, n° 105; RRCH 248; *Fouilles de Conimbriga*, p. 199, n° 6; HILDEBRANDT, H. J., *Die Münzen aus Cáceres el Viejo*, in ULBERT, G., *Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*, Madrider Beiträge-Band 11, Mainz am Rhein, 1984, p. 274; FARIA, A. M., *Guerras e conflitos no Vale do Tejo na Antiguidade: o testemunho dos tesouros monetários*, in *Arqueologia do Vale do Tejo*, Lisboa, 1987, pp. 60-61; RRCHAD 57; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 115, 5/75; FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia*, p. 93; DOMERGUE, C., *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*, Roma, 1990, p. 188, n. 55; AMELA VALVERDE, L., *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana según las ocultaciones de la época (82-72 a. C.)*, in «V Encuentro de Estudios Numismáticos». GN, 97-98 (II/III-90), Jun.-Sept., 1990, p. 22, n° 7; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 53, n°115.

### 13. S. Mamede, Roliça, Bombarral

Tesouro encontrado, ao que parece, em S. Mamede, actualmente disperso. Sobre as condições do achado e número de numismas que o compunham nada sabemos. Deste tesouro possui o sr. Antero Furtado, residente no Bombarral, cinco denários que tivemos oportunidade de examinar em Junho de 1994, ofertados pelo falecido dr. Joaquim de Albuquerque. De S. Mamede, já em 1920 Leite de Vasconcellos se referia ao achado de um denário póstumo de M. Aurelius (cfr. Cat., Achados ocasionais, n° 22). São as seguintes as peças examinadas:

1. Tiberius, Lugdunum, 14-37, RIC I<sup>2</sup> 30 [com PONTIF MAXIM (sic) no reverso].
2. Traianus, Roma. 114-117, RIC II 353.
3. Antoninus Pius, Roma, 139, RIC III 43a.
4. Faustina I, Roma, post. 141, RIC III 362.
5. Marcus Aurelius Caesar (sob Antoninus Pius), 145-160, RIC III 429a.  
Inédito.

## DISTRITO DE SANTARÉM

### 14. Charneca, Parceiros da Igreja, Torres Novas

Escreve Leite de Vasconcellos em 1909: «No Museu Ethnologico recolhi ultima-

mente um modesto thesouro monetario, que provém do sitio da Charneca, arredores de Torres Novas, e que me foi cedido por um commerciante d'esta villa em 1908. Fazia parte de um thesouro maior, que se dispersou ha muitos annos, e que estava contido em um vaso de barro». É possível que se trate de um thesouro de época sertoriana, mas o número de exemplares é demasiado reduzido para sermos peremptórios.

1. M. FOVRI L. F PHILI, Roma, 119 a.C., RRC 281/1.
2. L. THORIVS BALBVS, Roma, 105 a.C., RRC 316/1.
3. MN. FONTEI C. F, Roma, 85 a.C., RRC 353/1c.
4. P. CREPVSII, Roma, 82 a.C., RRC 361/1a-c.
5. C. POBLICI Q. F, Roma, 80 a.C., RRC 380/1.
6. *bolskan*, 2ª metade séc. II-80/72 a.C.

VASCONCELLOS, J. L., *Achado de moedas romanas da Republica*, AP, XIV, 1909, pp. 58-59; HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 80, nº 112; MARTIN VALLS, R., *La circulación monetaria ibérica*, BSAA, XXXII, 1966, pp. 324; RRCH 264; *Fouilles de Conimbriga*, p. 199, nº 5 e 207, nº 19; HILDEBRANDT, *Die Münzen aus Cáceres el Viejo*, p. 274; RRCHAD 62; FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia*, p. 93; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 114, 5/58; idem, *O território de Sellium*, p. 15; DOMERGUE, *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l' Antiquité romaine*, p. 188, n. 55; AMELA VALVERDE, *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana*, p. 22; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 49, nº 98; GARCIA-BELLIDO, M. P., *Sobre la localización de Segobrix y las monedas del yacimiento de Clunia*, AEspA, 67, 1994, p. 251, fig. 9, nº 19.

#### 15. Região de Torres Novas. Torres Novas

Vasconcelos publica 4 denários provenientes da região de Torres Novas, que viu na loja de um antiquário em Lisboa. Provavelmente fariam parte de um thesouro, talvez o da Charneca.

1. CN. BLASIO CN. F, Roma, 112-111 a.C., RRC 296/1a-l.
2. L. PISO L.F. L.N FRVGI, Roma, 90 a.C., RRC 340/1.
3. C. VIBIVS C.F PANSA, Roma, 90 a.C., RRC 342/1-6.
4. Q. ANTO BALB PR, Roma, 83-82 a.C., RRC 364/1a-e.

VASCONCELLOS, *Achados de moedas romanas da Republica*, AP, XIV, 1909, p. 59; HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 80, nº 113; RRCH 250; *Fouilles de Conimbriga*, p. 199, nº 4; HILDEBRANDT, *Die Münzen aus Cáceres el Viejo*, p. 274, n. 37 (este autor opina que as moedas pertencem ao thesouro da Charneca); FARIA, *Guerras e conflitos no Vale do Tejo na Antiguidade*; p. 60; RRCHAD 58; idem, *Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia*, p. 96, n. 49; AMELA VALVERDE, *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana*, p. 22, nº 6; DOMERGUE, *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l' Antiquité romaine*, p. 188, n. 55; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 54, nº 125.

*16. Região de Santarém, Santarém*

Tesouro descoberto acidentalmente na região de Santarém pouco antes de 1989, sem que se consiga precisar o local exacto nem as condições em que se efectuou o achado. É constituído por cerca de 200 moedas em AR, de que se conseguiu inventariar 192 exemplares. O exemplar nº 1 é uma didracma, os nº 2, 3 e 6 são vitoriatos e as restantes 188 peças são denários.

1. Anónimo, centro emissor indeterminado, 225-214 a.C., RRC 29/3, 6.28g.
2. Anónimo, Roma, post 211 a.C., RRC 53/1, s/p.
3. Anónimo (Ponta de Lança), SE. Itália, 211-210 a.C., RRC 83/1a, s/p.
4. Anónimo (Bordão), Roma, 206-195 a.C., RRC 112/2a, 3.34g.
5. Anónimo (Tridente), Roma, 206-195 a.C., RRC 115/1, 3.30 g [incuso de Anv.].
6. Anónimo, Roma, 179-170 a.C., RRC 166/1, 2.42 g.
7. C. SCR, Roma, 154 a.C., RRC 201/1, s/p.
8. L. SAVF, Roma, 152 a.C., RRC 204/1, s/p.
- 9-10. NATTA, Roma, 149 a.C., RRC 208/1, s/p, s/p.
11. L. SEMPR PITIO, Roma, 148 a.C., RRC 216/1, s/p.
12. C. ANTESTI, Roma, 146 a.C., RRC 219/1e, s/p.
- 13-14. M. IVNI, Roma, 145 a.C., RRC 220/1, 3.97 g, s/p.
15. M. AVF RVS, Roma, 140 a.C., RRC 227/1d, s/p.
16. C. RENI, Roma, 138 a.C., RRC 231/1, s/p.
17. TI. VETVR, Roma, 137 a.C., RRC 234/1, s/p.
18. SEX. POM, Roma, 137 a.C., RRC 235/1a-b, 3.89 g.
- 19-21. M. BAEBI Q.F TAMPIL, Roma, 137 a.C., RRC 236/1a (2 ex.), s/p, 3.78 g, RRC 236/1e (1 ex.), s/p.
22. CN. LVCR TRIO, Roma, 136 a.C., RRC 237/1a, s/p.
- 23-25. L. ANTES GRAGV, Roma, 136 a.C., RRC 238/1, s/p, s/p, 3.85 g.
- 26-27. TI. MINVCI C. F AVGVRINI, Roma, 134 a.C., RRC 243/1, s/p, 3.89 g.
28. P. MAE ANT M.F, Roma, 132 a.C., RRC 249/1, s/p.
29. L. POST ALB, Roma, 131 a.C., RRC 252/1, 3.79 g.
30. L. OPEIMI, Roma, 131 a.C., RRC 253/1, s/p.
- 31-33. M. VARGV, Roma, 130 a.C., RRC 257/1, s/p, s/p, 3.86 g.
- 34-35. Q. PILIPVS, Roma, 129 a.C., RRC 259/1, s/p, 3.90 g.
36. T. CLOVLI, Roma, 128 a.C., RRC 260/1, s/p.
37. Anónimo, Roma, 128 a.C., RRC 262/1, s/p.
38. M. METELLVS Q.F, Roma, 127 a.C., RRC 263/1b, 3.89 g.
39. C. CASSI, Roma, 126 a.C., RRC 266/1, s/p.

- 40-41. T. Q., Roma, 126 a.C., RRC 267/1, s/p, 3.79 g.  
42. N. FABI PICTOR, Roma, 126 a.C., RRC 268/1a, s/p.  
43-46. C. CATO, Roma, 123 a.C., RRC 274/1, , s/p, s/p, s/p, 3.85 g.  
47. M. FAN C.F, Roma, 123 a.C., RRC 275/1, s/p.  
48-49. Q. MINV RVF, Roma, 122 a.C., RRC 277/1, s/p, s/p.  
50. C. PLVTI, Roma, 121 a.C., RRC 278/1, s/p.  
51-52. M. TVLLI, Roma, 120 a.C., RRC 280/1, s/p, 3.79 g.  
53-55. M. FOVRI L.F PHILI, Roma, 119 a.C., RRC 281/1, s/p, s/p, 3.73 g.  
56. M. CALID, Q. MET, CN. FOVL, Roma, 117-116 a.C., RRC 284/1a, s/p.  
57-61. CN. DOMI, Q. CVRTI, M. SILA, Roma, 116-115 a.C., RRC 285/2, s/ p , s/p, s/p, 3.91 g, 3.89 g.  
62-64. M. SERGI SILVS Q, Roma, 116-115 a.C., RRC 286/1, s/p, s/p, 3.77 g.  
65-66. Anónimo, Roma, 115-114 a.C., RRC 287/1, s/p, s/p.  
67-69. M. CIPI M.F, Roma, 115-114 a.C., RRC 289/1, s/p, s/p, s/p.  
70-71. C. FONT, Roma, 114-113 a.C., RRC 290/1, s/p, 3.92 g.  
72-74. MN. AEMILIO LEP, Roma, 114-113 a.C., RRC 291/1, s/p, s/p.  
75-77. CN. BLASIO CN.F, Roma, 112-111 a.C., RRC 296/1a (1 ex.), 3.82, RRC 296/1h (2 ex.), s/p, s/p.  
78. L. CAESI, Roma, 112-111 a.C., RRC 298/1, s/p.  
79-81. AP. CL, T. MAL ou MANL, Q. VR, Roma, 111-110 a.C., RRC 299/1a (2 ex.), s/p, s/p, RRC 299/1b (1 ex.), s/p.  
82-84. C. PVLCHER, Roma, 110-109 a.C., RRC 300/1, s/p, s/p, 3.89 g.  
85. P. LAECA, Roma, 110-109 a.C., RRC 301/1, 3.91 g.  
86-87. L. FLAMINI CILO, Roma, 109-108 a.C., RRC 302/1, s/p, 4.00 g.  
88. MN. AQVIL, Roma, 109-108 a.C., RRC 303/1, s/p.  
89. Q. LVTATI CERCO Q, Roma, 109-108 a.C., RRC 305/1, 3.73 g.  
90. L. VALERI FLACCI, Roma, 108-107 a.C., RRC 306/1, 3.86 g.  
91-92. M. HERENNI, Roma, 108-107 a.C., RRC 308/1b, s/p, s/p.  
93. C. SVLPICI C.F, Roma, 106 a.C., RRC 312/1, 3.70 g.  
94-95. L. THORIVS BALBVS, Roma, 105 a.C., RRC 316/1, 3.75 g, 3.78 g.  
96. L. SATVRN, Roma, 104 a.C., RRC 317/3b, s/p.  
97. C. COIL CALD, Roma, 104 a.C., RRC 318/1a, 3.83 g.  
98-99. Q. THERM M.F, Roma, 103 a.C., RRC 319/1, s/p, s/p.  
100. L. IVLI L.F CAESAR, Roma, 103 a.C., RRC 320/1, 3.85 g.  
101-102. M. LVCILI RVF, Roma, 101 a.C., RRC 324/1, s/p, 3.88 g.  
103. C. FVNDAN Q, Roma, 101 a.C., RRC 326/1, s/p.

- 104-106. P. SERVILI M.F RVLLI, Roma, 100 a.C., RRC 328/1, s/p. s/p, 3.87 g.  
 107. LENT. MAR. F, Roma, 100 a.C., RRC 329/1a, 3.92 g.  
 108. C. MALL, A. ALBINVS S.F. L. METEL, Roma, 96 a.C., RRC 335/1b, s/p.  
 109. C. ALLI BALA, Roma, 92 a.C., RRC 336/1b, s/p.  
 110-112. D. SILANVS L.F, Roma, 91 a.C., RRC 337/2 (1 ex.), s/p, RRC 337/3 (2 ex.), s/p, s/p.  
 113. L. PISO L.F. L.N FRVGI, Roma, 90 a.C., RRC 340/1, s/p.  
 114-116. Q. TITI, Roma, 90 a.C., RRC 341/1 (2 ex.), s/p, s/p, RRC 341/2 (1 ex.), s/p.  
 117-122. C. VIBIVS C.F PANSA, Roma, 90 a.C., RRC 342/5b, s/p, s/p, s/p, s/p, 3.83 g, 3.82 g.  
 123. M. CATO, Roma, 89 a.C., RRC 343/1b, 3.89 g.  
 124-129. L. TITVRI L.F SABINVS, Roma, 89 a.C., RRC 344/1a (2 ex.), s/p, s/p, RRC 344/1b (2 ex.), s/p, s/p, RRC 344/1c (1 ex.), 3.92 g, RRC 344/3 (1 ex.), s/p.  
 130-131. CN. LENTVL, Roma, 88 a.C., RRC 345/1, s/p, s/p.  
 132-133. C. CENSORIN, Roma, 88 a.C., RRC 346/1a (1 ex.), s/p, RRC 346/ 2 b (1ex.), s/p.  
 134-136. L. RVBRI DOSSENI, Roma, 87 a.C., RRC 348/1 (2 ex.), s/p, s/p, RRC 348/3 (1 ex.), s/p.  
 137. L.C. MEMMIES L.F GAL, Roma, 87 a.C., RRC 349/1, s/p.  
 138-140. GAR, OGV L. VER, Roma, 86 a.C., RRC 350A/2, s/p, s/p, 3.67 g.  
 141. M. FAN. L. CRIT AED. PL, Roma, 86 a.C., RRC 351/1, 3.98 g.  
 142-143. L. IVLI BVRSIO, Roma, 85 a.C., RRC 352/1a (1 ex.), s/p, RRC 352/1c (1 ex.), 3.34 g.  
 144-146. MN. FONTEI C.F, Roma, 85 a.C., RRC 353/1a (2 ex.), s/p, s/p, RRC 353/1c (1 ex.), 4.03 g.  
 147-149. C. LICINIVS L.F MACER, Roma, 84 a.C., RRC 354/1, s/p, s/p, 3.75 g.  
 150-151. C. NORBANVS, Roma, 83 a.C., RRC 357/1b, s/p, s/p.  
 152. L. CENSOR, Roma, 82 a.C., RRC 363/1a, s/p.  
 153. Q. ANTO BALB PR, Roma, 83-82 a.C., RRC 364/1d, 3.91 g.  
 154. C. ANNIVS T.F T.N PRO COS, N. Itália, 82-81 a.C., RRC 366/1a, s/p.  
 155. L. SVLLA IMPE. L. MANLI PROQ, Oriente, 82 a.C., RRC 367/3 ou 5, s/p.  
 156. A. POST A.F S.N ALBIN, Roma, 81 a.C., RRC 372/1, 3.81 g.  
 157. Q.C.M.PI. ou IMPER, N. Itália, 81 a.C., RRC 374/1, 3.68 g.  
 158-160. L. PROCILI F, Roma, 80 a.C., RRC 379/1 (1 ex.), s/p, RRC 379/2 [2 ex.. 1 incuso de Anv.], s/p, 3.83 g.  
 161-162. C. POBLICI Q.F, Roma, 80 a.C., RRC 380/1, s/p, 3.83 g.

163. C. NAE BALB, Roma, 79 a.C., RRC 382/1b, 3.90 g.  
 164. TI. CLAVD TI.F AP.N, Roma, 79 a.C., RRC 383/1, 3.92 g.  
 165. L. PAPI, Roma, 79 a.C., RRC 384/1, s/p.  
 166-169. M. VOLTEI M.F, Roma, 78 a.C., RRC 385/1 (2 ex.), s/p, 3.86 g, RRC 385/3 (1 ex.), s/p, RRC 385/4 (1 ex.), s/p.  
 170. L. CASSI Q.F, Roma, 78 a.C., RRC 386/1, 3.88 g.  
 171. L. RVTILI FLAC, Roma, 77 a.C., RRC 387/1, s/p.  
 172. P. SATHRIENVVS, Roma, 77a.C., RRC 388/1b, 3.75 g.  
 173. C. EGNATIVS CN.F CN.N MAXSVMVS, Roma, 75 a.C., RRC 391/3, s/p.  
 174. CN. LEN Q, Hispania (?), 76-75 a.C., RRC 393/1a, s/p.  
 175-176. C. POSTVMI AT ou TA, Roma, 74 a.C., RRC 394/1, s/p, 4.09 g.  
 177-192. Ex. não classificados.

BARBOSA, M. B., *Um tesouro sertoriano da região de Santarém*, «I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua», Madrid, 7-10 Novembro 1994 (no prelo).

## DISTRITO DE LISBOA

### 17. Pinhal do Alvarinho, Alenquer, Alenquer

Em 1892, no suplemento ao vol. II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Hübner publica, com base numa carta de Estácio da Veiga de 10/6/1881, uma inscrição gravada num vaso de prata [Sucnin(us) Asedi f(i)lius] que continha «cerca de mil denários romanos consulares», achado próximo de Alenquer. Julgamos ser este o tesouro a que se refere Mário de Castro Hipólito, utilizando uma informação de Hipólito Cabaço datada de 22/3/1959, segundo a qual, junto ao Camarnal, «no Pinhal do Alvarinho, na margem da estrada da Boa Viagem, há uns sessenta anos, quando três rapazes arrancavam um cepo de pinheiro, encontraram duas grandes taças de prata, parece que artisticamente cinzeladas, cheias de denários romanos, uns doze a catorze litros pouco mais ou menos. Os rapazes destruíram as taças com os alviões e encheram os barretes com moedas a que chamavam botões. A Marquesa de Castelo Melhor, proprietária do terreno, conseguiu obter parte das moedas mas a maior parte foi vendida em Alenquer a um ourives ambulante. Vi só três destas moedas. Eram da República e de 125 a.C.». A tratar-se do mesmo achado, a informação de Hübner parece-nos mais segura por ser coetânea do achamento, as indicações de Hipólito Cabaço teriam sido já deturpadas pelo passar de mais de meio século. Trata-se, com toda a certeza, de um tesouro do período republicano.

CIL II 62493; HIPÓLITO, *Tesouros*, pp. 81-82, n° 116; SAA, *As Grandes Vias da Lusitânia*, III, 1960, p. 95; RADDATZ, *Schatzfunde*, p. 272; *Fouilles de Conimbriga*, p. 197 e 199, n° 35; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 118, 5/138.

*18. Casal dos Cabeços (Santana da Carnota), Carnota, Alenquer*

Em Agosto de 1979 foi encontrado no sítio do Casal dos Cabeços um tesouro composto por 136 denários, 3 colares de prata e 10 brincos de ouro. Os exemplares nº 28, 48-50, 121-123, 129-130 e 131-133 são serrados.

1. Anónimo (Rostrum Tridens), Roma, 206-195 a.C., RRC 114/1, 3.63g.
2. Anónimo, Roma, 157-156 a.C., RRC 197/1a, 3.61 g.
3. Anónimo, Roma, 157-156 a.C., RRC 198/1, 3.50 g.
4. C. SCR, Roma, 154 a.C., RRC 201/1, 3.39 g.
5. C. MAIANI, Roma, 153 a.C., RRC 203/1, 3.62 g.
6. NATTA, Roma, 149 a.C. RRC 208/1, 3.91 g.
7. L. CVP, Roma, 147 a.C., RRC 218/1, 3.54 g.
8. Anónimo, Roma, 143 a.C., RRC 222/1, 3.69 g.
9. L. ATILI NOM, Roma, 141 a.C., RRC 225/1, 3.75 g.
10. SEX. POM, Roma, 137 a.C. RRC 235/1a, 3.92 g.
- 11-12. M. BAEBI Q. F TAMPIL, Roma, 137 a.C., RRC 236/1a, 3.79 g, 3.90 g.
13. L. ANTES GRAGV, Roma, 136 a.C., RRC 238/1, 3.81 g.
14. C. SERVEILI M. F, Roma, 136 a.C., RRC 239/1, 3.79.
15. TI. MINVCI C. F AVGVRINI, Roma, 134 a.C., RRC 243/1, 3.87.
16. C. ABVRI GEM, Roma, 134 a.C., RRC 244/1, 3.87 g.
17. L. MINVCIV, Roma, 133 a.C., RRC 248/1, 3.86 g.
- 18-19. Q. METE, Roma, 130 a.C., RRC 256/1, 3.85 g, 3.89 g.
20. Q. PILIPVS, Roma, 129 a.C., RRC 259/1, 3.84 g.
- 21-22. Q. FABI LABEO, Roma, 124 a.C., RRC 273/1, 3.86 g, 3.89 g.
- 23-24. M. CARBO, Roma, 122 a.C., RRC 276/1, 3.84 g, 3.85 g.
25. Q. MINV RVF, Roma, 122 a.C., RRC 277/1, 3.81 g.
26. C. PLVTI, Roma, 121 a.C., RRC 278/1, 3.82 g.
27. M. FOVRI L. F PHILI, Roma, 119 a.C., RRC 281/1, 3.87 g.
28. L. LIC, CN. DOM e assoc., Narbo, 118 a.C., RRC 282/4, 3.81 g.
- 29-30. CN. DOMI, Q. CVRTI, M. SILA, Roma, 116-115 a.C., RRC 285/2, 3.79 g, 3.84 g.
31. M. SERGI SILVS Q, Roma, 116-115 a.C., RRC 286/1, 3.76 g.
32. Anónimo, Roma, 115-114 a.C., RRC 287/1, 3.91 g.
33. C. FONT, Roma, 114-113 a.C., RRC 290/1, 3.89 g.
- 34-35. MN. AEMILIO LEP, Roma, 114-113 a.C., RRC 291/1, 3.70 g, 3.73 g.
36. T. DEIDI, Roma, 113-112 a.C., RRC 294/1, 3.88 g.
37. TI. Q, Roma, 112-111 a.C., RRC 297/1a, 3.80 g.

38. AP. CL, T. MAL ou T. MANL, Q. VR, Roma, 111-110 a.C., RRC 299/1b, 3.88 g.
39. P. LAECA, Roma, 110-109 a.C., RRC 301/1, 3.93 g.
- 40-43. L. FLAMINI CILO, Roma, 109-108 a.C., RRC 302/1, 3.95 g, 3.88 g, 3.88 g, 3.95 g.
44. L. MEMMI, Roma, 109-108 a.C., RRC 304/1, 3.78 g.
- 45-46. Q. LVTATI CERCO Q, Roma, 109-108 a.C., RRC 305/1, 3.78 g, 3.75 g.
47. L. VALERI FLACCI, Roma, 108-107 a.C., RRC 306/1, 3.83 g.
- 48-49. L. SCIP ASIAG, Roma, 106 a.C., RRC 311/1a, 311/1c, 3.87 g, 3.93 g.
50. L. MEMMI GAL, Roma, 106 a.C., RRC 313/1b, 3.82 g.
- 51-55. L. THORIVS BALBVS, Roma, 105 a.C., RRC 316/1, 3.89 g, 3.92 g, 3.83 g, 3.83 g, 3.81 g.
56. L. SATVRN, Roma, 104 a.C., RRC 317/3b, 3.89 g.
57. C. COIL CALD, Roma, 104 a.C., RRC 318/1b, 3.90 g.
- 58-60. Q. THERM M. F, Roma, 103 a.C., RRC 319/1, 3.83 g, 3.82 g, 3.80 g.
61. L. IVLI L. F CAESAR, Roma, 103 a.C., RRC 320/1, 3.88 g.
- 62-63. M. LVCILI RVF, Roma, 102 a.C., RRC 324/1, 3.93 g, 3.86 g.
64. L. SENTI C. F, Roma, 101 a.C., RRC 325/1b, 3.89 g.
65. C. FVNDAN Q, Roma, 101 a.C., RRC 326/1, 4.07 g.
- 66-67. P. SERVILI M. F RVLLI, Roma, 100 a.C., RRC 328/1, 3.82 g, 3.95 g.
68. C. ALLI BALA, Roma, 92 a.C., RRC 336/1b, 3.85 g.
69. D. SILANVS L. F, Roma, 91 a.C., RRC 337/3, 3.95 g.
- 70-75. L. PISO L. F. L. N. FRVGI, Roma, 90 a.C., RRC 340/1, 3.92 g, 4.10 g, 3.96 g, 4.00 g, 3.85 g, 3.89 g.
- 76-78. Q. TITI, Roma, 90 a.C., RRC 341/1 (1 ex.), 341/2 (2 ex.), 3.56 g, 4.09 g, 3.95 g.
- 79-86. C. VIBIVS C. F PANSIA, Roma, 90 a.C., RRC 342/3a (1 ex.), 342/4b (2 ex.), 342/5b (5 ex.), 4.13 g, 3.82 g, 3.68 g, 3.80 g, 3.87 g, 3.62 g, 3.83 g, 3.81 g.
- 87-93. L. TITVRI LF. SABINVS, Roma, 89 a.C., RRC 344/1a (2 ex.), 344/1b (1 ex.), 344/2b (2 ex.), 344/3 (2 ex.), 3.70 g, 3.79 g, 3.74 g, 4.16 g, 3.93 g, 3.90 g, 3.84 g.
- 94-98. CN. LENTVL, Roma, 88 a.C., RRC 345/1, 3.87 g, 3.58 g, 3.60 g, 3.87 g, 4.10 g.
- 99-102. C. CENSORIN, Roma, 88 a.C., RRC 346/1c (1 ex.), 346/1g (2 ex.), 346/2b (1 ex.), 4.02 g, 3.86 g, 3.92 g, 4.02 g.
- 103-107. L. RVBRI DOSSENI, Roma, 87 a.C., RRC 348/1 (2 ex.), 348/2 (3 ex.), 4.20 g, 3.87 g, 4.25 g, 3.86 g, 4.17 g.
108. L. C. MEMIES L. F GAL, Roma, 87 a.C., RRC 349/1, 3.79 g.

- 109-111. GAR, OGVL, VER, Roma, 86 a.C., RRC 350/A2, 3.70 g, 3.92 g, 3.71 g.  
 112-114. L. IVLI BVRVSIO, Roma, 85 a.C., RRC 352/1a (2 ex.), 352/1c (1 ex.), 3.51 g, 3.92 g, 3.80 g.  
 115. MN. FONTEI C. F, Roma, 85 a.C., RRC 353/1a, 4.26 g.  
 116. C. LICINIVS L. F MACER, Roma, 84 a.C., RRC 354/1, 3.89 g.  
 117. C. NORBANVS, Roma, 83 a.C., RRC 357/1b, 3.95 g.  
 118-119. P. CREPVSI, Roma, 82 a.C., RRC 361/1, 361/1c, 3.83 g, 3.87 g.  
 120. L. CENSOR, Roma, 82 a.C., RRC 363/1d, 3.71 g.  
 121-123. Q. ANTO BALB PR, Roma, 83-82 a.C., RRC 364/1a (1 ex.), 364/1c (2 ex.), 3.81 g, 3.79 g, 3.89 g.  
 124. C. ANNIVS T. F T.N PRO. COS, Norte de Itália, 82-81 a.C., RRC 366/1b, 3.93 g.  
 125. C. ANNIVS T. F T.N PRO. COS, Norte de Itália, 82-81 a.C., RRC 366/2b, 3.85 g [reverso invertido].  
 126-127. C. ANNIVS T. F T.N PRO. COS, Hispania, 82-81 a.C., RRC 366/3b, 366/4, 3.88 g, 3.94 g.  
 128-130. L. PROCILI F, Roma, 80 a.C., RRC 379/1 (1 ex.), 379/2 (2 ex.), 3.86 g, 3.86 g, 3.80 g.  
 131. C. POBLICI Q. F, Roma, 80 a.C., RRC 380/1, 3.91 g.  
 132-133. C. NAE BALB, Roma, 79 a.C., RRC 382/1a, 3.92 g, 3.97 g.  
 134. L. LVCRETIO TRIO, Roma, 76 a.C., RRC 390/1, 4.02 g.  
 135. *bolskan*, CNH 2, 2ª met. séc. II a.C., 3.98 g.  
 136. *sekobirikes*, CNH 9, inícios do séc. I a.C., 3.54 g.

VIEGAS, J. R. e PARREIRA, R., *Der Schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer/Portugal)*, MM, 25, 1984, pp. 79-91; RRCHAD 67; ALARCÃO, Roman Portugal, II, 2, p. 117, 5/135; FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia*, p. 93; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 49, nº 97; GARCÍA-BELLIDO, *Sobre la localización de Segobrix*, pp. 250, fig. 8, nº 46 e 248-249.

### 19. Cascais, Cascais

Em 1994, quando se procedia a escavações na Rua dos Navegantes (parte alta de Cascais), foram encontradas 4 moedas de bronze junto a um muro. Pelo seu contexto arqueológico, parece que formariam o conteúdo de uma pequena bolsa.

1. Hs, Domitianus, Roma, 85-96, RIC II 253, 279, 313, 342, 358, 401 ou 412, 18.16 g, 32 mm, 6.
2. Hs, Traianus, Roma, 103-111, RIC II 489, 19.27 g, 34 mm, 7.
3. Hs, Hadrianus, Roma, 117-138, 19.26 g, 35 mm.
4. A§, Antonínus Pius, Roma, 138-161, 7.9 g, 27 mm, 12.

Em estudo

APÊNDICE (Possíveis tesouros de composição e cronologia incertas)

### *DISTRITO DE LEIRIA*

#### *A. Morouços, Rominha, Alvaiázere*

Em 1917, escreve Leite de Vasconcellos que foi informado do aparecimento, no local, de moedas de prata «com duas caras» e moedas de cobre. Julgamos que esta referência poderá estar relacionada com o achado de algum tesouro em que entrassem denarii republicanos. A tratar-se de um tesouro, a notícia também não esclarece se era composto exclusivamente por peças em AR ou se os AE a que se refere Vasconcelos também faziam parte do achado.

VASCONCELLOS, J. L., *Coisas velhas*, AP, XXII, 1917, p. 146; ALARCÃO, *Roman Portugal*, p. 102, 3/215.

#### *B. Pinhal, Santa Maria, Óbidos*

Numa memória anónima sobre Óbidos pode ler-se: «Defronte do lugar do Pinhal, mesmo na estrada, havia uma espécie de parede, toda de tijolo, semelhante a uma abóboda de forno», dentro da qual achou um indivíduo «uma porção de dinheiro dos Romanos e diferentes objectos de ouro, que parece serem enfeites de mulher». A cronologia deste depósito é incerta.

*Memórias históricas e diferentes apontamentos àcerca das antiguidades de Óbidos*, p. 199.

### *DISTRITO DE SANTARÉM*

#### *C. Alcobertas, Alcobertas, Rio Maior*

Informa Leite de Vasconcellos em 1895, citando o jornal «O Dia» de 26 de Julho do mesmo ano, que «Nas proximidades de Alcobertas, freguesia do concelho de Rio Maior, quando um carro de bois passava na estrada que conduz àquela povoação, desabou uma pedra à beira da mesma estrada, caindo nesse momento uma grande porção de moedas de prata da época romana. Mais tarde voltaram ao mesmo local e ainda encontraram mais dinheiro e diferentes objectos de ouro antiquíssimos, alguns de bastante valor archeologico». Cremos que poderá tratar-se de um tesouro da época republicana, mas não possuímos argumentos convincentes na defesa desta cronologia.

VASCONCELLOS, *Notícias várias*, AP, I, 1895, p. 223; HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 81, n.º 114; ALARCÃO, *Roman Portugal*, pp. 113-114, 5/52.

## 2. ACHADOS OCASIONAIS

*DISTRITO DE LEIRIA**1. Monte Figueiró, Alvorge, Ansião*

Conjunto de 15 moedas recolhidas ao longo de vários anos no decurso de trabalhos agrícolas e adquiridas pelo Pe. J. E. Reis Coutinho. A este lote acrescentámos dois asses de Augustus (nº 16-17) que aquele sacerdote viu nas mãos de um agricultor mas não pode adquirir. Em virtude de os achados se terem realizado numa diminuta parcela de terreno, o autor sugere a possibilidade de os numismas fazerem parte de um depósito, o que nos parece pouco provável, dada a heterogeneidade do conjunto.

1. AE, Gadir, inícios séc. II a.C., CNH 35, 7.83 g, 27-25 mm, 10.
2. AE, Malaka, séc. II a.C., CNH 11, 5.43 g, 22-21 mm, 12.
3. Qd, Corduba, meados séc. II a.C., CNH 1, 6.31 g, 18 mm, 6.
- 4-5. AE, *bolskan*, 2ª met. séc. II a.C., CNH 4, 8.86 g, 6.92 g, 24-23 mm, 23- 22 mm, 3, 1.
6. As, Obulco, último terço séc. II a.C., CNH 44, 11.16 g, 28-27 mm, 3.
7. As, Castulo, 165-80 a.C., García-Bellido, série VIa-Grupo V, 9.20 g, 26- 25 mm, 10.
- 8-9. S, Beuipo, 2ª met. séc. II-meados séc. I a.C., CNH 12B, 5.40 g, 5.94 g, 22 mm, 19 mm, 11, 9 [contramarca S].
10. AE, *bolskan*, 80-72 a.C., CNH 14, 6.21 g, 23-22 mm, 3.
11. AE, *sekaisa*, 1ª met. do séc. I a.C., CNH 40 ou 42-43, 5.90, 21.5 mm, 9.
12. As, Murtili, c. 70-40 a.C., CNH 3, 26.87 g, 35-33 mm, 1.
13. S, Obulco, séc. I a.C., CNH 86, 5.18 g, 19-18 mm, 3.
14. S, Carteia, séc. I a.C., CNH 71, 6.68 g, 21 mm, 2.
15. As, Lepida/Celsa, 44-36 a.C. (?), RPC 264, 13.70 g, 29 mm, 6.
- 16-17. As, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 3/4.

COUTINHO, J. E. R., *Moedas hispano-romanas do Monte Figueiró*, Conimbriga, XXXIV, 1995 (no prelo); RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

*2. Covões, Monte Real, Leiria*

«Em 1807 quando se procedia à abertura de uma nascente de água mineral, perto do sítio dos Covões, encontraram-se vários cipos anepígrafos, uma árula votiva e várias moedas de cobre e de latão». Os autores de *Fouilles de Conimbriga* classificam este achado como tesouro, designação de que discordamos. Das 4 moedas vagamente identificadas interessam-nos as seguintes:

1. AE, Antoninus Pius, Marcus Aurelius ou L. Verus, Roma, 138-180.
2. AE, Faustina I, Faustina II, Sabina ou Crispina, Roma, 128-183 (?).

LEAL, *Portugal*, vol. V, p. 530; TAVARES, F., *Instruções e cautelas praticas sobre a natureza, diferentes espécies, virtudes em geral, e uso legítimo das águas minerais ...*, Lisboa, 1810, pp. 53-54; HELENO, M., *Antiguidades de Monte Real*, AP, XXV, 1921-1922, p. 8; *Fouilles de Conimbriga*, p. 227, n. 13 e 232-233, mapa 6, nº 16 bis; BLÁZQUEZ MARTINEZ, J. M., *Historia Economica de la Hispania Romana*, Madrid, 1978, mapa 138, 16 bis; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 102, 3/192; BOST, C. MPO, COLLS, GUERRERO e MAYET, *L' épave Cabrera III*, pp. 103-104; ABAD VARELA, M., *La moneda como ofrenda en los manantiales*, ETF (hist), 5, 1992, p. 168; FRADE, H., *As termas medicinais da época romana em Portugal*, «Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga» (Coimbra, 1990), Coimbra, 1993, p. 887.

### 3. Arneiro, Maceira, Leiria

Na colecção arqueológica que pertenceu a Virgílio de Sousa encontram-se algumas dezenas de moedas até ao séc. IV, provenientes das «escavações» deste arqueólogo amador na *uilla* romana do Arneiro ou adquiridas e ofertadas pelos proprietários dos terrenos contíguos à estação.

1. As, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 4.
2. D, Tiberius, Lugdunum, 14-37. RIC I2 28.
3. Hs, Hadrianus, Roma. 117-138.
4. D, Caracalla, Roma. 213-217, RIC IV (1) 300.

RUIVO, *Estremadura* (no prelo); CORREIA, M. N. B., *Estudo arqueológico sobre a villa romana do Arnal-Leiria*, Trabalho escolar. Faculdade de Letras, Lisboa, 1963, p. 8, refere, quanto a nós por equívoco, o achamento de dois denários da série *C.L. Caesares* na dita estação. A autora diz ter aparecido também uma moeda de ouro, mas não especifica a informação. No espólio monetário que pertenceu a Virgílio de Sousa não se encontra, contudo, qualquer exemplar romano batido naquele metal.

### 4. Região de Leiria (S. Sebastião?), Leiria ou Batalha

James Murphy, um inglês que viajou por Portugal entre 1789 e 1790, ao descrever a sua visita ao castelo de Leiria, falando do paço escreve em nota de rodapé: «A great part of that palace is thought to have been built of the fragments of an ancient city called Callipo, which History shews to have once flourished near this place. I saw a gold coin that was lately found there among the rubbish, bearing a figure of a bull on the reverse, finely executed». De acordo com esta descrição, trata-se provavelmente de um AV de Augustus ou de Vespasianus.

1. Au, Augustus, Lugdunum, 15-10 a.C ou Vespasianus, Roma, 75.

MURPHY, J., *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790*, Londres, 1795, p. 74.

### 5. Região de Leiria-Batalha, Leiria-Batalha

No Seminário, na Região de Turismo e no Museu de Leiria encontram-se várias moedas provenientes da área de S. Sebastião do Freixo e de estações arqueológicas das imediações sem que seja possível precisar os respectivos locais de proveniência. As moedas 1, 10 e 12 pertencem à colecção do Seminário, as nº 3, 4 e 14 à col. da família de Virgílio de Sousa (Leiria), a nº 5 à Região de Turismo e as restantes ao Museu de Leiria.

1. D, CN. DOMI. Q. CVRTI, M. SILA. Roma. 116-115 a.C., RRC 285/2. s/p, 18 mm, 5.
2. D. L. PHILIPPVS, Roma. 113-112 a.C., RRC 293/1. 2.94 g, 18 mm, 9 [forrado].
3. D, P. SERVILI M. F RVLLI, Roma. 100 a.C., RRC 328/1.
4. D. L. IVLI BVRSIO, Roma, 85 a.C., RRC 352/1a.
5. S. Beuipo, 2º met. séc. II-meados séc. I a.C., CNH 12B [contramarca S].
6. As, Osset, séc. I a.C., CNH 8 (= Vives 111/7), 8.44 g, 26 mm.
7. D, Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I² 207, 3.77 g, 19 mm, 6.
8. D, Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I² 210, 3.88 g, 18 mm, 11.
9. As, Augustus, Emerita, post. 2 a.C., RPC 13, 13.17 g, 25 mm, 5.
10. Dp, Diuus Augustus (sob Tiberius), Emerita, post. 14, RPC 30, s/p, 34 mm, 3.
11. As, Júlios-Claúdios, c. emissor indeterminado, 9.19 g, 28 mm.
12. D, Vespasianus, (Anv.: Cabeça laur. à dta. Leg.: IMP CAES VES[...] AVG PM TRP III PP COS IV. Rev.: Igual a RIC II 41a), 72 ou após, s/p, 19-17.5 mm. [forrado].
13. As, Domitianus, Roma. 81-96, 9.65 g, 26 mm, 6.
14. Hs, Antoninus Pius, Roma, 138-161.
15. Hs, Commodus, Roma, 180-192, 16.85 g, 30 mm, 12.

RUIVO, J. S., *Moedas romanas do Museu de Leiria*, «II Colóquio Sobre a História de Leiria e sua Região» (Leiria, 29 e 30 de Novembro de 1991) (no prelo); RUIVO, J. S., *Catálogo das Moedas Romanas do Museu de Leiria*. (no prelo); RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 6. Andreus, Barreira, Leiria

Em data recente foi encontrado ocasionalmente nesta localidade um AE de Apameia (Frígia) por um aluno da Escola Secundária da Batalha. A peça ostenta um considerável desgaste.

1. AE, Apameia, 133-48 a.C., SNG Cop. 161-169, 6.21 g, 21-20 mm, 12.

### 7. S. Sebastião do Freixo, Golpilheira, Batalha

Logo em 1721, o provedor da comarca de Leiria ao responder ao inquérito da Academia Real de História, refere o achado de «varias moedas de ouro, prata e cobre» (1) neste local, onde se presume que se terá erguido a antiga Collippo. Em 1909, Tavares

Proença comprou aqui, entre vários objectos, uma moeda de Emerita (2). Durante as escavações aqui realizadas por J. M. Bairrão Oleiro e J. Alarcão foram adquiridas para o Gabinete de Etnografia da Comissão Regional do Turismo de Leiria 3 moedas achadas durante as lavras (3).

1. AE, Augustus ou Tiberius, Emerita, 2 a.C. (?) - 37.
2. As, Augustus ou Tiberius. Emerita, 2 a.C. - 37, s/p. 26-24 mm, 10.
3. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42. s/p, 24 mm, 8.
4. Hs, Hadrianus, Roma, 119-138, RIC II 636c-d ou 967b, s/p, 32-31 mm, 6.

(1) Códice 503 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, fl. 53; (2) DIAS, J. L., *Francisco Tavares Proença Júnior-Fundador do Museu de Castelo Branco*, ECB, 40, 1972, p. 142; (3) OLEIRO, J. M. B. e ALARCÃO, J., *Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)*, Conimbriga, VIII, 1969, p. 6; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

#### 8. Região da Batalha, Batalha

Do concelho da Batalha devem provir com quase toda a certeza as moedas de 3 colecções particulares que aqui integramos numa única rubrica. Grande parte delas terá sido mesmo encontrada em S. Sebastião do Freixo e nas imediações, outras provirão das numerosas estações arqueológicas da região da Batalha. Da colecção do Dr. Joaquim Padrão (Batalha) inventariámos os exemplares: 1, 2, 4-6, 10-12, 15, 17, 18, 24, 31, 35, 37-39 e 42. O exemplar nº 28 pertence a um aluno da Escola Secundária da Batalha. Da colecção de José Travassos dos Santos (Leiria) inventariámos o exemplar nº 9 e da colecção do falecido Pe. José Oliveira (Reguengo do Fetal), actualmente no Seminário de Leiria, reenseámos os seguintes: 3, 7, 8, 13, 14, 16, 19-22, 25-27, 29, 30, 32-34, 36, 40 e 41. Desta última colecção, não se inclui a imitação de uma tetradracma de Gortyna por ser de fábrica recente.

1. D, L. SENTI C. F, Roma, 101 a.C., RRC 325/1b.
2. D, República, Autoridade e c. emissor indeterminados, séc. II a.C.
3. S, Castulo, meados séc II a.C., CNH 15. 7.29 g, 23-20 mm, 3.
4. D, M. SCAVR. P. HVPSAEVS AED CVR. Roma, 58 a.C., RRC 422/1b.
5. D, C. VIBIVS C. F. C. N PANSIA, Roma, 48 a.C., RRC 449/2.
6. D, República, Autoridade e c. emissor indeterminados, séc. II - I a.C.
- 7-8. As, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 3, 6.55 g, 9 g, 24 mm, 23 mm.
- 9-11. As, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 4.
12. Qn, Augustus (P. Carisius), Emerita, 25-23 a.C., RIC I<sup>2</sup> 1a.
13. As, Augustus, Colonia Patricia, 15-14 a.C., RPC 129, 7.14 g, 23 mm, 6.
14. As, Augustus, Eborac, post. 12 a.C., RPC 51, 9.77 g, 25 mm, 10.
15. As, Augustus, Caesaraugusta, 8-1 a.C., RPC 314.
16. Dp, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 41, 21.02 g, 33 mm, 11.
17. Dp, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 41.

18. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42.
19. As, Diuus Augustus ou Tiberius, Emerita, 14-37, 8.17 g, 26 mm, 3.
20. As, Tiberius, Turiaso, 14-37, RPC 419, 10.24 g, 26 mm, 12.
21. As, Tiberius, Cascantum, 14-37, RPC 425, 11.95 g, 26 mm, 4.
22. As, Tiberius, Graccurreis, 14-37, RPC 429, 10.37 g, 28 mm, 6.
23. As, M. Agrippa (sob Caius), Roma, 37-41, RIC I<sup>2</sup> 58, 9.52 g, 28 mm, 7.
24. D, Claudius, Roma, 50-51, RIC I<sup>2</sup> 52.
25. Hs, Claudius, Roma (?), 41-50 (?), RIC I<sup>2</sup> 96, 13.29 g, 31 mm, 7 [partida?].
26. Hs, Claudius, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 99, 23.80 g, 35 mm, 6.
- 27-28. As, Claudius, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 100, 8.35 g, s/p, 26-25 mm, 24 mm, 7, 6.
29. As, Júlios-Cláudios, c. emissor indeterminado, 8.54 g, 27-26 mm.
30. D, Galba, Tarraco, 68, var. RIC I<sup>2</sup> 32, 3.08 g, 17-16 mm, 6.
31. As, Galba, Tarraco, c. Setembro-Dezembro 68, RIC I<sup>2</sup> 70 ou 73.
32. As, Imperador e c. emissor indeterminados, século I, 7.56 g, 26-24 mm.
33. Hs, Traianus, Roma, 103-111, RIC II 500, 25.17 g, 32-31 mm, 6.
34. Dp, Traianus, Roma, 98-117, 12.97 g, 28 mm.
35. Hs, Hadrianus, Roma, 128-138, RIC II 754-755, 14.40 g, 29 mm, 7.
36. Hs, Hadrianus, Roma, 117-138.
37. As, Sabina (sob Hadrianus), Roma, 128-137, 5.14 g, 22 mm, 7.
38. Dp, Antoninus Pius, Roma, 158-159, RIC III 1014.
39. Hs, Faustina I divinizada (sob Antoninus Pius), Roma, post. 141.
40. D, Marcus Aurelius divinizado (sob Commodus), Roma, 180, RIC III 269.
41. As, Imperador e c. emissor indetermin., século I-II, 5.77 g, 26 mm.
42. D, Caracalla (sob Septimius Severus), Roma, 198, RIC IV (1) 26a.

RUIVO, J. S., *Notas sobre as moedas hispano-romanas do Museu do Seminário de Leiria*, O Mensageiro, 4/3/1993; idem, *Imitação de uma moeda antiga no Museu do Seminário de Leiria*, O Mensageiro, 18/8/1994; idem, *Variante do denário de Galba RIC<sup>2</sup> 32*, Portugália, n. s., XV, 1994, pp. 159-160; idem, *Estremadura* (no prelo).

#### 9. Curvaceiras, Alqueidão da Serra, Porto de Mós

De acordo com Alfredo de Matos, o padre Afonso - pároco de Alqueidão da Serra na segunda metade do séc. XIX- teria encontrado nas Curvaceiras uma «moeda de ouro do tempo de Nero», que teria oferecido ao Dr. Jordão, médico militar do Regimento de Leiria.

1. Au, Nero, Roma, 54-67.

MATOS, A. A., *Alqueidão da Serra. Apontamentos para a sua história*, Leiria, 1964, p. 26.

#### 10. Pedrógão, Cós, Alcobaça

No local onde se situa uma importante uilla romana têm-se feito vários achados

monetários. Durante o levantamento de um mosaico encontrou-se um AE de Augustus (nº1). Outras duas foram oferecidas ao Museu de Leiria em 1916 por Roberto dos Santos (nº 2-3).

1. AE, Augustus, c. emissor indeterminado, 27 a.C.-14.
2. Dp, Antonia (sob Claudius I), imitação provincial, tipo RIC I<sup>2</sup> 92. post. 41. 9.1 g. 28 mm, 5.
3. As, Claudius I, imitação provincial, tipo RIC I<sup>2</sup> 100, post. 41 d.C.. 8.83 g. 28 mm, 7.

*Valiosas ofertas.* O Mensageiro, 25/10/1916; MOITA, I. N., *O mosaico luso-romano da Póvoa de Cós*, AP, 2ª série, 1, 1951, p. 149 e n. 3; RUIVO, *Moedas romanas do Museu de Leiria* (no prelo); idem, *Catálogo das Moedas Romanas do Museu de Leiria* (no prelo).

### 11. *Carvalhal de Aljubarrota, Aljubarrota, Alcobaça*

Ao publicar materiais arqueológicos do Carvalhal, Vieira Natividade faz uma vaga referência ao aparecimento de moedas. Existe um manuscrito da sua autoria com o decalque e o desenho de vários objectos arqueológicos provenientes do Carvalhal, entre os quais 6 moedas. Quatro são dos sécs. III e IV, as outras duas são hispânicas:

1. As, Augustus, Calagurris, post. 27 a.C., RPC 441, 28-27 mm, 6.
2. As, Tiberius, Turiaso, 14-37, RPC 417, 26 mm, 6.

NATIVIDADE, M. V., *Alcobaça archeologica*, AP, I, 1895, p. 106; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 12. *Aljubarrota, Aljubarrota, Alcobaça*

As Memórias Paroquiais de 1758 referem o aparecimento «em uma sepultura da Igreja Matriz» de «uma moeda de cobre que denotava ser do tempo do Emperador Claudio, porquanto se divisava nella uma figura a quem circulava uma inscrição que dizia CLAUDIUS IMPERATOR».

1. AE, Claudius I, c. emissor indeterminado, 41-54.

LEAL, *Portugal*, I, p. 136; AZEVEDO, P., *Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»*, AP, II (6-7), 1896, p. 183; FERREIRA, E. M., *Aljubarrota. Pequena monografia*, Lisboa, 1931, p. 25-26.

### 13. *Poços do Soão, Aljubarrota, Alcobaça*

Escreve o Pe Luiz Cardoso em 1747: «Em huma terra lavradia defronte do lugar dos Poços do Soão, se tem achado por varias vezes moedas de prata da grandeza, mas de duplicada grossura, das que hoje correm de tres vintens: de huma parte tem a figura do Imperador Romano coroado de louro, de meyo corpo, e da outra tres figuras, duas de dous homens pelejando com espadas, e rodellas, e outra de um homem cahindo por terra com a espada na mão, com esta letra por baixo: QUINTUS TREMUTIUS. Achou-se outra da

grandeza, e maior grossura das que hoje correm de seis vintens, e tinha por divisa dous homens, que representavão ser um filho com seu pay às costas, e por baixo esta Inscripção: SPECIES PIETATIS»(1).

1. D. M. HERENNI, Roma, 108-107 a.C., RRC 308/1.

2. D. Q. THERM M. F, Roma, 103 a.C., RRC 319/1.

CARDOSO, Pe. L.. *Diccionario Geografico*, t. I, 1747, pp. 319-320.

#### 14. *Olival dos Frades (?), Turquel, Alcobaca*

Um exemplar no MNA (Tab. 124/45).

1. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>o</sup> 100, 3.10 g, 24- 22 mm, 6.

#### 15. *Parreitas, Bário, Alcobaca*

Nas proximidades do sítio arqueológico das Parreitas foi recolhido à superfície um AR de Antoninus Pius.

1. D, Antoninus Pius, Roma, RIC III 249, 155-156, 2.75 g, 17-16 mm, 1.

#### 16. *Região de Alcobaca, Alcobaca*

Na Casa-Museu Vieira Natividade, em Alcobaca, está depositado o vasto espólio arqueológico reunido por Manuel Vieira Natividade, entre o qual se encontram numerosos numismas romanos que, não tendo embora na maior parte dos casos indicação exacta de proveniência, são seguramente de origem local.

1. D, M. ATILI SARAN, Roma, 148 a.C., RRC 214/1b, s/p, 18 mm, 6.

2. D, M. CALID. Q. MET. CN. FOVL, Roma, 117-116 a.C., RRC 284/1a, s/p, 18-16.5 mm, 6.

3. D, CN. DOMI, Q. CVRTI, M. SILA, Roma, 116-115 a.C., RRC 285/2, s/p, 18 mm, 9.

4-5. D, CN. BLASIO C. F, Roma, 112-111 a.C., RRC 296/1d e 296/1e, s/p, s/p, 18-17 mm, 18-17 mm, 8, 5.

6-7. D, PAVLVVS LEPIDVS, Roma, 62 a.C., RRC 415/1, s/p, s/p, 18-17 mm, 18-17 mm, 5, 7 [exemplar utilizado como botão em data recente].

8. D, Q. POMPEI RVFI, Roma, 54 a.C., RRC 434/2, s/p, 18-17 mm, 1.

9. As, Cn. Pompeius, Hispania, 46-45 a.C., RRC 471, s/p, 33-31 mm, 10.

10. As, Augustus, Nemausus, 20-10 a.C., RIC I<sup>o</sup> 157, s/p, 20 mm, 10.

11. As, Augustus, Emerita, post. 2 a.C., RPC 13, s/p, 27-26 mm, 12.

12. As, Divus Augustus (sob Tiberius), Emerita, post. 14, RPC 26, 31 ou 33, s/p, 25 mm, 5.

13. As, Divus Augustus (sob Tiberius), Emerita, post. 14, RPC 28, s/p, 27-26 mm, 2.

14. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 40, s/p, 26 mm, 6.

15. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>o</sup> 95, s/p, 27 mm, 7.

16. Hs, Domitianus, Roma, 82, RIC II 240b, s/p, 32-31 mm, 5.

17. D, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 127c, s/p, 18 mm, 8.

18. As, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 664, s/p, 24 mm, 6.  
 19. As/Dp, Hadrianus, Roma, 125-138, s/p, 27-25 mm, 1.  
 20. Hs, Marcus Aurelius, Roma, 168-169, RIC III 962, s/p, 30 mm, 12.  
 RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

#### 17. *Eburobrittium* (?)

No *Catalogue des monnaies antiques et du Moyen Âge recueillies en Espagne, dans les îles Baleares et en Portugal de 1850 a 1854* editado por J. Gaillard por volta de meados do séc. XIX, são referidos 3 AE ibéricos provenientes de Eburobrittium. Não sabemos ao certo a que localidade actual se deverá reportar este achado, embora P. Vidal González indique - ignoramos a partir de que dados - Évora de Alcobaça.

1-3. AE. *ekualakos*, 2ª metade séc. II a.C., CNH 1 (1 ex.), CNH 2 (2 ex.).

VIDAL GONZÁLEZ, P., *Los hallazgos monetales del catálogo de J. Gaillard*, Saguntum, 22, 1989, p. 354, n° 169-171.

#### 18. *Rebolo, Famalicão, Nazaré*.

1. D, Octavianus, Itália (Brundisium e Roma ?), c. 29-27 a.C., RIC I<sup>2</sup> 269a, 3,5 g, 19 mm.

GARCIA, E. B., *Achados arqueológicos de Famalicão da Nazaré. Do Paleolítico ao período árabe*, sep. de «XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 1962, p. 9 e 11; idem, *As torres e os fachos na Lagoa da Pederneira*, AB, 25-27, 1968-1970, pp. 65-78; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 113, 5/31.

#### 19. *Região de Alcobaça-Nazaré, Alcobaça-Nazaré*

No Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré) encontram-se presentemente várias moedas da colecção do falecido Tito Lívio Calisto. Segundo as informações de que dispomos, teriam sido adquiridas nos concelhos de Alcobaça e Nazaré.

1. As, *kelse*, meados séc II a.C., CNH 9, 12,2 g, 28 mm, 3.  
 2-3. As, Castulo, 165-80 a.C., García-Bellido, série VIa, Grupo III, 17,3 g, 12,5 g, 30 mm, 27 mm, 12, 12.  
 4. As, Lepida/Celsa, 44-36 a.C. (?), RPC 264, 13,5 g, 30-29 mm, 9.  
 5. Dp, Divus Augustus, Colonia Romula, 14-15, RPC 73, 19,4 g, 31-30 mm, 1.  
 6. As, Tiberius, Colonia Romula, 14-15, RPC 74, 9,3 g, 27 mm, 11.  
 7. As, Tiberius, Clunia, 14-37, RPC 456, 8,5 g, 27 mm, 3.  
 8. As, Tiberius, Cascantum, 14-37, RPC 425, 10,2 g, 27 mm, 6.  
 9. Hs, Domitianus, Roma, 81, RIC II 283, 19,8 g, 30 mm, 6.  
 10. As, Domitianus, Roma, 90-91, RIC II 394, 8,6 g, 27-26 mm, 6.  
 11. As, Traianus, Roma, 98-99, RIC II 393, 9,3 g, 27-26 mm, 6.  
 12. As, Traianus, Roma, 98-102, RIC II 395, 417 ou 434, 8,4 g, 26-25 mm, 6.  
 RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 20. *Região de Óbidos, Óbidos*

Seis moedas inventariadas no MNA com esta indicação de origem (Tab. 124/80, 125/1-4 e 139/8). É duvidoso o seu achamento em Óbidos ou, pelo menos, que o local de proveniência seja comum a todas elas. Devem ser oriundas de estações arqueológicas da região.

1. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>o</sup> 95, 6.95 g, 27-26 mm, 6.
2. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>o</sup> 100, 9.77 g, 27-24 mm, 7.
3. Hs, Hadrianus, Roma, 128-138, RIC II 970c, 22.80 g, 33-32 mm, 6.
4. As, Hadrianus, Roma, 117-138, 7.57 g, 25 mm.
5. Hs, Marcus Aurelius, Roma, Dez. 175-Dez. 176, RIC III 1164, 22.53 g, 28-26 mm, 7.
6. As/Dp, Imperador e centro emissor indeterminados, Séc. I-II, 8.90 g, 27-25 mm.

### 21. *Outeiro da Assenta, Santa Maria, Óbidos*

Um bronze republicano com esta indicação de proveniência no MNA (Tab. 334/54). Segundo Saavedra Machado, no Museu Etnológico (mostrador 47), estariam expostas algumas moedas deste local. É de admitir que esta fosse uma delas.

1. As, Anónimo (Asno), Roma, 169-152 a.C., RRC 195/1, 22.66 g, 32-30 mm, 10.

MACHADO, J. L.S., *Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, AP, n. s., V, 1964, p. 295.

### 22. *S. Mamede, Roliça, Bombarral*

Um denário aparecido junto de S. Mamede, descrito por Leite de Vasconcellos.

1. D. Marcus Aurelius (emissão de consagração sob Commodus), Roma, 180, RIC III 264-274.

VASCONCELLOS, J. L., *Coisas velhas*, AP, XXIV, 1920, p. 235; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 115, 5/72.

### 23. *Freguesia de Atouguia da Baleia, Atouguia da Baleia, Peniche*

Em 1905, foi «encontrada por um rapaz, n' um casal da freguesia da Athouguia [...] uma moeda de ouro antiga, com o peso de 7 grammas e duas decigrammas [...] apresentando de um lado uma effigie com a legenda A. VITELLIVS GERMAN. IMP. TR. E., e na face opposta outra effigie com um punhal cravado no peito e a legenda L. VITELLIVS COS III CENSVM». Esta descrição corresponde a RIC I<sup>o</sup> 76.

1. Au, Vitellius, Roma, fins Abril-20 Dezembro 69, RIC I<sup>o</sup> 76, c. 7.20 g.

*O Comércio do Minho*, 10-6-1905; ALARCÃO, *Roman Portugal*, p. 115, 5/70.

*DISTRITO DE SANTARÉM**24. Castelo de Ourém, Ourém, Ourém*

Em 1894 J. Flores faz referência a sepulturas onde se encontraram «algumas moedas de ouro e de prata e muitas de cobre» de várias épocas. Segundo a mesma fonte, 2 moedas de ouro teriam sido oferecidas a Sebastião do Couto, administrador da casa de Bragança, que as classificou «em 1872 atribuindo-as às famílias Celia e Narbona». A indicação de que os numismas seriam em AV é incorrecta, uma vez que a descrição apresentada pelo autor é a dos denarii RRC 318/1b e 357/1b .

1. C. COIL CALD, Roma, 104 a.C., RRC 318/1b.

2. C. NORBANVS, Roma, 83 a.C., RRC 357/1b.

FLORES, J., *Album da Villa d' Ourem*, Lisboa, 1894, cit. por AZEVEDO, P., *Extractos archeologicos das Memorias parochiaes de 1758*, AP, VI, 1901, pp. 70-71 (em nota de rodapé); BERNARDES, J. P., *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Vila nova de Ourém*, Trabalho escolar, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1985, pp. 76-77; FLORES, J., *Villa de Ourém*, in *Ourém. Três contributos para a sua História* (introdução e notas de J. P. Bernardes), Ourém, 1988, p. 260-261.

*25. Região de Ourém, Ourém*

Atribuídas ao castelo, mas achadas provavelmente nas imediações de Ourém, existem algumas moedas na posse de um coleccionador particular, o Sr. Raúl Espírito Santo. Foram classificadas por C. Batata e F. Gaspar, embora o exame sumário a que tivemos oportunidade de sujeitar as peças nos leve a propor classificações divergentes para os exemplares 2 a 5.

1. D, Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I<sup>2</sup> 207, 3.51 g, 18-17 mm, 1.

2. As, Tiberius, Emerita (?), 14-37, 23 mm, 7.41 g, 5.

3. As, Tiberius, Turiaso, 14-37, RPC 418, 8.34 g, 27 mm, 6.

4. As, Claudius I, imitação provincial, tipo RIC I<sup>2</sup> 95, 8.29 g, 27-25 mm, 6.

5. As, Claudius I, imitação provincial, tipo RIC I<sup>2</sup> 97, 8.05 g, 25 mm, 2.

BATATA, C. A. M. e GASPAR, M. F. S., *Moedas romanas da civitas de Sellium*, Trabalho escolar, Instituto de Arqueologia, Coimbra, 1991, pp. 32-34 e 37; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

*26. Espite, Espite, Ourém*

Segundo J.P. da Silva, acharam-se em Espite «inúmeras moedas de bronze e prata do Imperador Augusto».

1. AR, Augustus, centro emissor indeterminado, 27 a.C.-14.

2. AE, Augustus, centro emissor indeterminado, 27 a.C.-14.

SILVA, J. P., *Um Sacerdote Exemplar... O Senhor Prior de Espite*, Vila Nova de Ourém, 1947, p. 80.

27. *Decumbada, Águas Belas, Ferreira do Zêzere*

Nesta localidade foi encontrado «um grande bronze de Domiciano», oferecido ao Museu Etnológico por José Maria Pereira.

1. Hs, Domitianus, Roma, 81-96.

VASCONCELLOS, J. L.. *Acquisições do Museu Ethnologico Português*, AP, III, 1897, p. 108; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2. p. 104, 2/238; idem. *O território de Sellium*, p. 16.

28. *Dornes, Dornes, Ferreira do Zêzere*

Leite de Vasconcellos refere o aparecimento de uma moeda que presumiu ser uma imitação em chumbo de um denário de D. Silanus. A moeda encontra-se no MNA (Tab. 125/27). Em nossa opinião, nada parece confirmar a suposição de Vasconcellos.

1. D, D. SILANVS L.F, Roma, 91 a.C., RRC 337/3, 3.18 g, 18.5-16 mm. 6.

VASCONCELLOS, J. L., *Aquisições do Museu Ethnologico Português*, AP, III, 1897, p. 123, nº 93; *Moeda de chumbo da republica romana*, AP, V, 1900, pp. 12-13 (dá em ambos artigos a indicação que é de chumbo); ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2. p. 102. 3/217.

29. *Concelho de Ferreira do Zêzere, Ferreira do Zêzere*

De parte incerta do concelho de Ferreira do Zêzere deu entrada no Museu Etnológico «um grande bronze de Hadriano».

1. Hs, Hadrianus, Roma, 117-138.

VASCONCELLOS, *Acquisições do Museu Ethnologico Português*, AP, III, 1897, p. 108.

30. *Tomar, Tomar, Tomar*

Achados ocasionais efectuados em diferentes épocas em diversos pontos da cidade que assenta sobre a vetusta Sellium revelaram várias moedas romanas.

1. D, T. CLOVLI, Roma, 128 a.C., RRC 260/1 (1).

2. As/Dp, Augustus, Nemausus, 20 a.C.-14 (2).

3. D, Tiberius, centro emissor indeterminado, 14-37 (3).

4. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42 (4).

5. As, Tiberius, Cascantum, 14-37, RPC 425 ou 427 (5).

6. AE (?), Marcus Aurelius, Roma. 161-180 (6).

(1) VASCONCELLOS, *Coisas Velhas*, AP, XXII, 1917, p. 143; (2) VASCONCELLOS, *Coisas Velhas*, AP, XXII, 1917, p. 143; CASTRO, M. J. M., *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Tomar*. Dissertação de licenciatura em História. Faculdade de Letras, Lisboa, 1973, p. 121; (3) VASCONCELLOS, *Coisas Velhas*, AP, XXII, 1917, p. 143; (4) VASCONCELLOS, *Antiguidades romanas de Tomar*, AP, I, 1895, p. 15; *Coisas Velhas*, AP, XXII, 1917, p. 143; BLÁZQUEZ CERRATO, M. C., *La*

*dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, Cuadernos Emeritenses-5, Mérida, 1992, p. 233; *Fouilles de Conimbriga*, p. 209, nº 31; RUIVO, *Estremadura* (no prelo); (5) VASCONCELLOS, *Antiguidades romanas de Tomar*, AP, I, 1895, p.14. BATATA e GASPAR, *Moedas romanas de civitas de Sellium*, p. 32; *Fouilles de Conimbriga*, p. 209, nº 31; RUIVO, *Estremadura* (no prelo); (6) VIEIRA GUIMARÃES. *Tomar- Santa Iria*, Lisboa. 1927, pp. 36-37.

### 31. Santos Mártires, Paialvo, Tomar

Encontra-se no Museu do Grupo Recreativo Soudoense (Soudos, Paço, Torres Novas) um asse de Augustus, proveniente de Santos Mártires. Já Mêndia de Castro se referira ao numisma.

1. As, Augustus, Calagurris, post. 27 a.C., RPC 441, 13.43 g, 29 mm, 2.

CASTRO, *Subsídios*, p. 206. ALARCÃO, *Roman Portugal*, II. 2. p. 113, 5/43B; BATATA e GASPAR, *Moedas romanas da civitas de Sellium*, p. 29; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 32. S. Cristóvão, Paialvo, Tomar

De acordo com as Memórias Paroquiais de 1758, «A cidade de Concordia tinha seu acento hu tiro de espingarda do lugar da do Longo». referindo o autor da memória o achado de «muntas moedas do tempo dos Romanos com a inscripção do nome da cidade de Concordia (...). Hua com a seguinte inscripção NERUS CLAUDIUS AUGUSTUS. E do reverço CONCORDIARUCI. Outra do Emperador Vespasiano com a seguinte inscripção VESPASIANUS AUGUSTUS. E do reverso hua feigura de mulher com a letra seguinte: IUDEA CAPTA».

1. Au/D. Nero. Roma, 64-65, RIC I<sup>2</sup> 48-49.

2. ?, Vespasianus, Roma (?), 71-79.

AZEVEDO, P., *Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1755»*, AP, VIII, 1903, p. 221; GONÇALVES (A.), *Mosaico Torrejano*, Torres Novas, 21985, p. 102.

### 33. S. Pedro de Caldelas, Madalena, Tomar

Temos notícia do achado ocasional de 2 numismas alto-imperiais neste local. Primeiro, no séc. XVII, Jorge Cardoso descreve um grande bronze de Antoninus Pius. Mais recentemente, Mêndia de Castro dá-nos conta do aparecimento de um AR de Tiberius.

1. D, Tiberius. Lugdunum, 14-37, RIC I<sup>2</sup> 26, 28 ou 30.

2. Hs, Antoninus Pius, Roma, 140-144, RIC III 642-643.

CARDOSO, J., *Agiolologio lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*, t. III, Lisboa, 1666, p. 760; CASTRO, *Subsídios*, p. 197; BATATA e GASPAR, *Moedas romanas da civitas de Sellium*, pp. 34 e 49.

### 34. *Região de Tomar, Tomar*

Da colecção de Eduardo Puga de Brito, publicada por I. Pereira, M. Pessoa e S. da Ponte, fazem parte 23 numismas até Hadrianus. Embora os autores sugiram a possibilidade de boa parte das peças provirem de um tesouro, nada adiantam quanto ao local nem às condições do achado (1). Não é impossível esta hipótese, mas também poderá tratar-se de uma colecção reunida com base num critério selectivo, constituída por peças de diferentes procedências. Nesta colecção encontra-se ainda uma imitação de um denário de L. MINVCIV (RRC 248/1) que, por ser de execução recente, não incluímos no nosso inventário. A este lote acrescentámos uma moeda de Colonia Patricia (nº 3) adquirida por C. Batata e F. Gaspar (2).

1. D, C. CASSI. Roma, 126 a.C., RRC 266/1, 2.64 g, 16 mm, 8.
2. D, M. FAN. C. F. Roma, 123 a.C., RRC 275/1, 3.75 g, 17 mm, 6.
3. As, Augustus, Colonia Patricia, 15-14 a.C., RPC 129. 10. 6 g, 26 mm.
- 4-6. D, Tiberius, Lugdunum, 14-37, RIC I<sup>2</sup> 30, 3.61 g, 3.54 g, 3.69 g, 19-17 mm, 18 mm, 18.5 mm, 6, 6, 3.
7. Hs, Agripina (sob Caius), Roma, 37-41, RIC I<sup>2</sup> 55, 24.62 g, 34 mm, 6.
8. Hs, Nero, Roma, c. 67, RIC I<sup>2</sup> 356, 26.13 g, 36 mm, 6.
9. Hs, Domitianus, Roma, 85, RIC II 279 a/b, 21.95 g, 33 mm, 6.
10. Hs, Domitianus, Roma, 85-86, RIC II 277 a/b ou 311, 19.51 g, 31 mm, 6.
- 11-12. Hs, Nerva, Roma, 96-97, RIC II 64, 76, 86 ou 100, 26.99 g, 22.56 g, 34 mm, 33 mm, 6, 6.
13. Hs, Traianus, Roma, 98-99, RIC II 390, 25.08 g, 33 mm, 6.
14. Hs, Traianus, Roma, 98-99, RIC II 391, 21.55 g, 32 mm, 6.
15. Hs, Traianus, Roma, 112-117, RIC II inédita, 24.25 g, 32 mm, 6.
16. Hs, Hadrianus, Roma, 118, RIC II 551a, 23.97 g, 33 mm, 6.
17. Hs, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 561a, 21.70 g, 33 mm, 6.
- 18-19. Hs, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 563b, 22.84 g, 23.10 g, 32 mm, 34 mm, 7, 6.
20. Hs, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 583b, 23.74 g, 32 mm, 6.
21. Hs, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 586b, 29.81 g, 34 mm, 6.
22. Hs, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 637d, 27.51 g, 32 mm, 6.
23. Hs, Sabina (sob Hadrianus), Roma, 128-138, RIC II 1019, 28.79 g, 31 mm, 6.
24. Hs, Sabina (sob Hadrianus), Roma, 128-138, RIC II 1035a, 23.83 g, 33.5 mm, 6.

(1) PEREIRA, I., PESSOA, M. e PONTE, S., *Uma colecção de 27 moedas de Tomar*, BCCMT, 10, 1988, pp. 29-38; (2) BATATA e GASPARGAS, *Moedas romanas da civitas de Sellium*, p. 31; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 35. *Região de Alcanena, Alcanena*

Encontra-se no MNA (Tab. 189/12) um asse de Augustus com esta indicação de proveniência, sem que seja possível determinar ao certo o local onde foi efectuado o achado.

1. As, Augustus, Colonia Patricia, 15-14 a.C., RPC 129, 8.65 g, 24 mm, 10.

IMPERIAL, F.N.L.F. e SALGUEIRO, P.P.H.N.A., *As moedas de Villa de Cardílio e a sua inserção nos achados numismáticos do território de Scallabis*, Trabalho escolar, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1991, p. 45, nº 12; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 36. Soudos, Paço, Torres Novas

C. Batata e F. Gaspar apresentam uma moeda de Gadir encontrada, ao que parece, durante a abertura de uma vala junto à localidade dos Soudos. Actualmente encontra-se na posse de Augusto Miliciano residente naquela povoação.

1. AE, Gadir, 2ª met. séc. II a.C., CNH 49, 7.61 g, 24.7 mm, 6.

BATATA e GASPAR, *Moedas romanas da civitas de Sellium*, p. 29 (a descrição da moeda apresentada pelos autores não corresponde ao nº do catálogo de O. Gil Farrés por eles citado); RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 37. Mata, Chancelaria, Torres Novas

Em Abril de 1921 foi achado na propriedade denominada «a Capela» um AE de Claudius I. Em Junho do ano seguinte encontrou-se no mesmo lugar um D de Augustus.

1. D, Augustus, Lugdunum, 8 a.C. (?), RIC I<sup>2</sup> 199.

2. AE, Claudius I, centro emissor indeterminado, 41-54.

GONÇALVES, A., *Mosaico Torrejano. LXIV-A cidade de Malhada*, O Almonda, 154, 1/7/1922, pp. 1-2; idem, *Um achado valioso*, O Almonda, 92, 24/4/1921; idem, *Mosaico Torrejano*, Torres Novas, 1985 (2ª ed.), pp. 110-111.

### 38. Região de Torres Novas, Torres Novas

Um exemplar no MNA (Tab 334/42)

1. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 100, 11.62 g, 29-28 mm, 6.

IMPERIAL e SALGUEIRO, *As moedas de Villa de Cardílio*, p. 66, nº 42.

### 39. Villa Cardílio, Santa Maria, Torres Novas

Escreve em 1959 Maria Augusta Serra: «entre as ruínas de Santo Antoninho da Caveira foram encontradas muitas dezenas de moedas romanas, a maior parte das quais desapareceu, existindo ainda 36 no Museu Municipal de Torres Novas». Da sua descrição recolhemos 12 exemplares para o nosso catálogo, 9 dos quais haviam também sido sumariamente referidos por D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira. Desconhece-se o paradeiro actual dos numismas.

1. D, L. SEMPR PITIO, Roma, 148 a.C., RRC 216/1.

2. D, L. TITVRI L. F. SABINVS, Roma, 89 a.C., RRC 344/2a.

3. As, Claudius I, centro emissor indeterminado, 41-54.

4. Hs, Vespasianus. Roma, 69-79.

5. Hs, Hadrianus, Roma, 128-138, RIC II 970.
6. Hs, Sabina (sob Hadrianus), Roma, 128-138, RIC II 1035 a.
7. Hs, Antoninus Pius, Roma, 153-154, RIC III 917.
8. Hs, Antoninus Pius (divinizado sob Marcus Aurelius), Roma, post. 161, RIC III 1272.
9. Hs, Lucilla (sob Marcus Aurelius), Roma, c. 164-169, RIC III 1747.
10. Hs, Lucilla (sob Marcus Aurelius), Roma, c. 164-169, RIC III 1779.
11. Hs, Marcus Aurelius (divinizado sob Commodus), Roma, 180, RIC III 662.
12. Hs, Commodus, Roma, 180-181, RIC III 307 a.

SERRA, M. A. E. C., *Monografia arqueológica do concelho de Torres Novas*, Dissertação de licenciatura, Lisboa, Faculdade de Letras, 1959, Parte III, Cap. II; ALMEIDA, F. e FERREIRA, O. V., *Antigüedades de Torres Novas*, AEspA, 31, 1958, p. 217; PAÇO, A. e GUEDES, J.L.F., *Moedas da campanha de 1963* [Relatório dactilografado das moedas encontradas em Villa Cardílio durante a campanha de escavações de 1963]; COSTA, F. C. R., *Memória breve sobre Vila Cardílio*, NAug, II s., 2, 1982, p. 53; IMPERIAL e SALGUEIRO, *As moedas de Villa de Cardílio*, pp. 19-23, n° 38-49.

#### 40. Lameirancha, Parceiros da Igreja, Torres Novas

Por informação de Leite de Vasconcellos temos conhecimento do aparecimento nesta estação arqueológica de um denário de Claudius enviado para o Museu Etnológico. Presentemente não é possível a identificação do numisma.

1. D. Claudius I, Roma, 41-54.

VASCONCELLOS, *Religiões*, III, p. 306; SAA, *Grandes Vias da Lusitânia*, 2, 1959, p. 97; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 114, 5/57; idem, *O território de Sellium*, p. 17.

#### 41. Chões de Alpompe, S. Vicente do Paúl, Santarém

Um estudo realizado em 1958 pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra faz menção ao achado de um denário republicano nas imediações dos Chões (1). Posteriormente, A. Dias Diogo e A. J. Faria viriam a publicar dois bronzes da mesma época procedentes de colheitas superficiais efectuadas no local (2).

1. Triens, Roma, 206-91 a.C., 9,9 g, 22 mm, 8.
2. As, TVRD, Roma, 169-158 a.C., RRC 193/1, s/p, 29 mm, 5.
3. D. C. CATO, Roma, 123 a.C., RRC 274/1.

(1) *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanhol*, Coimbra, 1958, p. 16; (2) DIOGO, A. D. e FARIA, A. J., *Moedas romanas provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém)*, *Arqueologia*, 11, 1985, pp. 120-122.

#### 42. Região de Santarém, Santarém

No catálogo de vendas de J. Gaillard encontrava-se um divisor de bronze de *kese* (n° 509), achado em Santarém ou nas suas imediações.

1. AE, *kese*, 1ª metade séc. II a.C., CNH 46.

VIDAL GONZÁLEZ. *Los hallazgos monetales del catálogo de J. Gaillard*. Saguntum, 22, 1989, p. 355, n° 175.

#### 43. Cidral, Rio Maior: Rio Maior

1. As, Augustus. NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 3/4.

DIEGUES, A. J. V., *Alguns materiais metálicos do concelho de Rio Maior: I campanha de prospecção arqueológica/CARM 1986*, in «Colóquio sobre História Regional e Local do Distrito de Santarém», 11-14 Nov. de 1987 (resumo de comunicação).

### DISTRITO DE LISBOA

#### 44. Vermelha, Vermelha, Cadaval

Um denário no Museu Municipal de Torres Vedras.

1. D, M. FOVRI L. F. PHILI, Roma, 119 a.C., RRC 281/1, 3.85 g, 21-19 mm, 4.

#### 45. Castro de Pragança, Lamas, Cadaval

Deste povoado inventariámos 10 numismas que se encontram no MNA (Tab. 185/73-80 e 186/1-2). Das peças n° 1 e 2 já Leite de Vasconcellos dera notícia (1). As restantes encontravam-se inéditas. É bem possível que a referência de Saavedra Machado (2) a uma moeda hispânica recolhida nos campos contíguos a Pragança e exposta no então Museu Etnológico (Mostrador 49) diga respeito ao nosso exemplar n° 3 ou ao n° 4.

1. D, SAFRA, Roma, 150 a.C., RRC 206/1, 4.15 g, 19-18 mm, 2.

2. D, SEX. POM, Roma, 137 a.C., RRC 235/1c, 2.42 g, 19-18 mm, 7 [forrado?].

3. Dp, Diuus Augustus (sob Tiberius), Emerita, post. 14, RPC 23, 16.80 g, 31 mm, 2.

4. As, Augustus, Italica, post. 27 a.C., RPC 60, 8.77 g, 27-26 mm, 4.

5. AE, Hispania, c. emissor e cronol. indeterminado, 8.39 g, 23 mm.

6. As, Domitianus (?), Roma, 81-96, 7.06 g, 28-26 mm.

7. As, Imperador e c. emissor indeterminado, séc. I, 5.07 g, 28-24 mm.

8. As, Imperador e c. emissor indeterminado, séc. I, 7.60 g, 26 mm.

9. As, Imperador e c. emissor indeterminado, séc. I-II, 3.34 g, 24 mm.

10. As, Imperador e c. emissor indeterminado, séc. I-II, 4.72 g, 24 mm.

(1) VASCONCELLOS, J.L., *Religiões da Lusitânia*, t. III, Lisboa, 1913, p. 174, n. 4; (2) MACHADO, *Subsídios*, p. 295; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

#### 46. Arredores de Pragança, Lamas, Cadaval

Em carta dirigida a Martins Sarmiento, refere Leite de Vasconcellos o aparecimento de uma moeda hispânica achada nas imediações de Pragança.

1. As, Tiberius, Turiaso, 14-37, RPC 418.

*Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento (Arqueologia e Etnografia 1879-1899)*. Guimarães, 1958, citadas por COSTA, P. F. e GALANTE, H. S., *Cadaval. Contributos para o estudo da memória de um concelho*, Lisboa, 1995, p. 58.

47. *Orjães, concelho de Cadaval*

Um exemplar no MNA (Tab 125/15)

1. Hs, Marcus Aurelius, Roma. Dez. 175-Dez. 176, RIC III 1161, 18.21 g, 30 mm, 6.

48. *Salamoa, Salamoa, Cadaval*

Uma moeda no MNA (Tab. 125/16)

1. As, Antoninus Pius, Roma, 139, RIC III 566a ou 568 (a), 15.16 g, 25-24 mm, 6.

49. *Casal de Santo António, Maxial, Torres Vedras*

Aurélio Belo descreve um denário recolhido nas imediações do Casal de Santo António.

1. D. P. SVLA, Roma, 151 a.C., RRC 205/1. 2.91 g, 17.5 mm, 6.

BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XXXII-A) Numismática, B) História e genealogia*, Badaladas, 1/10/1953, p. 2.

50. *Maxial, Maxial, Torres Vedras*

Um asse de Emerita em nome de Augustus publicado por Aurélio Belo.

1. As, Augustus, Emerita, post. 2 a.C., RPC 13, 5.19 g, 16-15 mm, 3.

BELO, *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo (XXXII)*, p. 2; RUIVO, Estremadura (no prelo).

51. *S. Martinho, Maxial, Torres Vedras*

Aurélio Belo publica um asse de Caius encontrado em S. Martinho, a nascente de Aldeia Grande.

1. As, Caius, Roma, 37-38, RIC I<sup>2</sup> 35.

BELO, *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo (XXXII)*, p. 2.

52. *Aldeia Grande, Maxial, Torres Vedras*

Existe no Museu Municipal de Torres Vedras a indicação da oferta de um D de Nerva por um indivíduo de nome João Clemente. A moeda não se encontra actualmente no museu.

1. D, Nerva, Roma, 96-98.

53. *Figueiredo, S. Pedro e Santiago, Torres Vedras*

Dois AR com esta procedência. O denário de A. Manli. Q.f. Scr é mencionado nas antigas fichas que acompanhavam as peças expostas nas vitrinas do Museu Municipal de

Torres Vedras, mas de momento desconhece-se o seu paradeiro. O segundo denário foi publicado por Aurélio Belo e encontra-se no mesmo museu.

1. D, A. MANLI. Q. F. SER. Roma. 118-107 a.C., RRC 309/1.

2. D, SVFENAS, Roma. 59 a.C., RRC 421/1, 3.36 g, 19-18.5 mm, 8.

BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XXXV-Numismática*. Badaladas, 1/1/1954, p. 2

54. *Louriceira, S. Pedro e Santiago, Torres Vedras*

Um sestércio em nome de Marcus Aurelius publicado por Aurélio Belo.

1. Hs, Marcus Aurelius (emissão de consagração sob Commodus). Roma, 180, RIC III 662.

BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XXXIII-Numismática*, Badaladas, 1/11/1953, p. 2.

55. *Casal da Broeira, S. Pedro e Santiago, Torres Vedras*

1. D, Augustus, c. emissor indeterminado, 27 a.C.-14 d.C.

TORRES, M. A. M., *Descrição Histórica e Económica da Villa e Termo de Torres-Vedras (1819)*, 2ª ed. (acrescentada com algumas notas dos Editores), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1861, p. 22; LEAL, *Portugal*, t. IX, Lisboa, 1880, p. 662.

56. *Casal Charrinho, Santa Maria, Torres Vedras*

No Museu Municipal de Torres Vedras com esta indicação de proveniência:

1. D. Traianus. Roma, 114-117. 2.81 g, 18-17 mm, 7.

57. *Zambujal (?), Santa Maria, Torres Vedras*

No Museu Municipal de Torres Vedras com esta indicação de proveniência:

1. Dp, Antonia (sob Claudius I), Roma (?), 41-50 d.C. (?), RIC I<sup>2</sup> 92. 9.79 g, 27-25.5 mm, 6.

58. *Torres Vedras, Torres Vedras*

Várias tem sido as moedas encontradas em Torres Vedras. Das identificadas, uma é proveniente do Mercado Novo (nº 3) e outra do Castelo (nº 2). Quanto às restantes, possuímos apenas a indicação de que foram achadas na cidade.

1. D, C. SERVEILI, Roma, 136 a.C., RRC 239/1, 3.76 g, 19-18 mm, 9.

2. S, Castulo, CNH 15, meados séc. II a.C., 7.31 g, 22.5-21 mm, 8.

3. D, Q. ANTO BALB PR, Roma, 83-82 a.C., RRC 364/1, 3.61 g, 19-18 mm, 5 [serrado].

4. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 43. 8.70 g, 26 mm, 1.

BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XIV-Época romana*, Badaladas, 15/8/1952, p. 2 (moedas 1 e 3); RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

59. *Matacães, Matacães, Torres Vedras*

Aurélio Belo descreve um asse de Claudius I, recolhido perto de Matacães, um pouco a sul do Monte do Calvário.

1. As, Claudius I, imitação provincial, post.41, tipo RIC F<sup>o</sup> 95, 11.73 g, 26-24.5 mm, 6.

BELO, *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo (XXXIII)*, p. 2.

60. *Quinta da Ribeira de Maria Afonso, Matacães, Torres Vedras*

Os editores da 2<sup>a</sup> ed. da *Descrição Histórica e Económica da Villa e Termo de Torres-Vedras*, referem uma moeda «do Imperador Galba, de prata [...], achada em 1856 numa vinha da quinta [...] da Ribeira de Maria Affonso», junto ao lugar da Ordasqueira.

1. D. Galba, c. emissor indeterminado, 68-69.

TORRES, *Descrição Histórica e Económica da Villa e Termo de Torres-Vedras* p. 22; LEAL, *Portugal*, t. IX, p. 662.

61. *Serra de S. Julião, Carvoeira, Torres Vedras*

Desde o século passado que a bibliografia se refere ao achado de moedas romanas de várias épocas na Serra de S. Julião, das quais seleccionámos as seguintes:

1. D. M. VARG, Roma, 130 a.C., RRC 257/1, 3.30 g, 20-19 mm, 2.

2. D. C. LICINIVS L. F. MACER, Roma, 84 a.C., RRC 354/1, 3.40 g, 21-19.5 mm, 8.

3. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC F<sup>o</sup> 95, 7 g, 26-25 mm, 8.

4. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC F<sup>o</sup> 100, 9.14 g, 26 mm, 6.

5. Au, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 64.

BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. VII-Numismática*, Badaladas, 1/5/1952, p. 2 (moedas 1, 2, 4 e 5); TORRES, *Descrição Histórica da Villa e Termo de Torres-Vedras*, pp. 21-22, traz referência à moeda n<sup>o</sup> 5 mas identifica-a como sendo de Trajano. No mesmo lapso incorre LEAL, *Portugal*, t. IX, p. 662

62. *Casal da Almagreira, Runa, Torres Vedras*

Um sestércio de Faustina I publicado por Aurélio Belo.

1. Hs, Faustina I (divinizada sob Antoninus Pius), Roma, post. 141, RIC III 1127, 20.30 g, 28-26 mm, 6.

BELO, *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo (XXXIII)*, p. 2.

63. *Penedo, Runa, Torres Vedras*

Neste povoado cuja ocupação remonta pelo menos ao Calcolítico, têm-se recolhido várias dezenas de numismas de diferentes períodos cronológicos, muitos dos quais foram publicados por Aurélio Belo (moedas 1, 2, 5, 7, 8, 10 e 12). Os restantes exemplares estão depositados no Museu Municipal de Torres Vedras.

1. As, Augustus, Calagurris, post. 27 a.C., RPC 440. 9.61 g, 27-26 mm. 6.
2. As, Tiberius, Clunia. 14-37, RPC 456, 10.96 g, 29 mm, 9.
3. As, Tiberius, Turiaso, 14-37, RPC 418, 9.69 g, 28 mm. 5.
4. AE, Hispânia, c. emissor e cronol. indetermin., 9.61 g, 26-25 mm.
5. As, Nero, Roma, c. 66, RIC I<sup>o</sup> 347, 9.37 g, 28-27 mm, 6.
6. As, Flávios (?), 69-96, 7.28 g, 27-25 mm.
7. Hs, Hadrianus, Roma, 119-128. RIC II 589a-b.
8. Hs, Faustina II (divinizada sob Marcus Aurelius), Roma, 167 ou depois, RIC III 1702, 21.37 g, 30-27 mm. 7.
9. Dp, Marcus Aurelius, Roma, 171-172, RIC III 1031, 7.16 g, 24-21 mm, 6.
10. Hs, Marcus Aurelius, Roma, 177-178. RIC III 1230, 24.89 g, 32-29 mm, 6.
11. As, Imperador e c. emissor indetermin., Séc. I-II, 6.05 g, 25-24.5 mm.
12. Hs, Caracalla, Roma, 215, RIC IV (1) 538a, 29.02 g, 30-29 mm, 1.

BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XXXVIII-Numismática*, Badaladas, 1/6/1955, p. 2 (moedas 5, 7, 8, 10 e 12); BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. XLI-Numismática*, Badaladas, 15/7/1955, p. 2 (moedas 1 e 2); RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

#### 64. Arredores de Runa, Runa, Torres Vedras

Nos arredores de Runa foram encontradas 2 moedas publicadas em 1954 por Aurélio Belo.

1. Hs, Antoninus Pius, Roma, 147-148, RIC III 840.
2. D, Marcus Aurelius, Roma, 175-176, RIC III 356.

BELO, *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo (XXXV)*, p. 2.

#### 65. Região de Torres Vedras, Torres Vedras

Sem indicação exacta de proveniência, mas quase seguramente da área do concelho, encontram-se no Museu Municipal Torres Vedras os seguintes exemplares:

1. D, C. IVNI C. F, Roma, 149 a.C., RRC 210/1, 3. 85 g, 18.5-18 mm, 2.
2. D, Q. MARC LIBO, Roma, 148 a.C., RRC 215/1, 3.72 g, 20 mm, 6.
3. D, L. ANTES GRAGV, Roma, 136 a.C., RRC 238/1, 3.89 g, 19 mm, 9.
4. D, TI. MINVCI C. F AVGVRIINI, Roma, 134 a.C., RRC 243/1, 3.80 g, 20-18.5 mm, 8.
5. D, M. VARG, Roma, 130 a.C., RRC 257/1, 3.80 g, 19 mm, 6.
6. D, Q. FABI LABEO, Roma, 124 a.C., RRC 273/1, 3.93 g, 19-18 mm, 3.
- 7-8. D, C. CATO, Roma, 123 a.C., RRC 274/1, 3.88 g, 3.43 g, 18 mm, 17mm, 9.
9. D, M. CALID, Q. MET, CN. FOVL, Roma, 117-116 a.C., RRC 284/1a, 3.81 g, 19-17 mm, 12.
10. D, L. FLAMINI CILO, Roma, 109-108 a.C., RRC 302/1, 3.96 g, 18 mm [incuso de Anv.].

11. D, M. LVCILI RVF, Roma, 101 a.C., RRC 324/1, 3.96 g, 19-18 mm, 8.
12. D, P. SERVILI M.F RVLLI, Roma, 100 a.C., RRC 328/1, 3.99 g, 19-18 mm, 9.
- 13-14. D, C. VIBIVS C. F PANSA, Roma, 90 a.C., RRC 342/ , 4 g, 3.69 g, 19-18 mm, 19-17 mm, 5, 5.
15. D, GAR, OGVV, VER. Roma, 86 a.C., RRC 350/A2, 3.57 g, 20-18.5 mm, 11.
16. D, C. LICINIVS C. F MACER, Roma, 84 a.C., RRC 354/1, 3.83 g, 21-19 mm, 12.
17. D, C. MAMIL LIMETANVS C. F, Roma, 82 a.C., RRC 362/1, 3.76 g, 19-18 mm, 3 [serrado].
18. D, Q. SICINIVS III VIR, Roma, 49 a.C., RRC 440/1, 3.67 g, 17-16 mm, 9.
19. D, Octavianus, Roma, 29-27 a.C., RIC I<sup>o</sup> 266. s/p, 17-15.5 mm, 10.
- 20-21. D, Augustus, Lugdunum, 2 a.C.-4 d.C. (?), RIC I<sup>o</sup> 207, 3.81 g, 3.85 g, 19-18.5 mm, 17.5-16 mm, 1, 8.
22. D, Tiberius, Lugdunum, 14-37, RIC I<sup>o</sup> 30, 3.77 g, 18-17.5 mm, 6.
23. D, Claudius I, Roma, 46-47, RIC I<sup>o</sup> 39, 3.20 g, 19-18 mm, 1.
24. Hs, Hadrianus, Roma, 128-138, RIC II 760, 24.49 g, 31-30 mm, 6.
25. As/Dp, Antoninus Pius, Roma, 138-161, 9.84 g, 26-24.5 mm, 6.

66. *Quinta da Barradinha, Santo Estevão, Alenquer*

Um exemplar no Museu Municipal Hipólito Cabaço.

1. Hs, Crispina (?) (sob Commodus), Roma, 180-183 (ou depois?).

67. *Quinta da Marzarada, Olhalvo, Alenquer*

Um exemplar no Museu Municipal Hipólito Cabaço.

1. Dp, Traianus, Roma, 98-117.

68. *Castro das Curvaceiras, Carnota, Alenquer*

Mendes Corrêa menciona uma moeda hispano-cartaginesa recolhida no Castro das Curvaceiras, a cuja descrição tivemos acesso por informação do Prof. Doutor Rui Centeno que a recolheu num manuscrito de Rui de Serpa Pinto existente na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

1. AE (metade), Hispânia, post. 221 a.C., CNH 41.

CORRÊA, A. A. M., *A Lusitânia pré-romana*. in PERES, D. (dir.), *História de Portugal*, t. I, Barcelos, 1928, p. 204, n. 2; FÁRIA, A. M., [Recensão] *Jorge de Alarcão, Portugal Romano*, Numismática, 42-43, 1986, p. 46; FÁRIA, *Guerras e conflitos no Vale do Tejo na Antiguidade*. p. 60; GOMES, M. V., *Proto-História do Sul de Portugal*, in SILVA, A. C. F. e GOMES, M. V., *Proto-História de Portugal*, Lisboa, 1992, p. 169; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

69. *Castro da Ota, Ota, Alenquer*

Nos anos 70, Victor Gonçalves recolheu aqui um AR hispano-cartaginês, durante trabalhos de prospecção. Actualmente a moeda encontra-se no MNA (Tab. 126/17). Existe também uma referência vaga ao aparecimento de denários republicanos neste povoado (1).

1. 1/4 shekel, Hispânia, post. 237 a.C., CNH 15. s/p, 11.5 mm, 11 [com orifício para suspensão].

(1) BARBOSA, E., *O castro da Ota (Alenquer)*, AP, n.s., 3, 1956, p. 117.

70. *Mafra, Mafra, Mafra*

1. Hs, Agrippina (sob Caius), Roma, 37-41 (?), RIC I<sup>o</sup> 55.

VEIGA, S.P.E., *Antiguidades de Mafra*, Lisboa, 1879, p. 41; VALDEZ, J. J. A., *Algumas notícias para a descrição histórica dos logares de Alcaínça, Malveira e Carrasqueira, do concelho de Mafra*, Lisboa, 1895, pp. 70-71; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 118. 5/153.

71. *Arredores de Morgado, Vialonga, Vila Franca de Xira*

Junto ao caminho entre Vialonga e Morgado, nas imediações desta última localidade, foi achado um numisma de Traianus que se encontra na posse de um particular de Vialonga. O autor da informação confirmou-nos pessoalmente que se trata de uma moeda de bronze.

1. AE. Traianus, Roma (?), 98-117.

PARREIRA, R., *Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira-Notícia da parcela 403-8*, BCVFXira. 1, 1985, p. 115.

72. *Areia, Mucifal, Sintra*

Duas moedas no MNA (Tab. 125/18-19). A indicação de M. J. Campos a propósito da aquisição de um «mediano bronze romano» para o Museu Etnológico aplicar-se-á a algum destes numismas ?

1. Dp, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 2, 18.97 g, 30 mm, 3.

2. Hs, Hadrianus, Roma, 119-138, 20.14 g, 27 mm, 6.

CAMPOS, M. J., *Acquisições do Museu Ethnologico Português*, AP, XI, 1906, p. 289; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

73. *Sintra (?), Sintra, Sintra*

Cinco moedas com esta indicação de proveniência no MNA (Tab. 82/49-53), acompanhadas da seguinte anotação: «achado de moedas romanas com lucerna de bronze». Admitindo que a informação é correcta, e a esse respeito temos grandes dúvidas, os numismas pertenceriam, por certo, ao espólio de uma sepultura.

1. AE, Ptolemaeus VI Philometor, Alexandria, 180-145 a.C., CGCBM Ptol. 26, 29.68 g, 31 mm, 11.

2. AE, Ptolemaeus VI Philometor, Alexandria, 180-145 a.C., CGCBM Ptol. 27-30, 22.49 g, 29 mm, 11.
3. Hs, Nero Claudius Drusus (sob Claudius I), Roma, c. 41-50 (?), RIC I<sup>2</sup> 93, 25.56 g, 35-34 mm, 6 [com orifício para suspensão].
4. Hs, Nero, Roma, c. 64, RIC I<sup>2</sup> 178, 24.12 g, 33 mm, 6.
5. Hs, Marcus Aurelius, Roma, fins 161, RIC III 795, 21.21 g, 33.5-31 mm, 12.

74. *Armês, Terrugem, Sintra*

J. Cardim Ribeiro faz referência a um asse de P. Carisius achado nesta localidade. Com a mesma procedência guarda-se no Museu Regional de Sintra um asse batido em Emerita em nome de Diuus Augustus.

1. As, P. Carisius (sob Augustus), Emerita, c. 25-23 a.C., RIC I<sup>2</sup> 13-25.
2. As, Diuus Augustus (sob Tiberius), Emerita, post. 14.

RIBEIRO, J. C., *Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus*, sep. de Sintria, I-II (1), 1982-1983, p. 453, n. 92.

75. *Armês, Terrugem, Sintra ou Alto da Zibreira, Colares, Sintra*

No Museu Regional de Sintra, encontra-se um Dp de Hadrianus cuja proveniência não é totalmente segura.

1. Dp, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 654, s/p, 27-26, 6.

76. *Santo André, Almoçageme, Sintra*

No Museu Regional de Sintra, estão depositadas duas moedas recolhidas em Santo André. Temos igualmente notícia do achado de um As de Augustus atribuído ao centro emissor do Noroeste.

1. As, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 3/4.
2. As, Imperador e centro emissor indeterminados, séc. I, s/p, 27 mm.
3. Hs, Marcus Aurelius ou Caracalla, Roma, 161-180 ou 211-217, s/p, 32-30 mm, 12.

77. *Ribeira de Sintra, S. Martinho, Sintra*

Nas imediações da vila de Sintra, para Noroeste, encontrou-se no século passado um denário de finais da República.

1. D, MN, ACILIVS III VIR, Roma, 49 a.C., RRC 442/1a-b.

BARRETO, A. G., *Antiguidades romanas do termo de Cintra*, BRAACAP, s. II, t. VI, 1888, p. 29.

78. *S. Sebastião (Colares), Colares, Sintra*

Neste local achou-se em 1837 um aureus de Vespasianus.

1. Au, Vespasianus, c. emissor indeterminado, 69-79.

JUROMENHA, Visconde de, *Cintra Pinturesca, ou Memoria Descritiva da Villa*

*de Cintra, Colares, e seus arredores*, Lisboa, 1838 (reimp. 1990), p. 200; BARRETO, *Antiguidades romanas do termo de Cintra*, p. 29.

79. *Suímo, Belas, Sintra*

Segundo o Abade de Castro, em 18 de Julho de 1839 teria sido achado um AV de Domitianus no lugar do Suímo, todavia a descrição que dele é feita corresponde não a um AV, mas ao denário RIC II 171.

1. D, Domitianus, Roma, 92-93, RIC II 171.

CASTRO, Abade de, *Antiguidade*, O Panorama, I, s. 2ª, fasc. 14, 2 de Abril de 1842, p. 112.

80. *Granja dos Serrões, Montelavar, Sintra*

No Museu Regional de Sintra.

1. Dp, Caius, Osca, 37, RPC 300, s/p, 35-34 mm, 7.

81. *Azóia, Colares, Sintra*

No Museu Regional de Sintra.

1. As, Augustus, Calagurris, post. 27 a.C., RPC 441, s/p, 27 mm, 3.

RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

82. *Faião, Terrugem, Sintra*

Um Hs de Augustus recolhido por J. Cardim Ribeiro. No Museu Regional de Sintra.

1. Hs, Augustus, Roma, 15 a.C., RIC I<sup>2</sup> 380, 22.18 g, 35-34 mm, 8 [contramarca M].

FARIA, A. M., *Novos elementos para o estudo das moedas romanas carimbadas*, Nummus, 2ª s., XIV-XV, 1991-1992, p. 8, nº 3 e Est. II, fig. 1-2.

83. *Região de Sintra, Sintra*

Do catálogo de vendas de J. Gaillard (nº 717) fazia parte um AE achado em Sintra ou nas suas proximidades. Também o Visconde de Juromenha e o Pe. António Barreto dão conta do achado de um sestércio de Nerva nos arredores desta vila.

1. Hs, Nerva, Roma, 97, RIC II 83.

2. AE, centro emissor e cronologia indeterminados.

VIDAL GONZÁLEZ, *Los hallazgos monetales del catálogo de J. Gaillard*, p. 354 e 358, nº 168; JUROMENHA, *Cintra Pinturesca*, p. 200; BARRETO, *Antiguidades romanas do termo de Cintra*, p. 29.

84. *Bucelas, Bucelas, Loures*

No decurso de trabalhos agrícolas foi encontrada num campo uma moeda de Traianus cuja descrição conhecemos, mas em relação à qual não é indicada a composição metálica.

1. Au/D, Traianus, Roma, 98-99, RIC II 1-10.

O Campo de Ourique, 27/6/1901; VASCONCELLOS, *Noticias varias*, AP, VII, 1903, p. 55; ALARCÃO, *Roman Portugal*, p. 121, 5/214.

85. *Quinta de N. Senhora da Conceição, Leceia, Oeiras*

1. Dp, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 2.

VASCONCELLOS, J. L., *Religiões*, I, 1897, pp. 52-53 (em nota de rodapé); MACHADO, *Subsídios*, p. 285; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

86. *Lisboa, Lisboa*

De diversos locais da cidade, colhemos notícias relativas ao achado de moedas romanas. As moedas nº 1-2 foram encontradas no bairro D. Estefânia, a nº 3 num quintal da Rua de S. Joaquim, a nº 4 junto ao convento da Encarnação, a nº 5 na rua de Santa Marta e a nº 6 no cruzeiro da Ajuda. As moedas 3 e 5 e 6 encontram-se no MNA (Tab. 125/20-22).

1. D, *bolskan*, 2ª metade séc. II-80/72 a.C.

2. As, Arse-Saguntum, meados séc. II-séc. I a.C.

3. As, Augustus, Emerita, post. 2 a.C., RPC 13, 9.28 g, 25-24 mm, 1.

4. D, Augustus, c. emissor indeterminado, 27 a.C.-14.

5. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 100, 9.77 g, 29 mm, 6.

6. Hs, Aelius Caesar (sob Hadrianus), Roma, 137-138, RIC II 1059a (?), 19.37 g, 30-28 mm, 5.

VASCONCELLOS, *Antiguidades romanas de Lisboa*, AP, V, 1900, p. 286 (moedas 1-4); AZEVEDO, *Moedas romanas provenientes de Olisipo*, AP, XVI, 1911, p. 94-95 (moeda 3); BLÁZQUEZ CERRATO, *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, p. 226 (moeda 3); MATEU Y LLOPIS, *Hallazgos monetarios*, Ampurias, IX-X, 1947-1948, p. 68 (moedas 5-6); *Fouilles de Conimbriga*, p. 207, nº 32, p. 209, nº 33; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

87. *Cascais, Cascais*

Em 1976 foi recolhido junto à Igreja Matriz de Cascais um AE de Claudius I. Actualmente encontra-se no Museu dos Condes de Castro Guimarães.

1. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 100, 8.32 g, 25 mm, 6.

CARDOSO, G., *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Cascais, 1991, p. 58, nº 84.

## 3. MOEDAS DE ESCAVAÇÕES

*DISTRITO DE LEIRIA**1. Pena da Velha-Gruta II, Aljubarrota, Alcobaça*

Numa escavação efectuada por M. Vieira Natividade, apareceu variado espólio romano, entre o qual duas moedas romanas, «uma de prata de Calígula e outra de cobre que não pode ler-se».

1. D, Caius, Lugdunum ou Roma (?), 37-41.

NATIVIDADE, M. V., *Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do homem*, Porto, 1901, p. 436; ALARCÃO, *Roman Portugal*, p. 115, 5/\*\*.

*2. Quinta das Flores, S. Pedro, Óbidos*

Escavações de emergência levadas a cabo em 1994-95 por J. Bezeza Moreira neste local, onde se poderá ter situado o *oppidum* romano de Eburobrittium, forneceram até ao momento numerosos numismas romanos, dos quais 11 interessam ao nosso estudo.

1. D, Magistrado e centro emissor indeterminados, Séc. I a.C.

2. As, P. Carisius (sob Augustus), Emerita, c. 25-23 a.C., RIC I<sup>2</sup> 13-15, 17-20 ou 20-25.

3. As, Augustus, Celsa, 5-3 a.C., RPC 278.

4. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42.

5. As, Tiberius, Turiaso, 14-37, RPC 418 [muito fragmentada].

6. Dp, Claudius I, Roma (?), c. 41-50 (?), RIC I<sup>2</sup> 94.

7. As (?), Claudius I, centro emissor indeterminado, 41-54.

8. As, Claudius I (?), centro emissor indeterminado, 41-54 (?).

9. Dp, Nero, Roma, c. 63, , RIC I<sup>2</sup> 115-116.

10. As (?), Imperador e centro emissor indeterminados, Séc. I.

11. As (?), Imperador e centro emissor indeterminados, Séc. I-II.

RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

*3. Outeiro da Assenta, Santa Maria, Óbidos*

Duas moedas recolhidas por L. Chaves nas escavações realizadas no local nos inícios do século. No MNA (Tab. 334/52-53).

1. AE, Imperador e centro emissor indeterminados, Séc. I, 7.88 g, 26-24 mm.

2. AE, Imperador e centro emissor indeterminados, Séc. I-II, 4.16 g, 25 mm.

CHAVES, L., *Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (termo de Óbidos)*, AP, XX, 1915, p. 266.

*DISTRITO DE SANTARÉM**4. S. Pedro de Caldelas, Madalena, Tomar*

Nas escavações realizadas por Salete da Ponte na *villa* de S. Pedro de Caldelas-Tomar, construída em finais do séc. I ou durante o séc. II, foram recuperadas 13 moedas que vão do séc. I ao IV. Para além dos numismas apresentados na publicação dos resultados da escavação, há ainda a assinar um D de Tiberius e um Hs de Antoninus Pius que incluímos nos Achados Ocasioneis (Cat., nº 33).

1. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, 6.46 g, 25 mm.

2. Hs, Marcus Aurelius, Roma, RIC III 292-294, 170-171, 23.6 g, 32 mm, 6.

PONTE, S., *A Villa Rústica de S. Pedro de Caldelas-Tomar*, Tomar, 1988, pp. 57-58.

*5. Paços do Infante, Tomar, Tomar*

Um AE de Augustus recolhido por Salete da Ponte.

1. As/Dp, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 2-4.

PONTE, S. e FERNANDES, L., *Sellium romana: sua história*, BCCMT, 19, 1993, pp. 167-168, n. 31; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

*6. Tomar, Tomar*

Nas escavações realizadas ao longo da última década no local da cidade de Sellium foram recuperados c. de 278 numismas. Deste conjunto, pelo menos 23 moedas enquadram-se no nosso espaço cronológico.

1. D, D. SILANVS L. F, Roma, 91 a.C., RRC 337/3.

2. D, República, cronol. indeterminada.

3. As, Augustus, Calagurris, post. 29-27 a.C., RPC 441.

4. As, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 4.

5. Qn, Augustus (P. Carisius), Emerita, c. 25-23 a.C., RIC I<sup>2</sup> 1.

6. As, Augustus, Eborac, post. 12 a.C., RPC 51.

7. As, Augustus, Emerita, 25-2 a.C., RPC 11.

8. As, Augustus, Celsa, 27 a.C. -14 d.C., RPC 273.

9. As, Augustus, Roma, 27 a.C. -14 d.C.

10. Hs, Augustus, Lugdunum, c. 9-14 d.C., RIC I<sup>2</sup> 231.

11-12. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42.

13. As, Tiberius, Clunia, 14-37, RPC 454.

14-15. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 95.

16-17. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 97.

18. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41, tipo RIC I<sup>2</sup> 100.

19. As, Claudius I, imitação provincial, post. 41.

20. As/Dp, Domitianus, Roma, 81-96.

21. As, Flávios, Roma, 69-96.
22. As, imperador indeterminado, Roma, séc. I.
23. Dp, Caracalla, Roma, 210-217.

BATATA, C., BERNARDES, J. P., FERNANDES, L., MATOS, O. e PONTE, S., *Sellium na historia antiga peninsular*, «Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga» (Coimbra, 18-20 Outubro de 1990), Coimbra, 1993, pp. 511-549 (moedas 1, 4-7, 10 e 13); PONTE, S. e SILVA, V. M., *Recuperação de alguns achados arqueológicos de Tomar-CPPRT*, BCCMT, 4, 1982, pp. 181-188, (moeda 3); PONTE, S. e SILVA, V., *Sondagem na Alameda Um de Março*, in *Arqueologia na Região de Tomar (da pré-história à actualidade)*, suplemento do BCCMT, 1, 1985, pp. 111-116 (moedas 8, 9, 11 e 12); RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 7. Villa Cardílio, Santa Maria, Torres Novas

As escavações efectuadas desde 1963 forneceram mais de uma centena de unidades. Quase todas as que apresentamos provém das campanhas de Afonso do Paço, excepto as nº 8, 11 e 19, que pertencem já às campanhas de A. J. Nunes Monteiro. O estudo da quase totalidade das primeiras consta de um relatório assinado por Afonso do Paço e J. L. da Fonseca Guedes, o segundo grupo foi objecto de um trabalho escolar por parte de Flávio Imperial e Pedro Salgueiro. Estão depositadas no Museu Municipal de Torres Novas.

1. Dp, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 2, 19.0 g, 30 mm.
2. As, Augustus, Roma, 16 a.C., RIC I<sup>2</sup> 379, 8.0 g, 28-27 mm, 5.
3. As, Augustus, Celsa, post. 17-15/14 a.C., RPC 271, 13.0 g, 30-29 mm, 11.
4. As, Diuus Augustus (sob Tiberius), Emerita, post 14, RPC 34, 15.6 g, 29-27 mm, 7.
5. Dp, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 41, 35.5 mm, 21.46 g.
- 6-7. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42, 12.0 g, 12.0 g, 27mm, 28-27mm, 4, 12.
8. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 44, 12.2 g, 28-27mm, 7.
9. Dp, Diuus Augustus (sob Tiberius), Colonia Romula, 14-15, RPC 73, 20.2 g, 30 mm, 6.
10. As, Tiberius, Colonia Romula, 14-15, RPC 74, 12.2 g, 27-26 mm, 8 [contramarca D].
11. As, Claudius I, imitação provincial, tipo RIC I<sup>2</sup> 95, 7.39 g, 26.5 mm.
12. As, Claudius I, imitação provincial, tipo RIC I<sup>2</sup> 97, 8.5 g, 27-26 mm, 6.
13. As, Claudius I, imitação provincial, tipo RIC I<sup>2</sup> 100, 13.2 g, 27-26 mm, 6.
14. As, Nero, Roma, c. 62/63-68, 7.2 g, 26-24 mm.
15. As/Dp, séc. I, 5.8 g, 30-28 mm.
16. As/Dp, Hadrianus, Roma, 117-138, 12.2 g, 26-25 mm, 6.
17. As, séc. I-II, 6.8 g, 25-22 mm.
18. As/Dp, séc. I-II, 6.2 g, 27-26 mm.

19. D, Septimius Seuerus, Roma, 206, RIC IV (1) 200, 18 mm, 3.33 g.

20. Hs, Iulia Domna (sob Septimius Seuerus ou Caracalla), Roma, 196-211, 19.8 g, 29-28 mm.

PAÇO e GUEDES, *Moedas da campanha de 1963*; IMPERIAL e SALGUEIRO, *As moedas de Villa de Cardílio*, pp. 8, 17, 18 e 26, nº 1-3, 32, 36 e 58-60; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

#### 8. *Quinta da Silvã, Lapas (?), Torres Novas*

Em escavação de emergência realizada em 1991 pelo IPPC (IPPAR) foram recolhidos 7 numismas romanos de bronze: 2 do séc. III, 4 do século IV e 1 Dp hispânico de Colonia Romula. O grande desgaste desta última peça terá induzido Miguel Pessoa - autor da classificação apresentada na publicação dos resultados da escavação - em erro, atribuindo-a à dinastia antonina.

1. Dp, Diuus Augustus (sob Tiberius), Colonia Romula, 14-15, RPC 73, 21.6 g, 34-32 mm, 3.

CORTE-REAL, A., *Intervenção arqueológica de emergência na Quinta da Silvã*, NAug, 8, 1994, p. 161; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

#### 9. *Alcáçova de Santarém, Santarém*

Um numisma de Augustus encontrado em contexto de finais do séc. I a.C., associado a cerâmica campaniense e sigillata itálica.

1. As, Augustus, NO Hispania, 26-25 a.C., RPC 3.

ARRUDA, A. M., *Alcáçova de Santarém. Relatório de trabalhos arqueológicos de 1984*, «Clio/Arqueologia», 1, 1983-1984, p. 223; ARRUDA, A. M., *A conquista*, in MEDINA, J. (dir.), *História de Portugal. Dos tempos históricos aos nossos dias, vol. II-O mundo luso-romano*, Amadora, 1993, p. 173 e 175; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### DISTRITO DE LISBOA

#### 10. *Currais Velhos (Casais do Lexim), Igreja Nova, Mafra*

Necrópole de inumação parcialmente escavada por Estácio da Veiga. Foram recolhidos dois numismas, um de Theodosius e outro de Tiberius.

1. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42.

VEIGA, *Antiguidades de Mafra*, p. 35; VALDEZ, *Algumas notícias para a descrição histórica dos logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira, do concelho de Mafra*, pp. 69-70; ALARCÃO, *Roman Portugal*, II, 2, p. 120, 5/207; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 11. *S. Miguel de Odrinhas, S. João das Lampas, Sintra*

Das escavações realizadas em Odrinhas por D. Fernando de Almeida nos finais da década de 50 e inícios da de 60, foram recolhidos diversos numismas romanos até ao séc.

IV. No nosso inventário incluímos os seguintes:

1. As, Beuipo, 2ª metade séc. II-1ª metade séc. I a.C., CNH 4, s/p, 26 mm, 8.
2. Qn, P. Carisius (sob Augustus), Emerita, c. 25-23 a.C., RIC I<sup>2</sup> 1a, s/p, 15-13 mm, 6.
3. D, Hadrianus, Roma, 118, RIC II 41, s/p, 19-18 mm, 6.
4. Hs, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 610, s/p, 34-32 mm, 6.
5. Hs, Hadrianus, Roma, 117-138, s/p, 32-31 mm.
6. As, Hadrianus, Roma, 117-138, s/p, 26-25 mm.
7. Hs, Imperador indeterminado, séc. I-II (?), s/p, 30 mm [moeda partida, com vestígios de orifício ao centro].

RIBEIRO, *Estudos histórico-epigráficos*, p. 162 e 425, n. 2, refere a moeda nº 1; RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 12. *Granja dos Serrões, Montelavar, Sintra*

Em escavações realizadas em 1994 pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Sintra foram recolhidos dois numismas alto-imperiais.

1. As, Claudius I (?), c. emissor indeterminado, 41-54, s/p, 26-25 mm.
2. Hs, Traianus, Roma, 103-111, RIC II 523, s/p, 34 mm, 6.

### 13. *Teatro romano, Sé, Lisboa*

Em escavações realizadas por Irisalva Moita em 1967-68, surgiram algumas moedas, «entre as quais um grande bronze de Trajano, um grande bronze de Antonino Pio, um médio bronze de Adriano, um pequeno bronze de Constantino e um pequeno bronze de Valentiniano II». Estas moedas encontram-se no Museu da Cidade.

1. Hs, Traianus, Roma, 98-117.
2. Dp, Hadrianus, Roma, 119-128, RIC II 600a.
3. Hs, Antoninus Pius, Roma, 140-144, RIC III 600a.

MOITA, I., *O teatro romano de Lisboa*, sep. de Revista Municipal, 124-125, Lisboa, 1970, p. 13.

### 14. *Necrópole da Praça da Figueira, Lisboa.*

No Museu da Cidade de Lisboa.

1. S, Augustus, Emerita, post. 2 a.C., RPC 18.
- RUIVO, *Estremadura* (no prelo).

### 15. *Termas dos «Cássios», Lisboa*

1. V, Roma, 211-208 a.C., 2 g, 17 mm.

DIOGO, A. D., *Moedas romanas*, in *Lisboa Subterrânea* (catálogo da exposição), Lisboa, 1994, p. 215.

*16. Freiria, S. Domingos de Rana, Cascais*

Moedas provenientes das campanhas de escavação levadas a cabo por José d' Encarnação e Guilherme Cardoso.

1. As, Salacia, CNH 13, 45-44 a.C., 11.21 g, 27-26 mm, 6.
2. As, Tiberius, Emerita, 14-37, RPC 42, 12.01 g, 27 mm, 4.
3. Hs, Traianus, Roma, 98-117, 22.55 g, 33 mm, 7.

Em estudo.

*17. Alto do Cidreira, Alcabideche, Cascais*

Moedas provenientes das campanhas de escavação levadas a cabo por José d' Encarnação e Guilherme Cardoso.

1. As, Nero/Flávios, Roma, 66-96, 6.9 g, 25 mm.
2. Hs, Faustina II (sob Antoninus Pius), Roma, c. 147-161, 19.78 g, 32-31 mm, 6.

## II PARTE

### CIRCULAÇÃO MONETÁRIA



## INTRODUÇÃO

Para a realização do nosso estudo de circulação monetária, contamos com pouco mais de um milhar de moedas, provenientes de várias dezenas de sítios arqueológicos, que se distribuem por *Tesouros*, *Achados ocasionais* e *Escavações*, consoante vem discriminado no Gráfico 1:

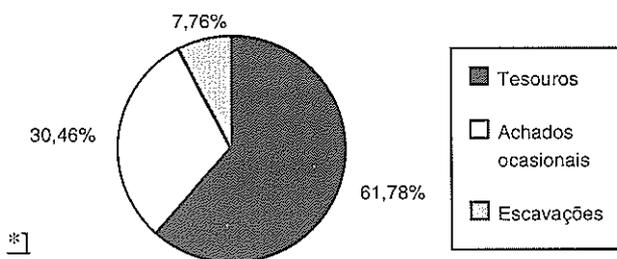


Gráfico 1 - Distribuição do numerário estremenho segundo o tipo de achados

Como se observa, a maior parte do material reunido é proveniente de tesouros (653 ex.), facto que nada tem de excepcional, não obstante conhecermos apenas uma percentagem mínima das moedas que os compunham (cfr. Quadro 1)<sup>1</sup>. Em termos quantitativos, o segundo posto é ocupado pelos numismas procedentes de achados ocasionais (322 ex.) e por último vêm as moedas saídas de escavações (82 ex.), cujo número pouco representativo<sup>2</sup> mais não traduz que a reduzida atenção que os sítios romanos da região estremenha tem merecido até ao momento da parte da investigação arqueológica.

Voltando aos tesouros, foram 19 ao todo os que conseguimos inventariar (cfr. Mapa 3), dos quais apenas 3 se encontrarão completos (Santarém, Santana da Carnota e Cascais)<sup>3</sup>, o que mostra bem a deficiente informação que temos sobre eles. A maior parte dos tesou-

<sup>1</sup> A percepção deste dado resulta muito nítida quando nos damos conta que, das mais de 8000 moedas que constituíam os nossos 19 tesouros, apenas cerca de 600 puderam ser classificadas, o que nos dá uma percentagem inferior a 10%.

<sup>2</sup> Colocando de parte os tesouros, as moedas recolhidas em escavações representam apenas 20.20% do restante material.

<sup>3</sup> É plausível que também os tesouros de Vila Nova e Fonte do Alvorge estejam completos, mas esta hipótese carece de absoluta confirmação.

ros data do período republicano, com particular evidência para aqueles cuja ocultação andar­á associada às guerras sertorianas (cfr. Cat., *Tesouros*, nº 2, 12, 14-16 e 18). Depósitos como os da região de Leiria (Cat., *Tesouros*, nº 6) e Pinhal do Alvarinho (Cat., *Tesouros*, nº 17), pelas suas características, também poderão ter sido ocultados durante esta época. Ainda ao período republicano deverá pertencer com toda a certeza o achado de S. Tibério (Cat., *Tesouros*, nº 5), bem como os depósitos de S. Sebastião (Cat., *Tesouros*, nº 7) e N. Senhora do Carmo (Cat., *Tesouros*, nº 11).

Pelo menos seis tesouros datarão, em princípio, do período imperial, concretamente dos inícios do séc. I (Cat., *Tesouros*, nº 3, 8 e 9) e do séc. II (Cat., *Tesouros*, nº 4, 13 e 19). A cronologia do tesouro do Olho de Água (Cat., *Tesouros*, nº 10) é algo dúbia, embora se possa situar no período alto imperial.

Para as épocas flaviana e severiana não lográmos identificar nenhum depósito monetário.

No lote dos possíveis tesouros até 215 fizemos figurar ainda as referências aos achados de Morouços, Pinhal e Alcobertas (Cat., *Tesouros - Apêndice A-C*).

Nº	Local de achado	Cronologia	Nº total de ex.	Nº de ex. classif.
1	Fonte do Alvor­ge	100 a.C.	?	17 AR
15	Torres Novas	83-82 a.C.	?	4 AR
12	Columbeira	82 a.C.	c. 980 AR	165 AR
14	Charneca	80 a.C.	?	6 AR
18	Santana da Carnota	76 a.C.	136 AR	136 AR
2	Vila Nova	74 a.C.	25 AR	25 AR
16	Santarém	74 a.C.	c. 200 AR	196 AR
6	Região de Leiria	República	10 AR (?)	
17	Pinhal do Alvarinho	República	c. 1000 AR	
7	S. Sebastião	República	?	1 AR
11	N. Senhora do Carmo	República	3/4 AR	1 AR
5	S. Tibério	República	?	2 AR
9	Quinta de S. Paio	Augustus/Tiberius (?)	c. 1000 AR	22 AR (?)
3	Ansião/Tiberius	c. 50 AR	10 AR	
8	Casal Couveiro	Tiberius	c. 5000 AR	59 AR
4	Pelmá/Traianus	c. 80 AV+AR+AE		
13	S. Mamede	Antoninus Pius	?	5 AR
19	Cascais/Antoninus Pius	4 AE	4 AE	
10	Olho de Água	Séculos I-II (?)	c. 100 AR	

Quadro 1 - Tesouros monetários da Estremadura portuguesa

A quase totalidade dos tesouros estremenhos seria composta exclusivamente por numerário em AR, registando-se apenas duas excepções: o tesouro de Cascais (Cat., *Tesouros*, nº 19), composto só por moeda em AE, e o tesouro de Pelmá (Cat., *Tesouros*, nº 4), composto por numerário em AV, AR e AE.

Em alguns casos a forma de entesouramento não se limitou ao numerário, a que se associaram jóias (Santana da Carnota, Pelmá) e objectos de prestígio (Fonte do Alvor­ge),

ou onde o próprio contentor que guardava as moedas era em metal precioso (Pinhal do Alvarinho), o que reflecte igualmente uma forma de aforro<sup>4</sup>. Porém, na maior parte dos casos em que se documentou a presença de um recipiente, este era, regra geral, um vaso de barro (Columbeira, Charneca, Casal Couveiro e Ansião), com excepção para o tesouro de Cascais, que deveria representar o conteúdo de uma bolsa de pano ou couro, perdida acidentalmente.

O material oriundo dos achados isolados e de escavações pode ser esquematicamente analisado a partir do quadro que se segue:

	AV	AR	AE	?	Total	%	<sup>5</sup> ‰
República		65	39		104	25.74	1.48
Júlios-Cláudios	1	24	142		167	41.34	4.59
Guerras civis-Flávios	2	4	13	1	20	4.95	1.63
Antoninos	1	8	76	1	86	21.29	2.34
Severos		3	3		6	1.48	0.65
Séc. I-III	1		20		21	5.20	
Total	5	104	293	2	404	100	-

Quadro 2 - Moedas de achados ocasionais e escavações

Para o período republicano, o material inventariado é constituído essencialmente por moeda em prata<sup>6</sup>, complementada por alguns bronzes emitidos em Roma e, a partir de dado momento, pelos bronzes hispânicos. A moeda em AV, que durante a República apenas foi cunhada em situações de grande emergência (invasão de Itália por Aníbal, guerra civil de Sula), só entrando definitivamente para o sistema monetário romano a partir de Caesar<sup>7</sup>, está ausente na Estremadura.

Quanto à época imperial, a maior percentagem do numerário recolhido concentra-se no período júlio-claudiano (que também ostenta a permissão mais elevada) seguido, a grande distância, pelo período correspondente à dinastia antonina. Sucede-se, depois, o

<sup>4</sup> Cfr. GRIERSON, *Monnaies et monnayage*, p. 177 e BARATTE, F., *À propos de la vaisselle d'argent romaine: valeur métallique, valeur artistique*, BSFN, 40 (4), 1985, p. 625.

<sup>5</sup> O cálculo das permissões foi realizado a partir da fórmula utilizada por CENTENO, *Circulação*, p. 173, baseado em CASEY, J., *The interpretation of romano-british site finds*, in CASEY, J. e REECE, R. (eds.), *Coins and the Archaeologist*, BAR- 4, Oxford, 1974, p. 41. Para a elaboração das permissões do Quadro 2 foram utilizados 383 numismas, já que os 21 exemplares que não se enquadram em nenhuma das periodizações aí propostas foram descontados.

<sup>6</sup> É muito provável que algumas destas moedas sejam provenientes de tesouros que entretanto se dispersaram, pelo que os valores obtidos poderão ser superiores aos valores reais.

<sup>7</sup> BOLIN, S., *State and currency in the Roman Empire to 300 A.D.*, Estocolmo, 1958, pp. 180-182; BURNETT, A., *La numismatique romaine. De la République au Haut-Empire*, Paris, 1988, p. 58; CRAWFORD, *Coinage and money*, p. 243 e 251.

período que vai das guerras civis de 68-69 à morte de Domitianus e, por último, o dos Severos.

Analisando o conjunto das moedas perdidas, detecta-se um claro predomínio do bronze sobre as outras espécies, facto natural visto ser esta a moeda corrente nos circuitos monetários, a espécie utilizada pelas populações nas suas trocas do dia-a-dia. O volume da prata decresce a partir do final da República, mas mantém sempre um carácter subsidiário relativamente ao bronze. É a moeda preferida pelos entesouradores ou aquela a que eles têm mais facilmente acesso, já que o ouro se reservava para certos pagamentos especiais. Não é, assim, de estranhar a fraca representatividade do material em AV, reflexo de vários factores, entre os quais avultam a sua reduzida circulação, as diligências empreendidas pelo proprietário na recuperação de uma moeda em metal nobre anteriormente perdida, o facto destes achados só muito dificilmente chegarem ao conhecimento público, etc.

Em termos muito gerais, verifica-se que o perfil que acabámos de traçar para a Estremadura é válido para o Ocidente hispânico, concretamente para o sítio de Conimbriga<sup>8</sup> e para o Noroeste<sup>9</sup>, conforme se infere da observação do Quadro 3. Pese embora a existência de pequenas discrepâncias, em termos percentuais a distribuição do material por períodos cronológicos bastante latos exhibe uma indiscutível correlação.

	Estremadura		Conimbriga		Noroeste	
	Nº ex.	%	Nº ex.	%	Nº ex.	%
República	104	25.74	55	11.36	149	16.74
Júlios-Cláudios	167	41.34	220	45.45	441	49.55
Guerras civis-Flávios	20	4.95	54	11.15	43	4.83
Antoninos	86	21.29	100	20.66	197	22.13
Severos	6	1.48	7	1.44	-	-
Séc. I-III	21	5.20	48	9.91	60	6.74
Total	404	100	484	100	890	100

Quadro 3 - Análise comparativa do numerário da Estremadura, Conimbriga e Noroeste

Para facilitar a análise do numerário avulso e dos tesouros, à semelhança do que têm feito vários investigadores e partindo das suas propostas, resolvemos estabelecer a organização do nosso material em 26 períodos cronológicos, nos quais introduzimos os arranjos que julgámos convenientes. Assim, para a República a nossa periodização segue de muito

<sup>8</sup> *Fouilles de Conimbriga*, p. 180; HIERNARD, *Conimbriga. Monedas y excavaciones antiguas*, pp. 139-142.

<sup>9</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 183 (como é óbvio, não dispomos de dados para os primeiros Severos, já que o trabalho citado só vai até 192).

perto a de M. Crawford<sup>10</sup>; para o período imperial inspirámo-nos nos trabalhos já clássicos de R. Reece<sup>11</sup> e ainda nos de J. Casey<sup>12</sup> e de R. Centeno<sup>13</sup>.

Ia	211-207 a.C.
Ib	c. 206-c. 144 a.C.
Ic	c. 143-c. 125 a.C.
Id	c. 124-c. 92 a.C.
Ie	91-79 a.C.
If	78-49 a.C.
IIa	49-45 a.C.
IIb	44-28 a.C.
IIIa	27 a.C.-14
IIIb	14-37
IIIc	37-41
IIId	41-54
IIIe	54-68
IV	68-69
Va	69-79
Vb	79-81
Vc	81-96
VIa	96-98
VIb	98-117
VIc	117-138
VIId	138-161
VIe	161-180
VIIf	180-192
VIIa	193-211
VIIb	211-215

---

<sup>10</sup> RRC, pp. 3-102.

<sup>11</sup> REECE, R., *Roman coinage in Southern France*, NC, 7<sup>o</sup> s., VII, 1967, p. 94; idem, *Roman coinage in Northern Italy*, NC, 7<sup>o</sup> s., XI, 1971, pp. 167-169; idem, *A short survey of the roman coins found in fourteen sites in Britain*, Britannia, III, 1972, p. 271; idem, *Roman coinage in the Western Empire*, Britannia, IV, 1973, p. 228.

<sup>12</sup> CASEY, J., *The interpretation of romano-british site finds*, in CASEY, J. e REECE, R. (eds.), *Coins and the Archaeologist*, BAR-4, Oxford, 1974, p. 43.

<sup>13</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 172.



## CAPÍTULO I

### OS TESOUROS MONETÁRIOS

#### 1. Tesouros até 92 a.C.

Embora o nosso trabalho se centre principalmente nos achados monetários, convirá talvez começar por referir que alguns achados atribuídos à Idade do Ferro, compostos exclusivamente por baixela e objectos de adorno em ouro e prata, poderão estar, em nosso entender, em conexão com movimentos de tropas na zona, fossem elas cartaginesas<sup>14</sup> ou romanas, nas etapas iniciais da disputa pela hegemonia na Hispânia<sup>15</sup>. Tal poderá ser, por exemplo, o caso do tesouro encontrado em 1935 em Pragança (Cadaval), composto por um colar, dois vasos e três lúnulas, tudo em prata, e por uma lúnula de ouro<sup>16</sup>.

Quanto aos tesouros monetários, o mais antigo que conseguimos documentar parece ser o da Fonte do Alvorge, Ansião (Cat., *Tesouros*, nº1)<sup>17</sup>, cuja moeda mais recente é o exemplar RRC 328/1, de P. Servili M.f Rulli, batido em 100 a.C. Conforme foi já salientado por A. M. Faria, existem boas probabilidades da deposição deste tesouro estar relacionada com a resistência movida pelas tribos lusitanas aos exércitos romanos<sup>18</sup>. Nesta conjuntura poderão ser igualmente incluídos os tesouros de Chão de Lamas (Miranda do Corvo, Coimbra)<sup>19</sup>, Idanha-a-Velha<sup>20</sup> e Penhagarcia<sup>21</sup> (Idanha-a-Nova, Castelo Branco) e Olival da Soalheira do Barbanejo (Monforte da Beira, Castelo Branco)<sup>22</sup>.

---

<sup>14</sup> O historiador grego Políbius (*Fr. h.*, 10, 7, 4) refere-se à presença de tropas cartaginesas na foz do Tejo em 210 a.C., o que permite supor que, durante a Segunda Guerra Púnica, Cartago manifestou a preocupação de controlar esta área.

<sup>15</sup> Na opinião de CENTENO, *Circulação*, p. 196, n. 64, também muitos dos achados de jóias castrejas no Noroeste poderão estar relacionados com as guerras cantábricas.

<sup>16</sup> HELENO, M., *Jóias pré-romanas*, *Ethnos*, 1, 1935, pp. 238-245; RADDATZ, *Schatzfunde*, pp. 273-274.

<sup>17</sup> Agradecemos ao Sr. Pe. José Eduardo Reis Coutinho as informações sobre este tesouro, a aguardar publicação num dos próximos volumes da revista Conimbriga: COUTINHO, J. E. R., *Entesouramentos de denários republicanos em Alvorge e Ansião* (a publicar).

<sup>18</sup> FARIA, A. M., *Três tesouros monetários romanos da época republicana*, *Nummus*, 2ª s., XIV-XV, 1991-1992, p. 93.

<sup>19</sup> RADDATZ, *Schatzfunde*, pp. 274-276; ALFARO ASINS, C., *Los denarios del tesoro de Chão de Lamas*, GN, 94-95, 1989, pp. 131-134; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 44, nº 76. Dado o precário estado de conservação das moedas em causa, não se exclui a hipótese de a sua ocultação ser posterior àquela data.

<sup>20</sup> *Coin Hoards III* 120; VILLARONGA, L., *Tresor de Idanha-a-Velha (Castelo Branco, Portugal) de denaris romans, ibèrics i dracmes d' Arse*, *Numisma*, 165-167, 1980, pp. 103-117; RRCHAD 52; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 42, nº 60.

<sup>21</sup> RADDATZ, *Schatzfunde*, p. 282; RRCH 191; RRCHAD 38; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, 82.

<sup>22</sup> RADDATZ, *Schatzfunde*, p. 278; FARIA, *Três tesouros monetários*, pp. 87-92.

Ao analisarmos a distribuição espacial dos tesouros hispânicos ocultados durante este período<sup>23</sup>, salta à vista o aparecimento de duas concentrações distintas, em cada uma das quais as motivações para o entesouramento podem ter sido também distintas: uma, a mais importante, gravita em torno do curso superior do Guadalquivir, região estratégica pela sua excepcional riqueza mineira (área mineira da Sierra Morena), e estende-se depois até à zona das actuais províncias de Sevilha e Huelva; a outra, menos importante e mais dispersa, está localizada a Norte do Tejo abrangendo a região centro do actual território português, especialmente a Beira Baixa.

Como acabámos de referir, a ocultação dos tesouros centro-portugueses pode ter conhecido motivações diversas das dos tesouros béticos. Vários autores têm chamado a atenção para a relação entre estes últimos e a agitação vivida naquela região durante os últimos anos do século II e os iniciais do I a.C.<sup>24</sup>, provocada pelo desenvolvimento das explorações mineiras da vertente oriental da Sierra Morena e pela provável resistência das populações indígenas à presença romana, segundo a opinião manifestada por C. Domergue<sup>25</sup> ou pela revolta de escravos das minas, talvez encorajada pela insegurança decorrente da invasão dos Cimbros e dos Teutões, no parecer de M. Crawford<sup>26</sup>. Parece-nos, todavia, que não se deve descartar também a hipótese de algumas destas ocultações terem sido favorecidas pelas revoltas dos Lusitanos e dos Celtiberos, passados poucos anos sobre o assassinato de Viriatus e a queda de Numância<sup>27</sup>. A este grupo poderiam também pertencer os tesouros do Sul de Portugal, provenientes da Herdade da Mflia (Portel)<sup>28</sup> e de Mértola<sup>29</sup>.

<sup>23</sup> Cfr. os mapas apresentados em RRCHAD, pp. 116-123, fig. 4; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, pp. 39-46 e 78-81, mapa 5 (com os tesouros portugueses incorrectamente localizados) e ainda CRAWFORD, *Coinage and money*, p. 98, fig. 17 e p. 303, Apêndice 30.

<sup>24</sup> DOMERGUE, C., *Les mines de la Péninsule Ibérique*, pp. 184-188; CHAVES TRISTÁN, F., *Indigenismo y romanización desde la óptica de las amoedaciones hispanas de la Ulterior*, Habis, 25, 1994, pp. 116-117; FARIA, *Três tesouros*, p. 93.

<sup>25</sup> DOMERGUE, *Les mines de la Péninsule Ibérique*, p. 188, n. 55.

<sup>26</sup> CRAWFORD, *Coinage and money*, p. 102, embora o autor reconheça que a invasão daqueles povos ficou longe do Vale do Guadalquivir.

<sup>27</sup> Sobre as insurreições dos Lusitanos e dos Celtiberos vejam-se SOLANA SÁINZ, J. M. e MONTENEGRO DUQUE, Á., *La integración de Hispania en los destinos de Roma. La guerra de Sertório (133-72 a. C.)*, in MONTENEGRO DUQUE, Á., BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. e SOLANA SÁINZ, J. M., *Historia de España. 3- España Romana*, Madrid, 1986, pp. 98-101; ALARCÃO, *Dominio*, p. 23; CURCHIN, L. A., *Roman Spain. Conquest and assimilation*, 1991, pp. 41-42. Note-se que já durante as guerras viriatinas as ricas regiões da Betúria, Turdetânia, Oretânia e Carpetânia haviam sido por várias vezes saqueadas pelos bandos lusitanos, ocorrência que por certo ainda se manteria fresca no espírito das populações (cfr. o mapa das campanhas de Viriatus em ALARCÃO, *Dominio*, p. 21, fig. 5, com base em GUNDEL, H.G., *Viriato-Lusitano, caudillo en las luchas contra los Romanos: 147-139 antes de Cristo*, Caesaraugusta, 31-32, 1968, p. 175-198).

<sup>28</sup> FARIA, *Três tesouros*, p. 80-83.

<sup>29</sup> FARIA, *Três tesouros*, p. 84-86. No Sul de Portugal encontram-se numerosas jazidas de cobre, prata e ferro cuja exploração desde cedo terá despertado o interesse do Estado e dos particulares (cfr. EDMONDSON, J. C., *Two industries in Roman Lusitania: mining and garum production*, BAR - i. s. 362,

O segundo grupo de tesouros localiza-se, como já vimos, na região centro de Portugal. Após a morte de Viriatus e as campanhas pacificadoras de D. Iunius Brutus, o facho da revolta voltou a acender-se entre os Lusitanos em 114 a.C. Não obstante as fontes clássicas que relatam os acontecimentos ocorridos neste período serem fragmentárias e lacunares, sabemos por Plutarchus (*Marius*, 6) que C. Marius, pretor da Ulterior em 114 a.C., se bateu com os Lusitanos e em 112 a.C. o pretor L. Calpurnius Piso Frugi foi morto num recontro com este povo, que continuava a assolar a Bética (Appianus, *Iber.*, 99), embora desconheçamos ao certo a área que foi palco destas investidas. A rebelião ter-se-á prolongado até aos inícios do século I a.C., ou pelo menos terá conhecido novos ressurgimentos, pois temos notícias de várias campanhas até 94 a.C.<sup>30</sup>

Apesar de a Beira Baixa ser também uma região abastada em recursos minerais, estamos de acordo com J. C. Edmondson quando afirma não existirem quaisquer evidências de revoltas de escravos na área<sup>31</sup>, pelo que julgamos preferível atribuir os entesouramentos aí postos a descoberto a outros factores, dos quais o mais pertinente se prende com o clima de instabilidade reinante neste território em finais da segunda centúria antes da nossa era e inícios da seguinte.

Aparentemente, o tesouro da Fonte do Alvorge distingue-se dos restantes tesouros hispânicos do mesmo período no que toca à composição ou estrutura interna (Quadro 4)<sup>32</sup>:

	Fonte Alvorge		Id.-a-Velha <sup>33</sup>		Penhagarcia		Barbanejo		Mértola		Herdade Mília	
	ex.	%	ex.	%	ex.	%	ex.	%	ex.	%	ex.	%
Ia (211-207 a.C.)							3	2.68	1	1.88	60	12.19
Ib (c. 206-c. 144 a.C.)	2	11.76	212	15.75	25	23.14	29	25.89	16	30.18	124	25.20
Ic (c. 143-c. 125 a.C.)	4	23.52	433	32.17	41	37.96	45	40.18	18	33.96	174	35.37
Id (c. 124-c. 92 a.C.)	11	64.71	701	52.08	42	38.90	35	31.25	18	33.96	134	27.24
Total	17	100	1346	100	108	100	112	100	53	100	492	100

Quadro 4 - Composição de 6 tesouros lusitanos de finais do século II a.C.

Oxford, 1987, pp. 208-220). A exploração do couro mineiro de Metallum Vispascense era arrendada pelo estado a particulares (cfr. DOMERGUE, *La mine antique d' Aljustrel (Portugal) et les tables de bronze de Vipasca*, Conimbriga, XXII, 1983, pp. 5-193). A edificação de uma série de estabelecimentos de carácter defensivo na região alentejana, os chamados *castella*, fortificações militares na opinião de M. MAIA (*Os castella do Sul de Portugal*, MM, 27, 1986, pp. 195-223), *uillae* fortificadas na opinião de J. WAHL (*Castelo da Lousa. Ein Wehrgehöft Caesarisch-Augusteischer Zeit*, MM, 26, 1985, pp. 149-176), estarão claramente em relação com a mineração, evidenciando o interesse dos privados, provavelmente itálicos, nesta actividade ainda em finais do período republicano.

<sup>30</sup> Sobre os acontecimentos que tiveram lugar na Hispânia durante este período conturbado, cfr. FHA, IV, pp. 144-149 e GARCÍA MORENO, L. A. (dir.), *Hispani tumultuantes: de Numancia a Sertorio*, Memorias del Seminario de Historia Antigua I, Alcalá de Henares, 1987, pp. 57-108.

<sup>31</sup> EDMONDSON, *Two industries*, pp. 43-45, com uma lista de tesouros encontrados nas áreas mineiras da Lusitânia, alguns dos quais, como Idanha-a-Velha (1) e Idanha-a-Nova, nos merecem algumas reservas, assim como a ligação que entre eles e as guerras sertorianas é estabelecida.

<sup>32</sup> Todavia a possibilidade de o tesouro se encontrar incompleto justificaria esta divergência.

Analisando-o segundo as periodizações estabelecidas por Crawford, verifica-se que a maior parte dos numismas que o compõem concentra-se no período Id, ao mesmo tempo que estão ausentes as emissões correspondentes ao período Ia e é fraca a representatividade dos períodos Ib e Ic. Em termos de estrutura, o tesouro que aparentemente mais se aproximaria do da Fonte do Alvorge seria o de Idanha-a-Velha, contudo essa semelhança é apenas aparente, já que no primeiro a moeda mais antiga é de 152 a.C., enquanto no segundo é de 206-200 a.C., para além de neste último estarem ainda presentes as cunhagens ibéricas de AR, nomeadamente denários de *kese*, *ikalesken* e dracmas de *arse*.

Aparentemente, o entesouramento da Fonte do Alvorge foi realizado a partir de unidades emitidas num curto espaço de tempo — 51 anos — no que apenas encontra paralelo no tesouro de Penhagarcia — 48 anos entre a unidade mais antiga e a mais recente<sup>34</sup>. Este facto, bem como a possibilidade de as moedas estarem acompanhadas por uma pátera de prata, reafirma o seu carácter de ocultação de urgência<sup>35</sup>.

É igualmente importante o facto de o achamento do tesouro se ter efectuado a cerca de um quilómetro do povoado indígena do Monte Figueiró. Este local parece ter desempenhado um papel de relevo durante a Idade do Ferro<sup>36</sup>, devendo a sua ocupação ter persistido até pelo menos aos finais da República ou inícios da época imperial<sup>37</sup>. Tal pormenor, por si só, não prova que este depósito fosse pertença de um habitante do castro<sup>38</sup>; podia muito bem representar os haveres de algum militar romano que os dissimulou perante uma situação de perigo iminente e que, por motivos vários, o não recuperou (morte em comba-

<sup>33</sup> Não foram incluídos 4 AR forrados e 17 AR ibéricos.

<sup>34</sup> Os 9 denários anónimos referidos por Raddatz, *Schatzfunde*, p. 282, foram incluídos, por impossibilidade de correcta classificação, no período Ib, embora não seja de excluir a hipótese de alguns poderem pertencer ao período Ia. Refira-se ainda que apesar de o autor indicar que o tesouro era composto por 110 denários, apenas apresenta 108.

<sup>35</sup> São vários os tesouros de moedas deste período que se fazem acompanhar de objectos em metal precioso, como é o caso dos tesouros de Chão de Lamas, Olival da Soalheira do Barbanejo e Penhagarcia. Um exemplo paradigmático de um entesouramento de urgência ocultado por esta época é-nos fornecido pelo tesouro de Cogollos de Guadix (Granada), composto por 73 denários e duas argolas de prata envolvidos por uma pátera de prata, dobrada para o efeito, tudo enterrado dentro de um vaso de barro (cfr. MENDONZA EGUARAS, A., *Tesorillo de denarios republicanos de Cogollos de Guadix (Granada)*, Numisma, 150-155, 1978, pp. 25-52.

<sup>36</sup> COUTINHO, J. E. R., *Monte Figueiró*, in *Idade do Ferro*, Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz, 1994, pp. 113-114. Alguns dos materiais aqui recolhidos poderão ser de tradição orientalizante.

<sup>37</sup> Catálogo, *Achados ocasionais*, nº 1. Temos também notícia do aparecimento de cerâmicas campanienses e sigilatas itálicas.

<sup>38</sup> CRAWFORD, M., *Coin hoards and the pattern of violence in the Late Republic*, PBSR, XXXVII, 1969, p. 76, chama a atenção exactamente para o facto de a maior parte dos tesouros que não chegaram a ser recuperados pelos proprietários terem sido enterrados fora dos povoados, mas alerta também para um outro dado importante (p. 77): os conflitos nem sempre se desenrolam na área onde se enterra o tesouro, tornando-se, por assim dizer, numa causa indirecta da ocultação.

te, movimentação forçada para outra região, incapacidade em reconhecer o local do esconderijo, etc.)<sup>39</sup>.

A cronologia do encobrimento deste tesouro deve situar-se em 100 a.C. ou nos anos imediatos, conforme sugere o excelente estado de conservação dos exemplares mais recentes, podendo ir, o mais tardar, até aos anos 96-94 a.C., que assinalam as campanhas de P. Crassus na Ulterior<sup>40</sup>.

## 2. Tesouros das guerras sertorianas (82-72 a.C.)

Na sequência da guerra civil entre os partidários de C. Marius e os de L. Cornelius Sulla, Q. Sertorius foi enviado em 82 a.C. à Hispânia pelos marianistas como pretor da Citerior, com o objectivo de manter esta área fora do controlo dos *optimates*<sup>41</sup>.

Após uma fuga para a Mauritânia, forçada pela chegada das tropas sulanas comandadas por C. Annius Luscius, Sertorius regressa à Península em 80 a.C., ao que parece a pedido dos Lusitanos, para os chefiar na luta contra Roma. Durante cerca de meia década o expansionismo romano irá conhecer sucessivos reveses que apenas se atenuarão em 74 a.C., data a partir da qual se verificará uma inversão no desenrolar dos acontecimentos, culminando com o assassinato do general rebelde em 72 a.C. e com a consolidação do domínio romano na maior parte do solo hispânico.

Como reflexo deste período conturbado ficou-nos o testemunho de vários tesouros monetários. A primeira abordagem aos tesouros da época sertoriana encontrados na Península foi realizada em 1949 por F. Mateu Llopis no apêndice ao *Sertorio* de A. Schulten<sup>42</sup>. De então para cá muito se avançou felizmente na investigação numismática e foram vários

---

<sup>39</sup> A propósito dos tesouros de finais do séc. II-inícios do séc. I a.C. recuperados no território português, A. Faria é de opinião que não existia no ocidente hispânico uma economia monetária, pelo que só a presença de tropas romanas podia explicar a existência destes conjuntos. O facto de alguns deles terem sido descobertos em contextos indígenas leva-o mesmo a admitir que possam ser tesouros capturados aos romanos (FARIA, *Três tesouros*, p. 93).

<sup>40</sup> FHA, IV, pp. 152-153.

<sup>41</sup> Sobre a guerra civil entre Marius e Sulla cfr. GABBA, E., *Mario e Silla*, ANRW, I (1), 1972, pp. 764-805. Relativamente à figura de Sertorius veja-se SCHULTEN, A., *Sertorio*, Barcelona, 1949 e GARCÍA MORÁ, F., *Un episodio de la Hispania republicana: la guerra de Sertorio. Planteamientos iniciales*, Granada, Universidad de Granada, 1991 (contudo, este autor ignora na sua análise os tesouros sertorianos da Estremadura). Uma panorâmica geral do conflito hispânico pode ser encontrada em SOLANA SAINZ e MONTENEGRO DUQUE, *La integración de Hispania en los destinos de Roma. La guerra de Sertório (133-72 a.C.)*, pp. 102-117.

<sup>42</sup> MATEU Y LLOPIS, F., *Los tesoros monetarios de la época sertoriana*, Apêndice de SCHULTEN, A., *Sertorio*, Barcelona, 1949.

os tesouros que entretanto conheceram a luz do dia<sup>43</sup>. Se do inventário de Mateu Llopis não consta nenhum tesouro deste período para o actual território português<sup>44</sup>, presentemente o seu número aproxima-se já da dezena, quase todos concentrados na Estremadura (cfr. Quadro 5) e regiões limítrofes<sup>45</sup>.

	Nº de ex. do tesouro	Nº de ex. estudados	Exemplar + antigo	Exemplar + recente	C. emissor		
					Oficial	<i>boiskan</i>	<i>sekobirikes</i>
Vila Nova	25 (?)	25	128 a.C.	74 a.C.	23	2	
Columbeira <sup>46</sup>	c. 980	165	157-156 a.C.	82 a.C.	165		
Charneca	(?)	6	119 a.c.	80 a.C.	5	1	
Torres Novas	(?)	4	112-111 a.C.	83-82 a.C.	4		
Santarém	192 (?)	192	225-214 a.C.	74 a.C.	192		
Carnota	136	136	206-195 a.C.	76 a.C.	134	1	1

Quadro 5 - Tesouros sertorianos da Estremadura

Deste conjunto de tesouros, os de Santarém e Carnota estarão, em princípio, completos, como completo poderá estar também o de Vila Nova. Do tesouro da Columbeira temos uma amostra razoável, representando cerca de 17 % da globalidade do depósito. O

<sup>43</sup> Para uma visão de conjunto mais actualizada, cfr. AMELA VALVERDE, *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana*, pp. 19-24; RRCHAD, pp. 123-129, fig. 5-6; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, pp. 47-54 e 81-85, mapa 6, embora todos os trabalhos citados enfermem de algumas incorrecções.

<sup>44</sup> MATEU Y LLOPIS, *Los tesoros monetarios de la época sertoriana*, pp. 9-10 e mapa.

<sup>45</sup> Por falta de elementos não serão considerados aqui os tesouros da Herdade do Poço do Salvado, Atalaia, Monsanto (VASCONCELLOS, J. L., *Estudos sobre a época do ferro em Portugal*, AP, XXIV, 1920, p. 106; HIPÓLITO, *Tesouros*, pp. 70-71, n.º 97; FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste*, p. 93) e Monte Pindo, Boticas, Vila Real (CENTENO, *Circulação*, p. 66, n.º 55 e 193-194, tendo em atenção o considerável desgaste das moedas mais recentes sugere, quanto a nós bem, uma data de ocultação bastante tardia, enquanto RRCHAD 64 e VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 54, n.º 120, optam pela inclusão do achado no lote dos tesouros sertorianos). O pretenso tesouro de Monsanto (RRCH 229; FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste*, p. 93; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 53, n.º 117), não é mais que um conjunto de 4 moedas achadas no castelo de Monsanto e arredores (cfr. PIRES, C., *Moedas romanas achadas na Idanha*, AP, IV, 1898, pp. 79-80). Um tesouro com uma estrutura tipicamente sertoriana é o do Poio, Paradelas de Guiães, Sabrosa, apesar de o exemplar mais recente ser, segundo CENTENO (*Circulação*, pp. 73-75, n.º 65 e histograma da fig. 4) de 49-48 a.C. (RRC 443/1). Independentemente do facto de apenas uma parte do achado ter sido estudada, as circunstâncias que levaram à inclusão do supracitado denário bem como o hiato de cerca de 25 anos entre essa moeda e a que lhe é imediatamente anterior (RRC 394/1a, de 74 a.C.), levam-nos, de algum modo, a partilhar das dúvidas suscitadas por FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste*, p. 92 e AMELA VALVERDE, *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana*, p. 22.

<sup>46</sup> Embora do nosso inventário (cfr. Cat., *Tesouros*, n.º 12) só constem 128 exemplares, estes equivalem a 165 porque algumas peças repetidas só foram contabilizadas uma vez.

lote de 4 AR da região de Torres Novas pode fazer parte do depósito da Charneca, hipótese defendida por alguns autores e que nos parece extremamente provável<sup>47</sup>.

Exceptuando os dois achados da região de Torres Novas e o da Columbeira — que não nos proporcionam elementos cronológicos absolutamente fiáveis —, o tesouro de Santana da Carnota, fecha com um exemplar de 76 a.C. (RRC 390/1)<sup>48</sup> e os de Vila Nova e Santarém terminam com unidades de 74 a.C. (RRC 394/1). A ocultação destes tesouros parece situar-se já na fase final do conflito sertoriano, momento ao qual poderão ser atribuídos também 2 tesouros encontrados na região centro-litoral, os tesouros de Cabeça da Corte (Pombalinho, Soure)<sup>49</sup> e do castro de Romariz (Aveiro)<sup>50</sup>.

É de notar o facto de não dispormos, para já, de nenhum achado relacionável com as etapas iniciais da disputa. Mesmo no Sul de Portugal, que parece ter sido o palco inicial dos enfrentamentos entre as tropas de Sertorius e as do governador da Ulterior, Q. Caecilius Metellus Pius, não se registou, que saibamos, até ao momento nenhum achado associável a estes acontecimentos.

Na opinião de F. García Morá, na sua ofensiva inicial de 79 a.C., Metellus teria provavelmente atacado os territórios lusitanos a Norte do Tejo<sup>51</sup>, hipótese que pode e deve ser considerada, mas que não encontra para já confirmação nos dados da arqueologia. É certo que o estabelecimento de um acampamento em Caeciliana (situada algures nas imediações de Setúbal)<sup>52</sup> poderia ser um indicador desta acção e os comentários de Salustius (*Hist.*, I, 112-115) não descartam tal possibilidade mas, a terem lugar, desconhecemos a

---

<sup>47</sup> Tal possibilidade foi já sugerida por HILDEBRANDT, *Die Münzen aus Cáceres el Viejo*, p. 274, n. 37 e AMELA VALVERDE, *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana*, p. 22.

<sup>48</sup> VIEGAS e PARREIRA, *Der Schatzfunde von Santana da Carnota*, p. 83 e segs., sugerem uma cronologia *post.* 72 a.C. para este tesouro, com base na presença de um denário de *bolskan*, por eles considerada a unidade mais recente do depósito. No entanto, e como muito bem observa GARCÍA-BELLIDO (*Sobre la localización de Segobrix*, p. 249, n. 11), a datação da peça será claramente anterior a 72 a.C., pelo que a proposta daqueles autores não parece correcta.

<sup>49</sup> HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 62, n.º 87; RRCH 300; RRC, pp. 84-85, Quadro XIII; RRCHAD 69; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p.53, n.º 114. Apesar da presença de um denário de *šekobirikes* (MARTÍN VALLS, *La circulación monetaria ibérica*, p. 338, n.º 32), Villaronga inclui este conjunto monetário no grupo dos tesouros compostos exclusivamente por moeda romana.

<sup>50</sup> CENTENO, R. M. S., *O tesouro monetário de Romariz (Portugal)*, Sautuola, II, 1976-1977, pp. 209-219; *Coin Hoards* III, 1977, p. 55, n.º 123; RRCHAD 72; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 54, n.º 123 (incorrectamente incluído no grupo dos tesouros compostos exclusivamente por moeda romana, pois possui um denário de *šekobirikes*).

<sup>51</sup> GARCÍA MORÁ, F., *Sertorio frente a Metelo*, «Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga», pp. 383-399, tece várias conjecturas interessantes a propósito desta campanha de Metellus, embora algumas sejam meramente hipotéticas.

<sup>52</sup> ALARCÃO, *Roman Portugal. I-Introduction*, p. 56; TOVAR, *Iberische Landeskunde*, Band 2, p. 216; ULBERT, *Cáceres el Viejo*, p. 198; GARCÍA MORÁ, *Un episodio de la Hispania republicana: la guerra de Sertorio*, p. 96.

amplitude das incursões de Metellus. Daqui em diante Sertorius irá conta-atacar com êxito, alargando a sua influência aos territórios a Sul do Tejo enquanto Metellus, por força das circunstâncias, se verá obrigado a recuar para o coração da Ulterior e a optar por uma postura mais defensiva<sup>53</sup>. A partir deste momento as fontes clássicas são omissas relativamente a acções que possam ter-se desenrolado nesta área, exceptuando uma breve notícia a propósito de uma expedição de Perperna a Cale realizada provavelmente em fins de 74 a.C. (Salustius, *Hist.*, III, 43 = Servius, *Ad Aen.*, VII, 728). É precisamente com este acontecimento que poderemos tentar relacionar os tesouros da Carnota, Santarém, Vila Nova, Cabeça da Corte e Romariz. Outra possibilidade a ter em conta é a de que possam ser o resultado de expedições punitivas levadas a cabo pelos romanos após a morte de Sertorius.

Partindo do princípio que a Cale de Salustius é identificável com a cidade homónima que existiu na foz do Douro, urge perguntar qual o móbil do lugar-tenente de Sertorius. A resposta que nos ocorre é que o partido sertoriano já não controlava em absoluto os territórios mais ocidentais da Hispânia e que o início da derrocada do poder do general estaria a provocar algum esmorecimento na fidelidade das populações indígenas<sup>54</sup>.

Embora as fontes clássicas o não mencionem, não está fora de questão admitir que a expedição de Perperna tivesse objectivos mais vastos do que simplesmente chamar à ordem os habitantes de Cale; os vários tesouros cuja cronologia encaixa nesta acção militar poderiam indiciar que na faixa costeira a Norte do Tejo teriam sido várias as povoações atacadas, talvez pelo mesmo motivo.

Contudo, o peso desta argumentação diminui consideravelmente se tivermos em consideração as propostas sugeridas por C. Hersh e A. Walker para a cronologia das emissões de denários romanos que fecham a maior parte dos nossos tesouros. Assim, a emissão RRC 394/1 de C. Postumius que fecha os tesouros de Vila Nova, Santarém e Cabeça da Corte é datada por estes autores de 73 a.C.<sup>55</sup>. Também o denário RRC 390/1-2, de L. Lucretius Trio, que corresponde ao exemplar mais recente do depósito de Santana da Carnota avança de 76 para 74 a.C., enquanto o AR mais recente do tesouro do castro de Romariz (RRC 395/1, de L. Cossutius Sabula) avança de 74 para 72 a.C.<sup>56</sup>. Assim, já só o tesouro da

---

<sup>53</sup> Esta atitude está bem exemplificada no abandono do acampamento de Cáceres-el-Viejo (Castra Caecilia ?) provavelmente após um ataque de Sertorius: ULBERT, *Cáceres el Viejo*, pp. 207-211.

<sup>54</sup> Este facto é confirmado pelas passagens citadas em FHA, IV, pp. 227-228, que relatam o início da defecção dos aliados ibéricos e romanos de Sertorius. Do mesmo ponto de vista partilha ALARCÃO, *A conquista do território*, p. 349. Opinião diversa é manifestada por GARCÍA MORÁ, *Un episodio de la Hispania republicana: la guerra de Sertorio*, p. 325, ao pretender que o objectivo de Perperna seria aliciar as populações galaicas meridionais para a sua causa após a perda da Celtibéria e do Vale do Ebro.

<sup>55</sup> HERSH, C. e WALKER, A., *The Mesagne hoard*, ANSMN, 29, 1984, pp. 103-134, especialmente o Quadro 2.

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*.

Carnota seria, em princípio, contemporâneo da campanha de Perperna. Os restantes seriam posteriores e poderiam ter origem em campanhas efectuadas por Metellus ou por outro general posteriormente à morte de Sertorius<sup>57</sup>.

Apesar de na maior parte dos casos ignorarmos o local exacto onde foram descobertos estes tesouros, não deixa de ser ponto assente que a maioria dos tesouros sertorianos foi descoberta nas proximidades de povoados indígenas<sup>58</sup>. O tesouro de Vila Nova foi encontrado a uns 500 metros do Monte Figueiró<sup>59</sup>; o da Columbeira numa região onde se eleva o castro homónimo, com uma importantíssima ocupação da Pré-história recente e posterior<sup>60</sup>; o da Carnota numa região onde parecem ter existido vários povoados da Idade do Ferro, como Ierabriga<sup>61</sup> e os castros das Curvaceiras<sup>62</sup> e da Ota<sup>63</sup>. Já fora da nossa área de investigação, o tesouro de Romariz foi recolhido no interior do próprio povoado<sup>64</sup>.

A este grupo poderemos também acrescentar, se bem que a título meramente hipotético, os achados do Pinhal do Alvarinho, Alenquer (Cat., *Tesouros*, nº 17) e da região de Leiria (Cat., *Tesouros*, nº 6), este numa zona dominada por Collippo. Do primeiro sabemos que era composto por cerca de 1000 denários republicanos, colocados num vaso de prata com a inscrição SVCNIN(us) ASED I F(ilius)<sup>65</sup>. Hipólito Cabaço, que viu três das

<sup>57</sup> Existem algumas notícias vagas a respeito de insurreições dos indígenas até 70 a.C.: SOLANA SÁINZ, J. M. e MONTENEGRO DUQUE, Á., *César en Hispania y la guerra civil con Pompeio*, in MONTENEGRO DUQUE, BLÁZQUEZ MARTÍNEZ e SOLANA SÁINZ, *Historia de España*, p. 122.

<sup>58</sup> Segundo ALARCÃO, *A produção e a circulação dos produtos*, p. 483, muitos dos tesouros achados em castros seriam propriedade colectiva dos seus habitantes.

<sup>59</sup> Sobre este povoado, cfr. *supra* p. 92.

<sup>60</sup> SCHUBART, H., FERREIRA, O. V. e MONTEIRO, J. A., *A fortificação eneolítica da Columbeira-Bombarral*, AP, 3ª s., 3, 1969, pp. 12-36; COFFYN, *Le Bronze Final Atlantique*, p. 214, mapa 39, nº 91.

<sup>61</sup> ALARCÃO, *Domínio*, p. 48; MANTAS, *As cidades marítimas da Lusitânia*, p. 162, n. 57, situa esta povoação entre Paredes e Sete Pedras, nos arredores de Alenquer.

<sup>62</sup> Neste povoado foi encontrada nos inícios do século uma moeda hispano-cartaginesa (Cat., *Achados ocasionais*, nº 68).

<sup>63</sup> Também para este local temos notícia do achado de denários republicanos e de um quarto de shekel hispano-cartaginês (Cat., *Achados ocasionais*, nº 69).

<sup>64</sup> CENTENO, *O tesouro monetário de Romariz*, p. 210.

<sup>65</sup> Embora HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 81-82, nº 116, fundamentando-se numa informação de Hipólito Cabaço refira que o tesouro estava repartido por duas taças de prata, preferimos seguir Hübner (CIL II 6249<sup>3</sup>), que recebe a notícia de Estácio da Veiga em época não muito distante do achado. Como se pode ver, a forma de identificação patente na inscrição é perfeitamente indígena e a onomástica é extremamente interessante, pois parece ser única na Península. Os antropónimos referidos no texto podem representar a transcrição para o alfabeto latino dos nomes ibéricos \*suk(u)nin e \*aseti: cfr. FARIA, A. M., *Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais*, Portugália, n. s., XI-XII, 1990-1991, pp. 83 e 88. Contudo, GORROCHATEGUI CHURRUCA, J., *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*, Bilbao, 1984, p. 150, defende uma origem aquitana para o antropónimo Ascedus. Tudo parece apontar no sentido de a formação do tesouro ter ocorrido em local muito distante daquele onde viria a ser abandonado.

moedas, datou-as de 125 a.C.<sup>66</sup>. Do segundo nada sabemos ao certo, mas é digna de crédito a informação de Leite de Vasconcellos que diz ter visto na posse de José Barreiros Calado, residente no Juncal (Porto de Mós), dez denários ibéricos achados em Leiria<sup>67</sup>. Temos algumas dúvidas em crer que o achado tivesse sido realizado exactamente em Leiria; é muito provável que Vasconcellos se quisesse referir à região de Leiria. Tem para nós cabimento que as moedas integrassem um tesouro, embora se ignore o número de unidades que o compunham bem como os centros emissores presentes. Apesar de todas as incertezas que o envolvem, este deve ser um daqueles tesouros ocultados entre finais do séc. II - inícios do I a.C. e o fim das guerras sertorianas<sup>68</sup>.

Outro aspecto que julgamos pertinente discutir aqui é o seguinte: se à análise da rede viária romana na faixa ocidental entre os rios Tejo e Douro<sup>69</sup> juntarmos a distribuição espacial dos achados da época sertoriana, verificamos que estes evidenciam uma espantosa tendência para se alinharem ao longo daqueles que virão a ser, mais tarde, os eixos viários capitais desta vasta área (cfr. mapa 4). Como se pode observar, a maior concentração de tesouros está disposta ao longo do eixo principal da futura via Olisipo-Bracara Augusta, ao mesmo tempo que outra menos importante e evidente se localiza naquele que virá a ser o seu ramal secundário. Tudo aponta, portanto, no sentido de as vias imperiais se terem sobreposto aos caminhos que nos finais na Idade do Ferro — e provavelmente já desde o Bronze Final<sup>70</sup> — asseguravam a ligação entre os povoações mais importantes, facilitando as transacções dos produtos, mas também as deslocações dos contingentes militares<sup>71</sup>.

<sup>66</sup> HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 82.

<sup>67</sup> VASCONCELLOS, J. L., *Notícias do Juncal (Estremadura)*. (*Coisas velhas*, 139), AP, XXX, 1938, p. 207.

<sup>68</sup> Esta conjectura é igualmente válida para o tesouro de Alcaide, Fundão (HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 68, nº 93), que FARIA (A. M.), *Sobre a moeda no Noroeste*, *Arqueologia*, 20, 1989, p. 93, admite ser sertoriano. A cronologia da maior parte dos tesouros em cuja composição entram os denários ibéricos não ultrapassa o final das guerras sertorianas. Conhecem-se, no entanto, vários achados com unidades ibéricas ocultados em épocas posteriores, entre os quais os de S. Mamede de Ribatua (Centeno, *Circulação*, pp. 81-82, nº 76), Castro de Arrabalde (SÁNCHEZ DE ARZA, V., *Las monedas del tesoro de Arrabalde. La Asturias Cismontana*, Numisma, 186-191, 1994, pp. 51-64) e Villar del Álamo, também conhecido por tesouro de Albacete (VILLARONGA, L., *Tesorillo de Albacete del año 1906*, Ampurias, 33-34, 1971-1972, pp. 305-320).

<sup>69</sup> Cfr. ALARCÃO, *Roman Portugal, I - Introduction*, pp. 52-53, fig. 24 e MANTAS, V. G., *A rede viária do convento escalabitano*, «Actas del Simposio Sobre La Red Viaria en la Hispania Romana», Tarazona, 1990, pp. 219-239.

<sup>70</sup> MANTAS, *Rede viária*, p. 220, salienta que a mobilidade dos bandos lusitanos e dos exércitos republicanos se ficaria a dever à utilização de velhos caminhos indígenas.

<sup>71</sup> Embora na posse de dados muito parcelares para os tesouros sertorianos da Lusitânia, AMELA VALVERDE, *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana*, p. 22, refere que todos aqueles por ele apresentados se encontram junto a vias de comunicação, o mesmo ocorrendo com os achados da Extremadura espanhola, situados junto à *via de la Plata*.

Apenas o ainda inédito tesouro do Coiço (Oliveira do Mondego, Penacova)<sup>72</sup> parece sair da órbita da primacialidade dos eixos viários, mas a sua localização, próxima ao Mondego, parece realçar a importância deste curso de água na penetração romana na Lusitânia.

Passaremos agora à análise dos tesouros propriamente dita. Na nossa discussão iremos considerar sobretudo os tesouros de Vila Nova, Columbeira, Santarém e Santana da Carnota, já que, como vimos, os restantes não nos dão garantias suficientes nem o seu material é representativo.

Analisando a distribuição dos tesouros segundo os períodos estabelecidos por Crawford (cfr. Quadro 6), notamos que o mais completo é o de Santarém, onde a moeda mais antiga é uma didracma de 225-214 a.C., portanto anterior à criação do denário<sup>73</sup>, e onde a peça mais recente datará de 74 a.C.

Este é, juntamente com o tesouro de Empordà<sup>74</sup>, um dos poucos tesouros sertorianos onde o período Ia está representado, embora tenhamos como certo que a presença de unidades tão antigas seja o reflexo de uma circulação residual, o mesmo se aplicando às do período Ib. Poder-se-á todavia admitir que, num ou noutro caso, se trate de normal entesouramento.

	Vila Nova	Columbeira	Santarém	S. Carnota	Romariz	Empordà	Nerpio
Ante 211 a.C.			0.57				
Ia (211-207 a.C.)			1.14			1.95	
Ib (c. 206-c. 144 a.C.)		8.66	6.25	5.22	8.57	5.84	2.95
Ic (c. 143-c. 125 a.C.)	4.35	22.83	15.91	9.70	4.28	10.62	10.45
Id (c. 124-c. 92 a.C.)	13.04	49.61	38.06	35.82	38.57	29.82	20.86
Ie (91-79 a.C.)	69.54	18.90	31.82	48.51	38.57	45.22	62.58
If (78-49 a.C.)	13.04		6.25	0.75	10.00	6.55	2.95

QUADRO 6 - Estrutura de 7 tesouros sertorianos

<sup>72</sup> A notícia deste achado encontra-se em FIDALGO, J. O., *Levantamento arqueológico do concelho de Penacova*, Trabalho escolar, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1991, pp. 61-62 e 66-68, fotos 8-13; Agradecemos a maior parte das informações sobre este tesouro à Dra. Ana Margarida Serra Ferreira, do Museu Municipal da Figueira da Foz, que nos facultou a observação das fotos das moedas). Este depósito foi encontrado há poucos anos atrás por trabalhadores durante o plantio de um eucaliptal e é composto actualmente por 20 denários e por um fragmento de um torques de prata. Não sabemos, ao certo, quantas unidades continha, existindo mesmo a possibilidade de se encontrar completo. A partir das fotografias identificámos os seguintes exemplares: RRC 200/1, 262/1, 266/1, 273/1, 274/1, 275/1 (2 ex.), 286/1, 289/1, 300/1, 302/1, 325/1b, 328/1, 337/3, 344/2b, 350A/2 (2 ex.), 352/1c, 357/1b e 366/3c. A unidade mais recente (RRC 366/3c) foi batida na Hispânia por C. Annius Luscus nos anos 82-81 a.C., mas a data da ocultação do tesouro é incerta, já que poderão faltar exemplares posteriores.

<sup>73</sup> Sobre a controvérsia suscitada pela data de criação do denário, cfr. RRC, p. 28-35; BUTTREY, T.V., *Morgantina and the denarius*, NAC, 8, 1979, p. 149-157; CRAWFORD, *Coinage and money*, pp. 55-60 e MARCHETTI, P., *Numismatique romaine et Histoire*, Cahiers du Centre G. Glotz, IV, 1993, pp. 30-35.

<sup>74</sup> VILARET I MONFORT, J., *Una troballa numismàtica de l'època sertoriana a l'Empordà*, ActNum, VI, 1976, pp. 47-60.

Ao contrário do tesouro de Santarém, o de Vila Nova parece ter sido reunido num curtíssimo espaço de tempo. Ao exemplar mais antigo (128 a.C.) seguem-se um de 111-110 a.C. e outro de 101 a.C. A maioria esmagadora dos numismas concentram-se no período Ie (66.67 %), em paralelo com o tesouro de Nerpio, Albacete (62.58%)<sup>75</sup>. Neste caso concreto, as emissões dos períodos anteriores têm também um valor residual. Contudo estas considerações encontram-se de algum modo limitadas pela reduzida massa monetária que compõe este depósito. No tesouro da Columbeira, o período mais bem representado é o Id, enquanto as emissões do período If estão ausentes, mas a análise deste tesouro é afectada pelo facto de o material disponível não passar de uma amostra do total.

O tesouro de Santana da Carnota tem, ao nível da estrutura, algumas semelhanças com o tesouro de Empordá - embora as suas unidades mais antigas sejam posteriores - e com o tesouro de Nerpio, mas o seu período If está fracamente representado. Convém contudo não esquecer que a moeda que fecha este depósito tem uma cronologia anterior em dois anos à dos tesouros que atrás referimos.

Em termos gerais, podemos dizer que todos estes tesouros se caracterizam por uma elevada percentagem de numerário nos períodos mais recentes - exceptuando o último -, percentagem essa que vai decrescendo progressivamente à medida que recuamos no tempo. Esse valor também é muito reduzido no período que fecha cada tesouro, pelo simples facto de a moeda recém-cunhada demorar algum tempo a entrar nos circuitos monetários. Durante este período de tempo que estamos a tratar, a necessidade de subsidiar as operações militares deve ter acelerado consideravelmente o processo, apesar de termos notícia das dificuldades por que passaram os generais beligerantes para se abastecerem de numerário. Em 76 a.C. Metellus só recebeu moeda enviada da Gália Narbonense e, em 75 ou 74 a.C., Pompeius envia uma carta ao Senado a dar conta das dificuldades de manutenção do exército (Salustius, *Hist.*, II, 98). O problema do aprovisionamento só terá sido solucionado, na opinião de M. Crawford, com a volumosa emissão de C. Postumius (RRC 394) que fecha vários tesouros hispânicos desta época, entre os quais os de Vila Nova, Santarém, Cabeça da Corte e Nerpio<sup>76</sup>.

Nestes tesouros, o aprovisionamento de numerário começa a ganhar alguma expressão durante o período Ic<sup>77</sup>, para atingir o seu pico máximo, na maior parte dos casos, no período Ie. Este é com frequência o período mais bem representado (alternando por vezes

<sup>75</sup> VIDAL BARDÁN, J. M., *Tesorillo de denarios romano-republicanos de Nerpio (Albacete)*, Numisma, 186-191, 1984, pp. 41-50.

<sup>76</sup> CRAWFORD, M. H., *The financial organization of republican Spain*, NC, 7ª s., IX, 1969, p. 84 e *Coinage and money*, p. 211 e 213.

<sup>77</sup> A idêntica conclusão chega AMELA VALVERDE, *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana*, pp. 24-25, que situa este crescimento na década 139-130, correspondendo ao primeiro grande aumento do volume das emissões em Roma (Cfr. Gráficos 2 e 3).

com o período Id), já que é durante este espaço de tempo que o volume das emissões em Roma atinge os níveis mais elevados<sup>78</sup>.

Aliás, se compararmos o histograma representando o volume das emissões de AR estabelecido por M. Crawford (Gráfico 2)<sup>79</sup>, com outro mostrando a estrutura destes tesouros agrupados por décadas (Gráfico 3)<sup>80</sup>, verificamos que existe um certo paralelismo entre ambos, sinal de que os tesouros parecem espelhar, de algum modo, a realidade da produção e circulação do denário na Itália.

As maiores discrepâncias ocorrem nos tesouros de Vila Nova e da Columbeira mas, no caso deste último, não atribuímos significado especial ao facto uma vez que se encontra incompleto; no caso do primeiro, as emissões situadas entre 129 e 100 a.C. têm, como já referimos, um valor meramente residual.

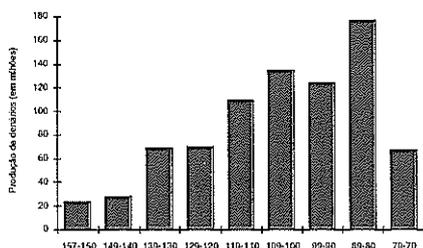


Gráfico 2— Volume das emissões de AR segundo Crawford

Como vimos no Quadro 5, o tesouro de Santarém e, provavelmente, o da Columbeira são compostos exclusivamente por numerário oficial, seja ele emitido em Roma ou pelos generais em campanha<sup>81</sup>. Os restantes vêm entrar na sua composição as emissões de prata ibérica, embora em proporções que podem ser consideradas praticamente irrelevantes.

<sup>78</sup> Cfr. Gráfico 2 e CRAWFORD, RRC, pp. 702-705.

<sup>79</sup> CRAWFORD, RRC, pp. 696-707. Sobre o volume de moeda de prata em circulação entre 157 e 50 a.C. veja-se ainda HOPKINS, K., *Taxes and trade in the Roman empire (200 BC-AD 400)*, JRS, 70, 1980, p. 109, fig. 2 (reproduzido em CRAWFORD, *Coinage and money*, p. 176, fig. 65 e em BURNETT, *La numismatique romaine*, p. 111). A fiabilidade dos cálculos efectuados por Crawford é muito justamente colocada em questão por outros autores, tais como MATTINGLY, H.B., *Coinage and the roman state*, NC, 17, 1977, pp. 206 e segs.; idem, *The management of the Roman Republican mint*, in «Stato e Moneta a Roma fra la Tarda Repubblica e il Primo Impero», AIN, 29, 1982, pp. 27-29; LO CASCIO, E., *Spesa militare, spesa dello stato e volume delle emissioni nella tarda Repubblica*, in «Stato e Moneta a Roma fra la Tarda Repubblica e il Primo Impero», AIN, 29, 1982, pp. 75-97 e BURNETT (A.), *The changing face of republican numismatics*, JRS, LXXVII, 1987, p. 179.

<sup>80</sup> Não representamos no histograma as séries anteriores a 157 a.C., uma vez que Crawford só calcula o volume das emissões a partir desta data.

<sup>81</sup> Caso dos famosos denários de C. Annus Luscus (RRC 366/3-4) batidos na Hispânia entre 82 e 81 a.C.

Não deixa de ser bizarro que, numa região em princípio sob o controlo de Sertorius, as emissões ibéricas que neste período sofreram um maciço aumento de volume, tenham conhecido um papel tão marginal<sup>82</sup>. As poucas unidades que surgem nos entesouramentos associadas aos denários romanos representam dois dos centros emissores mais operosos na Hispânia durante esta época: *bolskan* com três unidades<sup>83</sup> e *sekobirikes* com uma<sup>84</sup>. Na região centro-portuguesa, esta casa emissora está ainda presente nos tesouros de Cabeça da Corte<sup>85</sup> e do Castro de Romariz<sup>86</sup>.

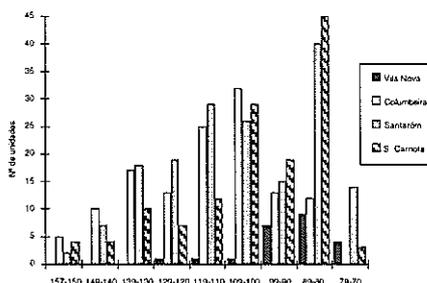


Gráfico 3 - Composição dos tesouros de Vila Nova, Columbeira, Santarém e Carnota (por décadas)

Esta fraca dimensão das emissões ibéricas de AR nos tesouros estremenhos é confirmada pela análise do material proveniente dos achados isolados e das escavações: apenas se inventariou um denário de *bolskan* achado em Lisboa nos finais do século passado<sup>87</sup>.

Como justificação para este fenómeno poder-se-á argumentar que a Estremadura está geograficamente muito afastada dos principais centros emissores hispânicos, mas talvez

<sup>82</sup> Foram estas emissões que asseguraram, em boa medida, o esforço de guerra sertoriano: cfr. GAGGERO, G., *Aspetti monetari della rivolta Sertoriana in Spagna*, RIN, vol. XXIII, 6<sup>a</sup> s., LXXVII, 1976, pp. 55-75 e CRAWFORD, *Coinage and money*, p. 210. Porém, convirá não esquecer que Sertorius terá trazido de Itália grandes quantidades de moeda oficial, de que voltou a ser abastecido com a chegada de Perperna (Plutarco, *Sert.*, 15,1).

<sup>83</sup> Entre os centros emissores ibéricos desta fase, *bolskan* foi aquele cujas emissões tiveram maior volume e conheceram maior difusão, cfr. MARTÍN VALLS, *La circulación monetaria ibérica*, pp. 233-235 e 309 e DOMÍNGUEZ ARRANZ, A., *Las cecas ibéricas del valle del Ebro*, Zaragoza, Institución «Fernando el Católico», 1979, pp. 86-99 e 351, Mapa 6.

<sup>84</sup> Sobre a circulação da moeda de *sekobirikes*, cfr. BARAHONA RAMOS, J. J., *La ceca de sekobirikes*, «III Congreso Peninsular de Historia Antigua-Preactas» (Vitoria-Gasteiz, Julho de 1994), pp. 597-621.

<sup>85</sup> MARTÍN VALLS, *La circulación monetaria ibérica*, p. 338, n<sup>o</sup> 32 (por informação de M. C. Hipólito).

<sup>86</sup> CENTENO, *O tesouro monetário de Romariz*, p. 219, n<sup>o</sup> 72.

<sup>87</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 202, n. 92, refere que a circulação da prata ibérica deve ter sido reduzida no ocidente peninsular.

seja mais realista admitir que, nesta época, as populações ainda não utilizavam a moeda de forma corrente, estando o seu usufruto reservado a certos grupos de indivíduos como os militares e alguns comerciantes ou a povoações ligadas a actividades mercantis. Aliás, a ausência de moeda republicana em contextos que possam ser associados a esta época<sup>88</sup>, mostra que a moeda ainda não era utilizada pelas populações nas trocas quotidianas. Os tesouros sertorianos documentam a primeira chegada massiva de moeda à nossa região, pelo que só a partir desta época se poderão ter dado os primeiros passos no sentido da sua progressiva generalização.

Depois, a formação de alguns destes tesouros poderá ter ocorrido em áreas bastante distantes dos locais de achado<sup>89</sup>. Muitos deles poderão representar não as posses de um autóctone, mas o produto de saques efectuados em regiões distantes após uma refrega ou a tomada de uma povoação; representarem parte do estipêndio<sup>90</sup> ou até serem produto do exercício simultâneo de ambas as actividades. Outras vezes poderá ser o próprio recrutamento militar a justificar a ocultação<sup>91</sup>: antes de partir, o futuro soldado põe a salvo esta

---

<sup>88</sup> Tal facto pode explicar-se, em primeiro lugar, pela ausência de trabalhos arqueológicos de grandes dimensões em sítios com ocupação republicana. Boa parte das 38 moedas recuperadas nas escavações de Conimbriga foram encontradas em contextos de demolição claudianos, nas camadas de enchimento do centro monumental flaviano e na remodelação das termas trajânicas (*Fouilles de Conimbriga*, pp. 6-8, 195 e 198-201), não permitindo extrair qualquer conclusão. Nos Chões de Alpompe, o material de que dispomos é insignificante e resulta de achados de superfície. A única excepção no Oeste hispânico parece ser, para já, o acampamento da Lomba do Canho, Arganil. Todavia, a ocupação deste local, certamente justificada pela necessidade de controlar uma zona rica em minério (estanho e ouro de aluvião), não deve ter-se iniciado antes da década de 60: cfr. NUNES, J.C., FABIÃO, C. e GUERRA, A., *O acampamento militar romano da Lomba do Canho (Arganil): ponto da situação*, «Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu», 1989, pp. 412-413.

Por outro lado, urge perguntar em que medida é que as 30 moedas (7 AR + 23 AE) aí recolhidas (FARIA, A. J., *As moedas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*, Nummus, 2<sup>a</sup> s., VII-VIII, 1984-1985, pp. 37-42) podem ser entendidas como reflexo de uma normal circulação da moeda? Parece-nos que a resposta terá que ser negativa, uma vez que a sua utilização se restringiria, em princípio, à guarnição.

<sup>89</sup> FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste*, p. 93.

<sup>90</sup> Durante as guerras sertorianas o soldo seria pago preferencialmente em AR: cfr. ZEHACKER (H.), *Le solde de l'armée romaine de Polybe à Domitien*, AIN, 30, 1983, p. 111. Contudo, o valor do estipêndio durante esta época continua a ser muito discutido. Autores como R. THOMSEN, *The pay of the roman soldier and the property qualification of the servian classes*, in «Classica et Mediaevalia Francisco Blatt septuagenario dedicata», Glydendal, 1973, pp. 194-208; ZEHACKER, *op. cit.*, pp. 95-121 e H. C. BOREN, *Studies relating to the stipendium militum*, Historia, 32 (4), 1983, p. 437-458, defendem que se situava nos 120 denários/ano = 1200 asses. Contra: E. LO CASCIO, *Ancora sullo stipendium legionario dall'età polibiana a Domiziano*, AIN, 36, 1989, pp. 101-120, esp. a pág. 118, que situa o valor do estipêndio em 90 denários = 1440 asses.

<sup>91</sup> Esta possibilidade é sugerida por CRAWFORD, *op. cit.*, p. 79. Também DUNCAN-JONES, R., *Money and government in the Roman Empire*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994, pp. 83-84, realça a importância do fenómeno do recrutamento na deposição de vários tesouros monetários.

parte do seu património. Mas se muitos partem, nem todos regressam ... A análise desta hipótese levar-nos-ia longe, nomeadamente à questão do recrutamento de auxiliares indígenas pelos romanos<sup>92</sup>, bem como à das formas de pagamento utilizadas.

E mesmo nos casos em que o entesourador voltava para recuperar os seus haveres, nem sempre conseguia identificar o local preciso que utilizara como esconderijo<sup>93</sup>.

Outra questão que nos parece difícil de descortinar, é a da origem étnica do possessor: indígena ou romano? Mesmo a presença de jóias de tradição indígena nos tesouros da Carnota e do castro de Romariz dificilmente pode ser usada como argumento a favor de qualquer dos potenciais proprietários.

A relativa abundância de tesouros da época sertoriana nesta franja ocidental da Península Ibérica, parece mostrar que esta região desempenhou um papel bastante importante, e até há pouco tempo insuspeitado<sup>94</sup>, na derradeira etapa da guerra civil entre populares e aristocratas.

### 3. Tesouros de finais da República (71-28 a.C.)

Após a morte de Sertorius e a consumação da derrota dos seus partidários não voltamos a ter notícias da Lusitânia nas fontes clássicas antes de 61 a.C., data que assinala o regresso de C. Iulius Caesar à Península, agora como propretor da Ulterior<sup>95</sup>. Durante esse ano, Caesar levou a cabo várias operações militares contra as populações (entre elas os Lusitanos) que viviam no *Mons Herminius*, designação que muitos autores associam à Serra da Estrela<sup>96</sup>, mas que deve talvez ser encarada numa acepção mais lata, extensiva ao sistema montanhoso da Beira Interior<sup>97</sup>.

---

<sup>92</sup> Sobre o recrutamento dos indígenas pelos romanos, cfr. GARCÍA Y BELLIDO, A., *Los auxiliares hispanos en los ejércitos romanos de ocupación (200 al 30 antes de J.C.)*, Emerita, XXXI (2), 1963, pp. 213-226 e, principalmente, o novíssimo livro de ROLDÁN HERVÁS, J. M., *Los hispanos en el ejército romano de época republicana*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1993.

<sup>93</sup> Exemplo clássico é o do britânico Samuel Pepys que, em 12 Junho de 1667, perante a notícia de um ataque holandês, mandou ocultar 1300 libras esterlinas no jardim da sua casa de campo de Huntingdonshire, só as recuperando cerca de 4 meses depois, após ter sentido sérias dificuldades na identificação do local exacto do esconderijo (GRIERSON, *Monnaies et monnayage*, pp. 163-164).

<sup>94</sup> O ponto actual da questão foi excelentemente traçado por FABIÃO, *O passado proto-histórico e romano*, pp. 221-223.

<sup>95</sup> Sobre a campanha de Caesar cfr. FERREIRO LOPEZ, M., *La campaña militar de Cesar en el año 61*, «Actas del Ier Congreso Peninsular de Historia Antigua» (Santiago, 1986), Santiago de Compostela, 1988, vol. II, pp. 363-372.

<sup>96</sup> SCHULTEN, A., *Herminius mons*, RE, 8, 1912, col. 834 e FHA, V, p. 13; FERREIRO LOPEZ, *La campaña militar de Cesar*, p. 367.

<sup>97</sup> Da mesma dúvida partilham ALARCÃO, J., *Os Montes Herminios e os Lusitanos*, «Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro», vol. 2, Lisboa, 1988, p. 42 e FABIÃO, *O passado proto-histórico e romano*, p. 224.

Na sequência destas campanhas, Caesar terá passado pela actual região estremenha, pelo menos é nesse sentido que tem sido interpretada uma passagem de Cassius Dio (XXXVII, 52-53) segundo a qual os indígenas perseguidos por Caesar se teriam refugiado numa ilha por alguns identificada como a península de Peniche<sup>98</sup>, onde foram derrotados graças à chegada de uma frota de Gadir.

Daqui em diante a presença dos militares vai tornar-se uma constante na região a Norte do Tejo, assistindo-se ao reforço de um domínio tornado a breve trecho efectivo até ao Douro. Apesar da amplitude destas campanhas não nos ficaram, pelo menos até ao momento, grandes marcas ao nível dos depósitos monetários. Os dois únicos achados que poderão ter alguma ligação à campanha cesariana situam-se já fora da Estremadura e a sua cronologia suscita algumas dúvidas. Estamos a referir-nos aos tesouros da Moita (Anadia)<sup>99</sup> e de S. Romão (Seia)<sup>100</sup>, que se localizam em zonas muito próximas do teatro de operações e dos quais se desconhece a composição integral.

Os tesouros recenseados para a Estremadura e que poderão datar de finais da República serão seguramente posteriores à campanha de Caesar. São os depósitos de S. Sebastião (Cat., *Tesouros*, n.º 7) e de N. Senhora do Carmo (Cat., *Tesouros*, n.º 11), que têm em comum as particularidades de apenas conhecermos uma moeda para cada um deles (RRC 422/1b de 58 a.C. e RRC 484/1 de 43 a.C. respectivamente) e de assentarem ambos no pressuposto (julgamos que inverosímil) de todas as unidades serem iguais. As próprias indicações sobre o número de exemplares são um tanto ou quanto vagas. Para o de S. Sebastião seriam “várias moedas”, no de N. Senhora do Carmo apenas umas 3 ou 4<sup>101</sup>.

---

<sup>98</sup> SCHULTEN, FHA, V, p. 13; FERREIRO LOPEZ, *La campaña militar de Cesar*, p. 369, n. 52; ALARCÃO, *Domínio*, p. 26.

<sup>99</sup> HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 50-51, n.º 62; RRCH 326; RRCHAD 76. Este tesouro era composto por c. de 30 unidades de que se classificaram 10, a mais recente das quais corresponde a RRC 409/2 de 67 a.C. (e não RRC 405 de 69 a.C., como pretende VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 58, n.º 144).

<sup>100</sup> ALARCÃO, J., *Arqueologia da Serra da Estrela*, Manteigas, 1993, p. 15, avança com a possibilidade de este tesouro corresponder à fase final das guerras de Sertorius. Esta posição de J. Alarcão apoia-se no conhecimento de um inventário da autoria de E. Maia Amaral onde se classificam 126 das mais de mil moedas deste tesouro sendo a mais recente de 74 a.C. Posteriormente, graças à gentileza do Prof. Doutor Rui Centeno e da nossa colega, Dra. M.ª Benedita Barbosa, chegou-nos às mãos outra listagem agora com 130 unidades, onde as 3 mais recentes pertencem à emissão RRC 408/1a, batida em nome de C. Piso L.f Frugi em 67 a.C. (61a.C. segundo a cronologia de HERSH e WALKER, *The Mesagne hoard*, pp. 132-133, Quadro 2).

<sup>101</sup> O aparecimento de depósitos com reduzido número de unidades não é inédito nos finais da República. Do tesouro do Monte Mozinho constavam apenas 4 unidades (CENTENO, R. M. S., *Quatro denarii de Monte Mozinho (Penafiel)*, BCGCV, 3, 1978, pp. 55-59 = CENTENO, *Circulação*, p. 50, I. 34), do de El Raso, Ávila: 5 denários e algumas peças de ourivesaria (FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., *Un tesorillo de plata en el Castro de «El Raso de Candeleda» (Ávila)*, TP, 36, 1979, pp. 379-404) e no de Coimbra seriam, em princípio, 6 os numismas encontrados conjuntamente com um vaso de prata (cfr. *infra* n. 103).

Se atentarmos na cronologia do exemplar do achado de S. Sebastião, poderemos colocar a hipótese de este depósito se integrar no grupo mais vasto dos tesouros peninsulares ocultados entre 49 e 45 a.C., durante as lutas que opuseram os pompeianos aos partidários de Caesar<sup>102</sup>.

Não conhecemos em pormenor o papel desempenhado pelas regiões mais ocidentais da Lusitânia neste enfrentamento, mas é seguro que nem todas as populações apoiaram a causa cesariana. No território actualmente português, a grande maioria dos tesouros associados a este período de guerra civil localiza-se, como iremos ver, no aro do maciço montanhoso das Beiras, região onde Caesar empreendeu a campanha militar de 61 a.C. e onde os sentimentos dos indígenas lhe deveriam ser hostis. Aliás, terá sido durante este período que o questor Q. Cassius Longinus voltou a atacar o *Mons Herminius*, onde se haviam refugiado os Medobrigenses, certamente contando com o auxílio das populações locais. Ignoramos como decorreu a campanha de Longinus, mas a avaliar pela aclamação excepcional de *imperator* que lhe fizeram as tropas, supõe-se que aí tivesse alcançado alguma retumbante vitória.

Toda esta conjuntura poderá ter motivado a deposição de vários tesouros na região entre Douro e Tejo, casos dos de Coimbra<sup>103</sup>, Meruge (Oliveira do Hospital)<sup>104</sup>, imediações de Rua (Moimenta da Beira)<sup>105</sup>, Calde (Viseu)<sup>106</sup> e Sendinho da Senhora (Oleiros)<sup>107</sup>, apesar de a datação de alguns destes depósitos não ser segura.

No Noroeste peninsular, depósitos como os de Valadares (Baião)<sup>108</sup>, S. Mamede de

<sup>102</sup> Sobre este episódio veja-se SOLANA SÁINZ, J. M. e MONTENEGRO DUQUE, Á., *César en Hispania y la guerra civil con Pompeio*, in MONTENEGRO DUQUE, Á., BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. e SOLANA SÁINZ, J. M., *Historia de España. 3- España Romana*, pp. 128-140. Em relação aos tesouros não recuperados durante esta etapa, cfr. RRCHAD, pp. 130-133 e VILLARONGA, *Tresors monetaris*, pp. 55-58.

<sup>103</sup> RADDATZ, *Schatzfunde*, p. 277; RRCHAD 83; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 56, nº 136. Este achado compunha-se de um vaso de prata e 6 AR até à emissão de Caesar de 50-49 a.C. (RRC 433/1).

<sup>104</sup> Num conjunto de cerca de 200 AR foram classificados 10 exemplares, número manifestamente insuficiente para se estabelecer a cronologia do achado. A moeda mais recente corresponde a RRC 469/1, de 46-45 a.C.: cfr. PEREIRA, I., *Notícia de um tesouro de denários republicanos*, Conimbriga, XII, 1973, pp. 215-218; RRCHAD 88; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 57, nº 143.

<sup>105</sup> HIPÓLITO, *Tesouros*, nº 68; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 58, nº 146. Em cerca de 400 unidades, apenas se classificaram 4, a mais recente de 47-46 a.C. (RRC 461/1).

<sup>106</sup> HIPÓLITO, *Tesouros*, nº 72; RRCH 340; RRCHAD 78; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 56, nº 135. Este tesouro era composto por cerca de 270 exemplares. Para além dos 4 denários mencionados por M. Hipólito, informou-nos o Prof. Doutor R. Centeno que teve oportunidade de classificar 150 unidades até 45 a.C.

<sup>107</sup> HIPÓLITO, *Tesouros*, nº 94; RRCH 388; RRCHAD 91; VILLARONGA, *Tresors monetaris*, p. 58, nº 147. Este achado compunha-se de aproximadamente 100 AR de que se examinaram 76. O mais recente é 46-45 a.C. (RRC 469/1).

<sup>108</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 83, I. 79.

Ribatua (Alijó)<sup>109</sup> e Izeda (Bragança)<sup>110</sup>, não obstante possuírem unidades com esta cronologia, deverão ser contemporâneos das campanhas de Augusto, atendendo sobretudo ao considerável grau de desgaste dos exemplares mais recentes<sup>111</sup>. Relativamente ao tesouro do Poio, tivemos já oportunidade de exprimir as nossas reservas<sup>112</sup>.

O segundo achado de que temos notícia é, como já referimos, o de N. Senhora do Carmo (cat. *Tesouros*, nº 11). A sua ocultação não teve lugar antes de 43 a.C. sendo, por hipótese, atribuível aos derradeiros anos da República.

Não custa, porém, deixar em aberto a possibilidade de qualquer um dos achados estremenhos poder datar já do período imperial, uma vez que muitos dos achados da época júlio-claudiana integram significativas quantidades de numerário republicano.

#### 4. Tesouros do período júlio-claudiano (27 a.C.-68)

Para este espaço temporal foram três os depósitos monetários identificados. São eles os de Ansião (Cat., *Tesouros*, nº 3), Casal Couveiro (Cat., *Tesouros*, nº 8) e Quinta de S. Paio (Cat., *Tesouros*, nº 9). Não obstante o facto de termos um conhecimento muito deficiente sobre a composição de todos eles, julgamos ser bastante plausível a sua atribuição, pelo menos no caso dos dois primeiros, ao principado de Tiberius. Senão vejamos: o achado de Ansião contabilizaria aproximadamente umas 50 unidades em AR, das quais apenas foram classificadas dez<sup>113</sup>. Sabemos, porém, que a maior parte das moedas que integravam este achado pertenceria à série *C.L. Caesares*, mas estavam também presentes algumas unidades republicanas — a mais antiga das que foram identificadas é a moeda RRC 458/1 de 47-46 a.C. — e, pelo menos, uma de Tiberius, da série *Pontif Maxim*. Ainda a propósito deste tesouro, interessa referir a presença de um dos raros quinários de Augustus batido em nome de P. Carisius (RIC I<sup>2</sup> 1a-b)<sup>114</sup> e de um denário de Augustus atribuído por

<sup>109</sup> *Idem, ibidem*, pp. 81-82, I. 76.

<sup>110</sup> *Idem, ibidem*, p. 59, I. 45.

<sup>111</sup> *Idem, ibidem*, pp. 193 e 194, n. 53.

<sup>112</sup> Vide *supra* n. 45. Saliente-se que L. Villaronga refere por duas vezes este tesouro sob designações e cronologias diferentes: da primeira designa-o por tesouro do Poio e insere-o no contexto das guerras sertorianas (*Tresors monetaris*, p. 54, nº 122), para seguidamente o voltar a mencionar como o tesouro de Paradela de Guiães, datando-o das guerras pompeianas (*Tresors monetaris*, p. 58, nº 145).

<sup>113</sup> Devemos todas as informações acerca deste tesouro à cortesia do sr. Pe. José Eduardo dos Reis Coutinho, que prepara o seu estudo para um dos próximos volumes da revista *Conimbriga*.

<sup>114</sup> Que saibamos, a sua presença em tesouros hispânicos só está documentada nos tesouros de Ansião e da Citânia de Sanfins (CENTENO, *Circulação*, pp. 50-53, nº 35, moedas 305-306). Segundo BLÁZQUEZ CERRATO, M. C., *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, Cuadernos Emeritenses-5, Mérida, 1992, p. 240, estas emissões foram ainda registadas no tesouro italiano de Santo Stefano Roedero (RRCH 485) e no de Strimba, na Roménia (ILIESCU, O., *La numismatique et les relations hispano-romaines a travers les siècles*, Numisma, 132-137, 1975, p. 27, nº 18).

alguns autores à *uncertain Spanish mint 2* (RIC I<sup>2</sup> 126). Relativamente à primeira destas moedas convirá referir que, a partir da distribuição dos achados, R. Centeno sugeriu a hipótese de a sua cunhagem ter sido efectuada por uma casa de moeda móvel no Noroeste<sup>115</sup>. Porém, se reanalizarmos o problema à luz dos achados entretanto trazidos a conhecimento<sup>116</sup> depressa concluímos que se é exacto que existe uma razoável concentração no Noroeste, não é menos verdade que a sua presença se estende a zonas tão díspares como a costa catalã ou o Sul da Península, passando pela região centro-portuguesa<sup>117</sup>. Depois do estilo do anverso destas peças é bastante semelhante ao dos denários indiscutivelmente cunhados em Emerita (RIC I<sup>2</sup> 9-10), pelo que julgamos preferível continuar a seguir a corrente tradicional que atribui esta emissão à capital lusitana<sup>118</sup>. Julgamos ainda que estas duas emissões de divisores de prata, para além de comemorarem a vitória sobre os povos do Noroeste, se destinaram preferencialmente ao pagamento dos militares, conforme parecem indicar os achados efectuados fora da Península em acampamentos militares, sobretudo no *limes* renano<sup>119</sup>.

Quanto ao denário de Augustus RIC I<sup>2</sup> 126, colocam-se igualmente alguns problemas relativamente ao local de emissão. Mattingly e Sutherland atribuem-no a uma *uncertain mint 2* hispânica, cuja localização admitem situar-se em Colonia Patricia<sup>120</sup>. Por seu turno Giard, embora considerando a existência da casa da moeda cordubense e de uma casa da moeda auxiliar hispânica que terá produzido denários de estilo degenerado, sugere a existência de um outro centro emissor que poderia ter emitido temporariamente em Nemausus

<sup>115</sup> CENTENO, R. M. S., [Recensão] C. H. V. SUTHERLAND, *The Roman Imperial Coinage*, vol. I: *From 31 B.C. to A.D. 69*, Nummus, 2<sup>a</sup> s., VII-VIII, 1984-1985, p. 144 e *Circulação*, p. 217, n. 45.

<sup>116</sup> Veja-se a relação destas moedas em BLÁZQUEZ CERRATO, *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, pp. 284, 310: Fig. 3 e 311-314.

<sup>117</sup> Para além dos dois exemplares fornecidos pelas escavações de Conimbriga (*Fouilles de Conimbriga*, p. 12, n.º 120-121), há a registar o aparecimento dos quinários emeritenses na região da Batalha (Cat., *Achados ocasionais*, 8, moeda n.º 12), em Tomar (Cat., *Escavações*, 6, moeda n.º 5) e em S. Miguel de Odrinhas (Cat., *Escavações*, 11, moeda n.º 2).

<sup>118</sup> Entre outros vejam-se VIVES, A., *La moneda hispánica*, Madrid, 1926, pp. 58-62, n.º 11-12; VILLARONGA, *Numismática antigua de Hispania*, pp. 268-269; RIC I<sup>2</sup>, p. 25 e 41; BLÁZQUEZ CERRATO, *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, p. 284.

<sup>119</sup> BLÁZQUEZ CERRATO, *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, pp. 285-288. Estes achados são seguramente resultado da deslocação de militares para as regiões fronteiriças germânicas após o termo da conquista da Hispânia, como sucedeu, por exemplo, com a legião *V Alaudae* (cfr. LE ROUX, P., *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris, Diffusion de Boccard, 1982, p. 74, n. 313 e p. 84). Nesta perspectiva merece-nos algumas reservas a posição defendida por SUTHERLAND, H., *Gold and silver quinarii under the Julio-Claudians*, NC, 145, 1985, p. 247, segundo a qual estas duas emissões se destinariam a incrementar e facilitar a circulação na colónia recém-criada por Augustus.

<sup>120</sup> MATTINGLY, H., *Coins of the Roman Empire in the British Museum. I-Augustus to Vitellius*, Londres, 1980 (reimp.), p. Cviii e segs.; SUTHERLAND, C. H. V., *The Emperor and the coinage. Julio-Claudians studies*, Londres, Spink and Son Ltd, 1976, pp. 42-45; RIC I<sup>2</sup> pp. 25-26.

à volta de 19-18 a.C.<sup>121</sup>. De qualquer modo, a solução do problema parece não estar ainda à vista.

O tesouro de Casal Couveiro estará por certo entre os maiores até hoje descobertos em território peninsular. Seriam cerca de 5000 denários, mas infelizmente dispersou-se logo, apenas nos tendo sido possível examinar 59 exemplares, o que corresponde a pouco mais de 1% do total, cifra que não pode, obviamente, ser tomada como representativa do conjunto. Da conjugação do material observado com as informações orais recolhidas, ficamos a ideia e que o depósito seria porventura composto na sua totalidade por moedas de Augustus e Tiberius<sup>122</sup>. Das 59 unidades classificadas, maioritariamente à flor de cunho, 46 pertencem a Augustus e, destas, 44 são da série *C.L. Caesares*. As restantes são de Tiberius e distribuem-se pelas séries *Imp VII* (6 ex.) e *Pontif Maxim* (7 ex.).

Quanto ao conjunto da Quinta de S. Paio, a problemática que o envolve é bastante delicada e as considerações que iremos tecer são meramente hipotéticas. Comparando as informações fornecidas por duas fontes mais ou menos coevas do acontecimento<sup>123</sup>, ficamos sem saber muito bem quantos foram os achados ali realizados. É muito provável que tenha sido mais do que um, pois na 2ª edição de *O Couzeiro*, o Pe. Louro escreve que «em 1855 apareceu a maior quantidade». Querirá isto significar que antes ou depois daquela data outras moedas apareceram? Fariam parte de um depósito ou seriam unidades achadas avulso? Qual a sua cronologia? Se tomarmos unicamente como referência a notícia do jornal «O Leiriense», de 4/8/1855, contemporâneo do achado, estaremos talvez perante um depósito de finais da República<sup>124</sup>, porém se nos reportarmos às informações recolhidas n' *O Couzeiro*, o tesouro poderá vir até ao principado de Tiberius. Não se considera aqui a indicação fornecida pelo Pe. Louro acerca da presença de numismas atribuídos a Aurelianus, para a qual unicamente encontramos justificação numa de duas hipóteses: ou a nossa fonte decifrou de forma incorrecta a legenda monetária, confundindo uma das várias emissões da *gens Aurelia*<sup>125</sup> com as do imperador que governou entre 270 e 275 ou então, se não existiu qualquer lapso, o equívoco deverá resultar do facto de se terem associado unidades avulsas de Aurelianus e talvez de outros imperadores às unidades mais antigas<sup>126</sup>. A análise deste tesouro é, de facto, bastante complicada e a nossa tentativa de

---

<sup>121</sup> GIARD, J.-B., *Catalogue des monnaies de l' Empire Romain. I -Auguste*, Paris, Bibliothèque Nationale, 1976, pp. 12-13 e 46-50. Também Centeno admite a possibilidade da origem gaulesa deste numerário (CENTENO, [Recensão] C. H. V. SUTHERLAND, *The Roman Imperial Coinage*, p. 144).

<sup>122</sup> Pode dar-se contudo o caso de o depósito ter sido ocultado já ao tempo de Caius.

<sup>123</sup> O Leiriense, 4/8/1855 e *O Couzeiro*, p. 290.

<sup>124</sup> Esta é também a opinião dos autores de *Fouilles de Conimbriga*, p. 199.

<sup>125</sup> RRC 65, 136, 221, 229, 282 e 314.

<sup>126</sup> Assim o sugere HIPÓLITO, *Tesouros*, pp. 73-74. Afigura-se-nos como altamente improvável a descoberta de um tesouro com moedas do séc. II a.C. a Aurelianus. BOLIN, *State and currency*, pp. 353-357, Quadro 8, apresenta uma listagem de tesouros posteriores a 217 a.C., sendo os mais recentes de Gallienus, onde a presença das emissões republicanas é absolutamente irrisória, cifrando-se nos 0,1 %.

identificar os moedeiros a partir de referências tão escassas e confusas não ultrapassa o campo do virtual, representando unicamente a nossa intuição pessoal num leque de várias possibilidades. Admitindo que este depósito foi ocultado sob Tiberius, tudo indica que seria muito significativo o peso do numerário da República.

Quanto aos restantes dois tesouros, é copiosa, como vimos, a presença da série *C.L. Caesares*, cuja cunhagem é tradicionalmente atribuída a Lugdunum<sup>127</sup>, se bem que ultimamente as posições dos especialistas na matéria já não sejam tão convergentes.

J.-B. Giard, no estudo que realizou sobre a amoeção daquele centro emissor, admite a existência de dois centros emissores secundários para o ouro e para a prata, um a laborar na Hispânia durante o principado de Augustus e outro na Gália, a Norte de Lyon, sob Tiberius<sup>128</sup>. Ao centro espanhol podem ser atribuídos os 4 cunhos - dois de averso e dois de reverso - encontrados nas proximidades de Calahorra, que teriam sido utilizados na cunhagem de *aurei* ou *denarii* da série *C.L. Caesares*<sup>129</sup>. Para esta emissão, Giard estabelece uma cronologia entre 2 a.C. e 12 d.C.<sup>130</sup>, divergindo de Sutherland que não ultrapassa o marco cronológico de 4 d.C., ano da morte de Caius, embora deixe em aberto a possibilidade de estas emissões continuarem após aquela data<sup>131</sup>. Na esteira da teoria de MacDonald, Giard considera a possibilidade de os denários com o símbolo X no reverso serem posteriores a 4 d.C., já que nesta emissão Lucius abandona a postura de subordinação relativamente ao irmão<sup>132</sup>, hipótese que nos parece bem mais sedutora do que uma outra, também sugerida por Giard, que procura ver no X um indício da laboração de um centro de cunhagem secundário, independentemente da argumentação de que existem *aurei* desprovidos daquela marca que evidenciam um estilo de fabricação tardio<sup>133</sup>.

Para já, parece-nos prematuro procurar individualizar as produções de cada hipotético centro emissor, por um lado porque os 12 cunhos até agora descobertos representarão, por certo, apenas uma ínfima parte de todos os que se utilizaram e o facto de se encontrarem dois pares em Calahorra não é prova insofismável de que a emissão deste tipo mone-

<sup>127</sup> Cfr. RIC I<sup>2</sup> p. 28 e 55.

<sup>128</sup> GIARD, J.-B., *Le monnayage de l'atelier de Lyon des origines au règne de Caligula (43 avant J.-C. - 41 après J.-C.)*, Wetteren, 1983, p. 31.

<sup>129</sup> Os cunhos estão actualmente no Instituto de Valência de D. Juan: DURÁN, R., *Breves consideraciones sobre los troqueles romanos del Museo de Valencia de D. Juan*, Numisma, 2, 1952, pp. 111-116; GIARD, *Catalogue des monnaies de l'Empire Romain. I-Auguste*, p. 18, Pl. A, n° 4-7 e *Atelier de Lyon*, pp. 27-28, Pl. I, n° 2-5.

<sup>130</sup> GIARD, *Atelier de Lyon*, pp. 43-44 e 102-104.

<sup>131</sup> RIC I<sup>2</sup>, p. 28 e 55. Por seu turno MATTINGLY, H. B., *Money for an Empire: the Julio-Claudian experiment*, NC, 145, 1985, p. 257, é de opinião que esta emissão cessou em 4 d.C.

<sup>132</sup> MACDONALD, D., *Observations on an Augustan coin type*, JNG, 28-29, 1978-1979, pp. 27-29.

<sup>133</sup> GIARD, *Atelier de Lyon*, pp. 43-44.

tário se realizasse fora de Lugdunum<sup>134</sup>, por outro porque não se conseguiu ainda definir estilos de cunhagem próprios de cada possível centro emissor<sup>135</sup>. Nem sequer a abundância desta moeda em algumas áreas da Península, mormente nos tesouros do Noroeste<sup>136</sup> e da Estremadura serve como argumento, pois a necessidade de manter as legiões estacionadas nessa zona<sup>137</sup> ou o financiamento de alguns programas de renovação urbanística durante esta época - como é o caso de Conimbriga<sup>138</sup> - podem justificar o envio massivo de numerário a partir de Lugdunum.

Sob Tiberius o centro emissor subsidiário gaulês terá pelo menos emitido moeda em metal precioso da série *Pontif Maxim*<sup>139</sup>, da qual sete exemplares integram o depósito de Casal Couveiro, com a particularidade de todos eles se enquadrarem no primeiro dos seis grupos definidos por Giard para esta série<sup>140</sup>, justamente aquele que é considerado o mais antigo, devendo datar dos primeiros anos do governo de Tiberius<sup>141</sup>.

Os tesouros hispânicos ocultados sob Tiberius concentram-se na sua quase totalidade nas regiões a norte do rio Tejo, com particular destaque para o Noroeste peninsular, área para a qual R. Centeno conseguiu recensear 17 tesouros com moedas até esta época<sup>142</sup>, associando-os ao clima de instabilidade ainda então reinante na região<sup>143</sup>. Os restantes tesouros desta fase localizam-se todos na Lusitânia, à excepção do de Sierra de los Gaitanes

<sup>134</sup> É o próprio GIARD quem o admite: «un coin monétaire est, par essence, un object mobile qu' on peut facilement distraire d' un atelier, - les faux-monnayeurs le savaient bien, - il ne fournit pas pa preuve irrécusable de l' existence d' un atelier à l' endroit même où on l' a trouvé» (GIARD, *Catalogue des monnaies de l' Empire Romain. I-Auguste*, p. 12).

<sup>135</sup> Refira-se que o exame dos cunhos de 37 dos 59 exemplares estudados não permitiu estabelecer qualquer ligação entre eles. Único aspecto digno de realce, o denário RIC I<sup>2</sup> 199 parece saído do mesmo par de cunhos de um outro que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris, publicado por GIARD, *Catalogue des monnaies de l' Empire Romain*, Pl. LX, n<sup>o</sup> 1463 = GIARD, *Atelier de Lyon*, Pl. XIX, n<sup>o</sup> 69/3a.

<sup>136</sup> CENTENO, *Circulação*, pp. 215-216.

<sup>137</sup> Após o termo das guerras cantábricas e até ao final do governo de Caius, serão 3 as legiões estacionadas no Noroeste: a *IV Macedonica*, a *VI Victrix* e a *X Gemina* (LE ROUX, *L' armée romaine*, p. 85 e 166).

<sup>138</sup> Sobre a renovação urbanística augustana em Conimbriga, cfr. ALARCÃO, J. e ÉTIENNE, R., *Fouilles de Conimbriga. I\*- L' Architecture*, Paris, Éditions de Boccard, 1977, pp. 27-64.

<sup>139</sup> GIARD, *Atelier de Lyon*, pp. 28-29, Pl.I, n<sup>o</sup> 7-15, apresenta 11 cunhos - 7 de averso e 4 de reverso - todos recolhidos em locais não muito afastados de Lyon. Além destes, o autor assinala ainda mais um, descoberto em Óstia (p. 30, Pl. I, n<sup>o</sup> 18).

<sup>140</sup> GIARD, *Atelier de Lyon*, p. 124-128. O Grupo I deste autor corresponde a RIC I<sup>2</sup> 26.

<sup>141</sup> GIARD, *Atelier de Lyon*, p. 48. Num artigo póstumo, H. Sutherland situa a cunhagem dos *aurei* e *denarii* deste primeiro grupo no período 19-22 d.C. (SUTHERLAND, H., *The Pontif Maxim aurei of Tiberius*, NAC, XVI, 1987, p. 220 e 224).

<sup>142</sup> CENTENO, *Circulação*, tesouros n<sup>o</sup> 15 (?), 22, 24, 26, 36-38, 42 (?), 47, 52 (?), 54, 56, 59, 63, 73, 78 (?) e 82, Mapa 4.

<sup>143</sup> *Idem, ibidem*, p. 217.

(Málaga)<sup>144</sup>. A sua repartição processa-se sobretudo ao longo da Beira Interior — achados da Quinta da Madeira (Covilhã)<sup>145</sup>, Menoita (Guarda)<sup>146</sup> e S. Pedro do Sul (Viseu)<sup>147</sup> — e da Estremadura e zona circundante — achados de Ansião, Casal Couveiro, Quinta de S. Paio (?) e Conimbriga<sup>148</sup>.

Eventualmente, a ocultação dos tesouros da Beira Interior poderá estar relacionada com distúrbios provocados pela passagem de contingentes militares pela região, já que se localizam em zonas próximas da via que ligava a capital da Lusitânia a Bracara Augusta<sup>149</sup>, artéria ao longo da qual as deslocações dos soldados devem ter sido uma constante durante os primeiros tempos do Império. Esta proposta também pode ser válida para os depósitos de Conimbriga e Ansião, mas não serve seguramente para o de Casal Couveiro, cuja enorme quantidade de numerário, reunido num curtíssimo espaço de tempo, requer necessariamente outra explicação. O perfil deste depósito difere literalmente do perfil característico dos tesouros de inícios do período alto-imperial onde, regra geral, abundam as emissões republicanas<sup>150</sup> e aproxima-se do dos achados do Noroeste compostos, em princípio, só por numerário de Augustus e de Tiberius<sup>151</sup>.

Parece-nos difícil admitir que tão avultada quantia fosse pertença de um único indi-

<sup>144</sup> RODRÍGUEZ OLIVA, P., *Notícias numismáticas de la Andalucía mediterránea (I)*, Numisma, 180-185, 1983, pp. 127-131; BLÁZQUEZ CERRATO, *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, pp. 37-38.

<sup>145</sup> HIPÓLITO, M., *Tesouro monetário romano da Quinta da Madeira (Ferro, Covilhã)*, Nummus, 2ª s., II, 1979, pp. 65-71, complementado por RODRIGUES, M. A. G. C., *Ferro - Cova da Beira. Estudos arqueológicos e etnográficos - curiosidades*, 1982, pp. 76-77.

<sup>146</sup> HIPÓLITO, *Tesouros*, p. 57-59, n.º 78; FARIA, A. M., *O tesouro monetário da Menoita (Guarda)*, Numismática, 42-43, 1986, pp. 18-23. Estes autores publicam só unidades da República, mas segundo CENTENO, *Quatro denarii de Monte Mozinho*, p. 56, n. 11 (com base numa referência do general João de Almeida, *Roteiro dos monumentos militares portugueses*, I, Lisboa, 1945, p. 144, n. 1), o tesouro comportaria também algumas moedas de Augustus e de Tiberius.

<sup>147</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 217, n. 48.

<sup>148</sup> PEREIRA, I. e PESSOA, M., *Moedas romanas de Condeixa. Achados dispersos*. FN, 5, 1981, pp. 28-30, publicam 49 denários até à emissão RRC 544/36 que deviam fazer parte de um tesouro, pese embora a omissão dos autores a esse respeito. Posteriormente Centeno (*Circulação*, p. 217, n. 48) complementa este achado com informações obtidas de um dos signatários (M. Pessoa) incluindo na sua composição 1 denário de Augustus (RIC I<sup>2</sup> 207) e 2 de Tiberius (RIC I<sup>2</sup> 28 e 30).

<sup>149</sup> Sobre o traçado desta via, cfr. MANTAS, *Rede viária*, pp. 226-227.

<sup>150</sup> Veja-se, por exemplo, a lista de tesouros do período flaviano que terminam com moeda em AR, apresentada por BOLIN, *State and currency*, pp. 336-339, Quadro I, onde as unidades republicanas atingem o valor médio de 64,1% do total. Este aspecto é igualmente confirmado por KUNISZ, A., *Recherches sur le monnayage et la circulation monétaire sous le règne d'Auguste*, Wrocław-Varsóvia-Cracóvia-Gdansk, 1976, pp. 94-110.

<sup>151</sup> CENTENO, *Circulação*, pp. 221-223, inclui neste grupo os tesouros do Castro de Arancedo (I. 22), Citânia de Santa Trega (I. 36), Mosteirô (I. 59) e Ortoniño (I. 63), embora a composição de alguns deles seja, em boa medida, desconhecida.

víduo. A este propósito recordamos que esta soma corresponde aproximadamente a 20.000 sestércios, valor muito superior ao que as famílias ricas de Pompeios conservavam nas suas residências<sup>152</sup>, pelo que nos parece sugestiva a hipótese de este tesouro composto por moeda recém-cunhada, encontrada a pouco mais de um quilómetro do local onde se terá erguido Collippo, se destinar a um pagamento oficial, efectuado pelo Estado a uma instituição ou a particulares, como poderia ser o caso do financiamento da cidade ou do *stipendium* de um pequeno corpo militar, entre outras possibilidades.

### 5. Tesouros do período antonino (98-192)

Em relação a este período, são muito vagas as informações que conseguimos coligir. Exceptuando o tesouro de Cascais (Cat., *Tesouros*, nº 19), os dados respeitantes aos tesouros de Pelmá (Cat., *Tesouros*, nº 4) e de S. Mamede (Cat., *Tesouros*, nº 13) são largamente insuficientes. O de Pelmá era um tesouro misto bastante complexo (era composto por moeda em AV, AR, AE e jóias), circunstância que o torna quase único no conjunto dos tesouros monetários do séc. II<sup>153</sup>. Dele faziam parte pouco mais de 80 numismas «dos Imperadores Vitellio, Vespasiano, Tito, Nerva, e Trajano»<sup>154</sup>. É muito provável que este depósito fosse ocultado durante o governo de Traianus<sup>155</sup> mas, dado o laconismo da informação, não está fora de questão a possibilidade de possuir unidades de Hadrianus ou de outro dos seus sucessores. Julgamos que se trata de um depósito ocultado num momento de emergência: o proprietário parece ter enterrado todo o tipo de moeda e outros objectos de valor que conseguiu reunir<sup>156</sup>.

Quanto ao achado de S. Mamede, os dados são, a bem dizer, insignificantes. Apenas chegaram ao nosso conhecimento 5 denários de Tiberius<sup>157</sup>, Traianus, Faustina I (divinizada),

<sup>152</sup> ÉTIENNE, R., *A vida quotidiana em Pompeia*, Lisboa, Edições « Livros do Brasil », s/d, pp. 219-220.

<sup>153</sup> O único tesouro que apresentaria algumas semelhanças com o de Pelmá seria o de Salvatierra de Miño (Pontevedra), composto, ao que parece, por cerca de 40 numismas em AV, AR e AE (CENTENO, *Circulação*, pp. 78-79, I.70) e do qual apenas se identificaram 24 bronzes de Nero a Antoninus Pius. Para um inventário dos tesouros monetários do séc. II, cfr. as listagens de CENTENO, *Aurei*, pp. 53-60 e *Circulação*, pp. 265-275.

<sup>154</sup> LEAL, *Portugal*, vol. VI, Lisboa, 1875, p. 550.

<sup>155</sup> Integraria assim o grupo dos tesouros de Montes de Albar, Pontevedra (CENTENO, *Circulação*, I.57), Monteseiro, Lugo (CENTENO, *Circulação*, I.58), Penedones, Vila Real (CENTENO, *Circulação*, I.64), Dehesa de Abajo, Sevilha (CENTENO, *Aurei* 3) e Alcuás, Valência (CENTENO, *Circulação*, p. 266, n. 11), todos com moedas até este imperador.

<sup>156</sup> Também se pode admitir que a base deste tesouro fosse produto do aforro do proprietário, no qual entraria apenas moeda em metal nobre. Circunstâncias excepcionais teriam obrigado à inclusão de moeda em AE e jóias.

<sup>157</sup> Esta moeda tem a particularidade de possuir no reverso a legenda PONTF (sic) MAXIM.

Marcus Aurelius (Caesar) e Antoninus Pius, não devendo ter sido ocultado antes do fim do governo deste último príncipe.

O pequeno tesouro de Cascais consta de 4 peças de bronze (3 Hs + 1 As) de Domitianus a Antoninus Pius. Pelo seu acentuado desgaste serão moedas que circularam intensamente até ao momento da sua saída dos circuitos monetários. Em nosso entender este aspecto, associado ao reduzido número de exemplares, ao seu diminuto valor e às circunstâncias do achado, sugere a possibilidade de estarmos perante o conteúdo de uma pequena bolsa, perdida ao tempo de Antoninus Pius ou mais tardiamente.

Facilmente se percebe que destes achados não é lícito extraírem-se grandes ilações. Em temos muito gerais, podemos afirmar que a situação que se verifica na Estremadura não parece ser muito diversa da que encontramos nas restantes regiões da Hispânia, concretamente no que toca ao domínio do sestércio entre a moeda em AE<sup>158</sup> e à progressiva generalização da moeda em AV nos tesouros desta época<sup>159</sup>.

Tendo bem presentes todas as limitações que já aqui referimos para os tesouros de Pelmá e S. Mamede, torna-se difícil perceber os motivos que estarão por detrás da sua não recuperação. Se não restam dúvidas de que frequentemente os tesouros são o reflexo de momentos de instabilidade, quantas vezes não teriam lugar, embora com matizes diferentes, situações como as satirizadas por Plauto na *Aulularia*? Não custa imaginar quantos terão sido, ao longo dos tempos, os émulos do avô forreta do velho Euclião que nem à hora da morte revela o segredo do seu ouro ao próprio filho<sup>160</sup>.

A partir de meados do séc. II a Hispânia foi sacudida por várias convulsões de natureza interna e externa (revolta de Priscianus, incursões dos *Mauri*, insurreição de Maternus, etc.), cuja amplitude continua a ser discutida de forma acérrima<sup>161</sup>.

Em trabalho publicado em 1978, R. Centeno colocava a hipótese de alguns tesouros hispânicos da segunda metade do séc. II poderem estar em correlação com as invasões dos *Mauri*<sup>162</sup> para, posteriormente, sugerir que serão antes «testemunho de um período normal de entesouramento»<sup>163</sup>. Estamos de acordo com Centeno na perspectiva de que os ataques dos *Mauri* não podem justificar a ocultação de muitos tesouros nomeadamente nas regiões

<sup>158</sup> Embora o achado de Cascais se afaste, como é óbvio, da lógica que presidiu à maioria dos entesouramentos, a sua composição deixa adivinhar a realidade da circulação monetária da época antonina onde tanto ao nível dos tesouros como nouro tipo de achados, o sestércio é quase sempre o valor com melhor representação (cfr. REECE, *Roman coinage in the Western Empire*, pp. 231-236; ÉTIENNE e RACHET, *Le trésor de Garonne*, pp. 421-424 e CENTENO, *Circulação*, p. 275).

<sup>159</sup> CENTENO, *Circulação*, pp. 267-268, realça o facto de o aforro da moeda em AV se tornar frequente na Hispânia durante o séc. II, atingindo a sua máxima expressão ao tempo de Marcus Aurelius.

<sup>160</sup> PLAUTO, *A comédia da marmita* (trad. de W. de Medeiros), Coimbra, INIC, 1982, 2ª ed., p. 31.

<sup>161</sup> Cfr. ARCE, J., *Inestabilidad política en Hispania durante el siglo II d. C.*, AEspA, 54, 1981, pp. 101-115.

<sup>162</sup> CENTENO, *Aurei*, p. 51. Neste sentido aponta também ALARCÃO, *Domínio*, p. 29.

<sup>163</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 267, n. 21.

que não parecem ter sido muito afectadas por essas investidas (Tarracense, Lusitânia)<sup>164</sup> e também não temos dúvidas de que, pelas suas características, alguns depósitos reflectem um normal entesouramento. Porém, tanto J. Alarcão como J. Arce apontam para a existência de focos de instabilidade social na Lusitânia ao tempo de Marcus Aurelius<sup>165</sup> de que se não conhecem, todavia, as causas e o alcance. Pelo que nos diz respeito, julgamos não ser de desprezar a hipótese de os ataques dos mauritanos à Bética terem contribuído para fomentar um clima de insegurança noutras regiões, propiciando a eclosão dos tais focos de instabilidade de que falam os dois autores.

Daí, talvez o achado de S. Mamede se pudesse enquadrar nesta conjuntura de agitação, mas são tantas as incógnitas a seu respeito que não podemos ultrapassar o plano do meramente especulativo. Aliás, a presença no conjunto de um denário de Tiberius numa altura em que a moeda em AR deste príncipe já fora há muito retirada da circulação, poderá igualmente ser utilizada como indício de um depósito de aforro<sup>166</sup>.

---

<sup>164</sup> Parece que os efeitos destas incursões foram praticamente circunscritos à Bética: cfr. ARCE, *op. cit.*, pp. 105-108. Poderiam estar relacionados com estes ataques os tesouros de Pajar del Artillo, Sevilha (Centeno, *Aurei* 19), Riópar, Albacete (Centeno, *Aurei* 23) e Tobarra, Albacete (BOST, J.-P., CAMPO, M. e GURT, J. M., *Hallazgos de aurei y solidi en la Península Ibérica: introducción a la circulación en época imperial*, Numisma, 180-185, 1983, p. 170, nº 166). Opinião semelhante à nossa é manifestada por FARIA ([Recensão] Jorge de Alarcão, *Portugal Romano*, p. 46) a propósito dos tesouros do Noroeste.

<sup>165</sup> ALARCÃO, *Domínio*, pp. 29-30; ARCE, *Inestabilidad política en Hispania*, pp. 110-111.

<sup>166</sup> Segundo DUNCAN-JONES, *Money and government in the Roman Empire*, p. 199, os denários tiberianos teriam sido refundidos na década de 90 devido ao facto de possuírem um teor de prata mais elevado que os da época.

## CAPÍTULO II

### *O NUMERÁRIO AVULSO*

#### 1. Circulação monetária durante o período republicano (séc. III-28 a.C.)

Antes de darmos início à análise do material avulso da época republicana recolhido na Estremadura, importa tecer algumas considerações acerca do aparecimento de algumas moedas helenísticas na região.

No decurso da nossa investigação lográmos identificar três moedas helenísticas de bronze: duas delas, dadas como provenientes de Sintra (Cat., *Achados ocasionais*, nº 71, moedas 1-2), foram batidas no Egipto sob Ptolemaeus VI Philometor, na primeira metade do séc. II a.C.; a terceira, cunhada em nome da cidade frígia de Apameia, foi recolhida em Andreus, Leiria (Cat., *Achados ocasionais*, nº 6).

As duas moedas egípcias encontram-se no MNA (Tab. 82/52-53) acompanhadas de sestércios de Claudius I (RIC I<sup>2</sup> 93), Nero (RIC I<sup>2</sup> 178) e Marcus Aurelius (RIC III 795) e da seguinte indicação: «achado de moedas romanas com lucerna de bronze». Esta informação, a ser verídica, remete-nos para a hipótese de as moedas constituírem um depósito funerário<sup>1</sup>.

Contudo, o achado inspira-nos fortes suspeitas quanto à sua autenticidade. Por um lado, verifica-se uma disparidade cronológica de quase três séculos entre as moedas ptolemaicas e a moeda romana mais recente. Por outro lado, as moedas não denotam especiais sinais de desgaste. Aliás, o bom estado de conservação que patenteiam fá-las assemelharem-se mais a exemplares de colecção<sup>2</sup>.

Temos conhecimento de outro bronze de Ptolemaeus VI, guardado na Região de Turismo de Leiria, que decidimos não incluir no nosso catálogo considerando os seguintes argumentos: a moeda não possui qualquer referência quanto à origem; apesar do elevado desgaste evidenciado pela peça — sinal mais que seguro de circulação prolongada — julgamos que a sua proveniência não deverá ser regional nem sequer nacional, uma vez

---

<sup>1</sup> A cronologia do enterramento seria, portanto, contemporânea ou posterior ao principado de Marcus Aurelius.

<sup>2</sup> Observação idêntica foi-nos feita pelo Dr. José Cardim Ribeiro, ao sugerir que as peças pudessem pertencer a alguma das grandes colecções particulares de Antiguidades reunidas em Sintra nos finais do século passado. Também COLLIS, J., *The coin of Ptolemy V from Winchester*, *Antiquity*, XLIX, 1975, pp. 47-48, faz ressaltar o pormenor da conservação em várias moedas deste tipo que surgiram na Inglaterra sem contextos estratigráficos e que ele considera importações modernas.

que para além desta moeda se encontram na referida instituição 17 tetradracmas alexandrinas do último quartel do século III<sup>3</sup>.

É um dado adquirido que muitas das moedas ptolemaicas encontradas em várias regiões da Europa<sup>4</sup> podem ser consideradas o reflexo de contactos comerciais com o mundo mediterrânico (acompanhariam importações egípcias) ou o resultado das habituais movimentações dos legionários, já que aparecem com frequência em acampamentos<sup>5</sup>. No caso vertente, as moedas ptolemaicas da Estremadura devem ser fruto de um acto de importação recente. Dúvidas idênticas foram já levantadas em relação a algumas das moedas gregas ou helenísticas pretensamente achadas no Norte e no Noroeste Peninsular<sup>6</sup>. Temos, contudo, conhecimento de alguns achados, tidos como indiscutíveis, de moedas gregas ou orientais em solo hispânico<sup>7</sup>, entre os quais incluímos o nosso numisma de Apameia encontrado em Andreus, nas proximidades do local onde se terá erguido Collippo.

Diferente é o caso da imitação de uma tetradracma de Gortyna que se encontra no Seminário de Leiria, pois trata-se claramente da reprodução, em bronze, de um original de prata (RPC 901), realizada em época relativamente recente, porventura com fins exclusivamente turísticos<sup>8</sup>.

<sup>3</sup> É a seguinte a composição deste conjunto: Aurelianus: SNG Ita. 2010 (2 ex.), SNG Ita. 2023 (1 ex.); Tacitus: SNG Ita. 2029 (1 ex.); Carinus: SNG Ita. 2122 (1 ex.), Dattari 5586 (1 ex.); Diocletianus: Dattari 5720 (1 ex.), SNG Ita. 2155 (1 ex.), SNG Ita. 2159 (2 ex.), Milne 4837 (1 ex.), SNG Ita. 2184 (1 ex.), SNG Ita. 2188 (2 ex.) e Maximianus: SNG Ita. 2234 (1 ex.), SNG Ita. 2248 (1 ex.), Dattari 5849 (1 ex.).

<sup>4</sup> Veja-se a o mapa dos achados de moedas ptolemaicas de bronze na Europa, traçado por VISONÀ, P., *A hoard of Ptolemaic bronze coins in the J. Paul Getty Museum*, GMusJ, 6-7, 1978-1979, p. 159, fig. b. Para além do grande número de achados ocorridos no Mediterrâneo Central, também as Ilhas Britânicas e a Europa Central, sobretudo nas zonas do limes, parecem ter sido permeáveis à penetração destas moedas.

<sup>5</sup> BIDDLE, M., *Ptolemaic coins from Winchester*, *Antiquity*, XLIX, 1975, pp. 213-215.

<sup>6</sup> HIPÓLITO, M. C., *As moedas gregas da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia)*, *Nummus*, 2ª s., IV/V/VI, 1981-1983, pp. 81-90; CENTENO, R. M. S., *A dominação romana*, in SARAIVA, J. H. (dir.), *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Publicações Alfa, 1983, pp. 197-198 e *Circulação*, pp. 188-192.

<sup>7</sup> RIPOLLÉS, P. P., *El hallazgo de monedas de Monforte (Alacant). Parte I. Monedas griegas*, *ActNum*, 14, 1984, pp. 59-69, publica um conjunto de 15 moedas da zona costeira do Egeu, na Ásia Menor, que integravam um tesouro que continha ainda 101 moedas romanas imperiais de Caius a Honorius e 1 bizantina o que, convenhamos, não deixa apesar de tudo de ser algo bizarro. Na p. 66, apresenta um mapa (Mapa 2) onde compulsa, sem a pretensão da exaustividade, vários achados de moedas orientais na Península. Para o território português, além da bibliografia já referida na nota anterior, vejam-se ainda os seguintes trabalhos: CENTENO, R. M. S. e SOUTO, J. M. V., *Notícia de uma moeda helenística do tesouro de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços)*, *Nummus*, 2ª s., XI, 1988, pp. 91-93 (AE de Hieron II de Siracusa: 269/263-216 a.C.); FÁRIA, A. M., *Achados monetários em Idanha-a-Velha*, *Nummus*, 2ª s., XIV-XV, 1991-1992, p. 133 (moedas helenísticas da Macedónia, Catânia e 1 AE não identificado).

<sup>8</sup> Sobre esta moeda já demos notícia: RUIVO, J. S., *Imitação de uma moeda antiga no Museu do Seminário de Leiria*, «O Mensageiro», 18/8/1994 (reproduzido em *A Permuta*, nº 80, Setembro/Dezembro, 1994, pp. 34-35). Embora não o tivéssemos mencionado na altura, a moeda fazia parte da coleção do falecido pároco do Reguengo do Fetal (Batalha), Pe. José Oliveira.

Não é fácil determinar o início da circulação monetária na região estremenha. Conforme já tivemos oportunidade de escrever, o recurso à moeda enquanto instrumento de troca ter-se-á desenvolvido de forma paulatina a partir do conflito sertoriano<sup>9</sup>. Contudo o processo não terá sido uniforme nem simultâneo para toda a área que nos ocupa. Por certo as sociedades dos centros urbanos do vale do Tejo, mais desenvolvidas económica e culturalmente, terão entrado em contacto com a moeda muito antes das populações que viviam mais a Norte, cuja economia se alicerçava sobretudo na actividade agropecuária<sup>10</sup>.

É, aliás, de povoados da área do Baixo Tejo que provêm as moedas mais antigas que estão até ao presente documentadas para a Estremadura, embora desse facto não se possam retirar conclusões precipitadas quanto ao início da utilização da moeda pelas populações autóctones. Trata-se de dois numismas hispano-cartagineses recolhidos nos castros das Curvaceiras e da Ota, ambos no concelho de Alenquer. Ainda na zona do Baixo Tejo, mas já fora da nossa área de investigação, em escavações realizadas em 1979 no Cabeço da Bruxa (Alpiarça), logrou-se recolher mais uma moeda hispano-púnica<sup>11</sup>.

A chegada até aqui destas emissões poderá ser explicada pela existência de contactos de índole comercial com a área de influência púnica do Sul da Península, contactos esses que remontam à I Idade do Ferro e que, apesar de terem conhecido um significativo apagamento a partir do séc. IV a.C., nunca se extinguiram por completo<sup>12</sup>.

Outra hipótese é a que se extrai de uma polémica passagem de Políbio (*Fr. h.*, 10, 7, 4)<sup>13</sup>, segundo a qual, no decurso da segunda Guerra Púnica, um exército cartaginês comandado por Asdrúbal, filho de Giscão, teria estacionado na foz do Tejo no Inverno de 210 a.C.<sup>14</sup>. Esta possibilidade é perfeitamente explicável por ne-

<sup>9</sup> Cfr. *supra* p. 104.

<sup>10</sup> SILVA, A. C. F., *A Segunda Idade do Ferro*, in SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. O. (dir.), *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1990, pp. 312-314.

<sup>11</sup> KALB, Ph. e HÖCK, M., *Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrikt Santarém). Vorbericht über die grabung im Januar und Februar 1979*, MM, 21, 1980, p. 104, Taf. 21, fig. e-f. Trata-se de um AE com cabeça de Tanit à esq. no anverso e cavalo parado à frente de palmeira no reverso (CNH 48). Para CENTENO, *A dominação romana*, p. 198, esta moeda integrou-se na fase romana do povoado. Sobre a dispersão dos achados de moedas hispano-cartaginesas na Hispânia, cfr. ALFARO ASINS, C., *La ceca de Gadir y las acuñaciones hispano-cartaginesas*, in *Numismática hispano-púnica. Estado actual de investigación*, «VII Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica» (Ibiza, 1992), Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza-31, Ibiza, 1993, pp. 46-50 e 58, Fig. 2.

<sup>12</sup> ARRUDA, *A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém*, pp. 203-207, defende a tese de uma II Idade do Ferro de feição orientalizante para determinadas áreas do litoral português, entre as quais se inclui a do curso inferior do Tejo.

<sup>13</sup> Esta passagem é contraditada por Livius (*Ab Vrbe*, XXVI, 20, 6), que coloca Asdrúbal a estacionar na região gaditana, no que é seguido por VILLARONGA, L., *Las monedas hispano-cartaginesas*, Barcelona, 1973, p. 27.

<sup>14</sup> Também FARIA, *Guerras e conflitos no Vale do Tejo na Antiguidade*, p. 60 e GOMES, *Proto-História do Sul de Portugal*, p. 169, relacionam as moedas com a presença das tropas cartaginesas na região, mas colocam a sua estada em 209 a.C.

cessidades de abastecimento, recrutamento de mercenários ou até para assegurar o controlo desta rica região<sup>15</sup>.

De qualquer modo, e supondo que estas moedas foram perdidas ainda antes da chegada dos romanos, o que não é um dado adquirido, a sua presença nunca poderá ser interpretada como o marco inicial da utilização da moeda — efectiva ou circunstancial — na zona estremenha. Neste particular, o quarto de *shekel* do Castro da Ota assume um especial significado. O seu orifício para suspensão é um indício claro de que terá, pelo menos durante algum tempo, desempenhado outra função que não a monetária. Este uso não monetário das séries hispano-púnicas foi já abordado por C. Alfaro Asins, que salienta a sua corrente utilização quer como amuleto ou adorno quer como oferenda<sup>16</sup>. Ainda segundo a mesma investigadora, as moedas hispano-cartaginesas perfuradas terão sido preferencialmente utilizadas como talismãs ou objectos de adorno, com particular destaque para as moedas em AR das séries com o reverso do cavalo parado e do elefante, como sucede com o nosso exemplar<sup>17</sup>.

Esta presença esporádica da moeda na Estremadura não teve continuidade. Será preciso esperar quase um século e meio para que a sua aparição e utilização se passe a fazer de forma regular.

Passemos agora à análise do numerário avulso anterior a 27 a.C. Mas, antes de mais, convirá deixar aqui bem explícito que o valor do esboço de circulação monetária que se segue é muito relativo; os resultados apresentados têm sobretudo valor estatístico.

O período em estudo está representado na Estremadura por 104 numismas, correspondendo a 25.74 % do total do numerário avulso inventariado. Uma visão de conjunto dessa massa monetária é-nos fornecida pelo Quadro 7, onde agrupamos o numerário segundo os dois períodos principais estabelecidos por Crawford para a República<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> FABIÃO, *O passado proto-histórico e romano*, p. 211.

<sup>16</sup> ALFARO ASINS, C., *Uso no monetar de algunas monedas púnicas de la Península Ibérica*, RIN, XCV, 1993, pp. 261-276. Sobre a simbologia das moedas furadas vejam-se ainda VASCONCELLOS, J. L., *Signification religieuse, en Lusitanie, de quelques monnaies percées d'un trou*, AP, X, 1905, pp. 169-175 e CENTENO, *Circulação*, pp. 248-250.

<sup>17</sup> ALFARO ASINS, *Uso no monetar de algunas monedas púnicas*, p. 263. De notar que estas peças aparecem mesmo em tesouros do período romano, caso do tesouro de Tãnger do qual faz parte um *shekel* e meio perfurado (VILLARONGA, L., *The Tangier hoard*, NC, 149, 1989, pp. 149-162, esp. p. 151 e PL. 34, n.º 34).

<sup>18</sup> A utilização desta periodização para as emissões hispânicas anteriores a Augustus levantou-nos sérias dificuldades, uma vez que a datação da maior parte destas emissões assenta em cronologias relativas bastante alargadas; a título de exemplo, veja-se o problema da seriação e da cronologia das emissões de Osset: Villaronga integra o nosso exemplar (Vives 111/7) e o exemplar Vives 111/8 na mesma emissão, datando-a do séc. I a.C. (CNH, p. 396, n.º 8), enquanto RODRÍGUEZ MÉRIDA, J. A., *La ceca de Osset*, Numisma, 228, 1991, pp. 9-29, coloca o tipo Vives 111/7 no seu Grupo VI.1 com uma cronologia que vai de 80/75 a cerca de 60 a.C. e o tipo Vives 111/8 no Grupo VII.1, posterior a 60 a.C. Por seu turno, os autores de RPC, p. 76, n.º 58, atribuem a última daquelas moedas ao tempo de Octavianus.

	Roma <sup>19</sup>		Hispania <sup>20</sup>		Oriente		TOTAL AR+AE
	AR <sup>21</sup>	AE	AR	AE	AR	AE	
Ia-f (c. 206-49 a.c.)	57	3	2	28		3	93
IIa-b (49-28 a.C.)	3	1		4			8
	60	4	2	32	0	3	
TOTAL	64		34		3		101

Quadro 7 - Distribuição do numerário republicano por períodos

O período Ia-f é aquele que conta com maior volume de numerário, a que correspondem permissagens mais elevadas<sup>22</sup>, conforme se observa no Quadro 8. Este resultado é de alguma forma anormal quando comparado com os resultados obtidos para o sítio de

	AR			AE			TOTAL		
	ESTR	CON	NOR	ESTR	CON	NOR	ESTR	CON	NOR
Ia-f	0.99	0.41	0.55	0.57	0.29	0.25	1.56	0.70	0.80
IIa-b	0.37	0.92	1.37	0.62	0.66	1.04	0.99	1.58	2.41

Quadro 8 - Permissagens para a Estremadura, Conímbriga e Noroeste.

<sup>19</sup> Inclui as emissões oficiais cunhadas pelos *imperatores* em oficinas monetárias itinerantes e as emissões em nome de Octavianus anteriores a 27 a.C.

<sup>20</sup> Incluímos o quarto de *shekel* do castro da Ota (Cat., *Achados ocasionais*, nº 67) e o AE do castro das Curvaceiras (Cat., *Achados ocasionais*, nº 68) apesar de anteriores a 211 a.C.

<sup>21</sup> Não contabilizámos aqui 3 AR de cronologia indeterminada (Cat., *Achados ocasionais*, nº 8, moeda 6 e *Escavações*, nº 2, moeda 1 e nº 6, moeda 2), mas incluímos um denário forrado de L. PHILIPPVS (Cat., *Achados ocasionais*, nº 5, moeda 2) e outro de SEX. POM do Castro de Pragança (Cat., *Achados ocasionais*, nº 45, moeda 2). Segundo CRAWFORD, M. H., *Plated coins-false coins*, NC, 7ª s., VIII, 1968, pp. 55-59, a maior parte das moedas forradas são falsas. Outros autores, porém, preferem atribuí-las à acção do Estado: BERNAREGGI, E., *Nummi pelliculati. Considerazioni sull' argento suberato della repubblica romana*, RIN, LXVII, 1965, p. 29 e SERAFIN PETRILLO, P., *Nota sull' argento suberato della repubblica romana*, AIN, XV, 1968, pp. 9-30. De acordo com os dados apresentados por esta autora, os denários forrados em nome de L. PHILIPPVS são pouco comuns, uma vez que apenas conhece 2 ex. (p. 22). Desde a época tardo-republicana que se tomaram, em Roma, medidas contra o falso numerário: cfr. SANTALUCIA, B., *La legislazione sillana in materia di falso nummario*, in «Stato e Moneta a Roma fra la Tarda Repubblica e il Primo Impero», AIN, 29, 1982, pp. 47-74 e GRIERSON, Ph., *The Roman law of counterfeiting*, in «Essays in Roman Coinage presented to Harold Mattingly», Oxford, 1956, pp. 240-261.

<sup>22</sup> Cfr. *supra* n. 5. Tenha-se em atenção que, para os cálculos das permissagens apresentadas nos vários quadros ao longo do presente capítulo e no gráfico da Fig. 2, foram utilizadas apenas 369 moedas. Optámos pela exclusão de todos os exemplares que não puderam ser incorporados nas periodizações definidas na pág.79 deste trabalho.

Conimbriga<sup>23</sup> e para o Noroeste peninsular<sup>24</sup>, onde os valores das pernilagens para o período Ila-b duplicam e triplicam, respectivamente, em relação às do período anterior.

Em nossa opinião, a explicação para este fenómeno deverá radicar no peso excessivo da moeda oficial em AR anterior a 49 a.C. nos medalheiros de alguns museus e colecções particulares, o que a faz com corresponder a 56.43% de toda a massa monetária reunida para o período republicano. Esta situação é o reflexo de um critério selectivo e do espírito meramente colecionista que presidiu e continua a presidir à formação de numerosos fundos numismáticos<sup>25</sup>. Grande parte dos denários observados em colecções, para além da ausência de proveniência, ostentam um excepcional estado de conservação, podendo alguns deles ser originários de depósitos monetários entretanto desfeitos<sup>26</sup>. Outros, apresentando evidentes sinais de desgaste, podem ter circulado durante a época imperial. Obviamente, estes factores condicionam a nossa análise<sup>27</sup>.

Repare-se que entre a moeda em AE, que parece não ter estado tão sujeita a estas vicissitudes, nota-se um aumento, embora ligeiro, na pernilagem do período Ila-b relativamente à do período anterior.

Tornam-se assim evidentes as dificuldades resultantes da ausência afluente de escavações em sítios republicanos passíveis de fornecerem moedas, elemento imprescindível para a compreensão dos alvares do fenómeno da circulação monetária na Estremadura<sup>28</sup>.

Entre as cunhagens oficiais, a relativa abundância de moeda em AR (60 AR = 93.75%) contrasta com a reduzida representação das emissões de AE, que contabilizam apenas 4 unidades (6.15%), numa situação paralela à que se verifica em Conimbriga, onde a relação entre AR e AE oficial atinge valores um pouco inferiores (86.84 contra 13.16%), ou no Noroeste Peninsular, onde não foi recolhido qualquer AE oficial<sup>29</sup>.

Estes dados parecem apontar para uma reduzida circulação da moeda de bronze ro-

---

<sup>23</sup> Os cálculos foram efectuados a partir de 344 exemplares bem datados, da República a Caracalla. Para o período Ia-f contabilizámos 39 unidades (23 AR + 16 AE) e para o período Ila-b 12 (7 AR + 5 AE).

<sup>24</sup> Cfr. CENTENO, *Circulação*, p. 198, sendo de notar que os valores apresentados pelo autor se referem apenas ao período Ib-f.

<sup>25</sup> Tomemos como exemplo o Museu Municipal de Torres Vedras, que conta com 19 AR republicanos sem indicação de procedência.

<sup>26</sup> Cfr. *supra* n. 6. Se distribuírmos o numerário avulso em AR segundo as várias subdivisões de Crawford para o período I, observamos que a maior fatia concentra-se nos períodos Id e Ie, períodos a que correspondem quase todos os tesouros republicanos da Estremadura, a maior parte dos quais se dispersou rapidamente.

<sup>27</sup> Refira-se, aliás, que dos 64 espécimes oficiais (AR + AE), apenas é conhecido o local de achado de 26 (40.62%) e, destes, apenas 2 (7.69%) foram recolhidos em escavações arqueológicas, mas os contextos estratigráficos em que foram exumados não foram ainda, que saibamos, objecto de qualquer publicação detalhada.

<sup>28</sup> No território centro-português apenas o acampamento da Lomba do Canho constitui excepção: FARIA, *As moedas do acampamento romano da Lomba do Canho*, pp. 40-41, nº 8-17.

<sup>29</sup> O único bronze recolhido por CENTENO, *Circulação*, p. 126 e 198, n. 73, é uma imitação da segunda metade do séc. II a.C., proveniente da Citânia de Monte Mozinho (III. 72, moeda nº 1).

mano-republicana no Ocidente hispânico, circunstância que, na opinião de alguns autores, poderá verificar-se por todo o território peninsular<sup>30</sup>.

Já em relação às emissões hispânicas do período republicano, a situação inverte-se. A moeda em AR está praticamente ausente da Estremadura, excepção feita ao quarto de *shekel* do Castro da Ota e a um denário de *bolskan*, recolhido em Lisboa (Cat., *Achados ocasionais*, n.º 86, moeda 1), facto que vem reafirmar a tendência expressa pelos tesouros monetários<sup>31</sup>, indiciando que a Estremadura — e provavelmente toda a faixa costeira centro-portuguesa<sup>32</sup> — se encontrava fora da área de circulação da prata ibérica<sup>33</sup>. Na ausência da moeda de bronze oficial, a massa monetária em circulação durante a época republicana seria complementada pelos bronzes hispânicos que totalizam aqui 31.68% das 101 unidades inventariadas para este período.

No Quadro 9 traçamos a distribuição detalhada das emissões hispânicas presentes na Estremadura<sup>34</sup>:

PROVÍNCIA (P)	ZONA EMISSORA (ZE)	C. EMISSOR (CE)	AR	AE			TOTAL			%		
				As	S	Qd	CE	ZE	P	CE	ZE	P
VLTERIOR	Zona sud-lusitana	Beupo/Salacia	2	3		5	5	19	14.70	14.70	55.88	
	Alfabeto Latino	Murtilés	1			1			2.94			
	Grupo Vário da Ulterior	Corduba	Ossat	1			1		2	2.94		5.88
			Carteia		1	1	1		2	2.94		5.88
	Alfabeto ibérico do Sul	Castalo	3	2		5			14.70			
	Alfabeto fenício	Malaca	Obulco	1	1		2		7	5.88		20.59
Gadir			2			2		5.88				
CITERIOR	Hispano-cartaginesas	Hispania	1	1		1	2	15	5.88	5.88	44.12	
			Grupo Pir.-Suessetano	1	3		4		4	11.76		11.76
	Grupo do Vale do Jalón	<i>sekaisa</i>	1			1	1		2.94	2.84		
	Grupo da Celtibéria	<i>ekualakas</i>	3			3	3		8.82	8.82		
	Grupo da Sedetânia	<i>kelse</i>	Lepida/Celsa	1			1			2.94		
				2			2		3	5.88		8.82
	Em. ibér. Valencianas	<i>arse/Saguntum</i>	1			1	1		2.94	2.94		
Em. ibér. da Catalunha	<i>kese</i>				1	1	2.94	2.94				
TOTAL			2	22	8	2	34	34	34	100	100	100
					34			34			100	

Quadro 9 - Centros emissores hispânicos presentes na Estremadura até 27 a.C.

<sup>30</sup> Cfr. *Belo*, pp. 19-20 e CHAVES TRISTÁN, F., *Indigenismo y romanización desde la óptica de las amodaciones hispânicas de la Ulterior*, Habis, 25, 1994, p. 110.

<sup>31</sup> Cfr. *supra* pp. 101-102.

<sup>32</sup> Por exemplo as escavações de Conimbriga não forneceram um único numisma ibérico em AR.

<sup>33</sup> À mesma conclusão chegara antes CENTENO, *Circulação*, p. 202, n. 9.

<sup>34</sup> Um primeiro balanço da questão foi por nós apresentado ao I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, 7-10 Novembro 1994) em comunicação intitulada *A circulação da moeda hispânica na Estremadura portuguesa. Uma primeira abordagem* (no prelo). Após a entrega do texto para as actas tivemos ainda notícia de novos achados, mas no essencial não houve qualquer alteração quanto às conclusões.

Conforme se observa, as emissões da Ulterior levam alguma vantagem sobre as da Citerior (55.88 contra 44.12%)<sup>35</sup>, facto natural se considerarmos a maior proximidade geográfica de várias casas da moeda da Ulterior em relação à Estremadura, bem como o facto de a penetração romana — e consequentemente a da moeda — para a Lusitânia se ter feito a partir do Sul (cfr. Mapa 5).

As emissões de Beuipo/Salacia e Castulo são até ao momento as mais abundantes, contabilizando cinco unidades cada. E, se a expansão até à Estremadura das séries castulonenses não pode ser considerada uma novidade<sup>36</sup>, já a circulação dos espécimes monetários da cidade das margens do Sado era, até aqui, praticamente desconhecida a Norte do Tejo<sup>37</sup>. Alguns dos seus numismas foram encontrados no limite sul do nosso território<sup>38</sup>, numa área relativamente próxima do centro produtor, porém outros penetraram mais para Norte e para o interior, como é o caso das moedas recolhidas no Monte Figueiró, Ansião (Cat., *Achados ocasionais*, nº 1, moedas 9-10).

Quatro destes exemplares — três semisses e um asse — ostentam o topónimo grafado no signário do SE onde, na opinião de A. M. Faria, se deverá ler *BeuiBum* > *Beuipum*<sup>39</sup>, o nome indígena que terá antecedido a romana Salacia. O quinto exemplar, recolhido muito recentemente na *uilla* da Freiria (Cascais), pertence à emissão que tem no anverso a cabeça de Neptuno e no reverso a legenda IMP. SAL entre dois golfinhos. Esta série tem sido tradicionalmente datada de 45/44 a.C., comemorando a atribuição à cidade, por Sextus Pompeius, do nome *Imperatoria Salacia*<sup>40</sup>.

Todos os semisses que constam da nossa relação ostentam a contramarca S, gravada

<sup>35</sup> Em Conimbriga o predomínio dos ateliers da Ulterior sobre os da Citerior é flagrantíssimo (82.36 contra 17.64%).

<sup>36</sup> Conhecemos alguns achados de moedas de Castulo na Lusitânia ocidental, por exemplo em Conimbriga (*Fouilles de Conimbriga*, p. 9, nº 36-38), Idanha-a-Velha (FARIA, *Achados monetários em Idanha-a-Velha*, p. 133, nº 7), Pedrão (SILVA, C. T., SOARES, J. e SANTOS, M. F., *Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal)*, «Actas das II Jornadas Arqueológicas», vol. I, Lisboa, 1973, pp. 311-312 e fig. 6) e Cabeça de Vaiamonte (SANTOS, M. F., *Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo)*, AAPHist, II s., 21, 1972, pp. 499-500, nº 8-12). Para um visionamento da área de expansão das emissões de Castulo com caracteres indígenas, cfr. GARCÍA-BELLIDO, *Las monedas de Castulo con escritura indígena*, pp. 135-137.

<sup>37</sup> FARIA, *Achados monetários em Idanha-a-Velha*, p. 133, nº 9, publica um asse de Salacia (45-44 a.C.) encontrado na capital da *ciuitas igaeditanorum*.

<sup>38</sup> Um exemplar em S. Miguel de Odrinhas, Sintra (Cat., *Escavações*, nº 11, moeda 1) e outro na *uilla* da Freiria, Cascais (Cat., *Escavações*, nº 16, moeda 1).

<sup>39</sup> FARIA, A. M., *Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal*, *Vipasca*, 1, 1992, pp. 39-48 e *Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português*, comunicação apresentada ao «I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua», Madrid, 7-10 Novembro 1994 (no prelo). Muito possivelmente esta não será ainda uma solução definitiva.

<sup>40</sup> GRANT, M., *From Imperium to Auctoritas. A historical study of aes coinage in the Roman Empire 49 B. C.-A.D. 14*, Cambridge, 1946, p. 23, n. 1 e FARIA, *A numária de \*Cantnipo*, pp. 79-80.

sobre a legenda toponímica pré-romana, previamente apagada para o efeito, o que indicia que a operação teve lugar logo após a mudança de nome da urbe<sup>41</sup>.

Entre a amoedação da Ulterior há ainda a referir a presença das cunhagens de Murtili, Osset, Corduba e Carteia, todos com um exemplar, e dos centros hispano-púnicos de Gadir com duas unidades e Malaca com uma.

Quanto às produções da Citerior, para além dos numismas hispano-cartagineses a que já atrás fizémos referência, merecem destaque as quatro unidades de *bolskan*, uma das quais em AR, o numerário da Celtibéria com *ekualakos* (3 ex.)<sup>42</sup>, do Vale do Jalón com *sekaisa* (1 ex.) e as emissões da Sedetânia representadas por cunhagens de *kelse* (1 ex.) e *Lepida/Celsa* (2 ex.), estas últimas de finais da República. As emissões ibéricas da zona costeira e as da Catalunha estão representadas por *arse/Saguntum* e *kese*, ambas com uma unidade.

O quadro que acabamos de esboçar confirma, de alguma forma, a afirmação de R. Martín Valls que define a Lusitânia como uma área de escassa circulação do numerário ibérico<sup>43</sup>.

Tenha-se presente que boa parte deste numerário é de difícil datação, e a cronologia atribuída é geralmente alta (Séc. II-80/72 a.C.) pelo que a sua chegada à Estremadura se deve ter processado em data muito distante da cunhagem.

Importa igualmente salientar que mais de um quarto do numerário hispânico reunido para este período é composto por moeda divisionária, sobretudo semisses mas aparecem também alguns quadrantes, fulcrais para a realização das pequenas trocas que entrariam no quotidiano das gentes<sup>44</sup>.

## 2. Circulação monetária no período júlio-claudiano (27 a.C.-68)

O período que vai de 27 a.C. à morte de Nero regista 167 numismas, de que nos dá conta o Quadro 10:

	EMISSIONES OFICIAIS			EMISSIONES LOCAIS			C. EMIS. INDET.	TOTAL	%
	Roma	Lugdunum	Emerita	Hispania	Nemausus	Imitações			
Augustus	3	7	5	37	2		5	59	35.33
Tiberius		6		42			1	49	29.34
Caius	4			1			1	6	3.59
Claudius	6					26	8	40	23.95
Nero	7							7	4.19
Júlios-Claúdios				4			2	6	3.59
TOTAL	20	13	5	84	2	26	17	167	
%	11.98	7.78	2.99	50.30	1.20	15.57	10.18	100	100

Quadro 10 - Numerário júlio-claudiano distribuído por centros emissores

<sup>41</sup> FARIA, *Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português* (no prelo).

<sup>42</sup> Os achados deste centro emissor, situado algures no Alto Douro (CNH, p. 286) são relativamente raros (MARTÍN VALLS, *La circulación monetaria ibérica*, p. 329), pelo que não deixa de causar alguma estranheza a notícia do aparecimento de três das suas moedas na Estremadura.

<sup>43</sup> MARTÍN VALLS, *La circulación monetaria ibérica*, pp. 273-273.

<sup>44</sup> Contudo, VILLARONGA, L., [Discussione] A. Burnett, *The currency of Italy from the Hannibalic War to the reign of Augustus*, AIN, 29, 1982, p. 221, chama a atenção para a inexistência de uma economia monetária na Hispânia republicana.

Em termos quantitativos, o maior volume de moeda concentra-se no principado de Augustus (35.33%), seguido de perto por Tiberius (29.34%) e Claudius (23.95%); só muito depois surgem Nero (4.19%) e Caius (3.59%). Porém, uma análise menos superficial, baseada no cálculo das moedas perdidas anualmente por 1000 unidades, altera substancialmente esta primeira perspectiva (Quadro 11). Assim, a permilagem mais elevada é obtida pelo numerário em nome de Claudius I (8.34), seguida do de Tiberius (5.77), Caius (4.06), Augustus (3.90) e Nero (1.35). Comparando os nossos dados com os de outras áreas e locais da Hispânia<sup>45</sup>, verificamos que este escalonamento exhibe um claro paralelismo com Conimbriga<sup>46</sup>, algumas afinidades com as Tierras Valencianas<sup>47</sup> e com Clunia<sup>48</sup>, mas apresenta consideráveis diferenças em relação a Belo<sup>49</sup> e ao Noroeste Peninsular<sup>50</sup>. Contudo, é de realçar que, apesar destas disparidades, para certos períodos os valores das permilagens aproximam-se bastante, como sucede no período IIIc para todas as áreas e sítios supracitados, à excepção do Noroeste Peninsular.

	Estremadura	Noroeste	T. Valencianas	Conimbriga	Clunia	Belo
IIIa	3.90	5.97	2.31	3.55	2.11	5.33
IIIb	5.77	7.28	2.26	4.68	6.70	2.33
IIIc	4.06	1.81	3.10	3.63	3.85	3.83
IIId	8.34	6.30	4.78	17.44	10.97	15.92
IIIe	1.35	2.15	0.81	0.42	7.23	3.28

Quadro 11 - Permilagens de várias áreas e cidades hispânicas durante os Júlios-Cláudios

Regressando à análise que estamos a efectuar para a Estremadura, parece-nos fundamental aduzir algumas observações:

- a maior parte do numerário atribuído a Claudius I é constituído pelas célebres mo-

<sup>45</sup>A escolha do Noroeste, Tierras Valencianas, Conimbriga, Clunia e Belo não foi aleatória. Pretendeu-se, por um lado, comparar dados de centros urbanos com dados de zonas mais vastas (onde se misturam a componente urbana e a rural) e, por outro, que os locais e as áreas seleccionadas fossem representativas da diversidade do território peninsular.

<sup>46</sup> Cfr. *supra*, n. 23.

<sup>47</sup> Os nossos cálculos foram efectuados a partir 885 unidades até Caracalla: RIPOLLÉS ALEGRE, P., *La circulación monetária en las Tierras Valencianas durante la Antigüedad*, Barcelona, 1980.

<sup>48</sup> Dados obtidos a partir de 519 unidades, da República a 215: GURT ESPARRAGUERA, J. M., *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*, Madrid, 1985.

<sup>49</sup> Permilagens obtidas a partir de 261 unidades, da República a 215: BOST, J.-P., CHAVES, F., DEPEYROT, G., HIERNARD, J. e RICHARD, J.-C., *Belo. IV-Les Monnaies*, Madrid, 1987.

<sup>50</sup> Cfr. *supra* n. 24. Tenha-se contudo em atenção que nós apenas fizemos uso de 830 numismas em vez dos 831 utilizados por CENTENO, *Circulação*, p. 184, n. 82, uma vez que excluímos dos nossos cálculos um exemplar ilegível, apesar de contramarcado, por não se integrar nas nossas periodizações.

edas de imitação<sup>51</sup>, cuja cunhagem deve ter-se prolongado por alguns anos após a sua morte<sup>52</sup>;

- Os modestos valores alcançados para Nero sofrem algum esbatimento se considerarmos que a moeda em AE deste imperador apenas foi produzida durante cerca de 5-6 anos<sup>53</sup>;

- A data de entrada em circulação de boa parte deste numerário dificilmente corresponderá à da respectiva cunhagem<sup>54</sup>.

Durante a época em análise, o abastecimento de moeda à zona estremenha parece ter sido realizado maioritariamente pelos centros emissores hispânicos (50.30%), não obstante o rápido declínio das suas produções a partir do final do governo de Tiberius e o encerramento definitivo de todos eles, à excepção de Ebusus, ao tempo de Caius<sup>55</sup>. Vêm depois as emissões imperiais oficiais, com primazia para Roma com 11.98%, logo seguida de Lugdunum com 7.78% e de Emerita com 2.99%. Entre as emissões provinciais, assinala-se ainda a já habitual presença das produções de Nemausus, com 1.20% do numerário deste período<sup>56</sup>. À margem colocámos as imitações de Claudius I, que se cifram em 15.57% de toda a massa monetária julio-claudiana, a maior parte das quais, senão a

---

<sup>51</sup> Existe presentemente uma vasta bibliografia sobre este assunto, embora falte ainda um bom trabalho monográfico sobre as imitações hispânicas: BOST, J.-P. e PEREIRA, I., *Les monnaies d'imitation de Claude Ier trouvées sur le site de Conimbriga*, Numisma, 120-131, 1974, pp. 167-182; CAMPO, M., *El problema de las monedas de Claudio I halladas en Hispania*, ActNum, 4, 1974, pp. 155-163; GURT, J. M., *Las monedas de Claudio I halladas en Clunia*, Pyrenae, 11, 1975, pp. 109-125; VILLARONGA, L., *Nuevo argumento a favor de la hispanidad de las emisiones de Claudio*, SNB I (2), Barcelona, 1979, pp. 172-173; CAMPO, M., RICHARD, J.-C. e VON KAENEL, H.-M., *El tesoro de la Pobla de Mafumet (Tarragona), sestercios y dupondios de Claudio I*, Barcelona, 1981. Para outras regiões do império, podem consultar-se os seguintes trabalhos: GIARD, J.-B., *Pouvoir central et libertés locales. Le monnayage en bronze de Claude avant 50 après J. C.*, RN, XII, 1970, pp. 33-61; *idem*, *La pénurie de petite monnaie en Gaule au début du Haut Empire*, JS, Avril-Juin, 1975, pp. 81-102; *idem*, *Les jeux de l'imitation: fraude ou nécessité*, NAC, XIV, 1985, pp. 231-238; SUTHERLAND, C. H. V., *Romano-British imitations of bronze coins of Claudius I*, NNM-65, Nova Iorque, 1935; BOON, G. C., *Counterfeit coins in Roman Britain*, in CASEY, J. e REECE, R., (eds.), *Coins and the Archaeologist*, BAR-4, Oxford, 1974, pp. 102-106; KUNISZ, A., *La monnaie de nécessité à l'époque du Haut-Empire romain: problèmes et controverses*, in DEPEYROT, G., HACKENS, T. e MOUCHARTE, G. (eds.), *Rythmes de la production monétaire de l'Antiquité à nos jours*, Lovaina-a-Nova, 1987, pp. 257-265.

<sup>52</sup> Cfr. *infra* pp. 140-141.

<sup>53</sup> Cfr. *infra* pp. 141-142.

<sup>54</sup> Estas observações são, muito justamente, realizadas também por CENTENO, *Circulação*, p. 229.

<sup>55</sup> GRANT, M., *The decline and fall of city coinage in Spain*, NC, IX, 1949, pp. 93-106; VILLARONGA, *Numismática Antigua de Hispania*, pp. 297-298; RPC, p. 18 e 63.

<sup>56</sup> As moedas de Nemausus aparecem com alguma frequência nas regiões mediterrânicas da Hispânia: RIPOLLÉS ALEGRE, *Tierras Valencianas*, p. 152 e *La circulación monetária en la Tarraconense mediterranea*, Valencia, 1982, pp. 76, 77, 95, 104, 111, 114, 127-130, 138, 142, 150, 183, 184, 190, 231, 238, 239 e 325 - mapa 7. Encontram-se também de forma residual no Noroeste (CENTENO, *Circulação*, p. 228) e em Clunia (*Clunia*, p. 263).

totalidade, deverá ser de origem hispânica<sup>57</sup>. Este grande volume de imitações é responsável pela elevadíssima permutagem (8.34) obtida para o período IIIId, propensão igualmente manifestada em outros pontos da Península, nomeadamente nos centros urbanos (cfr. Quadro 11).

Refira-se ainda a significativa percentagem de exemplares (10.18%) onde, por motivos vários, não nos foi possível a identificação do centro emissor.

Nesta fase inicial do Império, em que se parece assistir a uma verdadeira monetarização da economia<sup>58</sup>, a moeda de bronze vai tornar-se um elemento fulcral no jogo das trocas, alcançando um predomínio avassalador sobre os outros metais — 85.03% do total — (Quadro 12).

	AV	AR			AE					TOTAL
		D	On	?	HS	Dp	As	S	?	
Augustus		8	3	1	2	3	36	1	5	59
Tiberius		7				8	34			49
Caius		1			2	1	2			6
Claudius		3			3	3	29		2	40
Nero	1			1	2	1	2			7
Júlios-Cláudios							4		2	6
TOTAL		19	3	2	9	16	107	1	9	
	1	24			142					167
		11.38	1.80	0.60	5.39	9.58	64.07	0.60	5.39	
%	0.60	14.37			85.03					100

Quadro 12 - Valores circulantes no período júlio-claudiano

A presença da moeda de prata continua a ter algum significado, sobretudo sob Augustus e Tiberius<sup>59</sup>, facto que pode encontrar justificação quer na abundante circulação da moeda em AR — principalmente de Lugdunum — no Ocidente hispânico ao tempo dos dois primeiros Júlios-Cláudios<sup>60</sup>, quer na real possibilidade de algumas destas moedas serem oriundas de tesouros que se desagregaram entretanto.

Como facilmente se observa, ao nível da moeda de bronze o asse é, de longe, a moeda mais abundante, correspondendo sozinho a 64.07% de toda a massa monetária recenseada para este período e a 75.35% do numerário em AE<sup>61</sup>. Presença bastante mais modesta têm

<sup>57</sup> Cfr. *infra* n. 113.

<sup>58</sup> Sobre a questão da existência ou não de uma economia monetária na época romana, cfr. PEKÁRY, T., *Les limites de l'économie monétaire à l'époque romaine*, in «Les Dévaluations à Rome. Époque Républicaine et Impériale» (Gdansk, 1978), 2, Roma, École Française de Rome, 1980, pp. 103-113 e as intervenções a propósito desta comunicação, pp. 113-120.

<sup>59</sup> Embora em menor proporção relativamente ao bronze, o seu valor intrínseco traduzido em asses é contudo bastante superior. Por exemplo, os 7 denários de Tiberius equivalem a 112 asses, enquanto as 42 moedas de bronze do mesmo imperador se ficam pelos 50 asses.

<sup>60</sup> Ver *supra* p. 110-111.

o dupôndio e o sestércio (respectivamente 11.27 e 6.33% da moeda em AE), bem como as fracções do asse, aqui unicamente representadas por um semisse<sup>62</sup>. Parece evidente que o asse era o valor mais baixo em circulação nesta área, facto que também é sugerido pela aparente ausência de moedas fraccionadas<sup>63</sup>.

Quanto à moeda de ouro, que, como sabemos, só era usada nas grandes transacções<sup>64</sup>, conta unicamente com uma unidade de Nero<sup>65</sup>.

Passemos agora a uma análise mais pormenorizada do numerário de cada imperador, começando, obviamente, por Augustus. Como já tivemos oportunidade de frisar, foi em nome deste governante que recolhemos o maior volume de numerário (59 ex. - 35.33%), onde abundam as emissões municipais hispânicas, seguidas das cunhagens oficiais em AR e AE de Lugdunum (6 AR+1 AE), Emerita (3 AR + 2 AE)<sup>66</sup>, Roma (3 AE) e das emissões municipais de Nemausus (2 AE). O valor mais frequente é o asse, mas a moeda de prata, principalmente o denário, também surge com alguma regularidade, complementado pelos quinários emeritenses. O dupôndio e o sestércio tem muito pouca expressão, o mesmo sucedendo com os divisores do asse, aqui reduzidos a um semisse de Emerita.

Para Augustus contabilizámos 37 moedas hispânicas correspondentes a 62.71% do numerário augustano, que distribuímos pelo Quadro 13:

---

<sup>61</sup> A prevalência do asse verifica-se por toda a Península: em Conimbriga (58.64%), em Clunia (85.31%), no Noroeste (75.96 %), ou nas Tierras Valencianas (43.69%). BOST, J. P., CAMPO, M. e GURT, J. M., *La circulación en Hispania durante el periodo romano imperial: problemática y conclusiones generales*. SNB I (2), pp. 176 e 187, a partir de dados recolhidos no I Simpósio Numismático de Barcelona, elaboram um quadro (Quadro V) relativo ao numerário de vários locais da Hispânia e um da Gália onde o asse se cifra em 70.1% do numerário circulante entre 27 a.C. e 68.

<sup>62</sup> A circulação das fracções do asse no Oeste hispânico durante o período júlio-claudiano terá sido diminuta: em Conimbriga temos apenas 1 S + 4 Qd (HIERNARD, *Conimbriga. Monedas y excavaciones antiguas*, p. 142) e no Noroeste 2 S + 2 Qd (Centeno, *Circulação*, p. 228).

<sup>63</sup> Na Estremadura não foi identificado com segurança qualquer numisma fraccionado. A única dúvida vai para um sestércio de Claudius I aparentemente dividido ao meio, não sabemos se intencionalmente, se por acaso (Cat., *Achados ocasionais*, nº 8, moeda 25). Relativamente a esta questão, veja-se BUTTREY, T. V., *Halved coins, the Augustan reform and Horace, Odes I. 3*, AJA, 76, 1972, pp. 31-48; RIPOLL, E., NUIX ESPINOSA, J. M. e VILLARONGA GARRIGA, L., *Las monedas partidas procedentes de las excavaciones de Emporion*, Numisma, 120-131, 1974, pp. 75-90; VILLARONGA, L., *Las monedas partidas procedentes de las excavaciones de Conimbriga*, Nummus, X (34-35), 1976, pp. 37-41.

<sup>64</sup> Sobre a função da moeda de ouro, cfr. HOWGEGO, C., *The supply and use of money in the Roman world 200 B.C. to A.D. 300*, JRS, LXXXII, 1992, p. 11.

<sup>65</sup> Refira-se que o áureo achado no séc. XVIII nas imediações de Leiria (Cat., *Achados ocasionais*, nº 4), poderia pertencer a este período, concretamente à época augustana. Também a moeda de S. Cristóvão descrita nas *Memórias Paroquiaes de 1758* (Cat., *Achados ocasionais*, nº 32, moeda 1) corresponde a um áureo ou a um denário de Nero.

<sup>66</sup> Emissões em nome de P. Carisius.

	C. EMISSOR	AVG.	TIB.	AVG/TIB	CAIVS	INDET.	TOTAL	%
LUSITANIA	Noroeste	16					16	59.52
	Ebora	2					2	
	Emerita	6	24	2			32	
BAETICA	Italica	1					1	10.71
	Colonia Romula		5				5	
	Colonia Patricia	3					3	
TARRACONENSIS	Clunia	3					3	27.38
	Calagurris	5					5	
	Cascantum	3					3	
	Graccurris	1					1	
	Caesaraugusta	1					1	
	Osca					1	1	
	Turiaso	6					6	
Celsa	3					3		
HISPANIA INDET.	?					2	2	2.38
TOTAL		37	42	2	1	2	84	
%		44.05	50	3.38	1.19	2.38		100

Quadro 13 - Distribuição do numerário hispânico entre Augustus e Caius

A maior parte deste numerário provém de casas da moeda localizadas na Lusitânia (cfr. Mapa 6), precisamente aquelas que estão, do ponto de vista da geografia, mais próximas da Estremadura<sup>67</sup>. À cabeça, com 16 exemplares (3 Dp + 13 As), vem as cunhagens da *caetra*, atribuídas por muitos autores ao Noroeste hispânico<sup>68</sup>, mas cuja origem continua ainda a suscitar vivas discussões. A favor desta atribuição pronunciaram-se, por exemplo, L. Villaronga<sup>69</sup>, A. Beltrán Martínez<sup>70</sup>, R. Centeno<sup>71</sup> e, mais recentemente, P. P. Ripollès<sup>72</sup>. Desta posição divergem A. Guadán<sup>73</sup> e A. Faria<sup>74</sup>, que localizam o centro emissor destas

<sup>67</sup> Este critério do predomínio das produções regionais é válido para toda a Península: RIPOLLÈS ALEGRE, *Tierras Valencianas*, p. 150-155; Clunia, p. 51; CENTENO, *Circulação*, p. 237; Belo, p. 41.

<sup>68</sup> A justificação para a inclusão do Noroeste na Lusitânia deve-se ao facto de, na época em que se procedeu à cunhagem destas emissões (c. 26-25 a.C. segundo GIARD, *Catalogue des monnaies de l'Empire Romain*, p. 160), aquela região estar integrada na Lusitânia ou, pelo menos, estar administrativamente dependente dela: cfr. ALARCÃO, *Domínio*, pp. 31-33; TRANOY, A., *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981, pp. 145-150; SANTOS YANGUAS, N., *La romanización de Asturias*, Madrid, 1991, pp. 123-133.

<sup>69</sup> VILLARONGA, L., *Emisión monetaria augustea con escudo, atribuible a P. Carisio y la zona Norte de Hispania*, XI CNA (Mérida 1968), Saragoça, 1970, pp. 591-600.

<sup>70</sup> BELTRÁN MARTÍNEZ, A., *Nuevas aportaciones al problema de los bronzes de Augusto con caetra o panoplia acuñados en el Noroeste de España*, Numisma, 150-155, 1978, pp. 157-168.

<sup>71</sup> CENTENO, *Circulação*, pp. 239-240.

<sup>72</sup> RPC, p. 67.

<sup>73</sup> GUADÁN, A. M., *La moneda ibérica. Catálogo de numismática ibérica e ibero-romana*, Madrid, 1980 (2ª ed.), p. 259.

<sup>74</sup> FARIA, *Sobre a moeda no Noroeste*, pp. 91-92 e [Recensão] A. Burnett, M. Amandry e P. P. Ripollès, *Roman Provincial Coinage. Vol. I — From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*, Vipsasca, 2, 1993, p. 141.

moedas em Emerita, embora este último autor não exclua totalmente a possibilidade de a emissão das moedas de pior estilo (RPC 4) ter-se realizado no Noroeste. Pessoalmente, inclinamo-nos mais para a hipótese de esta amoedação ter origem no Noroeste. A abundante difusão deste numerário em áreas afastadas do local de cunhagem deve-se, possivelmente, às numerosas movimentações de militares durante os primeiros anos do Império.

Entre as cunhagens locais propriamente ditas<sup>75</sup>, as cunhagens emeritenses parecem conhecer já um certo ascendente sobre as demais. De notar a presença pouco significativa das produções de Ebora, a casa da moeda lusitana mais próxima da Estremadura, bem como a ausência completa das cunhagens de Pax Iulia, que só a muito custo conseguem transpor o território colonial<sup>76</sup>.

A seguir às emissões lusitanas, temos a amoedação da Tarraconense com 9 unidades (25%); à cabeça vem Calagurris com 5 exemplares, secundada por Celsa com 3 e por Caesaraugusta com 1. Por último, surgem as emissões da Bética (apenas 10.81% das produções locais presentes na Estremadura sob Augustus)<sup>77</sup>, cujos centros emissores, apesar de geograficamente mais próximos da Estremadura que os da Tarraconense, enfrentaram sérias dificuldades para fazer chegar até aqui o seu numerário, sobressaindo Colonia Patricia com 3 unidades.

Sob Tiberius mantém-se a prevalência da moeda em AE, agora exclusivamente de origem hispânica, com o asse a sobrepor-se ao dupôndio (69.39 contra 16.33%). O aprovisionamento da moeda em AR situa-se num nível estável relativamente ao período anterior. As produções do centro emissor sediado em Roma, que durante o reinado deste príncipe só emite moeda em AE<sup>78</sup>, estão, para já, ausentes da Estremadura. Aliás, não se pode propriamente dizer que primem pela abundância no Oeste hispânico. A título de exemplo, as escavações de Conimbriga forneceram apenas duas unidades de procedência romana<sup>79</sup>, número idêntico ao inventariado por Centeno para o Noroeste<sup>80</sup>. Estaremos aqui perante

---

<sup>75</sup> Apesar de termos optado pela inclusão das emissões da «caetra» no lote das cunhagens locais, esta amoedação será muito provavelmente imperial (cfr. RPC, p. 67).

<sup>76</sup> BOST, J.-P. e CHAVES, F., *Le rayonnement des ateliers de Pax Iulia, Ebora et Emerita: essai de géographie monétaire des réseaux urbains de la Lusitanie romaine à l'époque julio-claudienne*, in «Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires» (Talence, 1988), Paris, 1990, pp. 115-121. A extrema raridade da amoedação de Pax Iulia explica-se pelo reduzido volume de numismas produzidos. Trata-se de cunhagens de carácter meramente comemorativo: FARIA, A. M., *Sobre a data da fundação de Pax Iulia*, Conimbriga, XXVII, 1989, p. 107.

<sup>77</sup> Neste caso verifica-se uma inversão relativamente a Conimbriga, onde os centros emissores béticos se sobrepedem aos da Tarraconense (23.53% contra 11.76%).

<sup>78</sup> RIC I<sup>2</sup>, pp. 88-89.

<sup>79</sup> *Fouilles de Conimbriga*, p. 13, n<sup>o</sup> 129-130 (moedas póstumas de Augustus).

<sup>80</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 228.

um sintoma da *inopia rei nummariae*<sup>81</sup> que, a fazer fé em Tácito (*Ann.* VI, 17, 1), terá ocorrido durante a crise de 33?

Ao nível das cunhagens hispânicas, o número de centros emissores presentes diminui de Augustus para Tiberius (seis contra oito no período anterior), facto normal considerando o encerramento de todos os centros emissores lusitanos à excepção de Emerita e de alguns na Bética<sup>82</sup>, não obstante a abertura de outros na Tarraconense, como Cascantum e Clunia<sup>83</sup>, responsáveis por volumosas emissões. Curiosamente, o volume do numerário provincial de Tiberius aumenta ligeiramente em relação ao do seu predecessor<sup>84</sup>, facto que, quanto a nós, é explicável pelo peso desmesurado das séries emeritenses, que totalizam por si só 57.14% de todo o numerário hispânico de Tiberius<sup>85</sup>. Para isso muito terá contribuído, estamos em crer, a proximidade geográfica entre a nossa região e a sua capital provincial, poderoso centro económico. Por certo as moedas acompanharam não só as exportações emeritenses — no rol das quais se contam as cerâmicas finas de que a cidade parece ter sido um importante centro redistributivo<sup>86</sup> — mas também as frequentes deslocações de pessoal civil e militar entre a capital e importantes centros económicos e administrativos da Lusitânia ocidental, como Olisipo e Scallabis, entre outros<sup>87</sup>.

A primazia das séries emeritenses vem reafirmar a importância de Emerita enquanto capital provincial, cujas cunhagens ultrapassam o quadro estritamente regional e provincial<sup>88</sup>.

<sup>81</sup> A propósito desta questão, cfr. MROZEK, S., *Inopia rei nummariae et l' usure dans l' histoire romaine*, in DEPEYROT, G., HACKENS, T. e MOUCHARTE, G. (eds.), *Rythmes de la production monétaire de l' Antiquité à nos jours*, Lovaina-a-Nova, 1987, pp. 323-334; SUTHERLAND, *The Emperor and the coinage*, pp. 70-71 e 92-93; RIC I<sup>2</sup>, p. 91.

<sup>82</sup> VILLARONGA, *Numismática Antigua de Hispania*, pp. 288-289.

<sup>83</sup> *Idem, ibidem*, pp. 285-286.

<sup>84</sup> Trata-se de uma situação pouco comum. Regra geral, o numerário local de Augustus sobrepõe-se ao de Tiberius: assim acontece em Conimbriga (HIERNARD, *Conimbriga. Monedas y excavaciones antiguas*, p. 141) e no Noroeste (CENTENO, *Circulação*, p. 236). O inquérito levado a cabo pelos autores de *Belo* (p. 41, Quadro 8), para a Bética e a Tarraconense forneceu idênticos resultados.

<sup>85</sup> Sob Tiberius, em Conimbriga, o numerário emeritense totaliza 84% de todo o numerário hispânico: *Fouilles de Conimbriga*, p. 205; RUIVO, *A circulação da moeda hispânica na Estremadura portuguesa* (no prelo).

<sup>86</sup> MAYET, F., *Mérida: capital économique?*, in «Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires» (Talence, 1988), Paris, 1990, pp. 207-212.

<sup>87</sup> Em Collippo descobriu-se uma inscrição mencionando uma mulher natural de Emerita: BRANDÃO, *Epigrafia romana coliponense*, Conimbriga, XI, 1972, pp. 113-113, n.º XXI. No *conventus Scallabitanus* temos ainda notícia de um emeritense em Conimbriga (CIL II 371). Relativamente a estas movimentações populacionais, cfr. BOST e CHAVES, *Le rayonnement des ateliers de Pax Iulia, Ebora et Emerita*, p. 120 e BLÁZQUEZ CERRATO, *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, pp. 280-283.

<sup>88</sup> BOST e CHAVES, *Le rayonnement des ateliers de Pax Iulia, Ebora et Emerita*, pp. 115-121 e BLÁZQUEZ CERRATO, *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, pp. 23-249 e 310, fig. 3.

A seguir à Lusitânia, o abastecimento de moeda à Estremadura é realizado pela Tarraconense, especialmente pelos centros emissores do vale do Ebro/Celtibéria, à cabeça dos quais se encontram Turiaso (6 ex.), Clunia e Cascantum (3 ex.). As emissões béticas restringem-se a 5 peças de Colonia Romula, uma das quais contramarcada nas duas faces<sup>89</sup>.

Com Caius há uma quebra brusca relativamente à época tiberiana<sup>90</sup> — embora a sua pernilagem seja superior à do principado de Augustus — quebra essa que ficará a dever-se ao súbito desaparecimento das cunhagens municipais, fruto da decisão deste príncipe de mandar encerrar a quase totalidade das casas de moeda peninsulares<sup>91</sup>.

Exceptuando um dupôndio batido em Osca e um denário não classificado<sup>92</sup>, o numerário deste príncipe que entra na nossa estatística provém unicamente de Roma, cujas produções passam, a partir daqui, a substituir o numerário municipal.

À semelhança do que se verifica para Augustus e Tiberius, mantém-se a preponderância da moeda de bronze, começando o sestércio a querer dar sinais de alguma recuperação relativamente às outras espécies. Refira-se que entre a moeda em AE incluímos um asse da emissão em nome de M. Agrippa, que os trabalhos mais recentes têm procurado atribuir ao principado de Caius<sup>93</sup>.

Em 25 de Janeiro do ano 41 Caius é assassinado pelos pretorianos que, em seguida, aclamam *imperator* o seu tio Claudius. O Senado lança uma *damnatio memoriae* sobre Caius e ordena a desmonetização do numerário com a sua efígie<sup>94</sup>. Esta medida, associada

<sup>89</sup> Contramarca D. Sobre esta contramarca cfr. CHAVES, F., *Contramarcas en las amonedaciones de Colonia Patricia, Colonia Rómula, Itálica, Iulia Traducta y Eborac*, *ActNum*, 9, 1979, pp. 41-52; RPC, p. 809, n.º 25 e GUADÁN, A. M., *Tipología de las contramarcas en la numismática ibero-romana*, NH, IX (17), 1960, n.º CXXIV.

<sup>90</sup> CENTENO, *Circulação*, pp. 228-229, assinala a escassez do numerário de Caius para o Noroeste, mas refere que as pernilagens mostram um crescimento entre Augustus e Claudius.

<sup>91</sup> Cfr. *supra* p.118, n. 55.

<sup>92</sup> Cat., *Escavações*, n.º 1. Existe uma acesa discussão a propósito da localização das casas da moeda responsáveis pelas emissões de AV e AR no reinado de Caius: GIARD, *Le monnayage de l'atelier de Lyon*, pp. 49-53, esp. p. 51, defende a sua cunhagem exclusivamente em Lugdunum; SUTHERLAND, *RIC I*<sup>2</sup>, pp. 102-104, atribui a Lugdunum as duas primeiras emissões de ouro e prata, enquanto as mais tardias são imputadas a Roma. Uma síntese actualizada da questão pode ver-se em VON KAENEL, H.-M., *Die Organisation der Münzprägung Caligulas*, *SNR*, 66, 1987, pp. 143-144 e METCALF, W. E., *Rome and Lugdunum again*, *AJN*, 1, 1989, pp. 51-70.

<sup>93</sup> NICOLS, J., *The chronology and significance of the M. Agrippa asses*, *ANSMN*, 19, 1974, pp. 65-86; *RIC I*<sup>2</sup>, p. 103; MATTINGLY, *Money for an Empire*, pp. 259-260; VON KAENEL, *Die organisation der münzprägung Caligulas*, pp. 152-153; CARTER, G. F. e METCALF, W. E., *The dating of the M. Agrippa asses*, *NC*, 148, 1988, pp. 145-147.

<sup>94</sup> BURNETT, A. M., *The authority to coin in the Late Republic and Early Empire*, *NC*, 137, 1977, pp. 55-56, defende que a desmonetização da moeda de Caius não se limitou à moeda em AE, da responsabilidade do Senado, mas abrangeu também a amoedação em metais preciosos, que, como sabemos, era prerrogativa imperial.

ao fecho das oficinas provinciais hispânicas *ante* 37 e à incapacidade da casa da moeda romana em alimentar de numerário as províncias ocidentais<sup>95</sup>, vai provocar uma gravosa penúria de moeda divisionária durante o principado de Claudius. Apesar de a moeda em AR se manter em níveis aceitáveis, a permissão das emissões oficiais cai para 1.25, o valor mais baixo obtido para o período júlio-claudiano. Para acudir a tão melindrosa situação, recorreu-se aos procedimentos usuais nestas circunstâncias, como a contramarcagem<sup>96</sup>, o fraccionamento de moedas<sup>97</sup> ou a manutenção na circulação de espécies antigas<sup>98</sup>. Mas a medida mais utilizada consistiu na cunhagem de abundantíssimas emissões de moedas de imitação ou de necessidade<sup>99</sup>. Uma definição de moeda de necessidade é-nos fornecida por A. Kunisz: «La monnaie de nécessité comprend les séries monétaires ou assimilées au monnayage (nummiformes) produites par les régimes ou les individus non autorisés formellement afin de compléter la masse monétaire en circulation insuffisante à un moment aux besoins du marché»<sup>100</sup>.

Esta amoedação paralela compôs-se sobretudo de asses, mas os seus múltiplos, dupôndios e sestércios, também viram muitos dos seus tipos reproduzidos<sup>101</sup>. No nosso caso, 23 das 25 imitações identificadas são asses, a que se acrescentam um dupôndio e um

---

<sup>95</sup> GIARD, *Pouvoir central et libertés locales*, pp. 34-35, é partidário da suspensão da cunhagem do bronze no atelier romano entre 42 e 50 d.C., mas SUTHERLAND, *RIC I*<sup>2</sup> pp. 118-119, mantém que a emissão de moeda de bronze se processou de forma regular durante aquele período.

<sup>96</sup> Acerca desta técnica citamos entre os mais importantes trabalhos os seguintes: GRÜNWARD, M., *Die römischen bronze-und kupfermünzen mit schlagmarken im legionslager Vindonissa*, Basel, 1946; KRAAY, C. M., *The behaviour of early imperial countermarks*, in «Essays in Roman Coinage presented to Harold Mattingly», Oxford, 1956, pp. 113-136; KRAAY, C. M., *Die Münzfunden von Vindonissa (bis Trajan)*, Basel, 1962, pp. 45-51; BUTTREY, T. V., *Observations on the behavior of Tiberian counterstamps*, *ANSMN*, 16, 1970, pp. 57-68; COCCHI, E. E., *Orientamenti per una ricerca sul significato delle contromarche in epoca Giulio-Claudia*, *RIN*, LXXXIII, 1981, pp. 239-250 e FARIA, *Novos elementos para o estudo das moedas romanas carimbadas*, pp. 7-13 (neste artigo publica um Hs de Faião - Cat., *Achados ocasionais*, n.º 82 - com a contramarca M).

<sup>97</sup> Cfr. *supra* n. 63.

<sup>98</sup> Este processo foi uma realidade permanente: por exemplo, na Quinta da Silvã (Torres Novas), foi recolhido um Dp de Colonia Romula em contexto do séc. III (Cat., *Escavações*, n.º 8). Sobre esta questão veja-se AUGÉ, Chr., *La réutilisation des monnaies de bronze à l'époque impériale: quelques exemples proche-orientaux*, in DEPEYROT, G., HACKENS, T. e MOUCHARTE, G. (eds.), *Rythmes de la production monétaire de l'Antiquité à nos jours*, Lovaina-a-Nova, 1987, pp. 227-234 e as observações que lhe são dirigidas por A. Kunisz na *Discussão*, p. 235.

<sup>99</sup> Cfr. *supra* n. 51.

<sup>100</sup> KUNISZ, *La monnaie de nécessité à l'époque du Haut-Empire romain*, p. 257.

<sup>101</sup> SUTHERLAND, *Romano-British imitations of bronze coins of Claudius I*, p. 12; BOON, *Counterfeit coins in Roman Britain*, p. 103; GIARD, *Pouvoir central et libertés locales*; p. 36 e *Les jeux de l'imitation: fraude ou nécessité*, pp. 232-233; CAMPO, RICHARD e VON KAENEL, *El tesoro de la Poblá de Mafumet*, p. 70: estes autores estimam que mais de 90% dos asses de Claudius encontrados na Hispânia são imitações.

sestércio<sup>102</sup>. Saliente-se que boa parte das cópias observadas exhibe um bom estilo de execução, sobretudo ao nível dos aversos, a cuja legenda falta o título honorífico P(ater) P(atriciae). As imitações repetem os seguintes protótipos:

Protótipos	<i>Minerva</i>	<i>Constantiae</i>	<i>Libertas</i>	<i>Spes</i>	<i>Antonia</i>
Nº de ex.	11	8	4	1	1
%	44	32	16	4	4

Quadro 14 - Tipos reproduzidos nas moedas de imitação de Claudius I

Estes valores são muito semelhantes aos alcançados para Conimbriga<sup>103</sup>, mas diferem ligeiramente dos obtidos para um conjunto de 7 cidades hispânicas, Conimbriga incluída, onde as imitações do tipo *Libertas* se sobrepõem às do tipo *Constantiae*<sup>104</sup>.

Este surto, «epidémico» na expressão de G. C. Boon<sup>105</sup>, visava, como já referimos, suprir a falta de moeda divisionária de bronze que se fez sentir na época por todo o Ocidente romano. Porém, o fabrico desta amoedação parece não ter funcionado de forma completamente clandestina; a maior parte dos autores que se debruçaram sobre esta problemática concordam que a emissão destas moedas beneficiou da autorização ou, pelo menos, da tolerância do poder central<sup>106</sup>. J.-B. Giard sugere que a cunhagem destas moedas terá durado até c. 50 d.C.<sup>107</sup>, embora nos pareça mais provável a manutenção da sua produção até c. 62-64, período que compreende o reinício das cunhagem de *aes* em Roma e a reforma monetária de Nero<sup>108</sup>. Independentemente da duração da cunhagem deste numerário e, não obstante o pressuposto da sua rápida desmonetização<sup>109</sup>, a sua circulação prolongou-se no tempo, pelo menos, por mais algumas décadas. Em Conimbriga supõe-se a sua utilização até ao fim da época flaviana ou aos inícios do reinado de Traianus<sup>110</sup>, em

<sup>102</sup> Algumas das moedas com a efígie de Claudius encontram-se em deficiente estado de conservação, facto que obsta à sua classificação como imitações ou como moedas oficiais.

<sup>103</sup> BOST e PEREIRA, *Les monnaies d'imitation de Claude Ier trouvées sur le site de Conimbriga*, p. 168: *Minerva* - 50 %, *Constantiae* - 33 % e *Libertas* - 13 %. Porém as imitações circunscrevem-se aos asses.

<sup>104</sup> Os nossos cálculos foram efectuados a partir de Belo, p. 53, Quadro 21, compreendendo as imitações de Belo, Conimbriga, Clunia, Baetulo, Valeria, Valência e Barcelona. As médias obtidas são as seguintes: *Minerva* - 56.61%, *Libertas* - 17.70%, *Constantiae* - 14.57%, outros tipos - 10.54%.

<sup>105</sup> *Counterfeit coins in Roman Britain*, p. 113.

<sup>106</sup> SUTHERLAND, *Romano-British imitations of bronze coins of Claudius I*, pp. 23-25; GIARD, *Pouvoir central et libertés locales*, pp. 39-40, *La pénurie de petite monnaie en Gaule au début du Haut Empire*, p. 85 e *Les jeux de l'imitation: fraude ou nécessité*, p. 232; BOST e PEREIRA, *Les monnaies d'imitation de Claude Ier trouvées sur le site de Conimbriga*, p. 170.

<sup>107</sup> GIARD, *Pouvoir central et libertés locales*, p. 35.

<sup>108</sup> KUNISZ, *La monnaie de nécessité à l'époque du Haut-Empire romain*, p. 261; BOON, *Counterfeit coins in Roman Britain*, p. 103. SUTHERLAND, *RIC I<sup>2</sup>*, p. 115, admite que o início das cunhagens de *aes* em Lugdunum (c. 64) poderá coincidir com a extinção das imitações.

<sup>109</sup> Belo, p. 57.

<sup>110</sup> BOST e PEREIRA, *Les monnaies d'imitation de Claude Ier trouvées sur le site de Conimbriga*, p. 173.

Clunia foi encontrada uma destas cópias num tesouro do último quartel do séc. III<sup>111</sup>, o mesmo sucedendo nas Ilhas Britânicas<sup>112</sup>.

Não existem hoje quaisquer dúvidas quanto à origem e difusão regional deste numerário, embora tenhamos provas concretas da circulação de imitações de procedência italiana e germânica — e certamente gaulesas — nas províncias hispânicas<sup>113</sup>.

A localização das casas da moeda responsáveis por estas emissões continua por determinar. Tem sido sugerida a realização destas cunhagens em centros emissores municipais que laboraram durante Tiberius ou Caius, como os da zona do Ebro-Alto Douro ou Emerita<sup>114</sup>, hipótese a que creditamos boas possibilidades, mas somos de opinião que se deveria encarar também a possibilidade de a produção de parte deste numerário poder ter sido realizada nos acampamentos militares do Noroeste peninsular<sup>115</sup>.

Para Nero recenseámos 7 exemplares, todos batidos em Roma, correspondentes apenas a 4.19% da massa monetária júlio-claudiana. Dos cinco devidamente classificados, quatro são posteriores à reforma monetária de 64<sup>116</sup>. Para além do aparecimento da moeda em AV<sup>117</sup>, merece igualmente destaque a crescente importância do sestércio entre a moeda em AE, tendência que, de algum modo, já se vinha a verificar desde o reinado de Caius<sup>118</sup>.

Não obstante as massivas emissões de numerário neroniano após o ano 64, a sua circulação nas províncias hispânicas parece ter sido reduzida. Na publicação do material numismático

---

<sup>111</sup> GURT, *Las monedas de Claudio I halladas en Clunia*, p. 117.

<sup>112</sup> SUTHERLAND, *Romano-British imitations of bronze coins of Claudius I*, pp. 26-27.

<sup>113</sup> Cfr. GURT ESPARRAGUERA, *Clunia*, p. 68 e CENTENO, *Circulação*, p. 246 e n. 201. Tendo em consideração a dificuldade de distinguir as imitações hispânicas das de outras províncias - excepto em condições excepcionais - não podemos concordar com a sugestão de VILLARONGA, *Nuevo argumento a favor de hispanidad de las emisiones de Claudio*, p. 173, a favor da inclusão destas moedas de Claudius entre as amoedações locais da Hispânia.

<sup>114</sup> GURT, *Las monedas de Claudio I halladas en Clunia*, p. 116 e *Clunia*, p. 69; BOST e PEREIRA, *Les monnaies d'imitation de Claude Ier trouvées sur le site de Conimbriga*, p. 172.

<sup>115</sup> Esta possibilidade foi já levantada para outras regiões do Império por SUTHERLAND, *Romano-British imitations of bronze coins of Claudius I*, pp. 23-24 e GIARD, *Pouvoir central et libertés locales*, pp. 39-40, justificando-se pela urgência do pagamento às tropas. A este propósito convém recordar que, durante os governos de Claudius e Nero, estavam estacionadas na Península as legiões *VI Victrix* e *X Gemina*, para além de vários corpos de tropas auxiliares: LE ROUX, *L'armée romaine*, p. 166.

<sup>116</sup> MAC DOWAL, D. W., *The western coinages of Nero*, Nova Iorque, 1979, pp. 42 e 148-149; RIC I<sup>2</sup> p. 133 e segs. Sobre a reforma monetária de Nero vejam-se ainda KUNISZ, A., *Quelques remarques sur la réforme monétaire de Néron*, in «Les Dévaluations à Rome. Époque Républicaine et Impériale» (Roma, 1975), 1, Roma, 1978, pp. 89-97 e LO CASCIO, E., *La riforma monetaria di Nerone: l'evidenzia dei ripostigli*, MEFRA, 92 (1), 1980, pp. 445-470.

<sup>117</sup> No Noroeste é com este imperador que surge a maior parte dos *aurei* júlio-claudianos (CENTENO, *Circulação*, p. 228), verificando-se igual comportamento em relação ao resto da Hispânia (BOST, CAMPO e GURT, *Hallazgos de aurei y solidi en la Peninsula Iberica*, p. 140).

<sup>118</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 233, assinala o facto de, para o Noroeste, a partir de Claudius se registar uma quebra na circulação da moeda de prata em favor do sestércio.

de Belo os autores analisam o comportamento do numerário neroniano de 10 cidades hispânicas: o índice médio de moedas/ano é muito baixo, cifrando-se-se em 0.34, valor inferior aos 0.50 da Estremadura<sup>119</sup>. Tal como as pernilagens, os índices de moedas/ano para Nero são, com frequência, os mais baixos de todos os Júlios-Cláudios, onde alternam por vezes com Caius, mas julgamos que não é tida aqui em consideração a seguinte «nuance»: a maior parte do numerário de Nero compõe-se de moeda em AE, cunhada apenas a partir de c. 62-63, pelo que se as estatísticas considerassem unicamente o período efectivo de cunhagem, os valores alcançados seriam consideravelmente mais elevados.

Contudo esta observação não pode dissimular aquilo que, na opinião dos autores de *Belo*, p. 58, parece ter sido uma realidade: o fracasso deste numerário, devido ao facto de as enormes quantidades de metal cunhadas entre c. 62-63 e 68 terem sido reabsorvidas por vontade da Administração.

### 3. Circulação monetária entre 68/69 e o final da dinastia flaviana

O período que medeia entre 68 e o assassinato de Domitianus conta com uns escassos 20 numismas que se cifram em 4.93% do total do numerário recolhido na Estremadura. Este valor percentual é bastante semelhante aos obtidos para o Noroeste (4.83%)<sup>120</sup> e para Clunia (4.72%)<sup>121</sup>, situando-se entre os valores mais baixos para este período até agora conhecidos na Hispânia<sup>122</sup>. Porém, em Conimbriga, cidade situada na periferia da área que estamos a estudar, as emissões de Galba a Domitianus cifram-se em 11.15% do numerário até 215<sup>123</sup>.

	AV	AR	AE			?	TOTAL	%
			Hs	As	AE			
Galba		2		1			3	15.00
Vitellius	1						1	5.00
Vespasianus	1	1	1			1	4	20.00
Domitianus		1	5	3	1		10	50.00
Flávios				2			2	10.00
TOTAL	2	6	6	1				
		4	13			1	20	
%	10.00	30.00	30.00	5.00		5.00		100
		20.00	65.00					

Quadro 15 - Numerário do período 68-96 na Estremadura

<sup>119</sup> *Belo*, p. 59, Quadro 25. Já anteriormente MAC DOWAL, *The western coinages of Nero*, p. 28, chamara a atenção para este aspecto.

<sup>120</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 183 e 257.

<sup>121</sup> *Clunia*, p. 79.

<sup>122</sup> BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el período romano imperial*, p. 185, Quadro II.

<sup>123</sup> HIERNARD, *Conimbriga. Monedas y excavaciones antiguas*, p. 142 (a cifra de 9.39% fornecida por este autor corresponde à representatividade do material flaviano no período 27 a.C.-260, estando por isso ligeiramente abaixo daquela que obtivemos, uma vez que, nos nossos cálculos, vamos só até 215).

Durante este período torna-se perceptível uma diminuição do afluxo de numerário à Estremadura em relação à época júlio-claudiana, pelo menos é essa impressão que nos fica da análise das pernilagens por períodos latos (cfr. Fig. 1): de uma pernilagem de 4.57 sob os Júlios-Cláudios passamos para 1.86 no período a que agora nos reportamos<sup>124</sup>.

Claro que para esta redução drástica muito terá contribuído o fim das cunhagens municipais<sup>125</sup>. No entanto, é crível que tanto o numerário hispânico como as imitações claudianas tenham continuado a complementar as emissões oficiais por mais algumas décadas após o termo da sua produção<sup>126</sup>, o que aumentaria consideravelmente a massa monetária em circulação.

Em termos percentuais, Domitianus é o imperador que conta com maior volume de numerário (50%), seguido de Vespasianus (20%), Galba (15%) e Vitellius (5%). As emissões em nome de Titus estão ausentes do nosso inventário, situação paralela à de Clunia<sup>127</sup> e, provavelmente, à de Conimbriga<sup>128</sup>, enquanto no Noroeste<sup>129</sup> e em Belo<sup>130</sup> estão reduzidas a um único exemplar. Nas Tierras Valencianas, porém, o numerário de Titus é relativamente abundante e a sua pernilagem sobrepõe-se às de Vespasianus e Domitianus.

Durante o espaço de tempo em análise, o aprovisionamento de moeda à Estremadura fica quase exclusivamente a cargo da casa da moeda de Roma. Daí provêm 13 dos 15 numismas cujo centro emissor foi devidamente identificado; os 2 restantes terão sido supostamente emitidos em Tarraco.

Em relação ao período júlio-claudiano, mantém-se o predomínio do bronze sobre o ouro e a prata; contudo, a importância da moeda em metal precioso, nomeadamente em AV, conhece um aumento substancial, duplicando (de 14.97 passa para 30%)<sup>131</sup>. A moeda em AE sofre um considerável decréscimo (65 contra 85.03% no período anterior). A que-

---

<sup>124</sup> O valor desta pernilagem é muito semelhante ao de 1.78 atingido para o Noroeste: CENTENO, *Circulação*, p. 257.

<sup>125</sup> Cfr. *supra*, n. 55.

<sup>126</sup> BALIL, A., *Circulación monetaria en España durante el Imperio Romano*, Numisma, 35, 1958, p. 26. O dupôndio de Colonia Romula da Quinta da Silvã (Cat., *Escavações*, nº 8), foi recolhido em estratos dos séc. III-IV (CORTE-REAL, *Intervenção arqueológica de emergência na Quinta da Silvã*, p. 159).

<sup>127</sup> *Clunia*, pp. 272-273. Com segurança apenas se identificaram um asse e um sestércio de Titus enquanto César.

<sup>128</sup> Em *Fouilles de Conimbriga*, p. 220, é referido um numisma de Titus saído das antigas escavações, mas na listagem posteriormente apresentada por HIERNARD, *Conimbriga. Monedas y excavaciones antiguas*, p. 142, não é considerada a primeira classificação.

<sup>129</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 259.

<sup>130</sup> *Belo*, p. 62.

<sup>131</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 262, constata o mesmo fenómeno para o Noroeste, onde as cunhagens em metal nobre atingem, na época flaviana, 44.19 % do total do numerário desse período, contra 13.61 % do período anterior.

bra mais acentuada atinge o asse, que se vê igualado pelo sestércio<sup>132</sup>. Assiste-se também ao completo eclipse do dupôndio<sup>133</sup> e dos submúltiplos do asse. Considerando no entanto que o material analisado é muito reduzido, as nossas conclusões correm o sério risco de não serem fiáveis.

	Estremadura	Noroeste	T. Valencianas	Conimbriga	Clunia	Belo
IV	5.42	6.02	4.52	2.89	10.60	1.92
Va	1.08   1.66	2.77   3.15	2.49   3.13	3.47   3.13	1.73   2.96	1.92   2.06
Vb		0.60	3.39			1.92
Vc	1.81	0.72	1.96	4.05	3.73	1.79

Quadro 16 - Permilagens de várias regiões e cidades hispânicas entre 68 e 96

O numerário emitido durante as guerras civis de 68-69<sup>134</sup> circunscreve-se a 4 numismas, maioritariamente em metal precioso, em nome de Galba (2 AR + 1 AE) e de Vitellius (1 AV).

É com o numerário destes governantes que atingimos a permilagem mais elevada para o período de tempo em análise (5.42). Aliás, se observarmos o Quadro 16, constatamos que se verifica a mesma tendência na maior parte dos sítios e das regiões mencionados, à excepção de Conimbriga, onde a permilagem para o período IV se situa abaixo das dos períodos Va e Vc. Este resultado merece-nos, contudo, o seguinte comentário: é um pouco difícil, para não dizer improvável, que as moedas emitidas neste curtíssimo espaço de 2 anos tenham chegado à Estremadura ainda durante os governos de Galba ou de Vitellius. É bem possível que tenham entrado em circulação no nosso território só ao tempo de Vespasianus ou mesmo depois, pelo que talvez seja aconselhável englobarmos todo o numerário do período 68-81 (incluindo também o governo de Titus) numa única permilagem. Tendo em conta este facto, obteríamos uma permilagem de 1.66, mesmo

<sup>132</sup> Durante os Flávios o asse e os seus submúltiplos perdem terreno para o dupôndio e o sestércio: BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el período romano imperial*, p. 177.

<sup>133</sup> Esta é uma situação anómala, para a qual não encontramos explicação. Por exemplo, no Noroeste, o dupôndio atinge durante esta época o seu ponto mais alto (CENTENO, *Circulação*, p. 263), o mesmo se verificando em Conimbriga e em vários outros locais hispânicos e do mundo romano (cfr. *Clunia*, Quadros das págs. 49, 84 e 91).

<sup>134</sup> Sobre os sucessos deste período, cfr. COOK, S. A., ADCOCK, F. E. e CHARLESWORTH, M. P. (eds.), *The Cambridge Ancient History*, t. X-*The Augustan Empire 44 B.C.-A.D. 70*, Cambridge, 1971, pp. 808-839 e PETIT, *Histoire générale de l'Empire Romain*, vol. 1, pp. 111-115.

<sup>135</sup> RIC I<sup>2</sup>, pp. 217-219; SUTHERLAND, H., *Spanish bullion supplies, A. D. 68-9*, NAC, XIV, 1985, p. 239.

<sup>136</sup> RUIVO, J. S., *Variante do denário de Galba RIC<sup>2</sup> 32*, Portugália, n.s., XV, 1994, pp. 159-160.

<sup>137</sup> Poderiam eventualmente ser dois, já que o áureo encontrado no séc. XVIII nos arredores de Leiria podia pertencer a Vespasianus: cfr. *supra*, n. 65 e Cat., *Achados ocasionais*, nº 4.

assim um pouco inferior à de Domitianus e a mais baixa das que se encontram no Quadro 16.

Relativamente ao numerário de Galba, importa frisar que dois dos numismas (1D + 1As) foram emitidos numa casa da moeda sediada na Hispânia, plausivelmente em Tarraco<sup>135</sup>, sendo que o denário é uma variante inédita do tipo RIC I<sup>2</sup> 32<sup>136</sup>.

Como já tivemos oportunidade de observar, o numerário de Vespasianus está presente em reduzido número. Às suas 4 unidades corresponde uma pernilagem de 1.08, valor que nos parece excepcionalmente baixo quando comparado com os de outros pontos da Hispânia (cfr. Quadro 16), figurino que não se altera significativamente se alargarmos a pernilagem aos períodos IV e Vb. E se um dos exemplares é em AV<sup>137</sup>, já a única moeda em AR é forrada, portanto uma falsificação<sup>138</sup>.

No reinado de Domitianus parece assistir-se a um aumento do afluxo de numerário à Estremadura, com um pequeno acréscimo da massa monetária em circulação<sup>139</sup>, traduzido numa pernilagem de 1.81. Também em Conimbriga e em Clunia se verifica um aumento das pernilagens de Domitianus relativamente às do período IV-Vb. Sob este imperador, e não obstante estarmos a trabalhar apenas com meia dúzia de unidades, na Estremadura o sestércio parece descolar definitivamente do asse<sup>140</sup>, renunciado já a realidade monetária do século dos Antoninos, durante o qual se tornará na unidade de conta fundamental à vida económica do Império<sup>141</sup>.

#### 4. Circulação monetária durante os antoninos (96-192)

A subida de Nerua ao poder vai inaugurar uma nova era de prosperidade por todo o Império, que atingirá o seu apogeu ao tempo de Antoninus Pius<sup>142</sup>.

---

<sup>138</sup> Cfr. *supra*, n. 21. A propósito desta questão vejam-se ainda: CARRADICE, I., *Plated denarii of the flavian period*, NCirc, LXXXVIII, 1980, pp. 306-307; XCII, 1984, p. 321 e FALLANI, C.-M., *Gens Flavia: «nummi pelliculati»*, in MARGOLIS, R. e VOEGTLI, H. (eds.), *Numismatics-Witness to History*, IAPN Publication-8, Wetteren, 1986, pp. 51-63 (publica 239 AR forrados do tesouro de Gibraltar, correspondentes a cerca de 80-90% da totalidade do achado, mas nenhum dos exemplares de Vespasianus é idêntico ao nosso).

<sup>139</sup> Para GURT ESPARRAGUERA, *Clunia*, p. 82, esta é a tónica na Hispânia, Baleares e Córsega, contrastando com as Gálias e o Limes, onde há uma maior alimentação dos circuitos monetários sob Vespasianus e Titus.

<sup>140</sup> Os nossos resultados são contrariados pelos do inquérito de CARRADICE, I., *Coinage and finances in the reign of Domitian, A. D. 81-96*, BAR i. s. 178, Oxford, 1983, pp. 127-139, que parecem mostrar que o asse foi o valor mais copiosamente cunhado durante o governo deste príncipe.

<sup>141</sup> Dos Flávios para os Antoninos, verifica-se em vários locais da Hispânia a ascensão do sestércio em detrimento do asse: BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el período romano imperial*, pp. 189-190, Quadros VII- VIII.

<sup>142</sup> Cfr. PETIT, *Histoire générale de l' Empire romain*, t. I, p. 163 e segs.

Para este período de aproximadamente um século reunimos 86 numismas oriundos de achados ocasionais e de escavações<sup>143</sup>. Embora este número seja aparentemente pouco significativo, o certo é que representa 21.18% do total do numerário avulso recenseado para a Estremadura, valor muito próximo dos 20.66% de Conimbriga e dos 22.13% do Noroeste<sup>144</sup>, pelo que, em nossa opinião, aquela cifra deve ser considerada representativa.

	AV	AR	?	AE				TOTAL	%
				Hs	Dp	As	AE		
Nerua		1		3				4	4.65
Traianus		1	1	7	2	2	1	14	16.28
Hadrianus	1	2		24	2	3	2	34	39.53
Antoninus Pius		1		8	1	1	1	12	13.95
Marcus Aurelius		1		10	1		1	13	15.11
Commodus		2		5				7	8.14
Antoninos							2	2	2.33
	1	8	1	57	6	6	7		
TOTAL	10			76				86	
	1.16	9.30	1.16	66.28	6.98	6.98	8.14		
%	11.63			88.37					100

Quadro 17 - Numerário do período antonino na Estremadura

No Quadro 17 podemos observar a distribuição do numerário dos Antoninos recuperado na Estremadura. Como se vê claramente, o maior volume de numerário pertence ao principado de Hadrianus (39.53%), seguido à distância por Traianus (16.28%), Marcus Aurelius (15.11%), Antoninus Pius (13.95%), Commodus (8.14%) e, por último, Nerua (4.65%)

Contudo, se centrarmos a nossa análise no critério das pernilagens, verificamos que a pernilagem mais elevada do período 96-192 seria atingida no breve principado de Nerua (5.42); comportamento similar ocorre no Noroeste Peninsular, nas Tierras Valencianas, em Conimbriga e em Clunia (cfr. Quadro 18). Porém, como se trata de um período de tempo demasiado curto, susceptível de introduzir significativas distorções na nossa análise, decidimos, à semelhança do que já antes se fez para os Flávios, associar o numerário de Nerua ao de Traianus.

	Estremadura	Noroeste	T. Valencianas	Conimbriga	Clunia	Belo
Vla	5.42	7.23	3.95	5.78	5.78	3.83
Vlb	2.00   2.32	2.73   3.16	2.20   2.37	1.83   2.21	3.95   4.13	2.62   2.74
Vlc	4.38	3.33	3.50	3.30	5.13	3.47
Vld	1.41	1.94	1.18	1.88	3.10	4.16
Vle	1.85	2.35	1.72	2.28	2.94	2.02
Vlf	1.58	1.00	1.79	2.17	2.73	0.64

Quadro 18 - Pernilagens de várias regiões e cidades hispânicas sob os Antoninos

<sup>143</sup> Todos os exemplares devidamente classificados procedem do atelier de Roma.

<sup>144</sup> Cfr. *supra* p. 83, Quadro 3.

Assim, a pernilagem mais elevada corresponde ao período VIc (Hadrianus), situação que se verifica igualmente em todas as regiões e centros urbanos presentes no Quadro 18 à exceção de Belo, onde é superada pela pernilagem do numerário de Antoninus Pius. Seguem-se depois as pernilagens dos períodos VIa-b (2.32), VIe (1.85), VIf (1.58) e VIg (1.41).

Durante os Antoninos, a percentagem de moeda circulante em metal precioso decresce relativamente aos períodos júlio-claudiano e flaviano (11.63 contra 14.97 e 30% respectivamente), mas continua, mesmo assim, a desempenhar um papel significativo na circulação monetária (cfr. Fig. 3). Os 11.63% da Estremadura situam-se bem acima da média hispânica: 6% em Conimbriga<sup>145</sup>, 7.62% no Noroeste<sup>146</sup>, 4.42% nas Tierras Valencianas<sup>147</sup>, 7.89% em Belo<sup>148</sup>, 6.46% em Clunia<sup>149</sup>, 7.14% em Emporion<sup>150</sup> e 7.01% em Itálica<sup>151</sup>. Esta amoedação é composta sobretudo por numerário em AR, que representa todos os imperadores. A moeda em AV marca presença apenas com um numisma de Hadrianus, recolhido no século passado na Serra de S. Julião, Torres Vedras (Cat., *Achados ocasionais*, n° 61, moeda 5)<sup>152</sup>.

Quanto à moeda em AE, é durante este período que se atinge o seu valor máximo (88.28% de todo o numerário), destacando-se o sestércio (cfr. Fig. 4), cujo domínio sobre o dupôndio e o asse se torna asfíxiante (66.28% do sestércio contra 6.98% do dupôndio e 6.98% do asse). Estes números não encontram paralelos na Hispânia, já que, regra geral, o domínio do sestércio sobre as outras denominações — sobretudo o asse — não é tão evidente, sendo mesmo conhecidos alguns casos onde nem sequer se verifica<sup>153</sup>. No Noro-

<sup>145</sup> Cálculos realizados a partir de *Fouilles de Conimbriga*, p. 270.

<sup>146</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 276.

<sup>147</sup> Cálculos realizados a partir dos dados fornecidos por RIPOLLÈS, *Tierras Valencianas*, p. 158.

<sup>148</sup> *Belo*, p. 62, Quadro 27.

<sup>149</sup> *Clunia*, p. 91.

<sup>150</sup> RIPOLL, E., NUIX, J. M. e VILLARONGA, L., *La circulación monetária en Emporion*, SNB I (1), Barcelona, 1979, p. 50, Quadro IV; BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el período romano imperial*, p. 190, Quadro VIII.

<sup>151</sup> CHAVES, F., *Avance sobre la circulación monetaria en Itálica*, SNB I (2), Barcelona, 1979, p. 82; BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el período romano imperial*, p. 190, Quadro VIII.

<sup>152</sup> Refira-se que também uma moeda de Traianus recolhida à volta de 1901 em Bucelas (Loures), era em metal precioso, restando saber se era um áureo ou um denário (Cat., *Achados ocasionais*, n° 84).

<sup>153</sup> A idêntica conclusão haviam já chegado GURT ESPARRAGUERA, *Clunia*, pp. 91-92 e os autores da publicação das moedas de Baelo Claudia (*Belo*, p. 68). Também pela análise do material reunido no I Simpósio Numismático de Barcelona, se chega a idêntico resultado: o sestércio representa 39.6% de todo o numerário antonino, enquanto o asse fica ligeiramente mais abaixo com 36.1% (estes cálculos incluem os da região gaulesa do vale do Lot, onde se situava Diuona Cadurcorum): BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el período romano imperial*, p. 190, Quadro VIII. Sobre a relação entre o sestércio, o asse e o dupôndio noutras regiões do Império, cfr. REECE, *Roman coinage in Western Empire*, pp. 231-234

este, por exemplo, o sestércio está claramente acima do asse (47.71 contra 22.84%)<sup>154</sup>, o mesmo sucedendo em Clunia (49.25 contra 30.34%)<sup>155</sup>, em Conimbriga (43.48 contra 33.33%)<sup>156</sup> ou em Belo (39.47 contra 31.58%)<sup>157</sup>. Ao invés, em Emporion (46.43 contra 36.60%)<sup>158</sup> e em Itálica (41.52 contra 31.58%)<sup>159</sup>, é o asse que parece dominar a circulação monetária do período antonino.

Este predomínio do sestércio sobre os seus submúltiplos derivará da subida dos preços, que reduziu o poder de compra das pequenas denominações, levando ao seu gradual desaparecimento<sup>160</sup>. Esta alta dos preços não será porém uma consequência da depreciação da moeda, mas sim o reflexo de um salutar desenvolvimento económico no Ocidente romano ao longo das duas primeiras centúrias do Império<sup>161</sup>. Temos actualmente vários indícios que parecem sugerir que, entre o século I e finais do século II, os preços aumentaram para o dobro. Alfred Wassink estima que esta duplicação corresponderia a uma inflação média anual de 0.7%<sup>162</sup>, mas esta pode ser uma forma um tanto ou quanto simplista de encarar a questão. De qualquer modo, o aumento do volume das emissões de sestércios durante o século II funcionou como um incentivo ao crescimento económico. Os vultuosos investimentos realizados pelo estado romano no urbanismo das províncias ou na administração pública tiveram reflexos positivos na vida das populações. A subida dos preços foi acompanhada por uma melhoria do nível de vida, contribuindo para a prosperidade do Império durante os Antoninos<sup>163</sup>.

Depois de uma anormal ausência sob os Flávios<sup>164</sup>, o dupôndio reaparece durante os Antoninos, representando 6.98% do numerário recolhido, valor não muito distante dos

<sup>154</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 276.

<sup>155</sup> *Clunia*, p. 89.

<sup>156</sup> *Fouilles de Conimbriga*, p. 220. Note-se que os nossos cálculos foram efectuados a partir unicamente de 69 unidades, uma vez que optámos pela exclusão de 31 numismas em AE, provenientes das escavações mais antigas, por desconhecermos a sua metrologia.

<sup>157</sup> *Belo*, p. 62, Quadro 27.

<sup>158</sup> Utilizámos os dados publicados em *Clunia*, p. 91, uma vez que estes são mais explícitos que os de RIPOLL, NUIX e VILLARONGA, *La circulación monetária en Emporion*, p. 50, Quadro IV, embora com algumas divergências.

<sup>159</sup> Cf. CHAVES, *Avance sobre la circulación monetaria en Itálica*, p. 82 e BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el período romano imperial*, p. 190, Quadro VIII.

<sup>160</sup> REECE, *Roman coinage in the Western Empire*, p. 236.

<sup>161</sup> CORBIER, M., *Dévaluations et fiscalité (161-235)*, in «Les Dévaluations à Rome. Époque Républicaine et Impériale» (Roma, 1975), I, Roma, 1978, p. 282; ÉTIENNE e RACHET, *Le trésor de Garonne*, pp. 425-426.

<sup>162</sup> WASSINK, A., *Inflation and financial policy under the Roman Empire to the Price Edict of 301 A.D.*, *Historia*, XL (4) 1991, pp. 465-468 e CORBIER, M., *Dévaluations et évolution des prix (I<sup>er</sup>-III<sup>e</sup> siècles)*, *RN*, VI<sup>e</sup> série, XXVII, 1985, pp. 105-106.

<sup>163</sup> ÉTIENNE e RACHET, *Le trésor de Garonne*, p. 426 e WASSINK, *Inflation and financial policy*, p. 468.

<sup>164</sup> Ausência essa que se ficará por certo a dever à reduzida quantidade de numerário analisado.

8.70% de Conimbriga<sup>165</sup>, dos 8.93% de Emporion<sup>166</sup> ou dos 10.15% do Noroeste<sup>167</sup>. Analisando os quadros gerais do segundo volume do I Simpósio Numismático de Barcelona relativos aos Antoninos, verificamos que a percentagem média para o dupondio cifra-se nos 10.8%<sup>168</sup>, apenas cerca de 4 pontos percentuais acima do valor calculado para a Estremadura.

O asse vê acentuar-se a queda livre iniciada sob Nero, queda essa que se torna mais notória durante os Antoninos e que levará ao seu desaparecimento com Commodus.

Como já tivemos oportunidade de frisar, o maior volume de numerário da época antonina encontrado na Estremadura, tanto ao nível do metal precioso (1 AV + 2 AR) como da moeda de bronze, onde se destaca largamente o sestércio (24 Hs + 2 Dp + 2 As + 2 AE), foi cunhado em nome de Hadrianus. Isso mesmo é reflectido pela elevada permilagem (4.38), a mais alta da época antonina. O numerário de Hadrianus regista idêntico comportamento no Noroeste (3.33), nas Terras Valencianas (3.50), em Conimbriga (3.30) e em Clunia (5.13). Apenas em Belo a permilagem do período VIc é superada pela de Antoninus Pius (3.47 contra 4.16). A comparação dos perfis da circulação monetária de várias cidades hispânicas e da Mauritânia Tingitana, realizada pelos autores da publicação das moedas de Belo com base nos índices de moedas/ano revela que, na maior parte dos casos, os picos máximos são alcançados pela amoedação de Hadrianus ou pela de Antoninus Pius<sup>169</sup>.

A partir de Hadrianus parece verificar-se uma quebra significativa no valor das permilagens, constatação igualmente aplicável ao Noroeste, Tierras Valencianas, Clunia e Conimbriga, embora neste caso em menor escala. Na Estremadura, por exemplo, verifica-se uma redução de cerca de um terço: de 4.38 no período VIc passamos para apenas 1.41 no período VIId.

Após a quebra brusca das permilagens ocorrida com Antoninus Pius, a massa monetária em circulação parece dar mostras de algum crescimento com Marcus Aurelius, notando-se uma pequena subida da permilagem do período VIe em relação ao anterior (de 1.41 passa para 1.85), fenómeno que encontra correspondência noutras regiões da Península (cfr. Quadro 18), sendo apenas contrariado pelos resultados de Clunia e de Belo.

Com Commodus parece assistir-se a uma nova baixa, passando a permilagem para 1.58, apesar de tudo ligeiramente mais elevada que a de Antoninus Pius. Regra geral, os valores obtidos para Commodus na Hispânia são dos mais baixos de toda a dinastia antonina

---

<sup>165</sup> Cfr. *supra* n. 156.

<sup>166</sup> *Clunia*, p. 91.

<sup>167</sup> CENTENO, *Circulação*, p. 276.

<sup>168</sup> BOST, CAMPO e GURT, *La circulación en Hispania durante el periodo romano imperial*, p. 190, Quadro VIII.

<sup>169</sup> *Belo*, pp. 64-67, Quadro 30 e Figs. 4-6. O índice de moedas/ano mais elevado é atingido em 5 casos sob Hadrianus (Conimbriga, Emporion, Valentia, Banasa e Thamusida) e por outras tantas vezes com Antoninus Pius (Belo, Italica, Barcino, Necrópole de Tarraco e Valeria).

(cfr. Quadro 18). Ao tempo do último antonino, o dupôndio e o asse já desapareceram praticamente da circulação, substituídos pelos sestércio<sup>170</sup>.

##### 5. Circulação monetária durante os primeiros Severos (193-215)

Aquando do assassinato de Commodus em 31 de Dezembro de 192, o Império encontrava-se a braços com graves dificuldades de natureza social, política e económica, dificuldades essas que, na opinião de alguns autores, remontavam já ao tempo de Marcus Aurelius<sup>171</sup>. Num curto espaço de tempo iremos assistir a «mexidas» sucessivas no sistema monetário herdado de Augustus<sup>172</sup>. Se Pertinax continuou a tradição das cunhagens de Commodus, Didius Iulianus viu-se forçado a reduzir o peso do denário e do áureo<sup>173</sup>. Com Septimius Seuerus, dá-se uma grande depreciação do denário, que vê o seu teor de prata reduzido a menos de 500‰, transformando-se numa moeda fiduciária<sup>174</sup>. Parece que esta medida de Septimius Seuerus abalou, de alguma forma, a estabilidade monetária. Para manter a *ratio* entre o áureo e o denário (1 *aureus* = 25 *denarii*), Caracalla efectuou uma redução ponderal do áureo de 7.2 para 6.5 gramas e criou em 215 uma nova moeda, o antoniniano, com um valor nominal de duplo-denário e um valor intrínseco de 1/25 do áureo<sup>175</sup>. Apesar de não haver indícios de subida súbita dos preços em finais do século II e inícios do III, a moeda de prata vê o seu poder aquisitivo reduzido em consequência desta constante depreciação<sup>176</sup>.

O material numismático deste período recolhido na Estremadura é reduzidíssimo: apenas 6 numismas que se traduzem na cifra irrisória de 1.48% do total do numerário até

---

<sup>170</sup> Na recolha efectuada por R. Centeno no Noroeste, não foi registado o achado de qualquer dupôndio ou asse de Commodus (CENTENO, *Circulação*, p. 276). Em Conimbriga, dos 8 exemplares devidamente identificados para este imperador contaram-se apenas 1 Dp + 1As (*Fouilles de Conimbriga*, p. 220).

<sup>171</sup> RÉMONDON, R., *La crise de l'Empire romain de Marc Aurèle a Anastase*, Paris, 1970, pp. 74-96; PETIT, *Histoire générale de l'Empire romain*, vol. 2, pp. 30-40; *idem*, *Le IIIe siècle après J.-C.: état des questions et problèmes*, ANRW, II (2), 1975, pp. 365-380.

<sup>172</sup> CRAWFORD, *Finance, coinage and money*, pp. 560-593.

<sup>173</sup> Sobre a redução do peso do denário, cfr. WALKER, D. R., *The metrology of the roman silver coinage. Part III-From Pertinax to Uranius Antoninus*, BAR s.s.-40, Oxford, 1978, p. 61. A propósito da redução do peso do áureo, cfr. BOLIN, *State and currency*, p. 191.

<sup>174</sup> Sobre a depreciação do denário, cfr. GUEY, J., *L'aloï du denier romain de 177 a 211 après J.-C.*, RN, 6<sup>a</sup> s., IV, 1962, pp. 73-140, com importantes correcções em *Peut-on se fier aux essais chimiques? Encore sur l'aloï du denier romain de 177 a 211 après J.-C.*, RN, 6<sup>a</sup> s., VII, 1965, pp. 110-122; WASSINK, *Inflation and financial policy*, pp. 478-479; CALLU, *Politique monétaire*, p. 476.

<sup>175</sup> CALLU, *Politique monétaire*, p. 444; WASSINK, *Inflation and financial policy*, p. 480; CRAWFORD, *Finance, coinage and money*, p. 565.

<sup>176</sup> CRAWFORD, *Finance, coinage and money*, p. 563-568.

215, a que corresponde uma pernilagem de 0.65<sup>177</sup>. Refira-se que aquele valor percentual é idêntico, por exemplo, ao de Conimbriga (1.45%) ou ao de Belo (1.25%), reflectindo claramente a diminuição do aprovisionamento de numerário à Hispânia durante o governo dos primeiros Severos (Quadro 19)<sup>178</sup>.

	AR	Hs	Dp	TOTAL	%
Septimius Seuerus	2			2	33.33
Caracalla	1	1	1	3	50.00
Severos		1		1	16.67
TOTAL	3	2	1	6	
%	50.00	33.33	16.67		100

Quadro 19 - Numerário do período 193-215 na Estremadura

Os curtos reinados de Pertinax e Didius Iulianus não estão representados por um único exemplar, o mesmo sucedendo com Clodius Albinus. Metade dos nossos seis exemplares foi emitida em nome de Caracalla, outros dois em nome de Septimius Seuerus e uma das peças é de atribuição incerta. A análise das pernilagens dá-nos igualmente valores mais elevados para Caracalla na Estremadura (0.30 de Seuerus contra 1.36 de Caracalla), o mesmo ocorrendo em Conimbriga (0.81 de Seuerus contra 0.97 de Caracalla), enquanto em Belo se regista um empate e nas Tierras Valencianas e em Clunia o domínio vai para as emissões de Septimius Seuerus (cfr. Quadro 20).

	Estremadura	T. Valencianas	Conimbriga	Clunia	Belo
VIIa	0.30	0.63	0.80	0.43	0.64
VIIb	1.36		0.97	0.32	0.64

Quadro 20 - Pernilagens de várias regiões e cidades hispânicas até Caracalla

Entre os valores circulantes, verifica-se uma ligeira preponderância do denário sobre o sestércio, tendência que parece encontrar confirmação nos resultados da pequena pesquisa que levámos a cabo para a Hispânia (cfr. *infra* Quadro 21).

Essa recolha superficial, que não tem a mínima pretensão de exaustividade<sup>179</sup>, irá proporcionar-nos uma melhor integração do numerário estremenho desta época no contexto da circulação monetária na Hispânia.

<sup>177</sup> Cfr. *supra* p. 82, Quadro 2 e ainda Fig. 1.

<sup>178</sup> PÉREZ CENTENO, M. R., *Hispania bajo la dinastia de los Severos*, Valhadolid, 1990, pp. 178-182, ao fazer uma breve análise à circulação monetária da época severiana na Hispânia, salienta que o fluxo monetário só terá aumentado com Seuerus Alexander.

<sup>179</sup> Veja-se também a recolha realizada por PÉREZ CENTENO, *Hispania bajo la dinastia de los Severos*, pp. 178-180, que não teve contudo a preocupação de individualizar as moedas dos achados isolados das dos tesouros.

Inventário (achados ocasionais e escavações)<sup>180</sup>:

— Conimbriga: 1 Hs de Didius Iulianus, 1 D + 3 AE de Septimius Seuerus e 1 Hs + 1 AE de Caracalla<sup>181</sup>;

— S. Cucufate: 1 D + 1 Hs de Septimius Seuerus<sup>182</sup>;

— Italica: 1 D de Septimius Seuerus, 1 As de Caracalla<sup>183</sup>;

— Belo: 2 D de Septimius Seuerus, 1 D de Iulia Domna (sob Septimius Seuerus), 1 D de Caracalla<sup>184</sup>;

— Tierras Valencianas: 1 As + 2 ? de Pertinax, 1 Hs de Clodius Albinus, 1 Hs + 5 ? de Septimius Seuerus, 1 D de Geta (sob Septimius Seuerus ou Caracalla), 1 AE de Iulia Domna (sob Septimius Seuerus ou Caracalla)<sup>185</sup>;

— Museu de Valhadollid: 1 Hs de Didius Iulianus<sup>186</sup>;

— La Olmeda: 1 D de Geta (sob Septimius Seuerus)<sup>187</sup>;

— Clunia: 1 D de Septimius Seuerus, 1 D + 1 Hs de Iulia Domna (sob Septimius Seuerus), 1 D de Caracalla (sob Septimius Seuerus), 1 D de Iulia Domna (sob Caracalla)<sup>188</sup>;

— Província de Huesca: 2 D + 2 Hs de Septimius Seuerus e 1 D de Caracalla<sup>189</sup>;

— Bubberca: 1 Au de Pertinax<sup>190</sup>;

— Territórios de Iluro e Baetulo: 1 Dp de Septimius Seuerus e 2 AE de Caracalla<sup>191</sup>;

— Tarragona (escavações antigas) : 2 D + 1 Hs + 1 As/Dp de Septimius Seuerus, 4 D + 1 ? de Caracalla<sup>192</sup>;

— Tarragona (necrópole): 1 as de Geta (sob Septimius Seuerus ou Caracalla)<sup>193</sup>;

---

<sup>180</sup> Sempre que possível, as moedas em nome de Iulia Domna e Geta são atribuídas a Septimius Seuerus ou Caracalla consoante tenham sido emitidas durante a governação de um ou do outro.

<sup>181</sup> *Fouilles de Conimbriga*, p. 21, n° 343-345 e p. 180.

<sup>182</sup> BOST, J.-P., *Les monnaies* in ALARCÃO, J., ÉTIENNE, R. e MAYET, F., *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990, p. 198, n° 33-34.

<sup>183</sup> CHAVES, *Avance sobre la circulación monetaria en Italica*, p. 82.

<sup>184</sup> *Belo*, p. 118, n° 310-313.

<sup>185</sup> RIPOLLÉS, *Tierras Valencianas*, p. 161.

<sup>186</sup> SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L., *Posible tesorillo del siglo III d. de C.*, *Numisma*, 168-173, 1981, p. 74, n. 1.

<sup>187</sup> CAMPO, M., *Las monedas de la villa romana de La Olmeda*, Palencia, 1990, p. 62, n° 18.

<sup>188</sup> *Clunia*, pp. 292-293, n° 598-602.

<sup>189</sup> PÉREZ-ARDÁ, E. C., *Una muestra de la circulación monetaria en la provincia de Osca*, SNB I (1), Barcelona, 1979, p. 122, Quadro III-B.

<sup>190</sup> BOST, CAMPO e GURT, *Hallazgos de aurei y solidi en la Peninsula Iberica*, p. 149, n° 30.

<sup>191</sup> GURT ESPARRAGUERA, J. M., *Circulación monetaria en época imperial en la costa catalana entre los municipia de Iluro y Baetulo*, SNB I (1), Barcelona, 1979, p. 75, Quadro II.

<sup>192</sup> HIERNARD, J., *Tarragona. Monedas del siglo III en las excavaciones antiguas*, SNB I (1), Barcelona, 1979, p. 84.

<sup>193</sup> AVELLÁ DELGADO, L.-C., *Las monedas en la necropolis romano-cristiana de Tarragona*, SNB I (2), Barcelona, 1979, p. 62.

- Emporion: 1 D + 1 Hs + 1 As/Dp de Septimius Seuerus, 2 D + 1 Hs de Caracalla<sup>194</sup>
- Mallorca: 1 Hs de Pertinax, 1 Hs de Clodius Albinus, 1 ? de Septimius Seuerus e 2 As de Geta (sob Septimius Seuerus ou Caracalla)<sup>195</sup>;
- Pollentia: 3 D + 1 Hs de Septimius Seuerus, 1 As de Caracalla<sup>196</sup>;
- Menorca: 1 Hs + 1 As de Septimius Seuerus, 3 As de Caracalla<sup>197</sup>.

Da análise deste material infere-se que o numerário do período 193-217 é muito escasso nos sítios arqueológicos hispânicos, comparativamente ao dos períodos anteriores. Os próprios tesouros desta época que chegaram até nós são algo raros. No actual território português a nossa recolha cinge-se ao tesouro da Barroca da Lage (Teixoso, Covilhã), de que se conhecem unicamente 40 *aurei* de Nero a Septimius Seuerus<sup>198</sup>. Para o resto da Península temos notícia de achados em Lugo — 4 ou 5 AV de Vespasianus a Septimius Seuerus<sup>199</sup> —, Castrillo de Cabrera (Leon) — 53 AR de Vespasianus a Iulia Domna<sup>200</sup> — e Torreblanca (Castellón) — também com *aurei* até Septimius Seuerus<sup>201</sup>. Quanto ao tesouro de Coca (Segóvia), de que haviam sido publicados 2 áureos e 16 denários de Trajano a Caracalla<sup>202</sup>, é suposto ir, pelo menos, até Seuerus Alexander<sup>203</sup>.

Outro aspecto que se deduz da observação do Quadro 21 é a fraca representatividade do numerário de Pertinax, Didius Iulianus e Clodius Albinus, à semelhança do que já víramos para a Estremadura. A curtíssima duração dos reinados, sobretudo no caso dos dois primeiros, estará na origem desta situação, por não ter permitido a emissão de significativas quantidades de moeda<sup>204</sup>.

<sup>194</sup> RIPOLL, NUIX e VILLARONGA, *La circulación monetária en Emporion*, p. 50, Quadro IV.

<sup>195</sup> SAGREDO SAN EUSTAQUIO, *Posible tesorillo del siglo III*, p. 74, n. 1; MANERA, E. e GRANADOS, O., *Aproximación a la circulación monetária en el area rural de la isla de Mallorca*, SNB I (1), Barcelona, 1979, p. 87.

<sup>196</sup> MANERA, E. e GRANADOS, O., *Aproximación a la circulación monetaria de la ciudad romana de Pollentia (Alcudia, Mallorca) hasta el 294 d. J.C.*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 40-45.

<sup>197</sup> CAMPO, M., *Circulación monetária en Menorca*, SNB I (1), Barcelona, 1979, p. 103.

<sup>198</sup> HELENO, M., *O tesouro da Borralheira (Teixoso)*, AP, n.s., II, 1953, pp. 213-226; HIPÓLITO, *Tesouros*, pp. 63-64, n.º 89; BOST, CAMPO e GURT, *Hallazgos de aurei y solidi en la Peninsula Iberica*, p. 148, n.º 21; ALARCÃO, *Arqueologia da Serra da Estrela*, pp. 40-41.

<sup>199</sup> BOST, CAMPO e GURT, *Hallazgos de aurei y solidi en la Peninsula Iberica*, p. 160, n.º 99.

<sup>200</sup> MANGAS, J. e BLANQUEZ, C., *Tesorillo de denarios romanos hallado en Castrillo de Cabrera (Leon)*, MHA, IX, 1988, pp. 83-129.

<sup>201</sup> *Idem, ibidem*, pp. 170-171, n.º 167.

<sup>202</sup> SAGREDO SAN EUSTAQUIO, *Posible tesorillo del siglo III d. de C.*, pp. 73-88.

<sup>203</sup> Posteriormente ao artigo de San Eustaquio citado na nota anterior, foram publicados mais 4 denários de Septimius Seuerus, 2 de Iulia Domna, 1 de Iulia Maesa e 2 de Seuerus Alexander (um dos quais forrado), que têm, quanto a nós, boas possibilidades de fazerem parte do mesmo achado (cfr. BLANCO GARCÍA, J. F., *Moneda y circulación monetaria en Coca (siglos II a.C.-V d.C.)*, Segóvia, 1987, pp. 60-64).

<sup>204</sup> Em RIC IV (1), pp. 7-12, a indicação do grau de raridade das emissões de Pertinax é de R2 e R3, enquanto as de Didius Iulianus tem a indicação de R3 e R4 (pp. 15-18) e as de Pescenius Niger de R3 e R5 (pp. 22-39). As emissões de Clodius Albinus são um pouco mais abundantes (pp. 44-53).

AV	AR		AE					?	TOTAL		%
			Hs	Dp	As/Dp	As	AE				
Pertinax	1		1				1		2	5	6.75
Didius Iulianus			2							2	2.70
Clodius Albinus			2							2	2.70
Septimius Seuerus		18	9	1	2		1	3	6	40	54.05
Caracalla		9	2				5	3	1	20	27.03
S. Seuerus/Caracalla		1					3	1		5	6.75
TOTAL	1	28	16	1	2		10	7	9	74	
%	1.35	37.84	21.62	1.35	2.70		13.51	9.46	12.16		100

Quadro 21 - Amostra de numerário do período 193-215/217 na Hispânia

Em termos absolutos, a maior percentagem de moeda inventariada foi emitida em nome de Septimius Seuerus (54.05%), seguindo-se Caracalla (27.03%). Se recorrermos contudo ao critério das moedas/ano<sup>205</sup>, vemos que o valor obtido para Caracalla é superior ao de Septimius Seuerus (3.33 contra 2.22 moedas/ano), o que vem confirmar a tendência já antes expressa pelas pernilagens da Estremadura e de Conimbriga (cfr. Quadro 20).

Outra conclusão sugerida pelo Quadro 21 é a da extrema raridade dos achados isolados de moeda em AV, circunscritos a um áureo de Pertinax<sup>206</sup>. Tal fenómeno é explicável, por um lado, pelas reduzidas quantidades cunhadas e, por outro, pelo seu imediato entesouramento e consequente saída dos circuitos monetários, como mostram os tesouros da Barroca da Laje, Lugo e Torreblanca.

Durante este período, o aprovisionamento de moeda de prata à Península aumenta de forma considerável, em resultado das volumosas emissões de denários realizadas principalmente por Septimius Seuerus para financiamento das despesas militares<sup>207</sup>. O volume de moeda de bronze recém-cunhada injectada nos circuitos monetários sofre uma grande quebra relativamente à época antonina. Por volta de 200, é nítida a redução do volume das cunhagens da moeda de bronze, que só conhecerá novo fôlego ao tempo de Seuerus Alexander<sup>208</sup>. Não significa isto, porém, que as populações hispânicas se tenham visto a braços com uma situação de penúria de moeda em AE, já que o numerário da época antonina — e de forma residual, o da época flaviana — continuou a desempenhar um papel prioritário na circulação. Uma prova cabal do que que acabamos de afirmar chega-

<sup>205</sup> Fazemo-lo por impossibilidade de utilização das pernilagens.

<sup>206</sup> Sobre a circulação da moeda em AV na Hispânia durante o séc. III, cfr. SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L., *La circulación del áureo en la Hispania del siglo III d.C.*, Conimbriga, 25, 1986, pp. 89-98 e BOST, CAMPO e GURT, *Hallazgos de aurei y solidi en la Península Ibérica*, pp. 141-142.

<sup>207</sup> Relativamente à circulação do denário, cfr. SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L., *Circulación monetaria de la plata en la Hispania del siglo III d.C.*, ETF (hist), I, 1988, pp. 341-362.

<sup>208</sup> RIC IV (1), pp. 69-72. M. Crawford e J.-P. Callu chegam mesmo a considerar a possibilidade de ter havido uma interrupção das cunhagens de bronze entre 199 e 209 (CRAWFORD, *Finance, coinage and money*, p. 564; CALLU, *La politique monétaire*, p. 114).

nos da análise dos depósitos de moedas de bronze de meados do séc. III, onde o numerário anterior a 193 continua a ter um peso significativo<sup>209</sup>. Tal é o caso do «tesouro» de Cabrera III, perdido nos últimos anos do governo de Valerianus<sup>210</sup>, cujos 967 exemplares recuperados representariam, talvez, o conteúdo da caixa de um barco que navegava em direcção a Itália. A circunstância de constituírem um lote de moeda corrente tem um valor excepcional para o estudo da circulação do bronze no séc. III, merecendo especial relevo o facto de 22.28% dos numismas serem anteriores a 193, prova de que terão circulado bem adentro do séc. III<sup>211</sup>.

Verificamos igualmente que ao nível da moeda de bronze mantém-se a prevalência do sestércio sobre o asse e o dupôndio, este último cunhado em tão reduzidas quantidades, que praticamente desaparece dos circuitos monetários.

Um último aspecto que nos parece de salientar é a ausência absoluta do antoniniano, a nova moeda criada por Caracalla, tanto nos achados isolados como ao nível dos entesouramentos.

Para concluir, parece-nos que a situação da Estremadura não destoa do panorama geral da circulação monetária na Península durante esta época.

---

<sup>209</sup> Aproveitamos aqui para contestar a classificação de tesouro dada pelos autores de *Fouilles de Conimbriga*, pp. 232-233, nº 16 bis, ao conjunto de moedas achado em 1807 em Covões (Monte Real, Leiria), juntamente com uma árua a Fontano ou Fontana e outras anepígrafas. Deste lote identificaram-se dois bronzes da época antonina, um de Seuerus Alexander e outro de Philippus Caesar (cfr. *Cat., Achados ocasionais*, 2). As moedas depositadas naquilo que poderá ter sido o local de culto de um complexo termal seriam, quanto a nós, oferendas destinadas a consolidar o *uotum*, acumuladas ao longo de décadas ou séculos. Sobre este assunto cfr. ABAD VARELA, *La moneda como ofrenda en los manantiales*, pp. 133-137.

<sup>210</sup> BOST, CAMPO, COLLS, GUERRERO e MAYET, *L' epave Cabrera III*, p. 105, Fig. 10.

<sup>211</sup> Igual testemunho fornecem os tesouros de Talamanca, onde dos 516 exemplares recolhidos, 314 (60.85%) são anteriores a 193 (CAMPO, M. e FERNÁNDEZ, J. H., *El tesoro de Talamanca: sestercios de Tito a Gordiano III*, *ActNum*, VII, 1977, pp. 89-101), Crevillente, com 49 exemplares identificados de Nero a Gallienus, 14 dos quais (28.57%) anteriores a 193 (GONZÁLEZ PRATS, A. e ABASCAL PALAZÓN, J. M., *La ocultación monetaria de La d' Eula, Crevillente (Alicante) e su significación para el estudio de las invasiones del siglo III*, *Lucentum*, VI, 1987, pp. 183-196) e Vilauba, com 32 exemplares identificados, de Antoninus Pius a Gallienus, 10 dos quais (31.25%) anteriores a 193 (ROURE I BONAVENTURA, A., TREMOLEDA I TRILLA, J. e CASTANYERI MASOLIVER, P., *Trobada d' un conjunt monetari a Vilauba (Camós, Pla de L' Estany)*, *Empúries*, 48-50 (II), 1986-1989, pp. 268-281). Para uma visão mais global desta temática veja-se o trabalho pioneiro de BUTTREY, T. V., *A hoard of sestertii from Bordeaux and the problem of bronze circulation in the third century A.D.*, *ANSMN*, 18, 1972, pp. 33-58 e a perspectiva actualizada de BOST, CAMPO, COLLS, GUERRERO e MAYET, *L' epave Cabrera III*, pp. 103-116.

## CONCLUSÃO

Terminado que está o nosso estudo de circulação monetária, é chegado o momento de, em jeito de conclusão, elaborar uma breve síntese dos aspectos mais relevantes.

Em primeiro lugar, e considerando o estado actual da nossa investigação, há que dizer que o primeiro contacto das populações estremenhas com a moeda se terá processado eventualmente durante a 2ª Guerra Púnica, conforme parece indiciar o achado de moedas hispano-cartaginesas em povoados da região do Baixo Tejo. Contudo este contacto foi ocasional e inconsequente, uma vez que só a partir das guerras sertorianas terão existido condições objectivas para uma progressiva divulgação do uso da moeda pelas populações autóctones, já que durante esta época se assiste a um grande afluxo de numerário à região.

O conflito sertoriano marca, aliás, o primeiro grande momento de entesouramento na Estremadura. O registo arqueológico de vários depósitos monetários ocultados, em princípio, nos últimos anos da resistência sertoriana, permite-nos supôr um protagonismo desta zona ocidental da Hispânia que passou despercebido às fontes coevas e à investigação moderna.

O segundo momento importante de entesouramento parece ter ocorrido durante o governo de Tiberius e, se alguns achados poderão reflectir ainda um clima de uma certa insegurança — em consequência dos últimos esforços desenvolvidos por Roma para a pacificação total da Hispânia —, outros poderão ser o resultado de poupanças acumuladas ao longo de anos.

O último grande momento de entesouramento teve lugar durante o século II, marcando o aparecimento dos primeiros depósitos integrando moeda em AV e AE.

Durante a época republicana a circulação é dominada pelo numerário oficial em AR, complementado pelos bronzes hispânicos; o papel da prata ibérica é insignificante.

A partir dos Júlios-Cláudios assiste-se à monetarização da economia, passando a moeda de bronze a dominar os circuitos monetários. Durante os principados de Augustus e Tiberius os centros emissores municipais — onde se destaca largamente Emerita — desempenham um papel fulcral no abastecimento de moeda à Estremadura; o seu encerramento ao tempo de Caius irá provocar um vazio rapidamente colmatado por abundantes emissões de moedas de imitação em nome de Claudius I. Se a época júlio-claudiana parece ser de abundância de numerário, a época flaviana é claramente de penúria de moeda. O aprovisionamento só conhecerá um novo impulso com os primeiros Antoninos, para voltar a depois a diminuir de forma mais ou menos regular até Caracalla.

Durante a época imperial a prata tem um papel secundário relativamente ao bronze, só recuperando importância durante a época severiana, enquanto o aparecimento do ouro

ocorre só de forma mais ou menos esporádica, atingindo um ténue pico no período IV-Vc (cfr. Fig. 3).

Ao nível do bronze, a circulação monetária é dominada pelo asse durante quase todo o século I, mas, a partir dos Flávios, começa a perder terreno de forma irreversível para o sestércio, que irá tornar-se a moeda de conta do império ao tempo dos Antoninos. Entre as outras denominações, o dupôndio situa-se sempre em níveis bastante modestos e os divisores do asse têm um papel absolutamente irrelevante.

Para terminar, há que dizer que, não tendo o material utilizado primado pela abundância — facto que poderá relativizar algumas das nossas conclusões — o certo é que a comparação do nosso estudo com outros que sobre a mesma temática se realizaram no Ocidente hispânico permite, descontando as especificidades próprias de cada área ou local, concluir pela validade de muitas das conclusões agora extraídas (cfr. Fig. 5).

Esperamos, assim, que este trabalho se apresente como um contributo válido para um mais profundo conhecimento da circulação monetária da região estremenha, desde a conquista romana até aos inícios do século III da nossa era, e que algumas das pistas aqui deixadas possam ser utilizadas com proveito por outros investigadores.

## BIBLIOGRAFIA

- ABAD VARELA, M., *La moneda como ofrenda en los manantiales*, ETF (hist), 5, 1992, pp. 133-192.
- ALARCÃO, J., *Os Montes Herminios e os Lusitanos*, «Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro», vol. 2, Lisboa, 1988, pp. 41-48.
- ALARCÃO, J., *O domínio romano em Portugal*, Mem Martins, 1988.
- ALARCÃO, J., *Roman Portugal*, 2. vols., Warminster, 1988.
- ALARCÃO, J., *Identificação das cidades da Lusitânia*, in «Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires» (Talence, 1988), Paris, 1990, pp. 21-34.
- ALARCÃO, J., *A conquista do território*, in SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. O (dir.), *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1990, pp. 345-351.
- ALARCÃO, J., *A produção e a circulação dos produtos*, in SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. O (dir.), *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1990, pp. 409-441.
- ALARCÃO, J., *O reordenamento territorial*, in SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. O (dir.), *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1990, pp. 351-382.
- ALARCÃO, J., *O território de Sellium*, Actas do Seminário «O Espaço Rural na Lusitânia-Tomar e o seu Território» (Tomar, 1989), Tomar, 1992, pp. 9-23.
- ALARCÃO, J., *Arqueologia da Serra da Estrela*, Manteigas, 1993.
- ALARCÃO, J. e ÉTIENNE, R., *Fouilles de Conimbriga. I\* - L' Architecture*, Paris, 1977.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L., *Los topónimos en - briga en Hispania*, Veleia, 7, 1990, pp. 131-146.
- ALFARO ASINS, C., *Los denarios del tesoro de Chão de Lamas*, GN, 94-95, 1989, pp. 131-134.
- ALFARO ASINS, C., *La ceca de Gadir y las acuñaciones hispano-cartaginesas*, in *Numismática hispano-púnica. Estado actual de investigación*, «VII Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica» (Ibiza, 1992), Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza - 31, Ibiza, 1993, pp. 27-61.
- ALFARO ASINS, C., *Uso no monetar de algunas monedas púnicas de la Península Ibérica*, RIN, XCV, 1993, pp. 261-276.
- ALFÖLDI, G., *Fasti Hispanienses. Senatorische Reichesbeamte und oOfiziere in den Spanischen Provinzen des Römischen Reiches von Augustus bis Diokletian*, Wiesbaden, 1969.
- ALMEIDA, F e FERREIRA, O. V., *Antigüedades de Torres Novas*, AEspA, 31, 1958, pp. 214-217.
- ALMIRALL, J., *Contribución al estudio de los denários forrados de Nerón*, ActNum 2, 1972, pp. 149-163.
- AMARO, C., *Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa*, EOr, IV, 1993, pp. 183-192.
- AMELA VALVERDE, L., *La circulación monetária romano-republicana durante la guerra sertoriana según las ocultaciones de la época (82-72 a. C.)*, in «V Encuentro de Estudios Numismáticos», GN, 97-98, 1990, pp. 19-30.
- ARCE, J., *Inestabilidad política en Hispania durante el siglo II d. C.*, AEspA, 54, 1981, pp. 101-115.
- ARRUDA, A. M., *Alcáçova de Santarém. Relatório de trabalhos arqueológicos de 1984*, Clif/Arqueologia, 1, 1983-1984, pp. 217-223.
- ARRUDA, A. M., *Alcáçova de Santarém*, Informação Arqueológica, 8, 1986, pp. 75-77.

ARRUDA, A. M., *A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular*, EOr, IV, 1993, pp. 193-214.

ARRUDA, A. M., *A conquista*, in MEDINA, J., (dir.), *História de Portugal. Dos tempos históricos aos nossos dias*, vol. II - *O mundo luso-romano*, Amadora, 1993, pp. 161-174.

ARRUDA, A. M. e CATARINO, H., *Cerâmicas da Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém*, Clio, 4, 1982, pp. 35-39.

AUGÉ, Chr., *La réutilisation des monnaies de bronze à l'époque impériale: quelques exemples proche-orientaux*, in DEPEYROT, G., HACKENS, T. e MOUCHARTE, G. (eds.), *Rythmes de la production monétaire de l'Antiquité à nos jours*, Lovaina-a-Nova, 1987, pp. 227-234.

AVELLÁ DELGADO, L.-C., *Las monedas en la necropolis romano-cristiana de Tarragona*, SNB I (2), Barcelona, 1979, pp. 52-76.

AZEVEDO, P., *Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»*, AP, II (6-7), 1896, pp. 177-192.

AZEVEDO, P., *Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»*, AP, VIII, 1903, pp. 214-235.

AZEVEDO, P., *Moedas romanas provenientes de Olisipo*, AP, XVI, 1911, pp. 94-95.

BALIL, A., *Circulación monetaria en España durante el Imperio Romano*, Numisma, 35, 1958, pp. 25-29.

BALIL, A., *Varia hellenistico-romana*, AEspA, XXXVIII, 1965, pp. 106-139.

BARATTE, F., *À propos de la vaisselle d'argent romaine: valeur métallique, valeur artistique*, BSFN, 40 (4), 1985, pp. 625-629.

BARBOSA, E., *O castro da Ota (Alenquer)*, AP, n.s., 3, 1956, p. 117-124.

BARBOSA, M. B., *Um tesouro sertoriano da região de Santarém*. «I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua», Madrid, 7-10 Novembro 1994.

BARBOSA, P. G., *Povoamento e estrutura agrícola na Estremadura Central (séc. XII a 1325)*, Lisboa, 1992.

BARAHONARAMOS, J. J., *La ceca de Sekobirikes*, «III Congreso Peninsular de Historia Antigua - Preactas» (Vitoria-Gasteiz, Julho de 1994), pp. 597-621.

BARRETO, A. G., *Antiguidades romanas do termo de Cintra*, BRAACAP, s. II, t. VI, 1888, pp. 9-12 e 26-29.

BATATA, C. A. M. e GASPAR, M. F. S., *Moedas romanas da civitas de Sellium*, Trabalho escolar, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1991 (policopiado).

BATATA, C., BERNARDES, J. P., FERNANDES, L., MATOS, O. e PONTE, S., *Sellium na história antiga peninsular*, «Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga» (Coimbra, 18-20 Outubro de 1990), Coimbra, 1993, pp. 511-549.

BATATA, C. e GASPAR, F., *Catálogo das estações arqueológicas da civitas de Sellium*, BCCMT, 18, 1993, pp. 31-46.

BELO, A. R., *Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo*. VII-Numismática, Badaladas, 1/5/1952; XIV: 15/8/1952; XXXII-A: 1/10/1953; XXXIII: 1/11/1953; XXXV: 1/1/1954; XXXVIII: 1/6/1955; XLI: 15/7/1955.

BELTRÁN MARTÍNEZ, A., *Nuevas aportaciones al problema de los bronce de Augusto con caetra o panoplia acuñados en el Noroeste de España*, Numisma, 150-155, 1978, pp. 157-168.

BERNARDES, J. P., *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Vila Nova de Ourém*, Trabalho escolar, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1985 (policopiado).

- BERNAREGGI, E., Nummi pelliculati. *Considerazioni sull'argento suberato della repubblica romana*, RIN, LXVII, 1965, pp. 5-31.
- BIDDLE, M., *Ptolemaic coins from Winchester*, *Antiquity*, XLIX, 1975, pp. 213-215.
- BLANCO GARCÍA, J. F., *Moneda y circulación monetaria en Coca (siglos II a.C.-V d.C.)*, Segóvia, 1987.
- BLÁZQUEZ, C., *Tesorillos de moneda republicana en la Península Ibérica. Addenda a Roman Republican Coin Hoards*, *ActNum*, 17-18, 1987-1988, pp. 105-142.
- BLÁZQUEZ CERRATO, M. C., *La dispersión de las monedas de Augusta Emerita*, *Cuadernos Emeritenses-5*, Mérida, 1992.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M., *Historia económica de la Hispania romana*, Madrid, 1978.
- BOLIN, S., *State and currency in the Roman Empire to 300 A.D.*, Estocolmo, 1958.
- BOON, G. C., *Counterfeit coins in Roman Britain*, in CASEY, J. e REECE, R. (eds.), *Coins and the Archaeologist*, BAR-4, Oxford, 1974, pp. 95-171.
- BOON, G. C., *Les monnaies fausses de l' époque impériale et la valeur des espèces courantes*, in «Les Dévaluations à Rome. Époque Républicaine et Impériale» (Roma, 1975), 1, Roma, 1978, pp. 99-106.
- BOREN, H.C., *Studies relating to the stipendium militum*, *Historia*, 32, 1983, pp. 437-458.
- BOST, J.-P., *Villes et campagnes de la Péninsule Ibérique sous le Haut-Empire romain. Problèmes de circulation monétaire*, *Numisma*, 165-167, 1980, pp. 155-160.
- BOST, J.-P., *Les monnaies* in ALARCÃO, J., ÉTIENNE, R. e MAYET, F., *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990.
- BOST, J. P., CAMPO, M. e GURT, J. M., *La circulación en Hispania durante el período romano imperial: problemática y conclusiones generales*, *SNB I (2)*, pp. 174-202.
- BOST, J.-P., CAMPO, M. e GURT, J. M., *Hallazgos de aurei y solidi en la Península Ibérica: introducción a la circulación en época imperial*, *Numisma*, 180-185, 1983, pp. 137-176.
- BOST, J. -P., CAMPO, M., COLLS, D., GUERRERO, V. e MAYET, F., *L' époque Cabrera III (Majorque). Échanges commerciaux et circuits monétaires au milieu du IIIe siècle après Jésus-Christ*, Paris, 1992.
- BOST, J.-P. e CHAVES, F., *Le rayonnement des ateliers de Pax Iulia, Eborac et Emerita: essai de géographie monétaire des réseaux urbains de la Lusitanie romaine à l' époque julio-claudienne*, in «Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires» (Talence, 1988), Paris, 1990, pp. 115-121.
- BOST, J.-P., CHAVES, F., DEPEYROT, G., HIERNARD, J. e RICHARD, J.-C., *Belo. IV-Les monnaies*, Madrid, 1987.
- BOST, J.-P. e PEREIRA, I., *Les monnaies d'imitation de Claude Ier trouvées sur le site de Conimbriga*, *Numisma*, 120-131, 1974, pp. 167-182.
- BRANDÃO, D. P., *Epigrafia romana coliponense*, *Conimbriga*, XI, 1972, pp. 41-192.
- BURNETT, A. M., *The authority to coin in the Late Republic and Early Empire*, *NC*, 137, 1977, pp. 37-63.
- BURNETT, A., *The changing face of republican numismatics*, *JRS*, LXXVII, 1987, pp. 177-183.
- BURNETT, A., *La numismatique romaine. De la République au Haut-Empire*, Paris, 1988.
- BURNETT, A., AMANDRY, M. e RIPOLLÈS, P. P., *Roman Provincial Coinage. Vol. I-From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*, Londres-Paris, 1992.

- BUTTREY, T. V., *Observations on the behavior of Tiberian counterstamps*, ANSMN, 16, 1970, pp. 57-68.
- BUTTREY, T. V., *A hoard of sestertii from Bordeaux and the problem of bronze circulation in the third century A.D.*, ANSMN, 18, 1972, pp. 33-58.
- BUTTREY, T. V., *Halved coins, the Augustan reform and Horace*, Odes I. 3, AJA, 76, 1972, pp. 31-48.
- BUTTREY, T. V., *Morgantina and the denarius*, NAC, 8, 1979, pp. 149-157.
- CALLEJO SERRANO, C., *Los denarios de Valdesalor*, Zephyrus, XVI, 1965, pp. 39-69.
- CALLU, J.-P., *La politique monétaire des empereurs romains de 238 à 311*, BEFAR-214, Paris, 1969.
- CAMPO, M., *El problema de las monedas de Claudio I en Hispania*, ActNum, IV, 1974, pp. 155-163.
- CAMPO, M., *Circulación monetaria en Menorca*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 97-110.
- CAMPO, M., *Las monedas de la villa romana de La Olmeda*, Palencia, 1990.
- CAMPO, M. e GRANADOS, O., *Aproximación a la circulación monetaria en Colonia Barcino*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 57-69.
- CAMPO, M., RICHARD, J.-C. e VON KAENEL, H.-M., *El tesoro de la Pobla de Mafumet (Tarragona), sestercios y dupondios de Claudio I*, Barcelona, 1981.
- CAMPO, M. e FERNÁNDEZ, J. H., *El tesoro de Talamanca: sestercios de Tito a Gordiano III*, ActNum, VII, 1977, pp. 89-101.
- CAMPOS, M. J., *Acquisições do Museu Ethnologico Português*, AP, XI, 1906, pp. 284-295.
- CARDOSO, G., *Carta arqueológica do concelho de Cascais*, Cascais, 1991.
- CARDOSO, J., *Agiologio lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas conquistas*, t. III, Lisboa, 1666.
- CARDOSO, J. L., *A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo*, EOr, I, 1990, pp. 119-134.
- CARDOSO, Pe. L., *Diccionario Geografico ou noticia historica de todas as Cidades, Villas, Lugares e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrarão, assim antigas, como modernas*, t. I, Lisboa, 1747.
- CARRADICE, I., *Plated denarii of the flavian period*, NCirc, LXXXVIII, 1980, pp. 306-307; XCII, 1984, p. 321.
- CARRADICE, I., *Coinage and finances in the reign of Domitian, A.D. 81-96*, BAR i. s. 178, Oxford, 1983.
- Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento (Arqueologia e Etnografia 1879-1899)*, Guimarães, 1958.
- CARTER, G. F. e METCALF, W. E., *The dating of the M. Agrippa asses*, NC, 148, 1988, pp. 145-147.
- CASEY, J., *The interpretation of romano-british site finds*, in CASEY, J. e REECE, R. (eds.), *Coins and the Archaeologist*, BAR-4, Oxford, 1974, pp. 37-51.
- CASTRO, Abade de, *Antiguidade*, O Panorama, vol. I, s. 2º, fasc. 14, 2 Abril 1842, p. 112.
- CASTRO, M. J. M., *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Tomar*, Dissertação de licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1973 (dactilografada).

- CENTENO, R. M. S., *O tesouro monetário de Romariz (Portugal)*, Sautuola, II, 1976-1977, pp. 209-219.
- CENTENO, R. M. S., *O tesouro de denarii do Alto do Corgo*, Conimbriga, XV, 1977, pp. 93-101.
- CENTENO, R. M. S., *Quatro denarii de Monte Mozinho (Penafiel)*, BCGCV, 3, 1978, pp. 55-59.
- CENTENO, R. M. S., *Um tesouro de aurei do Norte de Portugal*, Nummus, 2<sup>o</sup> s., I, 1978, pp. 37-98.
- CENTENO, R. M. S., *A dominação romana*, in SARAIVA, J. H. (dir.), *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1983, pp. 149-211.
- CENTENO, R. M. S., [Recensão] C. H. V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage, vol. I: From 31 B.C. to A.D. 69*, Nummus, 2<sup>a</sup> s., VII-VIII, 1984-1985, pp. 143-146.
- CENTENO, R. M. S., *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, anexos Nummus, n<sup>o</sup> 1, Porto, 1987.
- CENTENO, R. M. S., *Nota ao artigo de A. Marques de Faria*, Arqueologia, 20, 1889, pp. 96-97.
- CENTENO, R. M. S. e SOUTO, J. M. V., *Notícia de uma moeda helenística do tesouro de Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços)*, Nummus, 2<sup>o</sup> s., XI, 1988, pp. 91-93.
- CHAVES, F., *Avance sobre la circulación monetaria en Itálica*, SNB I (2), Barcelona, 1979, pp. 77-86.
- CHAVES, F., *Contramarcas en las amonedaciones de Colonia Patricia, Colonia Rómula, Itálica, Iulia Traducta y Eborá*, ActNum, 9, 1979, pp. 41-52.
- CHAVES, F., *Las cecas hispano-romanas de Eborá, Iulia Traducta y Colonia Rómula*, Numisma, 156-161, 1979, pp. 9-92.
- CHAVES, F., *Numismática antigua de la Ulterior*, Numisma, 162-164, 1980, pp. 99-122.
- CHAVES, F., *Las cecas hispano-romanas de Colonia Rómula, Iulia Traducta y Eborá (II)*, Numisma, 168-173, 1981, pp. 37-72.
- CHAVES TRISTÁN, F., *Aspectos de la circulación monetaria de dos cuencas mineras andaluzas: Riotinto y Castulo (Sierra Morena)*, Habis, 18-19, 1987-1988, pp. 613-637.
- CHAVES TRISTÁN, F., *Indigenismo y romanización desde la óptica de las amonedaciones hispanas de la Ulterior*, Habis, 25, 1994, pp. 107-120.
- CHAVES, L., *Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (Termo de Óbidos)*, AP, XX, 1915, pp. 258-271.
- CHRISTOL, M. e NONY, D., *Rome et son Empire. Des origines aux invasions barbares*, Paris, 1990.
- COCCHI, E. E., *Orientamenti per una ricerca sul significato delle contromarche in epoca Giulio-Claudia*, RIN, LXXXIII, 1981, pp. 239-250.
- COFFYN, A., *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, 1985.
- COLLANTES PÉREZ-ARDÁ, E., *Una muestra de la circulación monetária en la provincia de Osca*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 117-124.
- COLLIS, J., *The coin of Ptolemy V from Winchester*, Antiquity, XLIX, 1975, pp. 47-48.
- COOK, S. A., ADCOCK, F. E. e CHARLESWORTH, M. P. (eds.), *The Cambridge Ancient History, t. X-The Augustan Empire 44 B.C.-A.D. 70*, Cambridge, 1971.
- CORBIER, M., *Dévaluations et fiscalité (161-235)*, in «Les Dévaluations à Rome. Époque Républicaine et Impériale» (Roma, 1975), 1, Roma; 1978, pp. 273-301.
- CORBIER, M., *Dévaluations et évolution des prix (I<sup>er</sup>-III<sup>e</sup> siècles)*, RN, VI<sup>e</sup> s., XXVII, 1985, pp. 69-106.

CORRÊA, A. A. M., *A Lusitânia pré-romana*, in PERES, D. (dir.), *História de Portugal*, t. I, Barcelos, 1928.

CORREIA, M. N. B., *Estudo arqueológico sobre a villa romana do Arnal - Leiria*, Trabalho escolar, Faculdade de Letras, Lisboa, 1963 (policopiado).

CORTE-REAL, A., *Intervenção arqueológica de emergência na Quinta da Silvã*, NAug, 8, Set. 1994, pp. 151-192.

COSTA, F. C. R., *Memória breve sobre Vila Cardílio*, NAug, II s., 2, 1982, pp. 45-54.

COSTA, P. F. e GALANTE, H. S., *Cadaval. Contributos para o estudo da memória de um concelho*, Lisboa, 1995.

COUTINHO, J. E. R., *Monte Figueiró*, in *Idade do Ferro*, Catálogo da exposição realizada no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz, 1994, pp. 113-114.

COUTINHO, J. E. R., *Moedas hispano-romanas do Monte Figueiró*, Conimbriga, XXXIV, 1995, pp. 191-204.

COUTINHO, J. E. R., *Entesouramentos de denários republicanos em Alvorge e Ansião* Conimbriga, XXXV, 1996 (no prelo).

*O Couzeiro ou memórias do Bispado de Leiria*, Leiria, 1898 (2ª ed., organizada por J. Inácio de Matos).

CRAWFORD, M. H., *Plated coins-false coins*, NC, 7ª s., VIII, 1968, pp. 55-59.

CRAWFORD, M. H., *Coin hoards and the pattern of violence in the Late Republic*, PBSR, XXXVII, 1969, pp. 76-81.

CRAWFORD, M. H., *The financial organization of republican Spain*, NC, 7ª s., IX, 1969, pp. 79-93.

CRAWFORD, M. H., *Roman Republican Coin Hoards*, Londres, 1969.

CRAWFORD, M., *Money and exchange in the roman world*, JRS, LX, 1970, pp. 40-48.

CRAWFORD, M. H., *Roman Republican Coinage*, Cambridge, 1974, 2 vols.

CRAWFORD, M. H., *Finance, coinage and money from the Severans to Constantine*, ANRW, II (2), 1975, pp. 560-593.

CRAWFORD, M. H., *Coinage and money under the Roman Republic. Italy and the Mediterranean economy*, Londres, 1985.

CURCHIN, L. A., *Roman Spain. Conquest and Assimilation*, Londres-Nova Iorque, 1991.

DATTARI, G., *Moneti Imperiali Greche. Catalogo della collezione G. Dattari compilato dal proprietario*, 2 vols., Cairo, 1901.

DIAS, J. L., *Francisco Tavares Proença Júnior-Fundador do Museu de Castelo Branco*, ECB, 40, 1972.

DIEGUES, A. J. V., *Alguns materiais metálicos do concelho de Rio Maior: I campanha de prospecção arqueológica /CARM 1986*, in «Colóquio sobre História Regional e Local do Distrito de Santarém», 11-14 Nov. de 1987 (resumo de comunicação).

DIOGO, A. M. D., *Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém)*, EOr, IV, 1993, pp. 215-227.

DIOGO, A. D., *Moedas romanas*, in *Lisboa Subterrânea* (catálogo da exposição), Lisboa, 1994, pp. 215-216.

DIOGO, A. D. e FARIA, A. J., *Moedas romanas provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém)*, Arqueologia, 11, 1985, pp. 120-122.

- DOMERGUE, C., *La mine antique d' Aljustrel (Portugal) et les tables de bronze de Vipasca*, Conimbriga, XXII, 1983, pp. 5-193.
- DOMERGUE, C., *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*, Roma, 1990.
- DOMÍNGUEZ ARRANZ, A., *Las cecas ibéricas del valle del Ebro*, Saragoça, 1979.
- DUNCAN-JONES, R. P., *The economy of the Roman Empire. Quantitative studies*, Cambridge, 1974.
- DUNCAN-JONES, R., *Money and government in the Roman Empire*, Cambridge, 1994.
- DURÁN, R., *Breves consideraciones sobre los troqueles romanos del Museo de Valencia de D. Juan*, Numisma, 2, 1952, pp. 111-116.
- EDMONDSON, J. C., *Two industries in Roman Lusitania: mining and garum production*, Oxford, BAR - i. s. 362, 1987.
- ÉTIENNE, R. e RACHET, M., *Le trésor de Garonne. Essai sur la circulation monétaire en Aquitaine à la fin du règne d'Antonin le Pieux (159-161)*, Bordéus, 1984.
- FABIÃO, C., *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*, Cadernos da UNIARQ-1, Lisboa, 1989.
- FABIÃO, C., *O passado proto-histórico e romano*, in MATTOSO, J. (dir.), *História de Portugal. Vol. I-Antes de Portugal*, Lisboa, 1992, pp. 76-299.
- FALLANI, C.-M., *Gens Flavia: «nummi pelliculati»*, in MARGOLIS, R. e VOEGTLI, H. (eds.), *Numismatics-Witness to History*, IAPN Publication-8, Wetteren, 1986, pp. 51-63.
- FARIA, A. J., *As moedas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*, Nummus, 2<sup>a</sup> s., VII-VIII, 1984-1985, pp. 37-42.
- FARIA, A. M., *O tesouro monetário da Menoita (Guarda)*, Numismática, 42-43, 1986, pp. 18-23.
- FARIA, A. M., [Recensão] Jorge de Alarcão, *Portugal Romano*, Numismática, 42-43, 1986, p. 45-46.
- FARIA, A. M., *Guerras e conflitos no Vale do Tejo na Antiguidade: o testemunho dos tesouros monetários*, in *Arqueologia do Vale do Tejo*, Lisboa, 1987, pp. 60-61.
- FARIA, A. M., *A numária de \*Cantnipo*, Conimbriga, XXVIII, 1989, pp. 71-99.
- FARIA, A. M., *Sobre a data da fundação de Pax Iulia*, Conimbriga, XXVIII, 1989, pp. 101-109.
- FARIA, A. M., *Sobre a moeda no Noroeste da Hispânia. Alguns comentários ao recente livro do Doutor Rui Centeno*, Arqueologia, 20, 1989, pp. 90-96.
- FARIA, A. M., *Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais*, Portugália, n. s., XI-XII, 1990-1991, pp. 72-88.
- FARIA, A. M., *Novos elementos para o estudo das moedas romanas carimbadas*, Nummus, 2<sup>a</sup> s., XIV-XV, 1991-1992, pp. 7-13.
- FARIA, A. M., *Três tesouros monetários romanos da época republicana*, Nummus, 2<sup>a</sup> s., XIV-XV, 1991-1992, pp. 79-94.
- FARIA, A. M., *Achados monetários em Idanha-a-Velha*, Nummus, 2<sup>a</sup> s., XIV-XV, 1991-1992, pp. 121-149.
- FARIA, A. M., *Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal*, Vipasca, 1, 1992, pp. 39-48.
- FARIA, A. M., *Moedas da época romana cunhadas no actual território português*, in MEDINA, J. (dir.), *História de Portugal. Dos tempos históricos aos nossos dias*, vol. II-O mundo luso-romano, Amadora, 1993, pp. 192-196.

- FARIA, A. M., [Recensão] A. Burnett, M. Amandry e P. P. Ripollès, *Roman Provincial Coinage. Vol. I-From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*, Vipsasca, 2, 1993, pp. 131-146.
- FARIA, A. M., *Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português*, «I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua», Madrid, 7-10 Novembro 1994 (no prelo).
- FARIA, A. M., [Recensão] L. Villaronga, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Vipsasca, 3, 1994, pp. 121-124.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., *Un tesorillo de plata en el Castro de «El Raso de Candeleda» (Avilá)*, TP, 36, 1979, pp. 379-404.
- FERREIRA, E. M., *Aljubarrota. Pequena monografia*, Lisboa, 1931.
- FERREIRO LOPEZ, M., *La campaña militar de Cesar en el año 61*, «Actas del 1<sup>er</sup> Congreso Peninsular de Historia Antigua» (Santiago, 1986), Santiago de Compostela, 1988, vol. II, pp. 363-372.
- FIDALGO, J. O., *Levantamento arqueológico do concelho de Penacova*, Trabalho escolar, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1991.
- FORCELLINI, A., *Lexicon Totius Latinitatis*, t. II, Pádua, 1940.
- FRADE, H., *As termas medicinais da época romana em Portugal*, «Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga» (Coimbra, 1990), Coimbra, 1993, pp. 873-915.
- FLOREZ, H., *Medallas de las colonias, municipios y pueblos antiguos de España*, 3 vols., Madrid, 1757-1773.
- GABBA, E., *Mario e Silla*, ANRW, I (1), 1972, pp. 764-805.
- GAGGERO, G., *Aspetti monetari della rivolta Sertoriana in Spagna*, RIN, vol. XXIII, 6<sup>a</sup> s., LXXVII, 1976, pp. 55-75.
- GARCIA, E. B., *Achados arqueológicos de Fimalicão da Nazaré. Do Paleolítico ao período árabe*, sep. de «XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 1962.
- GARCIA, E. B., *As torres e os fachos na Lagoa da Pederneira*, AB, 25-27, 1968-1970, pp. 65-78.
- GARCÍA-BELLIDO, A., *Los auxiliares hispanos en los ejércitos romanos de ocupación (200 al 30 antes de J. C.)*, Emerita, XXXI (2), 1963, pp. 213-226.
- GARCÍA-BELLIDO, M. P., *Las monedas de Castulo con escritura indígena. Historia numismática de una ciudad minera*, Barcelona, 1982.
- GARCÍA-BELLIDO, M. P., *Sobre la localización de Segobrix y las monedas del yacimiento de Clunia*, AEspA, 67, 1994, pp. 245-259.
- GARCÍA MORÁ, F., *Sertorio frente a Metelo*, «Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga» (Coimbra, 18-20 Outubro 1990), Coimbra, 1993, pp. 375-398.
- GARCÍA MORÁ, F., *Un episodio de la Hispania republicana: la guerra de Sertorio. Planteamientos iniciales*, Granada, 1991.
- GARCÍA MORENO, L. A. (dir.), *Hispani tumultuantes: de Numancia a Sertorio*, Memorias del Seminario de Historia Antigua I, Alcalá de Henares, 1989.
- GIARD, J.-B., *Pouvoir central et libertés locales. Le monnayage en bronze de Claude avant 50 après J. C.*, RN, XII, 1970, pp. 33-61.
- GIARD, J.-B., *La pénurie de petite monnaie en Gaule au début du Haut Empire*, JS, Avril- Juin, 1975, pp. 81-102.
- GIARD, J.-B., *Catalogue des Monnaies de l' Empire Romain. I-Auguste*, Paris, 1976.
- GIARD, J.-B., *Le monnayage de l' atelier de Lyon des origines au règne de Caligula (43 avant J.-C. -41 après J.-C.)*, Numismatique Romaine. Essais, Recherches et Documents-XIV, Wetteren, 1983.

- GIARD, J.-B., *Les jeux de l'imitation: fraude ou nécessité*, NAC, XIV, 1985, pp. 231-238.
- GIL FARRÉS, O., *La moneda hispánica en la Edad Antigua*, Madrid, 1966.
- GIRÃO, A. A., *Geografia de Portugal*, Porto, 1951 (2ª ed.).
- GOMES, M. V., *Proto-História do Sul de Portugal*, in SILVA, A. C. F. e GOMES, M. V., *Proto-História de Portugal*, Lisboa, 1992, pp. 101-185.
- GONÇALVES, A., *Mosaico torrejano. LXIV-A cidade de Malhada*, O Almonda, 92, 24/4/1921.
- GONÇALVES, A., *Um achado valioso*, O Almonda, 154, 1/7/1922.
- GONÇALVES, A., *Mosaico torrejano*, Torres Novas, 1985 (2ª ed.).
- GONZÁLEZ PRATS, A. e ABASCAL PALAZÓN, J. M., *La ocultación monetar de La d' Eula, Crevillente (Alicante) e su significación para el estudio de las invasiones del siglo III*, Lucentum, VI, 1987, pp. 183-196.
- GORROCHATAGUI CHURRUCA, J., *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*, Bilbao, 1984.
- GRANT, M., *The decline and fall of city coinage in Spain*, NC, IX, 1949, pp. 93-106.
- GRANT, M., *From Imperium to Auctoritas. A historical study of aes coinage in the Roman Empire 49 B. C. -A.D. 14*, Cambridge, 1946.
- GRIERSON, Ph., *The Roman law of counterfeiting*, in «Essays in Roman Coinage presented to Harold Mattingly», Oxford, 1956, pp. 240-261.
- GRIERSON, Ph., *Monnaies et monnayage. Introduction à la Numismatique*, Paris, 1976.
- GRÜNWARD, M., *Die römischen Bronze-und Kupfermünzen mit Schlagmarken in Legionslager Vindonissa*, Basel, 1946.
- GUADÁN, A. M., *Tipología de las contramarcas en la numismática ibero-romana*, NH, IX (17), 1960, pp. 7-122.
- GUADÁN, A. M., *La moneda ibérica. Catálogo de numismática ibérica e ibero-romana*, Madrid, 1980 (2ª ed.).
- GUEY, J., *L' aloi du denier romain de 177 a 211 après J.-C.*, RN, 6ª s., IV, 1962, pp. 73-140.
- GUEY, J., *Peut-on se fier aux essais chimiques? Encore sur l' aloi du denier romain de 177 a 211 après J.-C.*, RN, 6ª s., VII, 1965, pp. 110-122.
- GUIMARÃES, V., *Tomar-Santa Iria*, Lisboa, 1927.
- GUNDEL, H. G., *Viriato-Lusitano, caudillo en las luchas contra los Romanos: 147-139 antes de Cristo*, Caesaraugusta, 31-32, 1968, p. 175-198.
- GURT, J. M., *Las monedas de Claudio I halladas en Clunia*, Pyrenae, 11, 1975, pp. 109-125.
- GURT ESPARRAGUERA, J. M., *Circulación monetaria en época imperial en la costa catalana entre los municipios de Iluro y Baetulo*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 71-81.
- GURT ESPARRAGUERA, J. M., *Clunia III. Hallazgos monetarios. La romanización de la Meseta a través de la circulación monetaria en la ciudad de Clunia*, EAE-145, Madrid, 1985.
- HACKENS, T., *La circulation monétaire, questions de méthode*, in DENTZER, J.-M., GAUTHIER, Ph. e HACKENS, T. (eds.), *Numismatique Antique. Problèmes et Méthodes*, Nancy-Lovaina, 1975, pp. 213-222.
- HELENO, M., *Antiguidades de Monte Real*, AP, XXV, 1921-1922, pp. 1-98.
- HELENO, M., *Jóias pré-romanas*, Ethnos, 1, 1935, pp. 229-257.
- HELENO, M., *O tesouro da Borrallheira (Teixoso)*, AP, n.s., II, 1953, pp. 213-226.

HERSH, C. e WALKER, A., *The Mesagne hoard*, ANSMN, 29, 1984, pp. 103-134.

HIERNARD, J., *Tarragona. Monedas del siglo III en las excavaciones antiguas*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 83-90.

HIERNARD, J., *Conimbriga. Monedas y excavaciones antiguas (1930-1944 y 1959-1962) y franco-portuguesas (1964-1968)*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 139-151.

HIERNARD, J., BOST, J.-P. e PEREIRA, I., *Fouilles de Conimbriga. III-Les monnaies*, Paris, 1974.

HILDEBRANDT, H. J., *Beiträge zum römisch-republikanischen Münzumschlag in Spanien*, Chiron, 9, 1979, pp. 113-135.

HILDEBRANDT, H. J., *Die Münzen aus Cáceres el Viejo*, in ULBERT, G., *Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*, Madrider Beiträge-Band 11, Mainz am Rhein, 1984, pp. 257-297.

HILL, P. V., *The coinage of Septimius Severus and his family of the mint of Rome A.D. 193-217*, Londres, 1964.

HILL, P. V., *The dating and arrangement of the undated coins of Rome, AD 98-138*, Londres, 1970.

HILL, P. V., *The dating and arrangement of Hadrian's 'Cos III' coins of the mint of Rome*, in CARSON, R. A. G., (ed.), *Mints, Dies and Currency. Essays in Memory of Albert Baldwin*, Londres, 1971, pp. 39-56.

HIPÓLITO, M. C., *Dos tesouros de moedas romanas em Portugal*, Conimbriga, II-III, 1960-61, pp. 1-166.

HIPÓLITO, M. C., *Tesouro monetário romano da Quinta da Madeira (Ferro, Covilhã)*, Nummus, 2ª s., II, 1979, pp. 65-71.

HIPÓLITO, M. C., *As moedas gregas da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia)*, Nummus, 2ª s., IV/VI, VI, 1981-1983, pp. 81-90.

HOPKINS, K., *Taxes and trade in the Roman empire (200 BC - AD 400)*, JRS, LXX, 1980, pp. 101-125.

HOWGEGO, C., *The supply and use of money in the Roman world 200 B.C. to A.D. 300*, JRS, LXXXII, 1992, pp. 1-31.

HÜBNER, A., *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim, vol. II, 1869, 1892 (Supplementum).

ILIESCU, O., *La numismatique et les relations hispano-romaines a travers les siècles*, Numisma, 132-137, 1975, pp. 19-30.

IMPERIAL, F.N.L.F. e SALGUEIRO, P.P.H.N.A., *As moedas de Villa de Cardílio e a sua inserção nos achados numismáticos do território de Scallabis*, Trabalho escolar, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1991 (policopiado).

JUROMENHA, Visconde de, *Cintra Pinturesca, ou Memoria Descritiva da Villa de Cintra, Collares, e seus arredores*, Lisboa, 1838 (reimp. 1990).

VON KAENEL, H.-M., *Die organisation der Münzprägung Caligulas*, SNR, 66, 1987, pp. 135-159.

KALB, Ph., *O «Bronze Atlântico» em Portugal*, «Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», vol. I, Guimarães, 1980, pp. 113-120.

KALB, Ph. e HÖCK, M., *Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito Santarém). Vorbericht über die Grabung im Januar und Februar 1979*, MM, 21, 1980, pp. 91-104.

KALB, Ph. e HÖCK, M., *Moron*, Conimbriga, XXVII, 1988, pp. 189-201.

KNAPP, R. C., *The coinage of Corduba, Colonia Patricia*, in «Stato e Moneta a Roma fra la Tarda Repubblica e il Primo Impero», AIIN, 29, 1982, pp. 183-202.

NUNES, J.C., FABIÃO, C. e GUERRA, A., *O acampamento militar romano da Lomba do Canho (Arganil): ponto da situação*, «Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu», Viseu, 1989, pp. 403-424.

OLEIRO, J. M. B. e GIRÃO, A. A., *Geografia e campos fortificados romanos*, BCEG, 6-7, 1953, pp. 73-80.

OLEIRO, J. M. B. e ALARCÃO, J., *Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)*, Conimbriga, VIII, 1969, pp. 1-12.

PAÇO, A. e GUEDES, J. L. F., *Moedas da campanha de 1963* [Relatório dactilografado das moedas encontradas em Villa Cardílio durante a campanha de escavações de 1963], s.d.

PARREIRA, R., *Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira-Notícia da parcela 403-8*, BCFV Xira, 1, 1985, pp. 117-119.

PEKÁRY, T., *Les limites de l'économie monétaire à l'époque romaine*, in «Les Dévaluations à Rome. Époque Républicaine et Impériale» (Gdansk, 1978), 2, Roma, 1980, pp. 103-113.

PEREIRA, I., *Notícia de um tesouro de denários republicanos*, Conimbriga, XII, 1973, pp. 215-218.

PEREIRA, I., BOST, J.-P. e HIERNARD, J., *Conimbriga: les monnaies de fouilles anciennes et franco-portugaises*, SNB I (2), Barcelona, 1979, pp. 95-96.

PEREIRA, I. e PESSOA, M., *Moedas romanas de Condeixa. Achados dispersos*, FN, 5, 1981, pp. 28-30.

PEREIRA, I., PESSOA, M. e PONTE, S., *Uma colecção de 27 moedas de Tomar*, BCCMT, 10, 1988, pp. 29-38.

PÉREZ CENTENO, M. R., *Hispania bajo la dinastia de los Severos*, Valladolid, 1990.

PETIT, P., *Le IIIe siècle après J.-C.: état des questions et problèmes*, ANRW, II (2), 1975, pp. 354-380.

PETIT, P., *Histoire générale de l'Empire romain*, Paris, 1978, 3 vols.

PIRES, C., *Moedas romanas achadas na Idanha*, AP, IV, 1898, pp. 79-80.

PLAUTO, *A comédia da marnita* (trad. de W. de Medeiros), Coimbra, 1982 (2ª ed.).

PONTE, S., *Estação arqueológica na Rua Carlos Campeão: relatório preliminar de 1982/83*, in *Arqueologia na região de Tomar (da pré-história à actualidade)*, suplemento do BCCMT, 1, 1985, pp. 89-101.

PONTE, S., *A villa rústica de S. Pedro de Caldelas-Tomar*, Tomar, 1988.

PONTE, S. e FERNANDES, L., *Sellium romana: sua história*, BCCMT, 19, 1993, pp. 161-189.

PONTE, S. e SILVA, V. M., *Recuperação de alguns achados arqueológicos de Tomar-CPPRT*, BCCMT, 4, 1982, pp. 181-188.

PONTE, S. e SILVA, V., *Sondagem na Alameda Um de Março*, in *Arqueologia na Região de Tomar (da pré-história à actualidade)*, suplemento do BCCMT, 1, 1985, pp. 111-116.

POOLE, R. S., *A Catalogue of the Greek Coins in the British Museum. The Ptolemies, Kings of Egypt*, Bolonha, 1963 (reimp. anastática da 1ª ed. de 1882).

RADDATZ, K., *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel vom Ende des Dritten bis zur Mitte des Ersten Jahrhunderts vor Chr. Geb. Untersuchungen zur hispanischen Toreutik*, Madrider Forschungen-Band 5, Berlin, 1969.

RAU, V. e ZBYSZEWSKI, G., *Estremadura et Ribatejo (Livret-guide de l'excursion D)*, XVI Congresso Internacional de Geografia, Lisboa, 1949.

REECE, R., *Roman coinage in Southern France*, NC, 7ª s., VII, 1967, pp. 91-105.

- REECE, R., *Roman coinage in Northern Italy*, NC, 7ª s., XI, 1971, pp. 167-179.
- REECE, R., *A short survey of the roman coins found in fourteen sites in Britain*, Britannia, III, 1972, pp. 269-276.
- REECE, R., *Roman coinage in the Western Empire*, Britannia, IV, 1973, pp. 227-251.
- RÉMONDON, R., *La crise de l'Empire romain de Marc Aurèle a Anastase*, Paris, 1970.
- RIBEIRO, J. C., *Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus*, sep. de Sintria, I-II (1), 1982-1983, pp. 151-476.
- RIBEIRO, J. C., *Felicitas Iulia Olisipo-algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea*, Al-Madan, II s., 3, 1994, pp. 75-95.
- RIBEIRO, O., *Introdução ao estudo da Geografia Regional*, Lisboa, 1987.
- RIBEIRO, O., *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*, Lisboa, 1991 (6ª ed.).
- RIBEIRO, O. e LAUTENSACH, H., *Geografia de Portugal. I. A posição geográfica e o território* [comentários e actualização de Suzanne Daveau], Lisboa, 1987.
- RIPOLL, E., NUIX ESPINOSA, J. M. e VILLARONGA GARRIGA, L., *Las monedas partidas procedentes de las excavaciones de Emporion*, Numisma, 120-131, 1974, pp. 75-90.
- RIPOLL, E., NUIX, J. M. e VILLARONGA, L., *La circulación monetaria en Emporion*, SNB I (1), Barcelona, 1979, pp. 45-55.
- RIPOLLÉS ALEGRE, P. P., *La circulación monetaria en las Tierras Valencianas durante la Antigüedad*, Barcelona, 1980.
- RIPOLLÉS ALEGRE, P. P., *La circulación monetaria en la Tarraconense mediterránea*, Valencia, 1982.
- RIPOLLÉS, P. P., *El hallazgo de monedas de Monforte (Alacant). Parte I. Monedas griegas*, ActNum, 14, 1984, pp. 59-69.
- ROBERTSON, A. S., *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet. I-Augustus to Nerva*, Oxford, 1962.
- ROBERTSON, A. S., *Roman Imperial Coins in the Hunter Cabinet. II-Trajan to Commodus*, Oxford, 1971.
- RODRIGUES, M. A. G. C., *Ferro - Cova da Beira. Estudos arqueológicos e etnográficos-curiosidades*, s/l., 1982.
- RODRÍGUEZ MERIDA, J. A., *La ceca de Osset*, Numisma, 228, 1991, pp. 9-28.
- RODRÍGUEZ OLIVA, P., *Noticias numismáticas de la Andalucía mediterránea (I)*, Numisma, 180-185, 1983, pp. 117-136.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M., *Los hispanos en el ejército romano de época republicana*, Salamanca, 1993.
- ROURE I BONAVENTURA, A., TREMOLEDA I TRILLA, J. e CASTANYERI MASOLIVER, P., *Trobada d'un conjunt monetari a Vilauba (Camós, Pla de L'Estany)*, Empúries, 48-50 (II), 1986-1989, pp. 268-281.
- RUIVO, J. S., *Moedas romanas do Museu de Leiria*, Comunicação apresentada às «II Jornadas Sobre a História de Leiria e sua Região», Leiria, 29 e 30 de Novembro de 1991 (no prelo).
- RUIVO, J. S., *Notas sobre as moedas hispano-romanas do Museu do Seminário de Leiria*, O Mensageiro, 4/3/1993.

- RUIVO, J. S., *Sobre um tesouro de moedas romanas do concelho da Batalha*, O Mensageiro, 17/2/1994.
- RUIVO, J. S., *Imitação de uma moeda antiga no Museu do Seminário de Leiria*, O Mensageiro, 18/8/1994.
- RUIVO, J. S., *Variante do denário de Galba RIC<sup>2</sup> 32*, Portugália, n. s., XV, 1994, pp. 159-160.
- RUIVO, J. S., *A circulação da moeda hispânica na Estremadura portuguesa. Uma primeira abordagem*, «I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua», Madrid, 7-10 Novembro 1994.
- RUIVO, J. S., *Catálogo das moedas romanas do Museu de Leiria*, Leiria, 1995 (no prelo).
- SAA, M., *As grandes vias da Lusitânia. O itinerário de Antonino Pio*, Tomo III, Lisboa, 1960.
- SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L., *Posible tesorillo del siglo III d. de C.*, Numisma, 168-173, 1981, pp. 73-88.
- SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L., *La circulación del áureo en la Hispania del siglo III d.C.*, Conimbriga, 25, 1986, pp. 89-98.
- SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L., *Circulación monetaria de la plata en la Hispania del siglo III d.C.*, ETF (hist), 1988, pp. 341-362.
- SÁNCHEZ DE ARZA, V., *Las monedas del tesoro de Arrabalde. La Asturias Cismontana*, Numisma, 186-191, 1994, pp. 51-64.
- SANTALUCIA, B., *La legislazione sillana in materia di falso nummario*, in «Stato e Moneta a Roma fra la Tarda Repubblica e il Primo Impero», AIN, 29, 1982, pp. 47-74.
- SANTOS, M. F., *Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaíamonte (Monforte, Alto Alentejo)*, AAPHist, II s., 21, 1972, pp. 491-511.
- SANTOS YANGUAS, N., *La romanización de Asturias*, Madrid, 1991.
- SCHULTEN, A., *Hermínius mons*, RE, 8, 1912, col. 834.
- SCHULTEN, A., BOSCH GIMPERA, P. e PERICOT, L., *Fontes Hispaniae Antiquae*, 5 vols., Barcelona, 1922-1937.
- SERAFIN PETRILLO, P., *Nota sull' argento suberato della repubblica romana*, AIN, XV, 1968, pp. 9-30.
- SERRA, M. A. E. C., *Monografia arqueológica do concelho de Torres Novas*, Dissertação de licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1959 (dactilografada).
- SILVA, A. C. F., *A Segunda Idade do Ferro*, in SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. O. (dir.), *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1990, pp. 289-341.
- SILVA, C. T., SOARES, J. e SANTOS, M. F., *Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal)*, «Actas das II Jornadas Arqueológicas» (Lisboa 1972), vol. I, Lisboa, 1973, pp. 307-318.
- SILVA, J. P., *Um Sacerdote Exemplar... O Senhor Prior de Espite*, Vila Nova de Ourém, 1947.
- SOLANA SÁINZ, J. M. e MONTENEGRO DUQUE, Á., *La integración de Hispania en los destinos de Roma. La guerra de Sertório (133-72 a.C.)*, in MONTENEGRO DUQUE, Á., BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. e SOLANA SAINZ, J. M., *Historia de España. 3- España Romana*, Madrid, 1986, pp. 93-119.
- SOLANA SÁINZ, J. M. e MONTENEGRO DUQUE, Á., *César en Hispania y la guerra civil con Pompeio*, in MONTENEGRO DUQUE, Á., BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. e SOLANA SÁINZ, J. M., *Historia de España. 3- España Romana*, Madrid, 1986, pp. 120-142.
- Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanol*, Coimbra, 1958.
- SUTHERLAND, C. H. V., *Romano-British imitations of bronze coins of Claudius I*, NNM 65, Nova Iorque, 1935.

SUTHERLAND, C. H. V., *The Aes coinages of Roman Imperial Spain: some reflections on future study*, Numisma, 72, 1965, pp. 19-23.

SUTHERLAND, C. H. V., *The Emperor and the coinage. Julio-Claudians studies*, Londres, 1976.

SUTHERLAND, C. H. V., *The Roman Imperial Coinage. I-From 31 BC to AD 69*, Londres, 1984 (2ª ed., revista).

SUTHERLAND, H., *Supplementum Galbianum*, NAC, XIII, 1984, pp. 171-181.

SUTHERLAND, H., *Gold and silver quinarii under the Julio-Claudians*, NC, 145, 1985, pp. 246-249.

SUTHERLAND, H., *Spanish bullion supplies, A. D. 68-9*, NAC, XIV, 1985, pp. 239-242.

SUTHERLAND, H., *The Pontif Maxim aurei of Tiberius*, NAC, XVI, 1987, pp. 217-227.

SYDENHAM, E. A., *The Coinage of the Roman Republic*, Londres, 1952.

*Sylloge Nummorum Graecorum. The royal collection of coins and medals. Danish National Museum. VI- Phrygia to Cilicia*, Nova Jersey, 1982.

*Sylloge Nummorum Graecorum. Italia. Milano, Civiche Raccolte Numismatiche. Vol. XIII-Aegyptus. 3-Commodus-Galerius Caesar*, Milão, 1992.

TAVARES, F., *Instruções e cautelas praticas sobre a natureza, diferentes espécies, virtudes em geral, e uso legítimo das águas minerais ...*, Lisboa, 1810.

TEIXEIRA, C. e GONÇALVES, F., *Introdução à Geologia de Portugal*, Lisboa, 1980.

THOMSEN, R., *The pay of the Roman soldier and the property qualification of the servian classes*, in «Classica et Mediaevalia Francisco Blatt septuagenario dedicata», Glyldendal, 1973, pp. 194-208.

TORRES, M. A. M., *Descrição Historica e Economica da Villa e Termo de Torres-Vedras (1819)*, 2ª ed. acrescentada com algumas notas dos Editores, Coimbra, 1861.

TOVAR, A., *Iberische Landeskunde*, 3 vols., Baden-Baden, 1976-1989.

TRANOY, A., *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981.

ULBERT, G., *Cáceres el Viejo. Ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*, Madrider Beiträge-Band 11, Mainz am Rhein, 1984.

UNTERMANN, J., *Sprachräume und Sprachbewegungen in vorrömischen Hispanien*, Wiesbaden, 1961.

UNTERMANN, J., *Lenguas y unidades políticas del Suroeste hispánico en época prerromana*, in «De Tartessos a Cervantes», Colónia, 1985, pp. 1-40.

VALDEZ, J. J. A., *Algumas noticias para a descrição histórica dos logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira, do concelho de Mafra*, Lisboa, 1895.

VASCONCELLOS, J. L., *Antiguidades romanas de Tomar*, AP, I, 1895, pp. 13-15.

VASCONCELLOS, J. L., *Noticias várias*, AP, I, 1895, pp. 222-224.

VASCONCELLOS, J. L., *Acquisições do Museu Ethnologico Português*, AP, III, 1897, pp. 107-111.

VASCONCELLOS, J. L., *Religiões da Lusitânia*, 3 vols., Lisboa, 1897-1913.

VASCONCELLOS, J. L., *Moeda de chumbo da republica romana*, AP, V, 1900, pp. 12-13.

VASCONCELLOS, J. L., *Noticias várias*, AP, V, 1900, p. 167.

VASCONCELLOS, J. L., *Antiguidades romanas de Lisboa*, AP, V, 1900, pp. 282-287.

VASCONCELLOS, J. L., *Noticias várias*, AP, VII, 1903, pp. 54-55.

- VASCONCELLOS, J. L., *Signification religieuse, en Lusitanie, de quelques monnaies percées d'un trou*, AP, X, 1905, pp. 169-175.
- VASCONCELLOS, J. L., *Achados de moedas romanas da Republica*, AP, XIV, 1909, pp. 58-59.
- VASCONCELLOS, J. L., *Coisas velhas*, AP, XXII, 1917, pp. 107-169.
- VASCONCELLOS, J. L., *Estudos sobre a época do ferro em Portugal*, AP, XXIV, 1920, pp. 99-100 e 193-197.
- VASCONCELLOS, J. L., *Coisas velhas*, AP, XXIV, 1920, p. 235.
- VASCONCELLOS, J. L., *Excursão arqueológica*, AP, XXIV, 1920, pp. 301-303.
- VASCONCELLOS, J. L., *Observações numismáticas*, AP, XXV, 1922, pp. 190-191.
- VASCONCELLOS, J. L., *Notícias do Juncal (Estremadura)*. (*Coisas velhas*, 139), AP, XXX, 1938, pp. 205-209.
- VEIGA, S. P. E., *Antiguidades de Mafra*, Lisboa, 1879.
- VIDAL BARDÁN, J. M., *Tesorillo de denarios romano-republicanos de Nerpio (Albacete)*, Numisma, 186-191, 1984, pp. 41-50.
- VIDAL GONZÁLEZ, P., *Los hallazgos monetales del catálogo de J. Gaillard*, Saguntum, 22, 1989, pp. 343-361.
- VIEGAS, J. R. e PARREIRA, R., *Der Schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer/Portugal)*, MM, 25, 1984, pp. 79-91.
- VILARET I MONFORT, J., *Una troballa numismàtica de l'època sertoriana a l'Empordà*, ActNum VI, 1976, pp. 47-60.
- VILLARONGA, L., *Tesorillo de Albacete del año 1906*, Ampurias, 33-34, 1971-1972, pp. 305-320.
- VILLARONGA, L., *Emisión monetaria augustea con escudo, atribuible a P. Carisio y la zona Norte de Hispania*, XI CNA (Mérida 1968), Saragoça, 1970, pp. 591-600.
- VILLARONGA, L., *Las monedas hispano-cartaginesas*, Barcelona, 1973.
- VILLARONGA, L., *Las monedas partidas procedentes de las excavaciones de Conimbriga*, Nummus, 10 (34-35), 1976, pp. 37-41.
- VILLARONGA, L., *Nuevo argumento a favor de la hispanidad de las emisiones de Claudio*, SNB I (2), Barcelona, 1979, pp. 172-173.
- VILLARONGA, L., *Numismática Antigua de Hispania*, Barcelona, 1979.
- VILLARONGA, L., *Tresor de Idanha-a-Velha (Castelo Branco, Portugal) de denaris romans, ibèrics i dracmes d'Arse*, Numisma, 165-167, 1980, pp. 103-117.
- VILLARONGA, L., *The Tangier hoard*, NC, 149, 1989, pp. 149-162.
- VILLARONGA, L., *Tresors monetaris de la Península Ibèrica anteriors a August: repertori i anàlisi*, Barcelona, 1993.
- VILLARONGA, L., *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, 1994.
- VISIONÀ, P., *A hoard of Ptolemaic bronze coins in the J. Paul Getty Museum*, GMusJ, 6-7, 1978-1979, pp. 153-162.
- VIVES Y ESCUDERO, A., *La moneda hispánica*, Madrid, 1926.
- WAHL, J., *Castelo da Lousa. Ein Wehrgehöft Caesarisch-Augusteischer Zeit*, MM, 26, 1985, pp. 149-176.
- WALKER, D. R., *The metrology of the Roman silver coinage. Part III-From Pertinax to Uranius Antoninus*, BAR s.s.-40, Oxford, 1978.

WASSINK, A., *Inflation and financial policy under the Roman Empire to the Price Edict of 301 A.D.*, *Historia*, XL (4) 1991, pp. 465-493.

ZEHNACKER, H., *Le solde de l'armée romaine de Polybe à Domitien*, *AIIN*, 30, 1983, pp. 95-121.

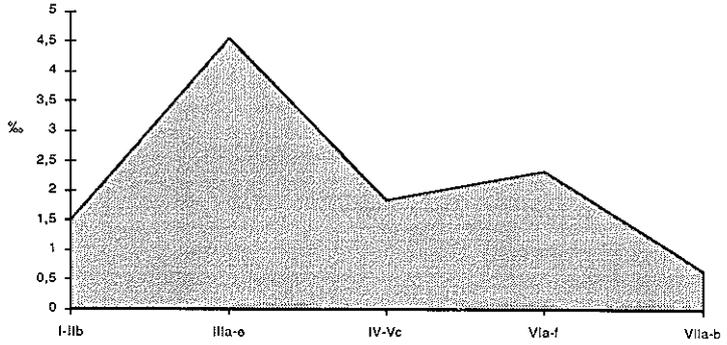


Fig. 1-Permilagens, por períodos lntos, do numerário até 215

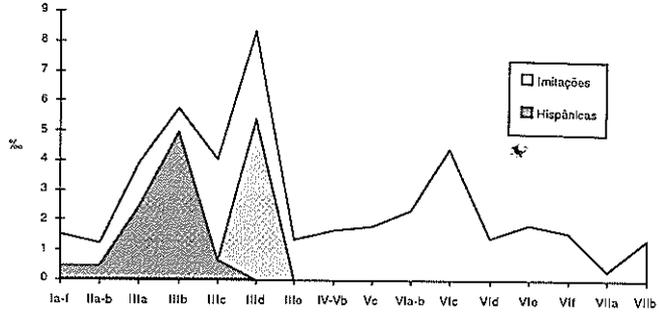


Fig. 2-Permilagens, por períodos curtos, do numerário até 215

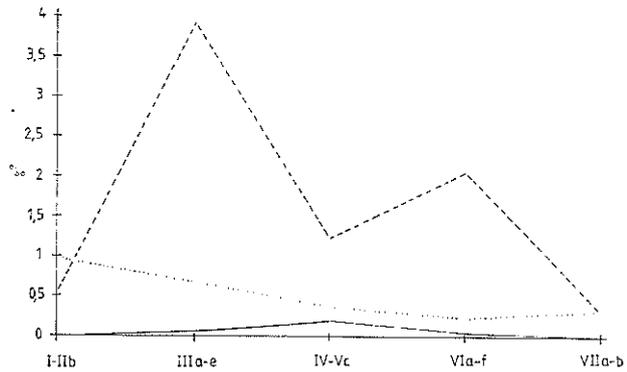


Fig. 3 - Permilagens do numerário em Av, AR e AE até 215

AV ———  
 AR . . . . .  
 AE - - - - -

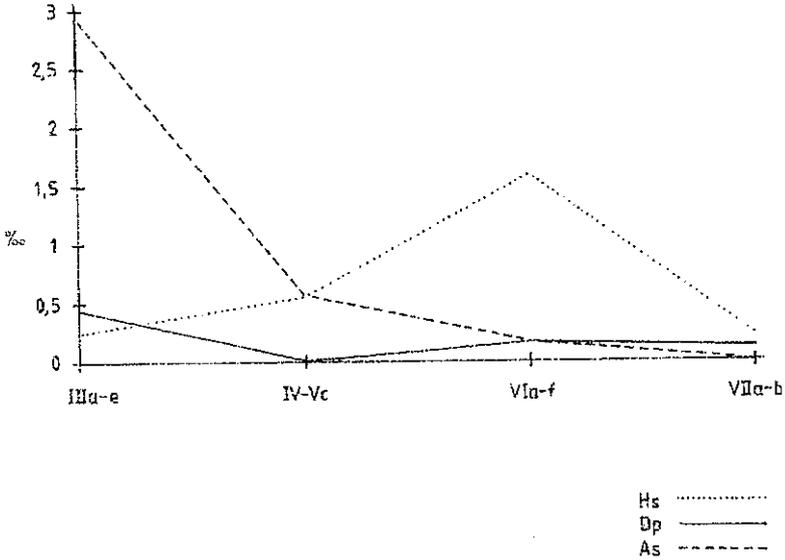


Fig. 4 - Permissões para o Hs, Dp e As de Augustus e Caracalla

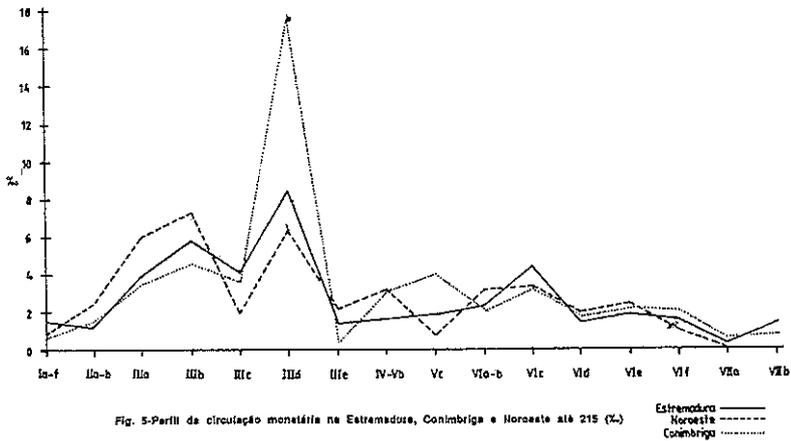
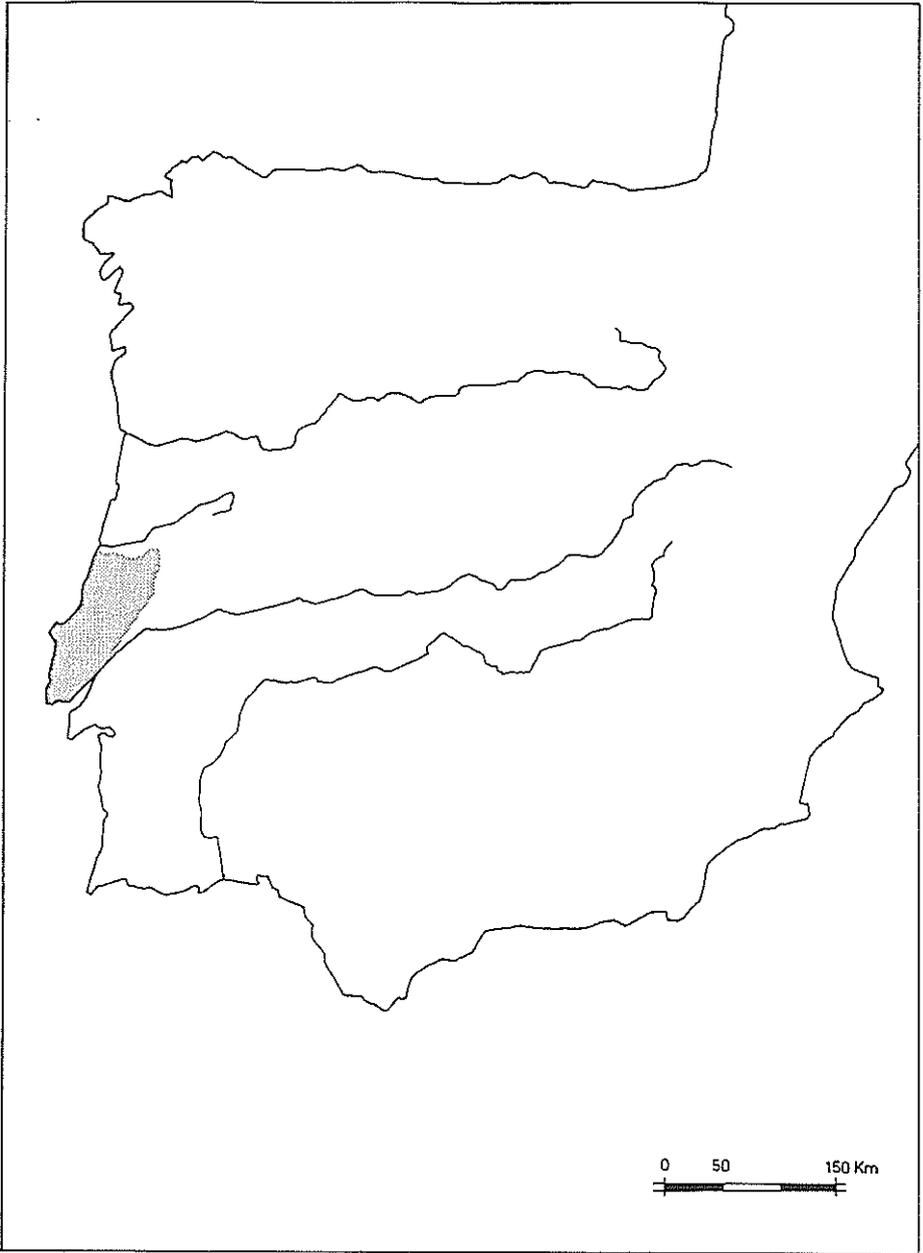
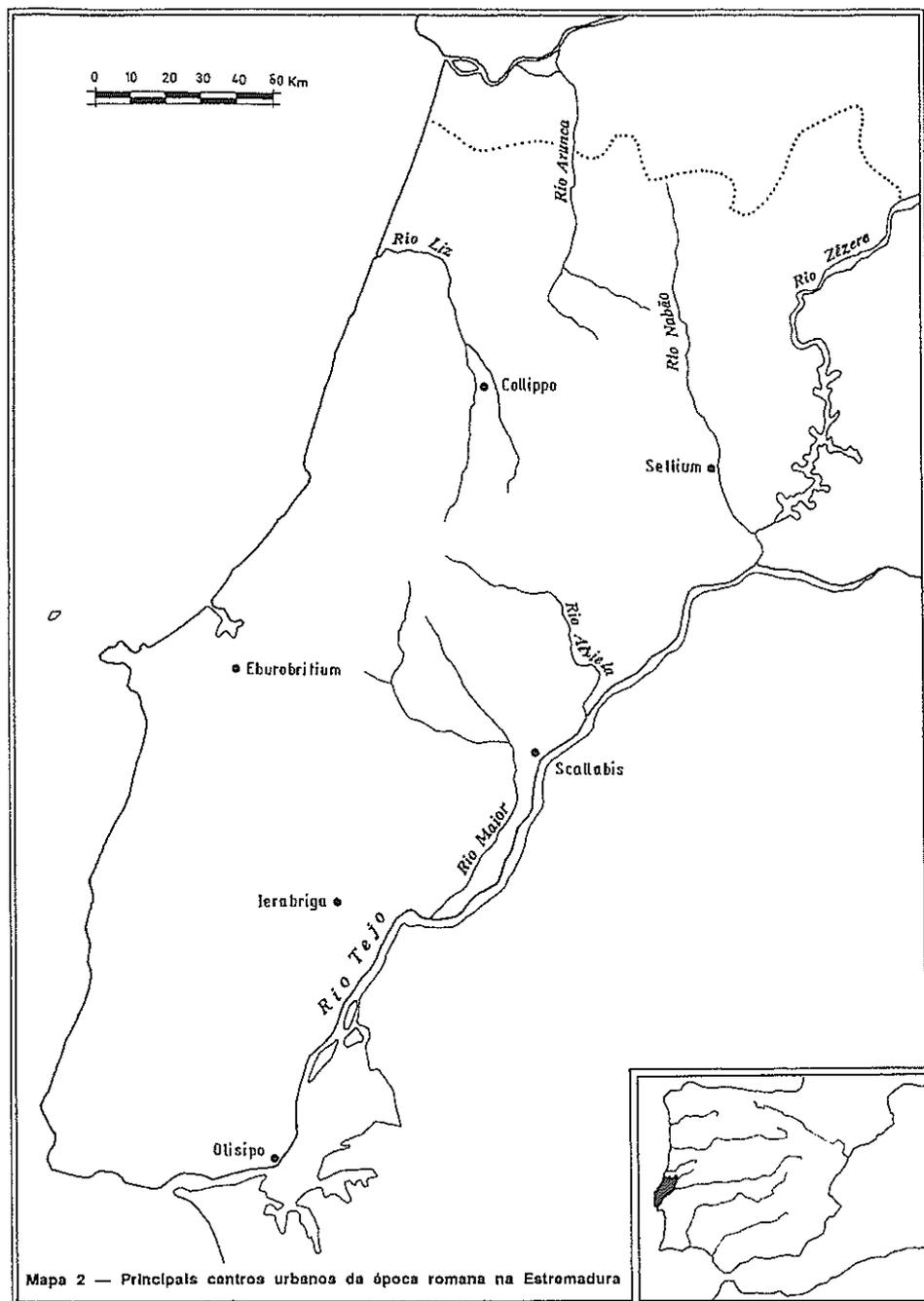


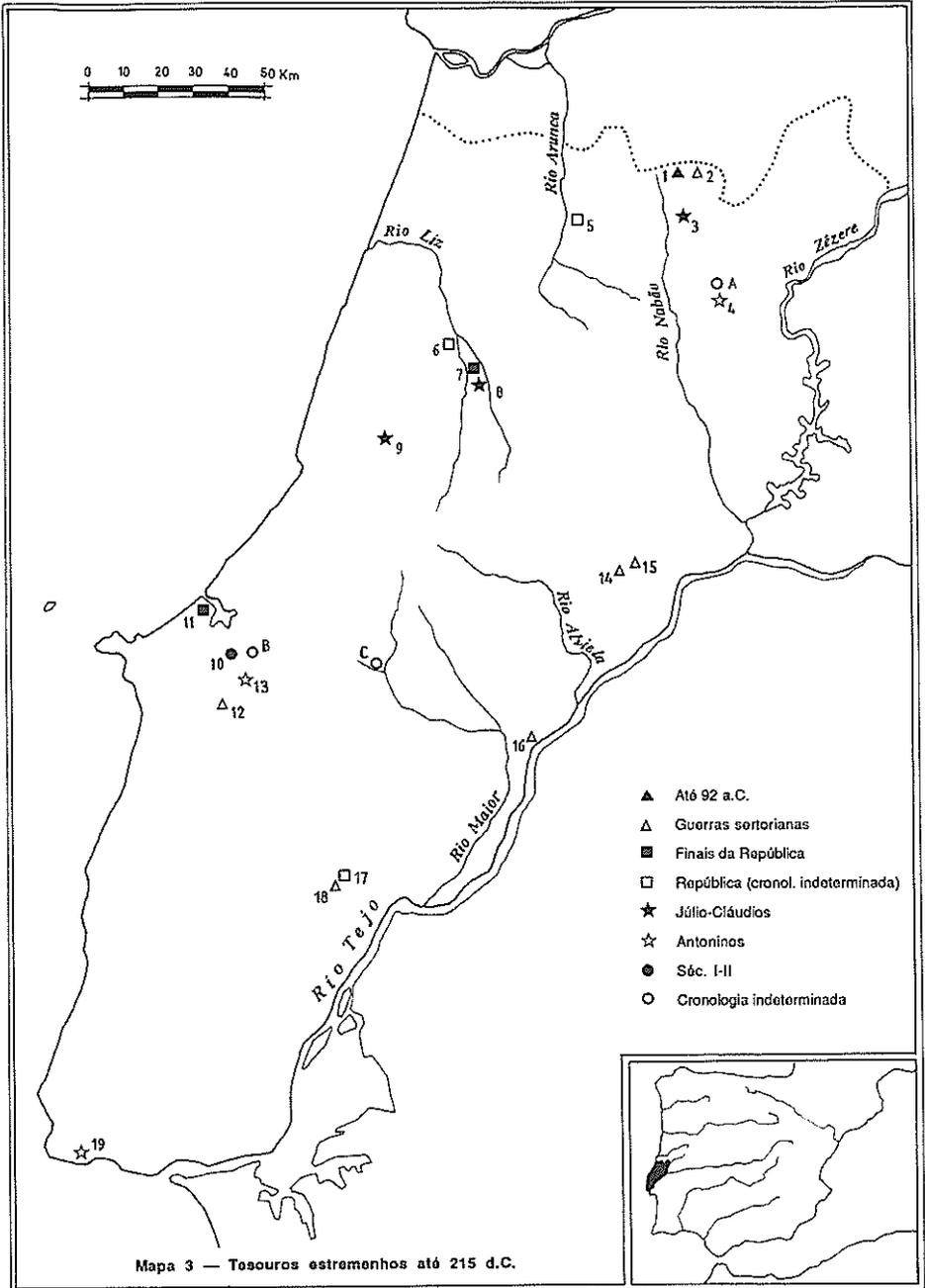
Fig. 5 - Perfil da circulação monetária na Estremadura, Conimbriga e Noroeste até 215 (%)

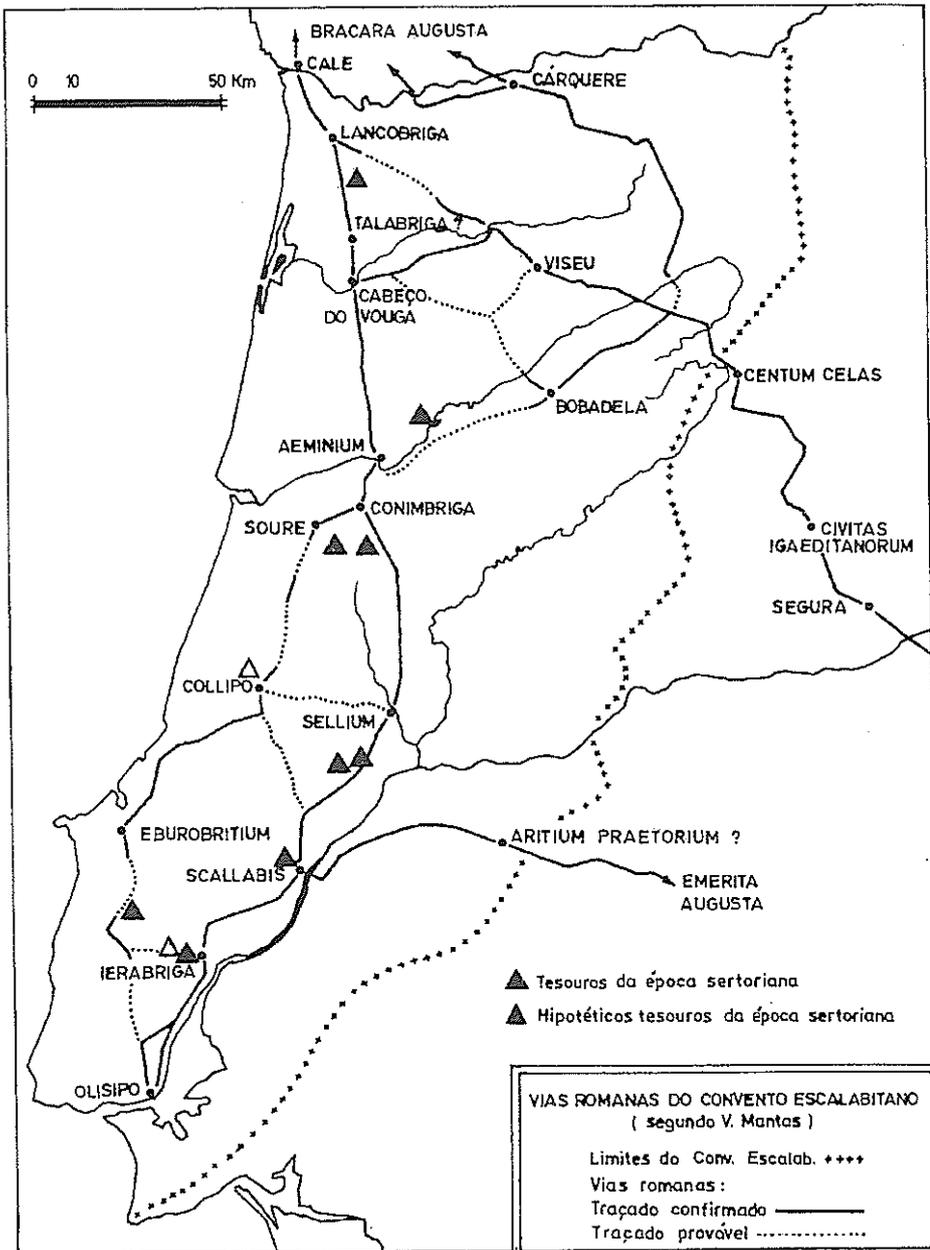


Mapa 1 — Situação da Estremadura na geografia da Península Ibérica

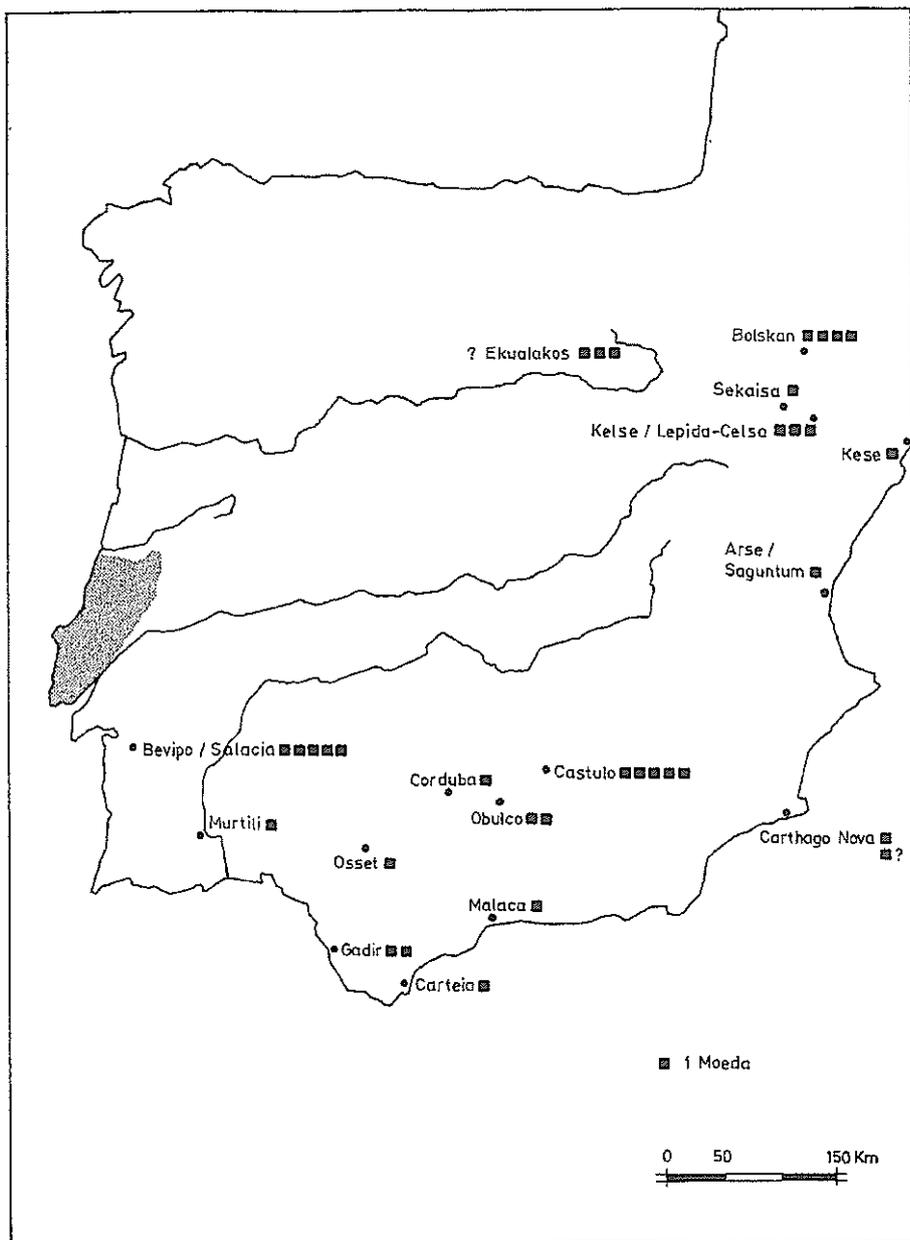


Mapa 2 — Principais centros urbanos da época romana na Estremadura

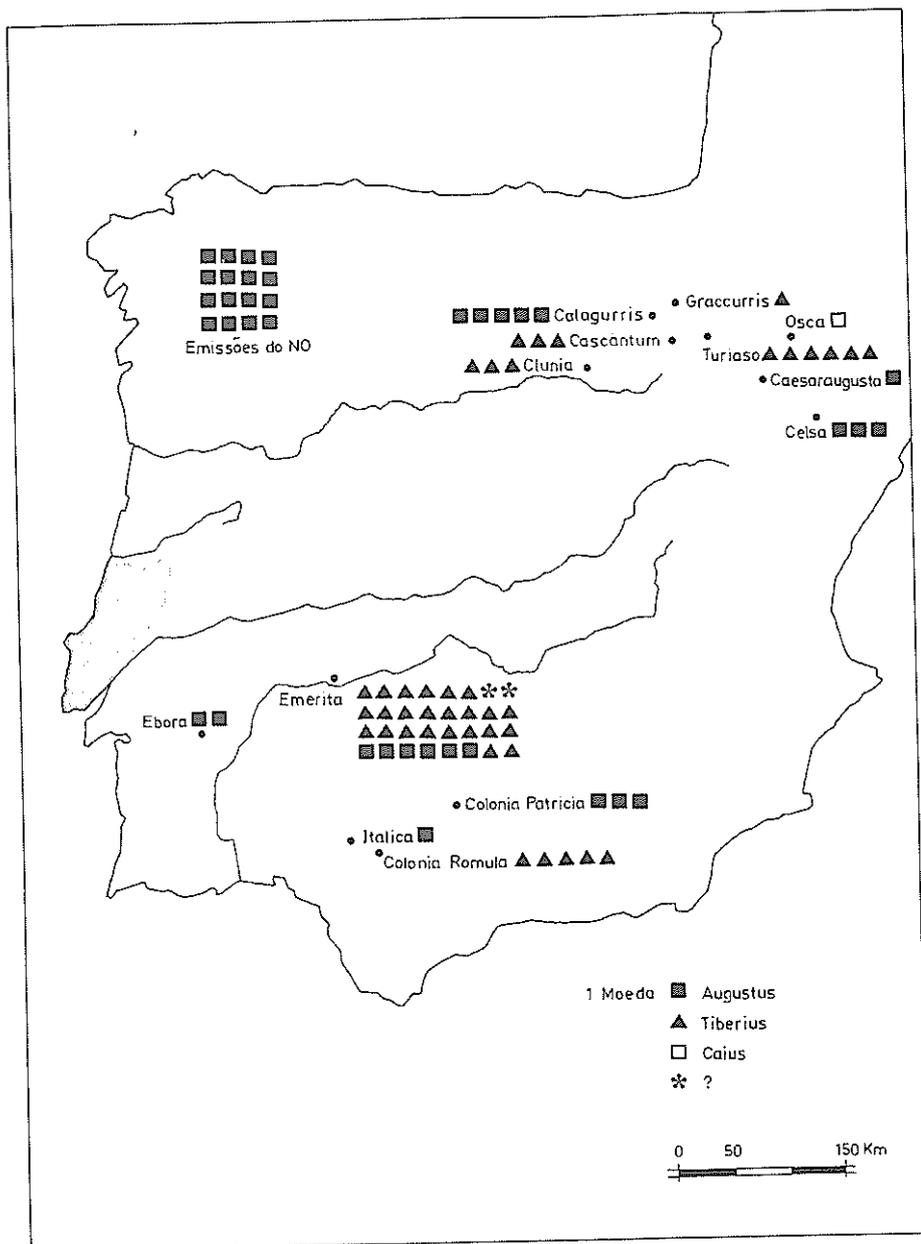




Mapa 4 — Tesouros sertorlanos e rede viária romana no território centro-português



Mapa 5 — Centros emissores hispânicos anteriores a 27 a.C. presentes na Estremadura



Mapa 6 — Centros emissores hispânicos entre Augustus e Caius presentes na Estremadura

I. TESOUROS



2



3



4



5



6



7



8



12



13



14



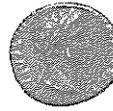
16



17



32



33



34



35



36



37



38



39



ESTAMPA II



40



41



46



47



48



50



51



53



54



59



8. Casal Couveiro



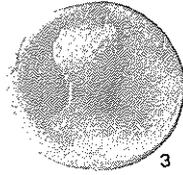
1



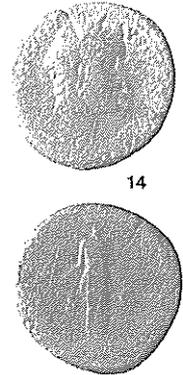
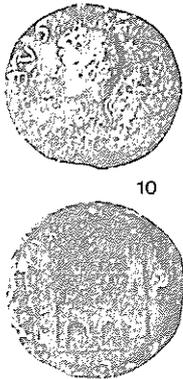
5. S. Tibério

ESTAMPA III

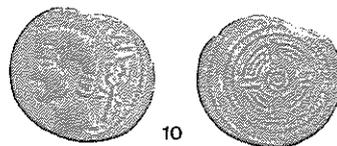
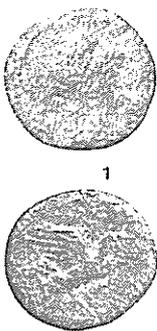
II. ACHADOS OCASIONAIS



3. Arneiro



5. Região de Leiria-Batalha



6. Andreus (x 1.5)

ESTAMPA IV

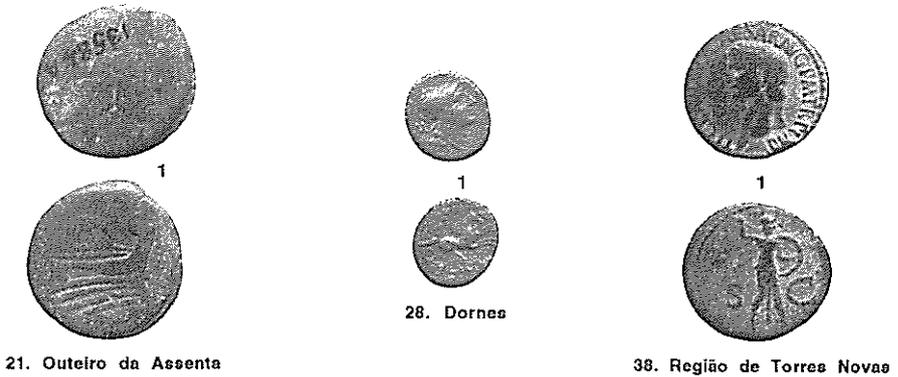


8. Região da Batalha

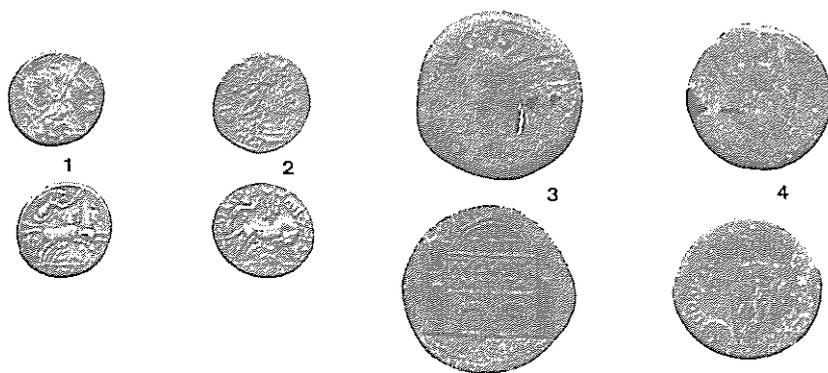
ESTAMPA V



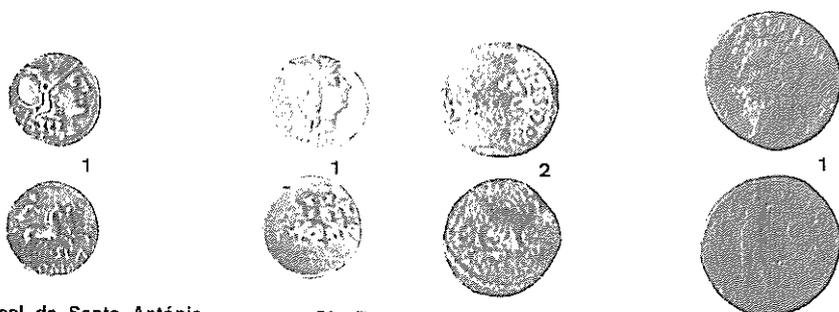
16. Região de Alcobaça



ESTAMPA VI



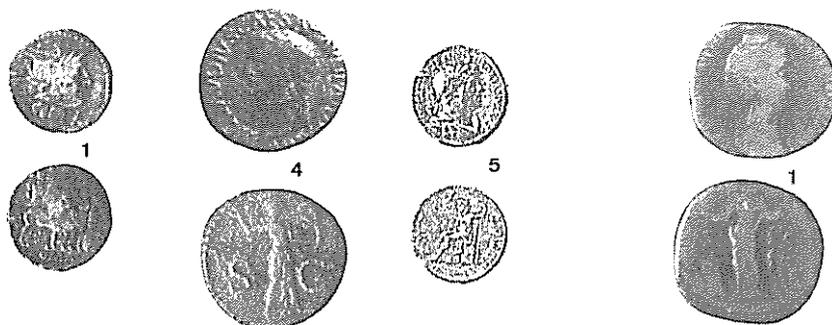
45. Castro de Pragança



49. Casal de Santo António

58. Torres Vedras

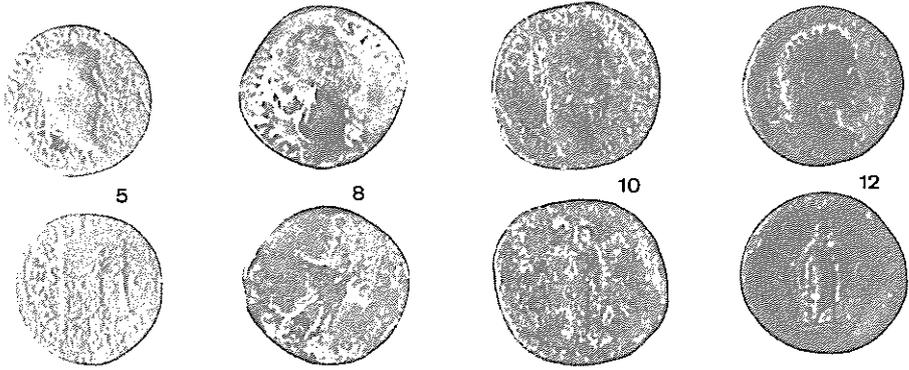
59. Matacões



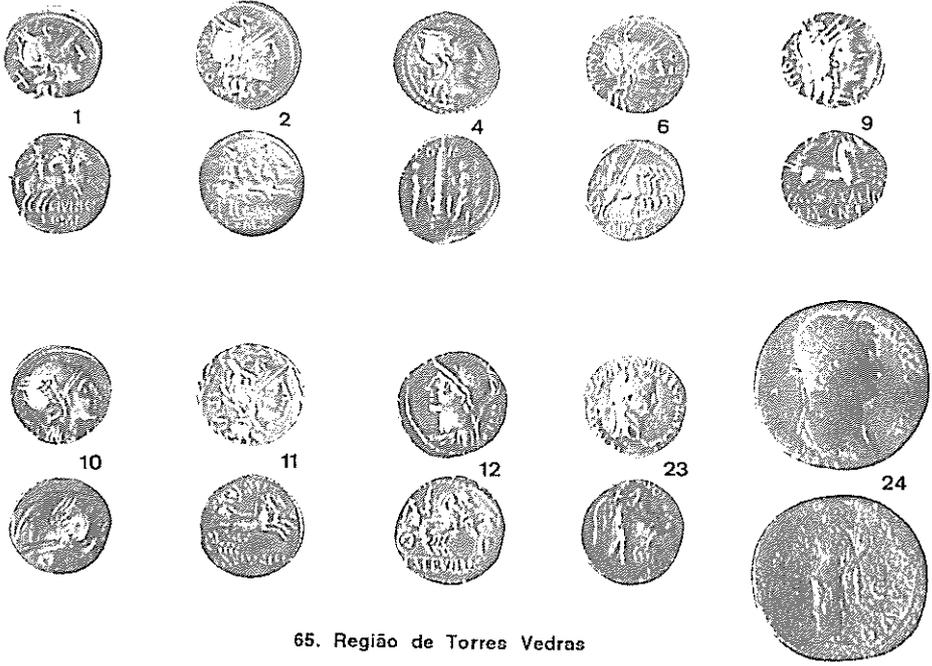
61. Serra de S. Julião

62. Casal da Almagreira

ESTAMPA VII



63. Penedo

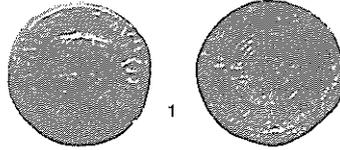


65. Região de Torres Vedras

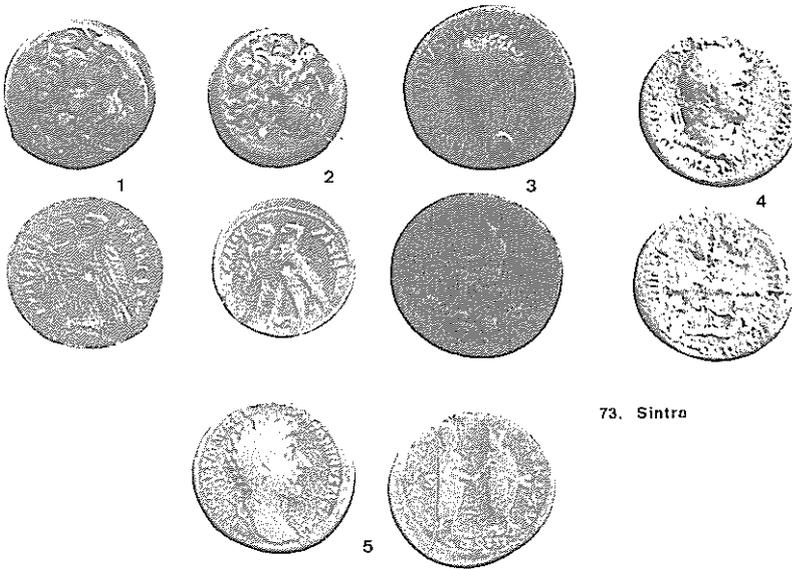
ESTAMPA VIII



69. Castro da Ota (x 2)

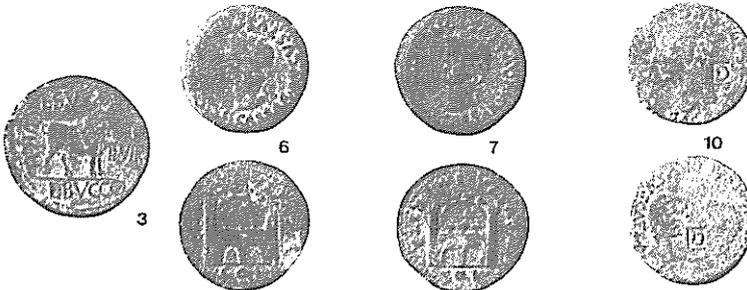


72. Areia



73. Sintra

III. ESCAVAÇÕES



7. Villa Cardilio

